

ORGANIZADORES

Adriana Leitão Martins

Amanda Alevato de Sant'Anna

Fernanda Costa da Silva Machado

Matheus Gomes Alves

Thais Lima Lopes

FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS EM PERSPECTIVA GERATIVISTA



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



BIOLING



PPGLIN



pimenta
cultural

ORGANIZADORES

Adriana Leitão Martins

Amanda Alevato de Sant'Anna

Fernanda Costa da Silva Machado

Matheus Gomes Alves

Thais Lima Lopes

FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS EM PERSPECTIVA GERATIVISTA



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



São Paulo
2 0 2 6

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

F339

Fenômenos morfossintáticos em perspectiva gerativista /
Organização Adriana Leitão Martins... [et al.]. – São Paulo:
Pimenta Cultural, 2026.

Demais organizadores: Amanda Alevato de Sant'Anna,
Fernanda Costa da Silva Machado, Matheus Gomes
Alves, Thais Lima Lopes.

Livro em PDF

ISBN 978-85-7221-745-3

DOI 10.31560/pimentacultural/978-85-7221-745-3

1. Linguística. 2. Morfossintaxe. 3. Categorias funcionais.
4. Teoria gerativista. I. Martins, Adriana Leitão (Org.).
II. Sant'Anna, Amanda Alevato de (Org.). III. Machado,
Fernanda Costa da Silva (Org.). IV. Alves, Matheus Gomes
(Org.). V. Lopes, Thais Lima (Org.). VI. Título.

CDD: 415

Índice para catálogo sistemático:

I. Linguística - Morfossintaxe

Simone Sales - Bibliotecária - CRB: ES-000814/O

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2026 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2026 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).
Os termos desta licença estão disponíveis em:
<<https://creativecommons.org/licenses/>>.
Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.
O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Gerente editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Ana Flávia Pivisan Kobata Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Stela Tiemi Hashimoto Kanada
Estágio em editoração	Emanuelle Vitória Miranda da Silva Rayssa Santos Arrais
Imagens da capa	Harryarts, Freepik - Magnific.com
Tipografias	Acumin, Bebas Neue, Belarius Poster
Revisão	Os organizadores
Organizadores	Adriana Leitão Martins Amanda Alevato de Sant'Anna Fernanda Costa da Silva Machado Matheus Gomes Alves Thais Lima Lopes

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski <i>Universidade La Salle, Brasil</i>	Bernadette Beber <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Adriana Flávia Neu <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>
Adriana Regina Vettorazzi Schmitt <i>Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Aguimario Pimentel Silva <i>Instituto Federal de Alagoas, Brasil</i>	Caio Cesar Portella Santos <i>Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil</i>
Alaim Passos Bispo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil</i>	Carla Wanessa do Amaral Caffagni <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Alaim Souza Neto <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Adriano Martins <i>Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil</i>
Alessandra Knoll <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Carlos Jordan Lapa Alves <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Alessandra Regina Müller Germani <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Caroline Chioquetta Lorenset <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
Aline Corso <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Cassia Cordeiro Furtado <i>Universidade Federal do Maranhão, Brasil</i>
Aline Wendpap Nunes de Siqueira <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Cássio Michel dos Santos Camargo <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Ana Rosangela Colares Lavand <i>Universidade Estadual do Norte do Paraná, Brasil</i>	Cecilia Machado Henriques <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>
André Gobbo <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>	Christiano Martino Otero Avila <i>Universidade Federal de Pelotas, Brasil</i>
André Tanus Cesário de Souza <i>Faculdade Anhanguera, Brasil</i>	Cláudia Samuel Kessler <i>Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil</i>
Andressa Antunes <i>Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil</i>	Cristiana Barcelos da Silva <i>Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil</i>
Andressa Wiebusch <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Cristiane Silva Fontes <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>
Andreza Regina Lopes da Silva <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>	Daniela Susana Segre Guertzenstein <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Angela Maria Farah <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Daniele Cristine Rodrigues <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Anísio Batista Pereira <i>Universidade do Estado do Amapá, Brasil</i>	Dayse Centurion da Silva <i>Universidade Anhanguera, Brasil</i>
Antonio Edson Alves da Silva <i>Universidade Estadual do Ceará, Brasil</i>	Dayse Sampaio Lopes Borges <i>Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil</i>
Antonio Henrique Coutelo de Moraes <i>Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil</i>	Deilson do Carmo Trindade <i>Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas, Brasil</i>
Arthur Vianna Ferreira <i>Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil</i>	Diego Pizarro <i>Instituto Federal de Brasília, Brasil</i>
Ary Albuquerque Cavalcanti Junior <i>Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil</i>	Dorama de Miranda Carvalho <i>Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil</i>
Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>	Edilson de Araújo dos Santos <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>
Bárbara Amaral da Silva <i>Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil</i>	Edson da Silva <i>Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil</i>

Elena Maria Mallmann

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza

Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Estevão Schultz Campos

Centro Universitário Adventista de São Paulo, Brasil

Éverly Pegoraro

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrícia Lopes Pinheiro

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Fauston Negreiros

Faustidade de Brasília, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz

Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Flávia Fernanda Santos Silva

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Gabriela Moysés Pereira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Gabriella Eldereti Machado

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehler Pollnow

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geuciane Felipe Guerim Fernandes

Universidade Federal do Pará, Brasil

Geymeesson Brito da Silva

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa

Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges

Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneles

Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves

Universidade Federal do Paraná, Brasil

Joao Adalberto Campato Junior

Universidade Brasil, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa

Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre

Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura

Universidade São Francisco, Brasil

Jonathan Machado Domingues

Universidade Federal de São Paulo, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini

Universidade de São Paulo, Brasil

Juliano Milton Kruger

Instituto Federal do Amazonas, Brasil

Juliano Pizzano Ayoub

Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza

Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro

Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik

Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lauro Sérgio Machado Pereira

Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, Brasil

Leonardo Freire Marino

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Letícia Cristina Alcântara Rodrigues

Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett

Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Luiz Eduardo Neves dos Santos

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Maikel Pons Giralt

Universidade de Santa Cruz do Sul, Brasil

Manoel Augusto Polastrelí Barbosa

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Márcia Alves da Silva

Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Marcio Bernardino Sirino

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos

Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México

Marcos Uzel Pereira da Silva

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Marcus Fernando da Silva Praxedes

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi

Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar

Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva

Instituto Federal do Piauí, Brasil

Marines Rute de Oliveira

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Maurício José de Souza Neto

Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai

Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neide Araujo Castilho Teno

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Brasil

Neli Maria Mengalli

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging

Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Patrícia Helena dos Santos Carneiro

Universidade Federal de Rondônia, Brasil

Rainei Rodrigues Jadejiski

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Raul Inácio Busarello

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Ricardo Luiz de Bittencourt

Universidade do Extremo Sul Catarinense, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano

Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Robson Teles Gomes

Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos

Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis

Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina

Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon

Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo

Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho

Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio

Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno

Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama

Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin

Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tatiana da Costa Jansen

Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Tayson Ribeiro Teles

Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares

Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto

Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Vanessa de Sales Marruche

Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues

Universidade Estadual do Centro Oeste, Brasil

Vania Ribas Ulbricht

Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Vinicius da Silva Freitas

Centro Universitário Vale do Cricaré, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Wenis Vargas de Carvalho
Universidade Federal da Grande Dourados, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alcidinei Dias Alves
Logos University International, Estados Unidos

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Artur Pires de Camargos Júnior
Universidade do Vale do Sapucaí, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo B. Alves
Universidade Federal do Agreste de Pernambuco, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Davi Fernandes Costa
Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, Brasil

Denilson Marques dos Santos
Universidade do Estado do Pará, Brasil

Domingos Aparecido dos Reis
Must University, Estados Unidos

Edson Vieira da Silva de Camargos
Logos University International, Estados Unidos

Edwins de Moura Ramires
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabete de Paula Pacheco
Universidade Federal de Ubertândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Jonas Lacchini
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Nívea Consuêlo Carvalho dos Santos
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Rayner do Nascimento Souza
Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Sidney Pereira Da Silva
Stockholm University, Suécia

Suêlen Rodrigues de Freitas Costa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Walmir Fernandes Pereira
Miami University of Science and Technology, Estados Unidos

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1

Adriana Leitão Martins

Matheus Gomes Alves

Amanda Alevato de Sant'Anna

Fernanda Costa da Silva Machado

Thais Lima Lopes

O estudo da morfossintaxe das categorias funcionais na abordagem gerativista:

introdução teórica e frentes de pesquisa14

PARTE 1

ESTUDOS DE LÍNGUAS PARTICULARES

EM UMA PERSPECTIVA GERATIVISTA 38

CAPÍTULO 2

Ana Regina Vaz Calindro

A interface entre

a fonologia e a sintaxe:

o caso da colocação pronominal em português39

CAPÍTULO 3

Gabriela Abreu

Adriana Leitão Martins

O *présent simple* do francês

da França e os seus valores aspectuais60

CAPÍTULO 4

Helena Bayer

Thais Lima Lopes

Adriana Leitão Martins

**Os valores aspectuais das perífrases
gerundivas no presente do italiano 81**

CAPÍTULO 5

Juliana Nunes

Pablo Rosário

**A hierarquia entre tempo e aspecto:
quando o Gerativismo e o Funcionalismo convergem.....101**

PARTE 2

**ESTUDOS DE LÍNGUAS PARTICULARES
EM UMA PERSPECTIVA GERATIVISTA
DE BASE CARTOGRÁFICA..... 121**

CAPÍTULO 6

Aquiles Tescari Neto

**Restrições a advérbios
em sentenças imperativas..... 122**

CAPÍTULO 7

Damaris Matias Silveira

**Para um estudo cartográfico
das estruturas do alemão:
possibilidades e desafios 143**

CAPÍTULO 8

Wellington Souza de Paula

**A posição de soldagem
das orações adverbiais centrais:
uma proposta cartográfica 163**

CAPÍTULO 9

Beatriz Pereira do Nascimento Silva

Matheus Gomes Alves

Adriana Leitão Martins

**Realizações morfossintáticas
de modalidade obrigação e modalidade
necessidade no português do Brasil:**

uma análise cartográfica..... 185

CAPÍTULO 10

Vitoria Duarte da Silva

Matheus Gomes Alves

Adriana Leitão Martins

**Leituras e locais de soldagem
de “pode”, “podia” e “poderia”**

no português brasileiro 205

PARTE 3

ESTUDOS EM GRAMÁTICAS DESVIANTES:

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM..... 227

CAPÍTULO 11

Clayre Lucas

Matheus Gomes Alves

Adriana Leitão Martins

**Aquisição de estratégias de focalização
contrastiva nas línguas românicas:**

uma análise do português europeu 228

CAPÍTULO 12

Nicolle Christina Paixão Olímpio

Fernanda Costa da Silva Machado

Adriana Leitão Martins

**Aquisição de interrogativas *wh*-
no português europeu:**

uma revisão sistemática da literatura..... 248

CAPÍTULO 13

Lucas Bernardes da Silva

Adriana Leitão Martins

Amanda Alevato de Sant'Anna

Thais Lima Lopes

Aquisição de francês como língua adicional:

uma análise dos valores aspectuais de resultatividade

e experiência em sentenças com o *passé composé*..... 264

CAPÍTULO 14

Amanda Alevato de Sant'Anna

Adriana Leitão Martins

**Produção e compreensão dos aspectos
progressivo, prospectivo e completo
por uma criança com Transtorno
do Desenvolvimento da Linguagem:**

dados de aquisição desviante..... 285

CAPÍTULO 15

Amanda Bittencourt Cardozo

Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa

**O fenômeno da iconicidade linguística
na aquisição de linguagem:**

o que podemos inferir para crianças

com paralisia cerebral revisando a literatura? 305

PARTE 4

ESTUDOS EM GRAMÁTICAS DESVIANTES:

NEUROATIPICIDADE E PATOLOGIA 327

CAPÍTULO 16

Jean Carlos da Silva Gomes

Adequação neurológica

para a teorização linguística:

diferentes escopos de pesquisa em biologia da linguagem..... 328

CAPÍTULO 17

Fernanda de Carvalho Rodrigues

Jean Carlos da Silva Gomes

Adriana Leitão Martins

**Violação de restrições morfofossintáticas
para estatividade e pontualidade na afasia
de Broca e na doença de Alzheimer..... 350**

CAPÍTULO 18

Ana Beatriz de Melo Barbosa Palomanes

Adriana Leitão Martins

**Conhecimento aspectual semântico
no Transtorno do Espectro Autista 373**

CAPÍTULO 19

Yasmin da Silva Pereira Almeida

Marina Rosa Ana Augusto

**Habilidades narrativas com enfoque
em Teoria da Mente no TEA
(Transtorno do Espectro Autista)..... 393**

Sobre os autores e as autoras..... 414

Índice remissivo..... 421

1

Adriana Leitão Martins

Matheus Gomes Alves

Amanda Alevato de Sant'Anna

Fernanda Costa da Silva Machado

Thais Lima Lopes

O ESTUDO DA MORFOSSINTAXE DAS CATEGORIAS FUNCIONAIS NA ABORDAGEM GERATIVISTA:

INTRODUÇÃO TEÓRICA E FRENTES DE PESQUISA

INTRODUÇÃO

Ao longo da história de amadurecimento da Gramática Gerativa, a investigação de fenômenos morfo-sintáticos sempre se apresentou como primordial para a apreensão dos princípios que caracterizam o conhecimento de linguagem. As razões para a preponderância da análise de tais fenômenos são múltiplas, não se esgotando em uma simples enumeração. Convém salientar, entretanto, ao menos duas justificativas para tal primazia, a saber: 1) a centralidade de tais fenômenos para o desenvolvimento de uma resposta ao Problema de Platão e 2) a importância desses para o alcance de uma teoria com adequação explicativa.

Em relação à primeira justificativa, aponta-se que o Problema de Platão – relacionado à maneira pela qual se desenvolve o conhecimento de linguagem – apresenta-se como uma importante agenda de pesquisa na Linguística Gerativa. Chomsky (1959), ao se opor ao antimentalismo behaviorista de Skinner (1957), propõe que o desenvolvimento do conhecimento de linguagem não pode ser explicado à luz de imperativos de estímulo, resposta e reforço. Em sua argumentação, Chomsky (1959) apresenta um conjunto de argumentos, dentre os quais se destaca o Argumento da Pobreza de Estímulo. De acordo com esse, os dados de estímulo aos quais as crianças são expostas são pobres e insuficientes para que se possa efetuar as generalizações necessárias para o desenvolvimento de uma língua. Para esclarecer tal ponto, são apresentados abaixo alguns exemplos, referentes ao processo de formação de perguntas em língua inglesa, um fenômeno morfo-sintático:

- (1) *The lad **is** smart.*
"O rapaz é inteligente"
- (2) ***Is** the lad smart?*
"É o rapaz inteligente?"

- (3) *The lad that **is** handsome **is** smart.*
"O rapaz que é bonito é inteligente"
- (4) ****Is** the lad that handsome **is** smart?*
"*É o rapaz que bonito é inteligente?"
- (5) ***Is** the lad that **is** handsome smart?*
"É o rapaz que é bonito inteligente?"¹

Em línguas como o inglês, para a formação de perguntas polares (de sim ou não) com verbos como "*to be*" ('ser ou estar'), é necessário que o verbo da oração principal se mova até a margem esquerda da sentença, não havendo a possibilidade de o verbo principal da oração subordinada efetuar tal movimento. Em (1), veicula-se a informação de que "*The lad*" ('o rapaz') integra o conjunto de pessoas que são "*smart*" ('inteligente'). Note que tal sentença é uma declaração, isto é, por meio desta é possível verificar as condições no mundo para que essa sentença seja verdadeira; especificamente, a existência de um rapaz, a existência de um conjunto de pessoas inteligentes e o pertencimento do referido rapaz a esse conjunto. Em (2), forma-se uma interrogação, a partir da qual se questiona se "*The lad*" ('o rapaz') integra o conjunto de pessoas "*smart*" ('inteligente'). Como dito, em inglês, forma-se tal pergunta a partir do alçamento do verbo "*is*" ('é') ao início absoluto da sentença. Por meio deste dado, uma criança em processo de aquisição do inglês, poderia concluir razoavelmente que, para formar esse tipo de pergunta, basta mover o primeiro verbo que aparecer na sentença para o início da oração.

Em (3), veicula-se a informação de que "*The lad*" ('o rapaz'), além de pertencer ao conjunto de pessoas "*smart*" ('inteligente'), pertence ao conjunto de pessoas "*handsome*" ('bonito'). Essa sentença é declarativa, de forma que, por meio dela, se verificam suas condições de verdade no mundo. Convém salientar que, embora

o primeiro verbo a ser linearizado na sentença seja o **"is"** ('é') que integra a oração relativa *"that is handsome"* ('que é bonito'), o verbo que hierarquicamente ocupa o núcleo do sintagma verbal da oração principal é o homófono **"is"** ('é'), que, para fins didáticos, está apenas em negrito. Perceba que, a partir das generalizações possíveis de serem extraídas de (2), uma criança em processo de aquisição de linguagem, ao ser exposta a uma sentença como (3), poderia supor que seria suficiente mover o verbo que linearmente aparece primeiro na sentença com fins de formar uma sentença interrogativa. A aplicação deste algoritmo pode ser observada em (4), que é uma sentença agramatical em inglês. Convém ratificar que, em (4), é alçado ao início absoluto o verbo que aparece linearmente primeiro na sentença, não o verbo que ocupa o núcleo do sintagma verbal da oração principal, o que constrói a agramaticalidade da sentença. Para que se construa uma sentença gramatical na forma de pergunta, seria necessário alçar o verbo da oração principal, não o da subordinada. Essa operação pode ser observada em (5).

Para explicar o fato de que crianças adquirentes de língua inglesa sejam capazes de produzir sentenças gramaticais, apenas duas explicações em princípio se afirmam: 1) unicamente a partir da experiência com os dados, a criança seria capaz de extrair uma generalização capaz de diferenciar verbos que são suscetíveis a movimento, da oração principal, dos verbos homófonos que integram a oração subordinada e 2) a partir de um conhecimento *a priori*, a criança saberia diferenciar esses verbos. A primeira explicação carece de evidências diretas pelo fato de que, não apenas os verbos em questão são homófonos, como também, não há, no estímulo em análise, qualquer evidência ou pista possível para diferenciar o **"is"** ('é') da oração subordinada do **"is"** ('é') da oração principal. Trata-se de um estímulo opaco ou "pobre", no sentido de não possibilitar a extração de generalizações sobre uma língua. Constata-se, assim, que fenômenos morfofossintáticos apresentam-se como primordiais para a resposta ao Problema de Platão. Argumenta-se, ainda, que a investigação

de tais fenômenos contribui, de semelhante forma, à resposta de outras perguntas que compõem o núcleo-duro da agenda de investigação gerativista, como por exemplo: 1) O que é o conhecimento de linguagem? e 2) Como o conhecimento de linguagem é utilizado?

Além disso, a análise de fenômenos morfossintáticos contribui para o desenvolvimento de uma teoria do conhecimento linguístico com efetiva adequação explicativa. Em Chomsky (1981), diferenciam-se três principais níveis de adequação, a saber: 1) a adequação observacional, 2) a adequação descritiva e 3) a adequação explicativa. O primeiro nível se evidencia na capacidade de identificação de fenômenos em determinada língua natural. O segundo nível se traduz na capacidade de sistematização e descrição das características principais que integram tal fenômeno. Por fim, o terceiro nível se elucida na explicação de tais fenômenos a partir de princípios linguísticos e, conseqüentemente, no desenvolvimento de uma capacidade preditiva em relação a esses. Argumenta-se que, por meio da investigação de fenômenos morfossintáticos nas línguas naturais, sobretudo no que concerne às categorias funcionais, é possível alcançar o nível de adequação explicativa.

Em relação ao fenômeno evidenciado em (1), (2), (3), (4) e (5), por conta do Princípio da Primazia da Ordem Hierárquica, assumido em Chomsky (1995), o sistema computacional responsável pela derivação de sentenças opera com estruturas hierárquicas e a ordem linear é imposta por níveis de interface da Faculdade da Linguagem (doravante FL) em sentido amplo, especificamente a Forma Fonética. Dessa forma, a criança adquirente de língua inglesa já nasceria com um conhecimento capaz de reconhecer estruturas sintáticas, mais especificamente de diferenciar núcleos de orações principais de núcleos de orações subordinadas. No âmbito dessa explicação, em todo ser humano, haveria uma cognição especificamente linguística, biologicamente determinada, capaz de garantir que o processo de aquisição de linguagem ocorra de maneira eficiente, rápida e orientada, a FL. Em estado inicial, chama-se tal cognição de Gramática

Universal. Nela, haveria tanto princípios, compartilhados por todas as línguas naturais, quanto parâmetros, as possibilidades finitas de variação entre as línguas.

Frente a isso, por meio deste capítulo, objetiva-se desenvolver uma propedêutica para o estudo das categorias funcionais através do exame de fenômenos morfoossintáticos das línguas naturais. Inicialmente, intenciona-se introduzir o leitor à morfoossintaxe das categorias funcionais no âmbito da perspectiva gerativista, explicitando-se um breve histórico acerca de como essas são concebidas no núcleo-duro da investigação formalista. Em seguida, explicitam-se as principais agendas de trabalho que integram o estudo dessas categorias. Posteriormente, apresenta-se a relevância dos estudos de categorias funcionais em gramáticas desviantes e sua contribuição para o entendimento de gramáticas não desviantes. Por fim, pormenorizam-se as análises que integram os capítulos deste livro.

MORFOSSINTAXE DAS CATEGORIAS FUNCIONAIS

Nas línguas naturais, evidenciam-se dois tipos de categorias, a saber: a) as lexicais e b) as funcionais (ou gramaticais). Em relação às categorias lexicais, aponta-se que essas efetuam operação de seleção semântica – impondo restrições semânticas a termos subordinados sintaticamente – e de seleção categorial – impondo restrições gramaticais a termos subordinados sintaticamente. No âmbito de tal questão, apresentam-se estes exemplos:

- (6) A Ana enviou um e-mail ao Pedro.
- (7) O envio de um e-mail por Ana para Pedro foi rápido.

Em (6), o predicator verbal “enviar” seleciona como argumento interno o DP acusativo “um e-mail”, que é especificado para o papel temático de tema e para o traço [-animado]. Além disso, esse predicator verbal seleciona como argumento interno o PP dativo “ao Pedro”, que é especificado para o papel temático de alvo e para o traço [+animado]. Finalmente, “enviar” seleciona como argumento externo o DP nominativo “A Ana”, especificado para o papel temático de agente e para o traço [+animado]. Nota-se, assim, que o verbo “enviar” é uma categoria lexical, uma vez que estabelece restrições semânticas e sintáticas aos constituintes imediatos da oração.

Em (7), o predicator nominal “rápido” seleciona como argumento o DP “O envio de um e-mail por Ana para Pedro”, o qual, ao receber/checar caso nominativo da flexão verbal, estabelece função sintática de sujeito. É especificamente interessante a constituição interna de tal DP, em que o NP “envio” seleciona como argumento interno o PP tema “de um e-mail”, de traço [-animado], e o PP alvo “para Pedro”, de traço [+animado]. Além disso, tal NP seleciona como argumento externo o PP agentivo “por Ana”, de traço [+animado]. Diz-se, assim, que o nome “envio” é uma categoria lexical, uma vez que estabelece restrições semânticas e sintáticas aos constituintes com os quais se relaciona.

As categorias funcionais caracterizam-se pelo fato de não estabelecerem restrições semânticas aos constituintes selecionados. Tais categorias efetuam, assim, apenas seleção categorial. Em (6), a flexão temporo-aspectual “-ou” adjunge-se, apenas, a verbos em português. Independentemente dos traços semânticos que caracterizam os diferentes verbos, tal flexão se relaciona a esta classe. Em (7), semelhante fenômeno se observa. A flexão seria, assim, uma categoria funcional, uma vez que efetua apenas restrições quanto à classe gramatical dos itens com os quais pode se relacionar.

Frente a isso, alguns problemas descritivo-analíticos importantes se evidenciam: 1) Como diagnosticar a categoria que um item

integra? e 2) Como diferenciar as categorias lexicais e funcionais que compõem o conhecimento de linguagem. Em Jackendoff (1972), uma resposta a essas questões é apresentada: o Teste da Coocorrência. De acordo com tal proposta, itens de uma mesma categoria em um mesmo contexto sintático não podem coocorrer. Dessa forma, para se diagnosticar a categoria que um item integra basta fazê-lo coocorrer com itens já conhecidos dessa mesma categoria. Para diferenciar as categorias lexicais e funcionais que compõem um sistema linguístico, é necessário efetuar tal teste diagnóstico. Em relação a (6), “enviar” integra uma categoria distinta de “Ana”, uma vez que podem coocorrer sintaticamente. Além disso, a flexão “-ou” integra uma categoria distinta de “enviar”, uma vez que podem coocorrer sintaticamente². Em (7), “envio” integra uma categoria distinta de “foi”, pois podem coocorrer sintaticamente.

Com o estabelecimento da Teoria X-Barra, em *Remarks on Nominalization*, de Chomsky (1970), as categorias lexicais foram representadas de forma hierárquica, em três níveis sintagmáticos: 1) um nível base, relacionado à codificação de seu tipo de categoria (Verbo (V) / Nome (N) / Adjetivo (A) / Advérbio (ADV) / Preposição (P)), 2) um nível intermediário, relacionado à seleção categorial e semântica de argumentos e 3) um nível máximo, relacionado à constituição de tal sintagma. Em Chomsky (1986), expande-se a Teoria X-Barra a categorias funcionais, que passam a ser representadas de forma semelhante. Nesse sentido, seria característico às categorias funcionais um nível intermediário em que ocorreria apenas operação de seleção categorial.

No modelo de Chomsky (1986), codificam-se três grandes zonas na arquitetura da oração: 1) uma zona temática, 2) uma zona flexional e 3) uma zona complementizadora. Na zona temática, representam-se os constituintes integrantes da oração, bem como

seus papéis temáticos. Na zona flexional, são representados os traços relacionados à flexão, como, por exemplo, as categorias TAM (Tempo-Aspecto-Modo) e a concordância. Finalmente, na zona complementizadora, representam-se traços sintáticos que se relacionam diretamente ao discurso, como, por exemplo, a força ilocucional de uma sentença e o estatuto informacional de uma proposição.

Salienta-se que, no modelo de *Barriers* (cf. Chomsky, 1986), o processo de representação e de checagem de traços da zona flexional e da zona complementizadora é composicional. Emprega-se tal adjetivo com o objetivo de explicitar o fato que, na camada flexional, por exemplo, os traços das categorias TAM e de concordância eram representados em um único núcleo e, assim, a checagem desses se dava em forma de “feixe de traços”. Propostas que sucederam *Barriers*, como, por exemplo, a de Pollock (1989), Belletti (1990) e Cinque (1999) – a partir de evidências empíricas – assumiram um modelo decomposicional de representação e de checagem de traços. Nesse sentido, tais propostas parecem se relacionar mais diretamente às previsões do Princípio *One feature, one head* (ou Princípio da Decomposicionalidade), de Kayne (2005), segundo o qual, para cada traço, haveria apenas um núcleo, que projetaria um único sintagma.

É possível, assim, organizar o inventário de propostas de representação dos traços do *Middlefield* (ou da antiga zona flexional), em um contínuo marcado pelo grau de composicionalidade desses. Abaixo, observam-se modelos conhecidos na literatura especializada de representação do *Middlefield* e suas respectivas tendências analíticas. Em seguida, apresenta-se o contínuo de composicionalidade da representação dos traços relacionados a categorias funcionais.

Quadro 1 - Proposta tipológica de modelos de representação de categorias funcionais relacionadas à zona flexional

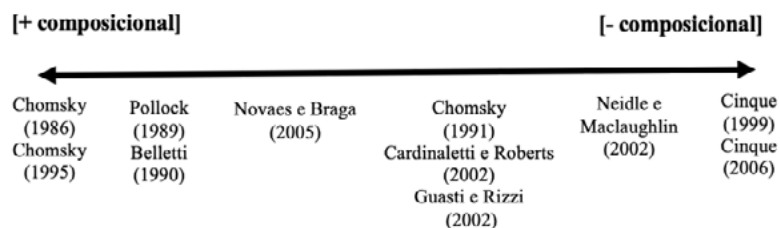
Modelo	Organização da camada flexional	Representação de traços na camada flexional
Chomsky (1986)	IP	[+composicional]
Pollock (1989)	TP > AgrP	[-composicional]
Belletti (1990)	AgrP > TP	[-composicional]
Chomsky (1991)	AgrSP > TP > AgrOP	[-composicional]
Chomsky (1995)	TP	[+composicional]
Cardinaletti e Roberts (2002)	AgrIP > TP > Agr2P	[-composicional]
Guasti e Rizzi (2002)	AgrSP > TP > AgrOP	[-composicional]
Neidle e McLaughlin (2002)	TP > AspP > AgrSP > AgrOP	[-composicional]
Novaes e Braga (2005)	AspP > TP	[-composicional]
Cinque (1999; 2006)	Aproximadamente 40 projeções de tempo, modo, aspecto, modalidade e voz ³	[-composicional]

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

3 Por razões de espaço, optou-se por inserir a hierarquia de Cinque (1999; 2006) aqui: “[francamente Modo Ato de fala > [surpreendentemente Modo Mirativo > [felizmente Modo Avaliativo > [evidentemente Modo Evidencial > [provavelmente Modalidade Epistêmica > [uma vez T Passado > [então T Futuro > [talvez Modo Irrealis > [necessariamente Modalidade Necessidade > [possivelmente Modalidade Possibilidade > [normalmente Asp Habitual > [finalmente Asp Tardivo > [tendencialmente Asp Predisposicional > [novamente Asp Repetitivo(I) > [frequentemente Asp Frequentativo(I) > [de/ com gosto Modalidade Volitiva > [rapidamente Asp Acelerativo(I) > [já T Anterior > [não ... mais Asp Terminativo > [ainda Asp Continuativo > [sempre Asp Contínuo > [apenas Asp Retrospectivo > [(dentro) em breve Asp Aproximativo > [brevemente Asp Durativo > [(caracteristicamente) AspGenérico/ Progressivo [quase Asp Prospectivo > [repentinamente Asp Incoativo(I) > [obrigatoriamente Mod Obrigação > [à toa Asp Frustrativo > [(?) Asp Conativo > [completamente Asp SingCompleto(I) > [tudo Asp PlurCompleto > [bem Voz > [rápido Asp Acelerativo(II) > [do nada Asp Incoativo(II) > [de novo Asp Repetitivo(II) > [frequentemente AspFrequentativo(II) >”.

Ao se organizarem tais modelos em um contínuo demarcado pela especificação positiva e pela negativa do valor da proposta acerca de seu grau de composicionalidade, é possível apontar que, em um extremo [+composicional], situam-se as propostas de Chomsky (1986; 1995), ao passo que, no extremo [-composicional], situa-se a proposta de Cinque (1999; 2006). Os demais modelos representacionais – os quais não se esgotam nesta singela representação – parecem ocupar posições intermediárias quanto ao seu grau de representação dos traços relacionados à zona flexional. A figura 1 a seguir sistematiza essa proposta de contínuo.

Figura 1 - Contínuo de composicionalidade da representação de traços flexionais na literatura especializada



Fonte: elaborada pelos autores (2026).⁴

A partir de tal proposta, é possível conjecturar uma tendência analítica [- composicional] das categorias funcionais, sobretudo nas relacionadas ao *Middlefield*, na contemporaneidade. Essa tendência é um produto direto do desenvolvimento de trabalhos no âmbito da Cartografia Sintática, importante empreendimento de pesquisa –

4 Com base nesta figura e no quadro anterior, é possível o questionamento acerca da razão de se conceber a proposta de Novaes e Braga (2005) apartada da de Pollock (1989) e da de Belletti (1990). Justifica-se tal feito em virtude do fato de que, em Novaes e Braga (2005), adota-se a existência de duas projeções que são interpretáveis pelos sistemas de desempenho, no espírito do Princípio da Interpretação Plena. Em Pollock (1989) e Belletti (1990), parece haver a proposição de uma única projeção (TP) legível pelos sistemas de desempenho. Por isso, Pollock (1989) e Belletti (1990) alocam-se mais próximos a Chomsky (1986; 1995).

vinculado à Teoria de Princípios e Parâmetros – a partir do qual se objetiva investigar a estrutura precisa da oração. Conforme se aponta em Tescari Neto (2021), malgrado se apontem como trabalhos inaugurais deste projeto os estudos de Cinque (1999) – para o espaço do *Middlefield* – e de Rizzi (1997) – para o espaço do *Forefield* (CP) –, é possível conceber as propostas que analisavam a arquitetura da oração de forma mais precisa como cartográficas em sentido amplo. No âmbito dessa proposta, trabalhos como de Pollock (1989), Belletti (1990), Chomsky (1991), Cardinaletti e Roberts (2002), Guasti e Rizzi (2002), Neidle e Macloughlin (2002) e Novaes e Braga (2005) integrariam o rol de empreendimentos cartográficos em sentido amplo. À luz do Princípio da Decomposicionalidade, propõe-se que estudos que representam os traços funcionais de forma [-composicional] possam ser analisados de semelhante forma.

Dessa forma, para além da adequação descritiva de tais estudos na caracterização dos sistemas das línguas naturais, no âmbito dos estudos de morfossintaxe das categorias funcionais, importantes agendas de trabalho se afirmam: 1) as categorias funcionais e a aquisição de linguagem (cf. Guasti; Rizzi, 2002), 2) as categorias funcionais e os comprometimentos de linguagem (cf. Novaes; Braga, 2005), 3) as categorias funcionais e os estudos cartográficos (cf. Cinque, 1999; 2006). De forma alguma, intenciona-se esgotar o núcleo-duro da agenda de pesquisa de tal fenômeno. Aponta-se, apenas, que essas três grandes áreas ganham relativa expressão no que concerne à métrica de trabalhos relacionados ao tema. Dessa forma, acredita-se que, por meio desta obra, seja possível reunir trabalhos com angulações distintas a partir de uma mesma questão central: a morfossintaxe das categorias funcionais das línguas naturais.

Nesta seção, foi apresentado o conceito de categorias funcionais. Identificou-se, ainda, a maneira pela qual é possível diagnosticar o estatuto categorial de um item. Além disso, efetuou-se um breve histórico acerca da sintaxe das categorias funcionais relacionadas ao *Middlefield*, propondo-se uma tipologia para essas.

Na próxima seção, expõe-se a relevância dos estudos da morfosintaxe de categorias funcionais em gramáticas desviantes e a contribuição dessas pesquisas para a caracterização do conhecimento morfossintático em gramáticas não desviantes.

CATEGORIAS FUNCIONAIS EM GRAMÁTICAS DESVIANTE

Primeiramente, é importante esclarecer que o termo “gramáticas desviantes” neste texto é empregado para fazer referência a pelo menos dois grandes grupos de falantes da língua, a saber: (i) as crianças em fase de aquisição de linguagem e (ii) os adultos com algum distúrbio de linguagem. Colocar esses dois grupos de falantes lado a lado para desenvolver estudos que tomam por base conhecimentos advindos da linguística teórica tem sido um empreendimento da chamada “linguística clínica” (Crystal, 1981).

O empreendimento da linguística clínica tem ao menos duas grandes contribuições. Primeiramente, busca-se contribuir com a descrição acurada de como ocorre o curso da aquisição da linguagem e como se dá o comprometimento linguístico em casos de distúrbios da linguagem. Reconhece-se, porém, que somente a análise dessas produções tomando-se como subsídio um aparato teórico robusto da linguística possibilita descrições precisas da produção da criança ou do déficit do paciente em termos do tipo de conhecimento linguístico específico em desenvolvimento ou comprometido. É por meio dessas descrições precisas que se torna possível a caracterização do conhecimento linguístico dessas duas populações, o que viabiliza – tanto no caso de distúrbios na aquisição por crianças quanto no caso de patologias que afetam a linguagem em adultos – a avaliação, o diagnóstico e o tratamento adequados dos sujeitos sob investigação (Crystal, 2001).

Em segundo lugar, como argumenta Grodzinsky (1990), sabe-se que o estudo de gramáticas desviantes pode oferecer uma ferramenta poderosa para a testagem de teorias linguísticas. Em outras palavras, ao descrever os déficits linguísticos observados em uma dada patologia da linguagem por meio de um vocabulário preciso alinhado a um paradigma teórico, espera-se ser possível fazer previsões acerca do comportamento linguístico observado em pacientes portadores dessa patologia com base no entendimento acerca da organização do conhecimento linguístico naquele dado paradigma teórico. Por exemplo, se a descrição dos déficits linguísticos de sujeitos afásicos de Broca agramáticos⁵ ancora-se no fenômeno de movimento de constituintes – como a postulação de um problema na representação do vestígio gerado pela operação sintática de movimento (explicação oferecida em Grodzinsky (1995), por exemplo, que será retomada adiante nesta seção) –, espera-se que o déficit manifeste-se na produção e na compreensão tanto de sentenças interrogativas *Qu- ex situ* (como em “Quem o João encontrou?”) quanto de sentenças passivas (como em “O João foi encontrado”). Nesse sentido, no caso de o comprometimento linguístico não afetar os dois grupos de sentença, a própria postulação teórica da operação sintática de movimento ou da categoria vazia rotulada como vestígio pode ser questionada e deve ser reavaliada. Essa avaliação da teoria linguística à luz de dados de uma gramática desviante, como a de afásicos de Broca agramáticos, é descrita por Grodzinsky (1990) como uma forma de adequação neurológica da teoria linguística proposta, que se soma à necessidade de tal teoria ter adequação observacional, descritiva e explicativa, como mencionado na introdução deste capítulo.

5 A afasia de Broca agramática pode ser descrita como uma patologia decorrente de lesão cerebral que compromete especialmente o conhecimento sintático do paciente, produzindo um déficit linguístico bastante saliente na produção, mas que afeta também a sua compreensão linguística (Caramazza; Zurif, 1976).

Colocar lado a lado a aquisição e a perda da linguagem não é um empreendimento, porém, que surge com o advento da chamada “linguística clínica”, mencionado no primeiro parágrafo desta seção. Segundo Avrutin, Haverkort e van Hout (2001), a ideia de que a ordem do desenvolvimento linguístico é inversamente espelhada na ordem da perda linguística, no sentido de que conhecimentos linguísticos mais suscetíveis a serem afetados em distúrbios da linguagem são aqueles primeiramente adquiridos pelas crianças, estava já presente em Ribot (1883/1977). Essa ideia é aprimorada por Jakobson (1941/1968) no que ficou conhecido como Hipótese da Regressão. Por exemplo, do ponto de vista fonológico, se a oposição de traços fonológicos [+labial] *versus* [-labial] é adquirida antes da oposição de traços fonológicos [+sonoro] *versus* [-sonoro], espera-se que esta oposição seja mais suscetível de comprometimento linguístico em patologias do que aquela. Analogamente, trazendo conceitos apresentados na seção anterior deste texto, se, do ponto de vista da aquisição, as crianças desenvolvem mais precocemente os conhecimentos linguísticos associados à camada lexical da sentença – como os conhecimentos acerca da seleção gramatical, como os ilustrados pela análise da sentença em (6) da seção anterior – do que os conhecimentos linguísticos associados à camada funcional da sentença – aquela composta pelo *Middlefield* e pelo *Forefield* –, espera-se que estes conhecimentos sejam mais comumente comprometidos do que aqueles em patologias da linguagem.

Tendo feito essa apresentação inicial do termo “gramáticas desviantes”, empreendemos agora uma breve revisão de estudos de um fenômeno linguístico de natureza morfossintática na aquisição de linguagem e em uma patologia da linguagem – a saber, na afasia de Broca agramática – a fim de ilustrar como a investigação desse fenômeno pode lançar luz para proposições linguísticas teóricas. Especificamente, focalizamos o conhecimento linguístico empregado na construção de sentenças passivas com verbos agentivos e psicológicos. Destacamos que essa discussão não se aparta

da discussão acerca de categorias funcionais – foco deste capítulo –, uma vez que, na perspectiva gerativista, a derivação de sentenças passivas envolve o movimento de constituintes para a camada funcional da sentença. Por exemplo, para a derivação de uma sentença como “O livro foi escrito”, assume-se que o argumento interno do verbo “escrever” é gerado no domínio do VP, na camada lexical, e move-se para SubjP (Quarezemin, 2009), sintagma que abarca o sujeito sintático, na camada funcional.

No que tange aos estudos em aquisição de linguagem, pode-se citar a pesquisa de Maratsos *et al.* (1985). Neste estudo, grupos de crianças adquirindo o inglês de diferentes faixas etárias foram submetidas a quatro experimentos de compreensão que avaliavam a aquisição de construções passivas com verbos agentivos, como em “*Superman was held by Batman*” (‘O Superman foi segurado pelo Batman’), e com verbos psicológicos, como em “*Goofy was liked by Donald*” (‘Pateta era gostado por Donald’)⁶. A tarefa requerida envolvia a necessidade de identificação do NP que fazia referência à pessoa sobre a qual recaía a situação codificada pelo verbo, seja por meio de respostas a perguntas ou de seleção de imagens relacionadas às sentenças. Os resultados revelaram que as crianças apresentavam melhor desempenho nas passivas com verbos agentivos do que nas passivas com verbos psicológicos até pelo menos os sete anos de idade. Baseados no fato de que a estrutura sintática subjacente a essas sentenças é a mesma, os autores argumentam que a maior dificuldade com construções passivas não decorre simplesmente da ausência de uma representação sintática para essas construções, mas da imposição inicial de restrições semânticas sobre os verbos que nelas figuram. Cumpre destacar que estudos posteriores, como de O’Brien, Grolla e Lillo-Martin (2006), destacam que questões

6 Nas sentenças apresentadas, analogamente ao que é demonstrado a seguir pelo estudo de Grodzinsky (1995), o papel temático dos NPs é alterado em função dos verbos empregados: na primeira, “*Superman*” é paciente (ou tema) e “*Batman*”, agente; na segunda “*Goofy*” é paciente (ou tema) e “*Donald*” é experienciador.

de ordem metodológica podem ter interferido nos resultados obtidos em pesquisas sobre a aquisição de estruturas passivas como a de Maratsos *et al.* (1985)⁷. Ainda assim, este estudo caracteriza-se como uma importante pesquisa no âmbito da aquisição de linguagem que se volta para o exame sistemático da compreensão de sentenças passivas.

No que concerne aos estudos em patologia da linguagem, faz-se referência à pesquisa de Grodzinsky (1995). Nesse estudo, quatro pacientes afásicos de Broca agramáticos foram submetidos a um teste de ordenamento de sentenças a partir de imagens. Em cada estímulo, os pacientes recebiam três cartões, cada um com uma parte da sentença, e uma imagem. Os fragmentos das sentenças a serem ordenados eram constituídos por dois NPs e um verbo agentivo ou psicológico – ora na sua forma ativa, ora na sua forma passiva – e os pacientes deveriam ordenar tais segmentos em conformidade com o sentido evocado pela imagem. Dentre as oito condições experimentais propostas, destacam-se as seguintes: (i) verbo agentivo e voz ativa, como em *"The policeman / stops / the soldier"* ('O policial para o soldado'), (ii) verbo agentivo e voz passiva, como em *"The soldier / is stopped by / the policeman"* ('O soldado é parado pelo policial'), (iii) verbo psicológico e voz ativa, como em *"The man / admires / the woman"* ('O homem admira a mulher') e (iv) verbo psicológico e voz passiva, como em *"The woman / is admired by / the man"* ('A mulher é admirada pelo homem'). Como resultado, o autor verificou que, enquanto nas condições (i) e (iii), os pacientes ficaram acima do nível da chance, na condição (ii), ficaram no nível da chance e, na condição (iv), ficaram abaixo do nível da chance. Assim, o autor sustenta que o desempenho dos pacientes resulta da interação entre propriedades sintáticas das sentenças (ativas *versus* passivas) e de propriedades temáticas dos predicados (agentivos *versus* não-agentivos). Os resultados são interpretados à luz da Hipótese

7

Para uma discussão mais ampla sobre questões de ordem metodológica em estudos de aquisição de linguagem, remetemos o leitor ao texto de Grolla (2009).

do Apagamento do Traço (*Trace-Deletion Hypothesis*), segundo a qual o traço (ou vestígio) resultante do movimento de constituintes é apagado na representação sintática da sentença – sendo este um déficit sintático altamente seletivo na gramática dos sujeitos agramáticos –, associado à aplicação de um procedimento heurístico que atribui ao primeiro NP da sentença o papel temático de agente. Nesse sentido, o autor assume que o léxico verbal contém uma hierarquia de papéis temáticos que interage com o procedimento heurístico aplicado diante de um déficit sintático (o “apagamento do traço (ou vestígio)”), afetando diferentemente o desempenho dos pacientes nas condições apresentadas.

Assim, os dois estudos relatados nos parágrafos anteriores ilustram como pesquisas com patologias da linguagem e aquisição da linguagem podem se beneficiar de uma teoria linguística que forneça subsídios para explicar um determinado fenômeno morfosintático. Além disso, os resultados obtidos em estudos dessa natureza podem alimentar a própria teoria linguística. Por exemplo, como argumenta Grodzinsky (1995, p. 494, tradução nossa), os resultados obtidos em seu estudo “sustentam muito fortemente a necessidade de rótulos temáticos no léxico linguístico normal”. Logo, os resultados de pesquisas como essas acabam por fornecer evidências de operações sintáticas de movimento, vestígios de movimento e diferentes seleções semânticas de predadores.

É importante destacar ainda que, embora nesta seção tenham sido confrontados apenas estudos em aquisição de linguagem típica e em patologias da linguagem, o termo “gramáticas desviantes” pode ainda acomodar outros tipos de aquisição de linguagem, como as atípicas – seja tal atipicidade caracterizada pela aquisição por crianças com um distúrbio especificamente linguístico (como o Déficit Específico de Linguagem, também chamado de Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem), seja caracterizada pela aquisição por crianças neuroatípicas. Afinal, como afirmam Avrutin, Haverkort e van Hout (2001, p. 271-272, tradução nossa), “os tipos de questões

formuladas nas pesquisas em aquisição da linguagem, afasiologia e Déficit Específico de Linguagem são qualitativamente semelhantes e, portanto, uma análise comparativa pode ser proveitosa para a formulação de uma explicação unificada". Nesse sentido, reitera-se a pertinência desta obra, que busca reunir diferentes textos que tratam de fenômenos morfofossintáticos examinando ora um fenômeno específico em uma dada língua, ora a aquisição típica da língua materna, ora a aquisição atípica da língua materna, ora a aquisição de uma língua estrangeira. Na próxima seção, concluímos este texto por meio de uma apreciação geral do que foi discutido neste capítulo e de um breve enquadramento dos textos que constituem este livro nessas diferentes frentes de trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, procuramos fazer uma breve revisão da abordagem de categorias funcionais no empreendimento gerativista e apresentar como estudos de fenômenos morfofossintáticos em gramáticas desviantes podem iluminar a compreensão da organização do conhecimento linguístico na gramática não desviante, como aquele relativo às próprias categorias funcionais. Nesse sentido, na seção 1, procuramos demonstrar a centralidade do estudo de fenômenos morfofossintáticos na teoria gerativa como uma forma de explicar a própria aquisição da linguagem, conferindo à teoria uma poderosa adequação explicativa. Já na seção 2, apresentamos uma definição para categoria funcional e focalizamos alguns estudos no âmbito gerativista que apresentam tais categorias de maneira mais ou menos composicional, no sentido de serem ou não agrupados em um único núcleo diferentes traços funcionais. Finalmente, na seção 3, buscamos explicar o conceito de "gramáticas desviantes" e, por meio do confronto de pesquisas em aquisição e perda da linguagem, exemplificamos como estudos nessas frentes focalizando

fenômenos morfofossintáticos podem contribuir não só para a caracterização das gramáticas das crianças e dos afásicos agramáticos, mas também para a própria reavaliação de postulados linguísticos teóricos.

Na continuidade deste livro, o leitor encontrará 18 textos, elaborados por pesquisadores de diferentes instituições do Brasil, que ampliam a demonstração de como o estudo de fenômenos morfofossintáticos contribui para o refinamento do entendimento da estrutura do conhecimento linguístico. Os capítulos que seguem estão agrupados em quatro diferentes partes, a saber: (1) estudos de línguas particulares em uma perspectiva gerativista, (2) estudos de línguas particulares em uma perspectiva gerativista de base cartográfica, (3) estudos em gramáticas desviantes: aquisição de linguagem (de L1 típica ou atípica e de L2) e (4) estudos em gramáticas desviantes: neuroatipicidade e patologias.

Na parte 1, situam-se os textos intitulados “A interface entre a fonologia e a sintaxe: o caso da colocação pronominal em português”, de Ana Regina Vaz Calindro (UFRJ), “O *présent simple* do francês da França e seus valores aspectuais”, de Gabriela Abreu (UFRJ) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), “Os valores aspectuais das perífrases gerundivas no presente do italiano”, de Helena Vitória Rente Bayer (UFRJ), Thais Lima Lopes (UFRJ) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), e “A hierarquia das categorias de tempo e aspecto: quando o Gerativismo e o Funcionalismo convergem”, de Juliana Fernandes Corrêa Nunes (UFRJ) e Pablo Rosário (UNESP/UNEAL)⁸.

Na parte 2, encontram-se os capítulos intitulados “Restrições a advérbios em sentenças imperativas”, de Aquiles Tescari Neto (UNICAMP), “Para um estudo cartográfico das estruturas do alemão: possibilidades e desafios”, de Damaris Matias Silveira (UFSC),

"A posição de soldagem das orações adverbiais centrais: uma proposta cartográfica", de Wellington Souza de Paula (UNICAMP), "Realizações morfofossintáticas de modalidade obrigação e modalidade necessidade no português do Brasil: uma análise cartográfica", de Beatriz Pereira do Nascimento Silva (UFRJ), Matheus Gomes Alves (UNICAMP) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), e "Leituras e locais de soldagem de "pode", "podia" e "poderia" no português brasileiro", de Vitoria Duarte da Silva (UFRJ), Matheus Gomes Alves (UNICAMP) e Adriana Leitão Martins (UFRJ).

Já na parte 3, enquadram-se os seguintes capítulos: "Aquisição de estratégias de focalização contrastiva nas línguas românicas: uma análise do português europeu", de Clayre Anne da Silva Lucas (UFRJ), Matheus Gomes Alves (UNICAMP) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), "Aquisição de interrogativas *wh*- no português europeu: uma revisão sistemática da literatura", de Nicolle Christina Paixão Olímpio (UFRJ), Fernanda Costa da Silva Machado (UFRJ) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), "Aquisição de francês como língua adicional: uma análise dos valores aspectuais de resultatividade e experiência do *passé composé*", de Lucas Bernardes (UFRJ), Adriana Leitão Martins (UFRJ), Amanda Alevato de Sant'Anna (UFRJ) e Thais Lima Lopes (UFRJ), "Produção e compreensão dos aspectos progressivo, prospectivo e completivo por uma criança com Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem: dados de aquisição desviante", de Amanda Alevato de Sant'Anna (UFRJ) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), e "O fenômeno da iconicidade linguística na aquisição de linguagem: O que podemos inferir para crianças com paralisia cerebral revisando a literatura?", de Amanda Bittencourt Cardozo (UFRJ) e Marília Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa (UFRJ).

Finalmente, na parte 4, encontram-se os capítulos intitulados "Adequação neurológica para a teorização linguística: diferentes escopos em biologia da linguagem", de Jean Carlos da Silva Gomes

(UNICAMP)⁹, “Violação de restrições morfofossintáticas para estatividade e pontualidade na afasia de Broca e na doença de Alzheimer”, de Fernanda de Carvalho Rodrigues (UFRJ), Jean Carlos da Silva Gomes (UNICAMP) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), “Conhecimento aspetual semântico no Transtorno do Espectro Autista”, de Ana Beatriz de Melo Barbosa Palomanes (UFRJ) e Adriana Leitão Martins (UFRJ), e “Habilidades narrativas com enfoque em Teoria da Mente no TEA (Transtorno do Espectro Autista)”, de Yasmin da Silva Pereira Almeida (UERJ) e Marina Rosa Ana Augusto (UERJ).

Esperamos, assim, que este livro possa se somar a um conjunto de pesquisas desenvolvidas no Brasil e no exterior que buscam implementar diferentes agendas de pesquisa no âmbito do estudo da morfofossintaxe das categorias funcionais nas línguas naturais.

REFERÊNCIAS

AVRUTIN, Sergey; HAVERKORT, Marco; VAN HOUT, Angeliek. Language Acquisition and Language Breakdown. **Brain and Language**, v. 77, p. 269-273, 2001.

BELLETTI, Adriana. **Generalized verb movement**: aspects of verb syntax. Torino: Rosenberg & Sellier, 1990.

CARAMAZZA, Alfonso; ZURIF, Edgar B. Dissociation of Algorithmic and Heuristic Processes in Language Comprehension: Evidence from Aphasia. **Brain and Language**, v. 3, p. 572-582, 1976. DOI: [https://doi.org/10.1016/0093-934X\(76\)90048-1](https://doi.org/10.1016/0093-934X(76)90048-1).

CARDINALETTI, Anna; ROBERTS, Ian. 2002. Clause Structure and X-Second. In: CINQUE, Guglielmo (ed.). **Functional structure in DP and IP**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 123-166.

CHOMSKY, Noam. Verbal Behavior by B. F. Skinner. **Language**, v. 35, n. 1, p. 26-58, 1959.

9 Este capítulo, embora enquadrado no bloco 4, apresenta uma apreciação tanto de estudos em patologias da linguagem quanto em aquisição de linguagem, o que justifica sua alocação entre as partes 3 e 4 do livro.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**: The Pisa Lectures. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language**: Its Nature, Origin, and Use. New York: Praeger Publishers, 1986.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and functional heads**: the cartography of syntactic structures. v. 4. Oxford: New York: Oxford University Press, 2006.

CRYSTAL, David. **Clinical Linguistics**: Disorders of Human Communication 3. New York: Springer-Verlag Wien GmbH, 1981.

CRYSTAL, David. Clinical Linguistics. In: ARONOFF, Mark; REES-MILLER, Janie (eds.). **The Blackwell Handbook of Linguistics**. Oxford: Blackwell Publishing, 2001. p. 673-682. Disponível em: <https://www.davidcrystal.com/Files/BooksAndArticles/-3932.pdf>. Acesso em: 03 maio 2026.

GRODZINSKY, Yosef. **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge (MA): The MIT Press, 1990.

GRODZINSKY, Yosef. Trace deletion, theta-roles, and cognitive strategies. **Brain and Language**, v. 51, p. 469-497, 1995. DOI: <https://doi.org/10.1006/brln.1995.1072>.

GROLLA, Elaine. Metodologias experimentais em aquisição da linguagem. **Revista Estudos da Língua(gem)**, v. 7, v. 2, p. 9-42, 2009. DOI: <https://doi.org/10.22481/el.v7i2.1090>.

GUASTI, Maria Teresa, RIZZI, Luigi. On The Distinction between T and Agr: Evidence from Acquisition. In: CINQUE, Guglielmo (ed.). **Functional structure in DP and IP**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 167-194.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1972.

JAKOBSON, Roman. **Child language, aphasia, and phonological universals**. The Hague: Mouton, 1941/1968.

KAYNE, Richard. **Movement and silence**. New York: Oxford University Press, 2005.

MARATSOS, Michael; FOX, Dana; BECKER, Judith; CHALKLEY, Mary Anne. Semantic restrictions in children's passives. **Cognition**, Amsterdam, v. 19, n. 1, p. 1-44, 1985. [https://doi.org/10.1016/0010-0277\(85\)90017-4](https://doi.org/10.1016/0010-0277(85)90017-4).

NEIDLE, Carol; MACLAUGHLIN, Dawn. The Distribution of Functional Projections in ASL: Evidence from Overt Expressions of Syntactic Features. *In*: CINQUE, Guglielmo (ed.). **Functional structure in DP and IP**. Oxford: Oxford University Press, 2002. p. 195-224.

NOVAES, Celso.; BRAGA, Marcela. Agrammatic aphasia and aspect. **Brain and Language**, v. 95, p. 121-122, 2005.

O'BRIEN, Karen, GROLLA, Elaine; LILLO-MARTIN, Diane. Long passives are understood by young children. *In*: BAMMAN, David; MAGNITSKAIA, Tatiana; ZALLER, Collen. **Proceedings of the 30th annual BUCLD**. Somerville, MA: Cascadilla Press, 2006. p. 441-451.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, n. 3, p. 365-424, 1989.

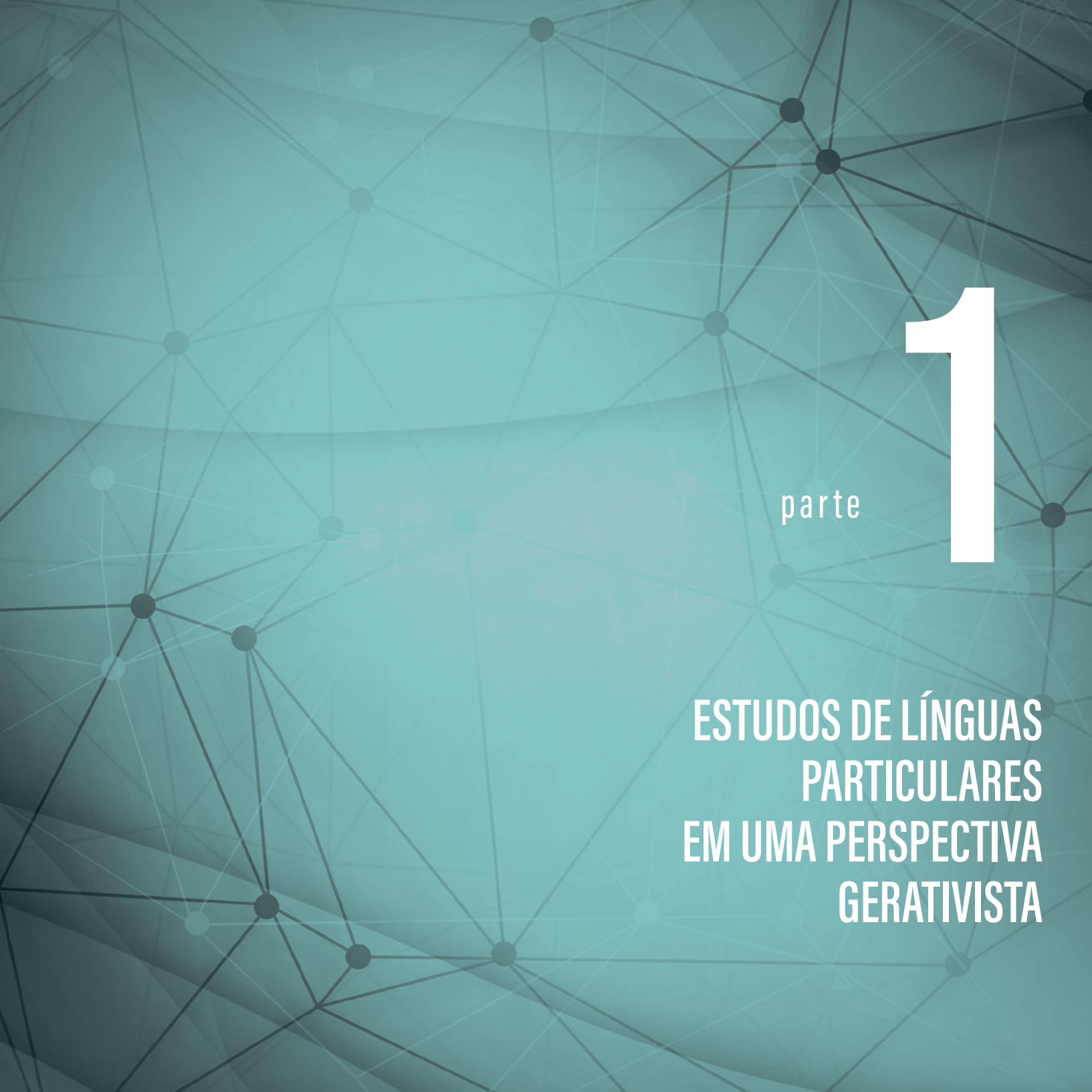
QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica**. Tese (Doutorado em Linguística). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

RIBOT, Théodule-Armand. **Diseases of memory**: An essay in the positive psychology. Washington: University Publications of America, 1883/1977.

RIZZI, Luigi. The fine structure of the left periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane (ed.). **Elements of grammar**: handbook in generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal Behavior**. Acton, Massachusetts: Copley, 1957.

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe gerativa**: uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da Unicamp, 2021.



1

parte

**ESTUDOS DE LÍNGUAS
PARTICULARES
EM UMA PERSPECTIVA
GERATIVISTA**

2

Ana Regina Vaz Calindro

A INTERFACE ENTRE A FONOLOGIA E A SINTAXE:

O CASO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM PORTUGUÊS

INTRODUÇÃO

O foco central deste texto será a interface entre fonologia e sintaxe. De acordo com o empreendimento gerativista (Borges Neto, 2004), cabe à linguística explicar como a língua é gerada. Essa perspectiva considera que os falantes, a partir de um conjunto finito de recursos, como os fonemas e morfemas de uma determinada língua, são capazes de produzir uma quantidade potencialmente infinita de sentenças. Além disso, é notório que as crianças têm a capacidade de formar enunciados que nunca ouviram antes (cf. Chomsky, 1957, *et seq.*).

Assim, a criatividade humana é um dos pontos centrais para o entendimento de como o ser humano é capaz de produzir linguagem. A esses questionamentos estão atrelados dois pontos: i. como a criança pode fazer tanto com tão pouco e em um tempo tão curto; ii. como o falante é capaz de desenvolver a linguagem sem um aprendizado formal, a partir de dados que recebe do ambiente, sem que esses passem por nenhum tipo de controle ou triagem. Esses questionamentos são conhecidos na literatura gerativista como o *Problema de Platão* e o *Problema da Pobreza de Estímulo* (cf. Carnie, 2013; Roberts, 2023).

Para responder ao primeiro ponto, Chomsky postula que os seres humanos possuem uma capacidade inata que os permite adquirir língua – a Faculdade da Linguagem (FL) (para os mais recentes desdobramentos relacionados à FL, cf. Hauser; Chomsky; Fitch, 2002). Faz parte da FL, um sistema de regras que subjazem as línguas naturais, a Gramática Universal (GU). A GU é o ponto inicial da aquisição da linguagem, dela fazem parte dois componentes essenciais das línguas – os *Princípios* e *Parâmetros*. No arcabouço dos trabalhos sob o viés da Teoria de Regência e Ligação (Chomsky, 1981), os *Princípios* são os universais linguísticos que compõem todas as línguas naturais (como o Princípio da Ligação que rege as anáforas, pronomes e expressões referenciais). Já os *Parâmetros*

são responsáveis por identificar diferenças entre as línguas, como, por exemplo, o conhecido Parâmetro do Sujeito Nulo (Holmberg, 2010; Duarte; Figueiredo Silva, 2016, entre muitos outros), que postula que há línguas como o italiano e o português europeu (PE) que são [+sujeito nulo]; e línguas como o francês e o inglês, em que o sujeito deve sempre ser expresso, logo são línguas [-sujeito nulo]¹⁰. Logo, durante o período de aquisição da linguagem, a GU é ativada a partir do *input* recebido pela criança do ambiente em que reside. Pensando em línguas orais, este *input* é ouvido pela criança e, a partir dele, os Princípios e Parâmetros são fixados. Tendo isso em vista, o foco deste texto será a relação entre o que se ouve e como a gramática da Língua-I¹¹ é fixada.

Com esse objetivo, este capítulo está estruturado da seguinte forma: além desta introdução, nos pressupostos teóricos será abordada a constituição do sistema linguístico sob o viés dos estudos gerativistas (Chomsky, 1981), além das questões relacionadas especificamente com a sintaxe e a fonologia, ao abordar a palavra prosódica. A partir dessa apresentação, trataremos a análise do fenômeno da colocação pronominal, com maior enfoque no português brasileiro (PB). Este fenômeno é relevante, pois tanto ilustra a interface em questão neste artigo, quanto traz pontos relevantes no âmbito da teoria linguística, bem como para o ensino de português como primeira (L1) e segunda língua (L2). Por fim, traremos uma breve

10 A princípio, os parâmetros tinham valores binários, porém, com fatos sobre línguas como o finlandês (Holmberg, 2010) e o PB (Duarte; Figueiredo Silva, 2016, entre muitos outros), verificou-se que essas línguas apresentam, na verdade, um sistema de sujeito parcialmente nulo. Logo, os parâmetros deixam de ser marcados binariamente. A maneira como os parâmetros são analisados atualmente vem sendo tema de uma grande gama de trabalhos linguísticos que desembocaram em uma nova divisão em: macroparâmetros, mesoparâmetros, microparâmetros e nanoparâmetros (Holmberg, 2017; Biberauer; Roberts, 2017). Dessa forma, diversos trabalhos trazem uma proposta conciliadora para a questão de os parâmetros não serem binários, ao analisá-los através de Hierarquias de Parâmetros (Roberts, 2007).

11 A Língua-I é a acepção cognitiva da língua, "I" de interna, individual e intensional – que seria a língua na mente de cada falante. Assim, o conceito de Língua-I está relacionado à dimensão subjetiva do conhecimento linguístico (cf. Chomsky, 1986).

discussão acerca da relevância da conexão entre sintaxe e fonologia no que tange a fenômenos que sofrem variação e mudança em situações de contato linguístico.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Tendo em vista o processo de aquisição da linguagem, a fonologia tem papel crucial desde a mais tenra idade. De acordo com França, Silvano e Martins (2022, p. 171), o processo de acesso e ativação lexical pelo qual a criança passa apresenta algumas etapas. Por exemplo, ao escutar a palavra *banana*, primeiro se dá uma *ativação múltipla*, em que são acessados termos como: *babá*, *batata*, *banana*, *bebê*, *borracha* etc. Em seguida, ocorre uma *ativação contínua* em que somente restam as palavras com /ba/. Por fim, esse processo é, então, reiterado por todos os segmentos fonológicos até que *banana* seja a única possibilidade correspondente.

Além disso, as autoras reportam experimentos que comprovam a ativação cerebral através de estímulos linguísticos mesmo em recém-nascidos. Testes de imagem comprovam a ativação no córtex temporal superior, que engloba a área de Wernicke, durante a escuta de sons da fala. De acordo com as imagens desses experimentos, os sinais gerados nos bebês são semelhantes aos dos adultos. Já a ativação da área de Broca, relacionada essencialmente à produção linguística, pode ser notada depois de alguns meses (Dahaene-Lambertz *et al.*, 2006 *apud* França; Silvano; Martins, 2022). As autoras afirmam que os estudos atestam uma ativação robusta dessa área entre bebês de seis e doze meses de idade.

A INTERFACE SINTAXE- FONOLOGIA EM PORTUGUÊS: O CASO DA COLOCAÇÃO PRONOMINAL

Em relação à interface entre sintaxe-fonologia, a prosódia provê a estrutura para que haja a organização da fala, bem como estabelece a interface entre sintaxe e morfologia. Além disso, como brevemente delineado anteriormente, a prosódia tem um papel crucial tanto na aquisição da linguagem como no processamento da fala de crianças e adultos.

De acordo com Santos e Vigário (2016, p. 129), dentro da Fonologia Prosódica (Nespor; Vogel, 1986), os domínios no nível da palavra prosódica e acima dela são construídos a partir de informações sintáticas. Apesar disso, as autoras apontam que os domínios fonológicos são distintos dos sintáticos por diversas razões, pois: i. são compostos por uma quantidade limitada de constituintes que se encontram em uma posição fixa dentro de uma hierarquia prosódica; ii. são organizados de uma maneira que os domínios mais baixos e intermediários estejam contidos nos mais altos (à exceção da sílaba), que podem ser representados por árvores prosódicas, como mostraremos mais adiante.

Mesmo que haja uma grande controvérsia acerca da interação precisa entre a fonologia e outros componentes da gramática, Santos e Vigário (2016) afirmam que os trabalhos sobre o português são uma forte evidência para este tipo de organização prosódica.

A constituição prosódica do português tem recebido muita atenção desde os trabalhos seminais de Bisol (1992) sobre o PB, e de Frola (1995) acerca do PE. Contudo, a respeito dessas variedades, os fonologistas discordam se o domínio prosódico mais baixo que interage com a sintaxe é o do grupo dos clíticos ou o da (pós-lexical)

palavra prosódica. Em seu texto, Santos e Vigário (2016) apresentam as evidências para o nível da palavra prosódica em PB e PE, além de discutir o estatuto prosódico dos clíticos. No presente texto, focaremos nas questões relacionadas aos clíticos, por serem de grande valia para a ilustração da interface sintaxe-fonologia.

Segundo Santos e Vigário (2016, p. 127), o sistema específico de cada língua define se as palavras são clíticos ou possuem o estatuto de palavras prosódicas (PP). Em português, por exemplo, diversas palavras funcionais não são tônicas. Há diversos processos que se aplicam a um ambiente átono, como a neutralização de vogais átonas, formação e exclusão de glides, assim como violações de restrições fonotáticas que podem ser impostas a PPs (cf. 4) colocam pronomes pessoais fracos, diversas preposições monossilábicas, complementizadores e artigos definidos na categoria de clíticos, como vemos nos exemplos em (1) a seguir.

- (1) a. p[u]r tela “por tela” vs. p[o]rtela “Portela (nome próprio)” (PB)
b. **de** [dɨ]~ [d], da [dɐ] vs. **dê** [dé], **dá** [dá] “dar.imp.,” “dar. pres. 3p -sg” (PE)
c. no alto [nua]~[nwa] vs. nu artístico [nua]/*[nwa] (PB, PE)
d. lhe [ʎi] pronomeDAT-3p-sg vs. *lhado *não-palavra* (PB, PE)
(Santos; Vigário, 2016, p. 127)

Segundo Santos e Vigário (2016), normalmente, as palavras morfossintáticas em português formam PPs (*fê, belo, adorou*). Contudo, algumas palavras morfossintáticas como os clíticos são prosodicamente dependentes, pois não são capazes de formar PPs por si. Logo, esses elementos têm obrigatoriamente que se combinar com outros para formar PPs. Neste texto, focaremos especificamente nos pronomes pessoais que atuam como clíticos em português (*me, te, o/a, se* etc.).

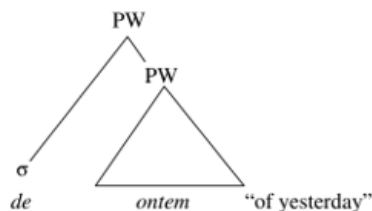
Os clíticos apresentam comportamentos fonológicos específicos em PB e PE, de acordo com a organização prosódica que

estabelecem com o seu hospedeiro (*host*), o que depende da posição do clítico em relação a ele. Clíticos fazem parte de classes fechadas, são muito frequentes e têm, no máximo, duas sílabas. Esses elementos devem se combinar com seus hospedeiros para formar uma PP pós-lexical e, em alguns casos, um grupo clítico (GC), no caso *clítico* + *hospedeiro*. Para Bisol (2000), a PP pós-lexical e o GC coincidem, já para Vigário (2003) e Simioni (2008) não há GC, pois clíticos não podem ser analisados dentro de um domínio fixo na hierarquia prosódica, como veremos a seguir.

Segundo a literatura, há em PE, uma adjunção prosódica quando os clíticos estão proclíticos ao hospedeiro na PP (2a), ou se incorporam ao hospedeiro PP quando enclíticos (2b), como representado a seguir, seguindo Vigário (2003)¹²:

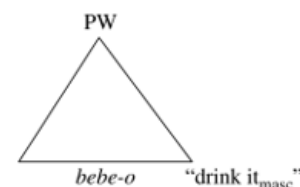
(2) a. Proclitics:

Prosodic adjunction to PW



b. Enclitics:

Prosodic incorporation into PW



(Santos; Vigário, 2016, p. 130)

Segundo Santos e Vigário (2016), a supressão de vogal anterior pode ilustrar melhor o que acabou de ser explicado, pois é uma regra que quase sempre se aplica na extremidade direita da PP em posição interna ao sintagma entoacional. Para ilustrar o que ocorre em relação aos clíticos em PE, verificamos que o processo de supressão do *e* ocorre em (3a–c)¹³, mas não em (3d–e), porque, apenas

¹² PW: *prosodic word* = palavra prosódica.

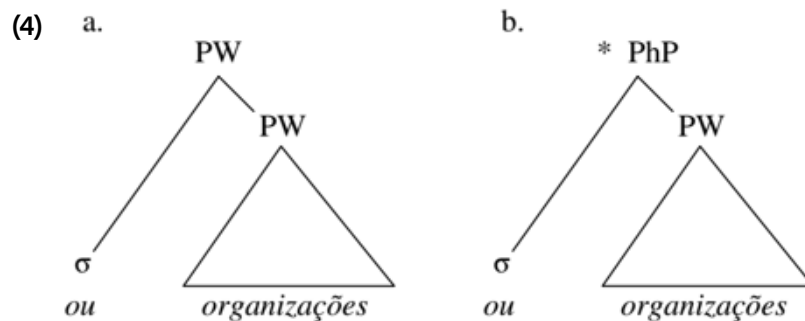
¹³ Nos exemplos em (3), “x” sinaliza realizações muito pouco frequentes e marcadas; negrito sinaliza a vogal alvo.

nos primeiros, a vogal está na posição final da PP. Em (3c) e (3e), que ilustram a ênclise, o clítico se incorpora à PP hospedeira, o que significa que em (3c), a vogal final clítica se torna a PP final e é suprimida, já em (3e), a vogal final hospedeira não está mais no final da PP, logo não pode ser suprimida. Em (3f), em que temos próclise, a supressão de e não é obrigatória, indicando que o clítico por si só não se comporta como uma PP, por isso não pode estar enclítico à PP anterior; neste exemplo, a supressão pode ocorrer opcionalmente devido a um processo de redução normalmente encontrado em palavras que são muito frequentes.

- (3)
- | | |
|--------------------------------------|-----------------|
| a. DE ve | 0/x[i] |
| b. DE ve aconte CER | 0/ x [j]/ x [i] |
| c. DE ve-te aconte CER | 0/ x [j]/ x [i] |
| d. reali ZAR | * 0/[i]/[j] |
| e. DE ve -a | * 0/[j] |
| f. JÁ te aconte CEU | 0/[j]/ x [i] |

(Santos; Vigário, 2016, p. 131)

Logo, elementos proclíticos, assim como os elementos iniciais do seu hospedeiro, se comportam como PPs iniciais e não como PPs não-iniciais, pois podem ter acento enfático e permitir a realização variável de vogais átonas, como em **ou** *organizações* (cf. 4). Portanto, os dados do PE estão de acordo com uma análise em que os os elementos proclíticos se unem à PP, como em (4a), em vez de se ligarem a um nível prosódico superior (4b), i.e, a PhP (*phonological phrase* - sintagma fonológico).



(Santos; Vigário, 2016, p. 131)

Como amplamente registrado nos estudos linguísticos, na variedade europeia, os clíticos ocorrem prioritariamente em posição enclítica (Vigário, 2003). Como discutido, esses elementos são incorporados ao seu hospedeiro, que neste caso é o verbo, formando uma PP. Contudo, a preferência pelo clítico pós-verbal nem sempre foi a norma do PE, uma vez que essa variedade passou por processo de variação e mudança de um sistema proclítico, comum às outras línguas românicas, para um sistema enclítico (cf. Galves, 2007; 2020, entre outros).

Já o PB moderno apresenta um sistema prevalentemente proclítico. Santos e Vigário (2016) afirmam que, diferentemente do PE, clíticos proclíticos ou enclíticos em PB têm o mesmo comportamento. Porém, onde e como os clíticos são estruturados prosodicamente não é tão claro. Para Bisol (2000), os clíticos, enclíticos ou proclíticos, não se integram à PP hospedeira, mas se unem a ela em uma palavra prosódica estendida (pós-lexical) ou em um grupo clítico (GC), com base no fato de muitos clíticos exibirem uma vogal alta [i,u], como em *de*, *me*, *por*, independentemente da sua posição – m[e] fala ~ m[i] fala e fala-m[e] ~ fala-m[i]. Além disso, a autora assume que pode ocorrer elisão de vogal entre o clítico e o hospedeiro, tal como *uma hotelaria* > um[o]telaria, *da hotelaria* d[o]telaria, por isso são um GC, pois a elisão, contudo, não ocorre dentro da PP,

por exemplo: *maometano > m[o]metano. Já Toneli (2009) defende que os clíticos se unem às PPs em PB, pois, assim como em PE, podem ter acento inicial na PP, que pode ser atribuído a palavras sem acento na posição inicial de PPs.

A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM PB

O sistema proclítico do PB e sua relação com a fala é motivo de debate desde os primeiros estudiosos da língua portuguesa no Brasil, como Said Ali (1957). O autor já apontava que a próclise ocorria por atração puramente fonética, pois afirmava que a pronúncia do PB, por ser distinta da do PE, resulta que a colocação pronominal no Brasil não coincide com a de Portugal.

De fato, de acordo com Galves e Abaurre (1996), em PE, os pronomes são realmente átonos – o /e/ final em *me*, *te*, *se* é tão abafado que quase não se ouve, segundo as autoras. Já em PB, há uma certa acentuação e esses pronomes são pronunciados *mi*, *ti*, *si*. Além disso, a este respeito, Nunes (1993), afirma que a cliticização em PB passou a ser direcionada fonologicamente da esquerda para a direita, contrário do que se verifica em PE. O autor usa exemplos como os em (5) para ilustrar esse direcionamento, em que a ausência do hífen em (5a) significaria que o clítico está proclítico ao verbo principal, e o seu uso em (5b) mostraria ênclise ao verbo auxiliar.

- (5) a. João tinha *me* visto. (PB)
b. João tinha-me visto. (PE)

O PB moderno, portanto, apresenta um sistema proclítico, mas não nos mesmos moldes do sistema proclítico do português clássico (PC) que aportou no Brasil no século XVI, tendo em vista que fenômenos relacionados especificamente ao PB tiveram papel essencial na preferência diacrônica pela próclise. Galves, Torres

Morais e Ribeiro (2005) afirmam que faz mais sentido supor que o PB e o PE evoluíram independentemente do PC. Logo, não houve perda da ênclise em PB; na verdade, a ênclise generalizada que é uma inovação do PE a partir do PC. As autoras propõem que o que mudou em PB em relação à próclise do PC foi que, em virtude do enfraquecimento do sistema de flexão do PB (Infl), os clíticos não mais se adjungem ao IP, mas sim ao V. Assim, criou-se em PB uma nova posição para os clíticos, distinta do PC e do PE.

Outro fato relevante para a generalização da próclise em PB foi o surgimento da estratégia do objeto nulo, que, segundo Cyrino (1993; 1997), é uma categoria vazia em PB e não uma variável, como em PE. Através de uma análise de peças de teatro, a autora afirma que o objeto nulo se estabeleceu em PB no século XVIII e pode ter sido um fator relevante para a fixação da colocação pré-verbal nessa variedade, principalmente a partir do século XIX. Cyrino constatou que o clítico acusativo de terceira pessoa *o/a(s)* começou a desaparecer em PB no século XVIII, e afirma que este processo se iniciou pelo *o/a(s)* enclítico. Assim, a autora postula que a mudança na colocação pronominal se deu porque a ênclise não está relacionada à concordância verbal, assim a fixação da próclise ao verbo ocorreu a partir das locuções verbais. Dessa forma, as crianças ouviam a ênclise ao verbo auxiliar em locuções verbais e passaram a reestruturar a colocação pronominal proclítica ao verbo sem flexão, como vimos em (5).

Essa mudança no direcionamento da cliticização permite, inclusive, que o clítico ocorra em primeira posição absoluta em PB (contexto V1), como vemos em (6). Os exemplos a seguir de Galves, Torres Moraes e Ribeiro (2005) mostram sentenças tiradas da versão brasileira do livro *O Alquimista*, de Paulo Coelho, e de sua tradução para o PE, que bem ilustram o padrão proclítico do PB e enclítico do PE:

- (6) a. *Me chamo Fátima - disse a moça.* (PB)
b. *Chamo-me Fátima - disse a moça.* (PE)

- | | | |
|------|---|------|
| (7) | a. Tem sonhos, se emociona, e está apaixonado ... | (PB) |
| | b. Tem sonhos, emociona-se, e está apaixonado ... | (PE) |
| (8) | a. Ele <i>me</i> parece mais velho e sábio. | (PB) |
| | b. Ele parece- <i>me</i> mais velho e sábio. | (PE) |
| (9) | a. Depois me ensinou coisas belas... | (PB) |
| | b. Depois ensinaste- <i>me</i> coisas belas... | (PE) |
| (10) | a. O senhor está <i>me</i> guiando. | (PB) |
| | b. O senhor está- <i>me</i> a guiar. | (PE) |
| (11) | a. As ovelhas também vão se acostumar. | (PB) |
| | b. As ovelhas também vão acostumar-se. | (PE) |
| (12) | a. Como tinha se comportado de maneira correta... | (PB) |
| | b. Como se tinha comportado de maneira correta... | (PE) |
- (Galves; Torres Moraes; Ribeiro, 2005, p. 145, 146, 149, 150)*

De fato, Paulo Coelho é considerado por muitos como um autor pouco erudito, uma vez que seus textos apresentam “desvios” da norma considerada culta para o PB. Vemos nos exemplos que a próclise se apresenta como a colocação padrão no PB, em contextos V1 (cf. 6), ou quando o termo que antecede não tem relação com o clítico (cf. 7), com alguma expressão fronteada (tal como um advérbio ou sintagma preposicionado) (cf. 9), bem como com locuções verbais (cf. 10, 11 e 12).

A questão pertinente aqui é que, apesar de apontamentos sobre as características específicas do PB já em trabalhos antigos, como os de Said Ali (1957), a norma brasileira ainda se baseia na variedade europeia (para uma discussão mais completa sobre o tema, cf. Kato, 2005; Faraco, 2006; 2017; Calindro; Corr, 2021; Calindro; Rodrigues, 2022, entre outros). Esta disparidade causa um grande desentendimento nas aulas de PB tanto de L1, como de L2. Assim, seguindo o padrão do PE moderno, nos livros didáticos usados

nas escolas, postula-se que a norma para a colocação pronominal a ser seguida é a ênclise, sem que haja de fato uma discussão acerca dos usos reais no PB nesses materiais.

Como Faraco (2006) discute, a norma padrão das línguas que derivam do latim, como o português, seguiu a tradição greco-romana de basear a descrição da língua nos textos de autores consagrados. Assim, é muito comum ver, nos livros normativos, exemplos de autores do século XIX e até do XVIII, como o exemplo a seguir de Eça de Queirós, usado pelos gramáticos Cunha e Cintra (2001) para ilustrar a seguinte afirmação sobre a colocação pronominal (p. 309): "Sendo o pronome átono objeto direto ou indireto do verbo, sua posição lógica normal, é a ênclise":

- (13) Na segunda-feira, ao ir ao Morenal, parecera-*lhe* sentir pelas costas risinhos a escarnêa-*la*.

(*Eça de Queirós, O, I, 124 apud Cunha; Cintra, 2001, p. 309*)

Inúmeros estudos linguísticos já atestaram, contudo, que a ênclise em PB ocorre apenas em situações controladas, em alguns tipos de escrita e em situações de falas monitoradas. E, mesmo quando a ênclise ocorre, ela se restringe particularmente ao contexto de grupos verbais com infinitivo (14) e gerúndio (15)¹⁴ (Calindro, 2009; 2012).

- (14) Maria irá encontrá-*lo*.

- (15) As visitas foram retirando-*se*.

(*Rocha Lima, 1962, p. 480*)

Verificamos a variação com o gerúndio também nos dados de *O Alquimista*:

14

Lobo (1992) verificou em seus dados 60% de ocorrência de ênclise quando o clítico é objeto de um gerúndio. Porém, a autora também observa que a maioria dos gerúndios apareceu nos dados em início de sentença, o que poderia também explicar a preferência pela ênclise.

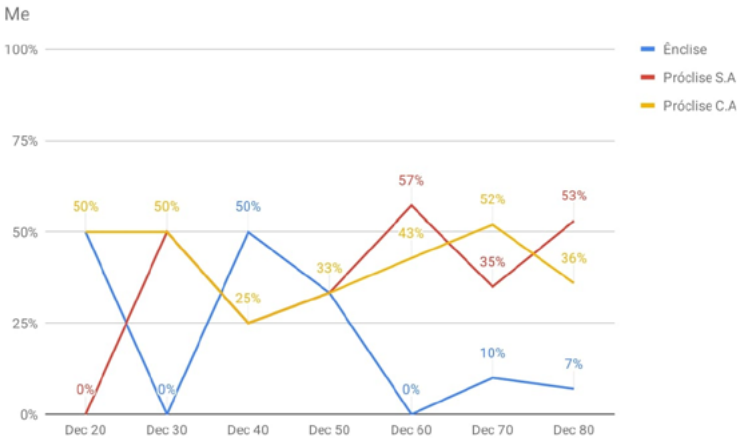
- (16) a. Os cavalos vão se cansando aos poucos (PB)
b. Os cavalos vão-se cansando aos poucos (PB)
(Torres Moraes; Ribeiro, 2005, p. 38)

Além disso, é muito comum a ocorrência de hipercorreção, em dados nos quais os brasileiros fazem ênclise em contextos com atratores de próclise, como verificamos em (17) (para mais detalhes, cf. Calindro, 2009; 2012).

- (17) Ela não entregou-me o livro.

Barbosa e Paiva de Carvalho (2025) verificaram a ocorrência e colocação de clíticos em um *corpus* escrito de periódicos, do acervo da Biblioteca Nawional do Rio de Janeiro, publicados no século XX. Até o presente momento, foram analisados dados entre as décadas de 20 e 60. Como podemos conferir nos gráficos 1 e 2 a seguir, verifica-se a presença de ênclise, porém cada vez mais em queda, e com o notável aumento da próclise com atrator (c.a) e sem (s.a)¹⁵:

Gráfico 1 – Colocação do clítico *me* no periódico A Noite - Arquivo da BNRJ

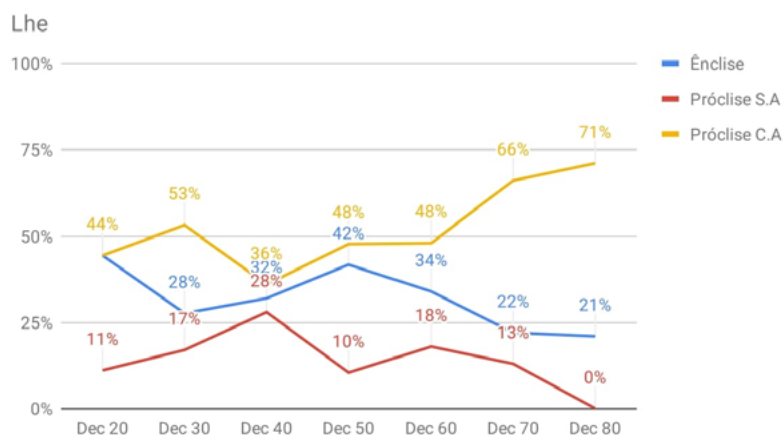


Fonte: Barbosa e Paiva de Carvalho (2025, s.p.).

15 Por se tratar de um *corpus* jornalístico, foram encontrados, pelo menos até o momento, poucos dados do clítico de 2ª p. te.

Comparativamente, é interessante notar que, com o clítico *lhe* de terceira pessoa, a ênclise sofre uma queda na década de 30 e depois retorna na década de 60. Em trabalhos futuros, pretende-se analisar as outras décadas desse século e espera-se verificar uma queda contínua no uso deste elemento, pois, como já apontado por Calindro (2015), mesmo em dados escritos, o clítico *lhe* praticamente desapareceu do PB. Porém, é notável que, em comparação ao clítico *me*, a ênclise é mais usada com o *lhe*.

Gráfico 2 – Colocação do clítico *lhe* no periódico *A Noite* - Arquivo da BNRJ



Fonte: Barbosa e Paiva de Carvalho (2025, s.p.).

Supomos que o *lhe* como o padrão enclítico aparece mais em dados escritos devido à prescrição normativa. Como vimos na citação de Cunha e Cintra (2001), apesar de o uso generalizado da próclise ser verificado em PB desde o século XIX, a prescrição ainda advoga pela ênclise. Da mesma forma, apesar de a literatura já ter atestado a queda do *lhe* de 3ª pessoa em PB, ele também ainda configura no quadro de pronomes nas gramáticas normativas.

Por fim, uma outra possível explicação para a fixação da próclise em PB é o contato linguístico, uma vez que o PB foi formado em um ambiente multilíngue, como vem sendo explorado por inúmeros trabalhos linguísticos (cf. Petter, 2015; Negrão; Viotti, 2014, 2020; Avelar; Galves, 2014, entre outros). Acerca da relação entre PB, PE e as variedades africanas do português, por exemplo, Calindro, Alves e Martins (2024) identificaram que é possível pensar em um *continuum* entre línguas mais e menos proclíticas ([+proclíticas] e [-proclíticas]):

(-proclíticas)

PE > Português São-Tomense > Português de Moçambique > Português de Angola > PB

(+proclíticas)

Segundo os autores, os dados dessas variedades revelam que, quanto mais tempo o português vem sendo adquirido como L1 pela população, mais a tendência dela de se distanciar da língua do colonizador, o PE, e se aproximar mais de outros padrões, como o do PB. Observamos, no *continuum*, a proximidade do português de Angola ao PB, e, de fato, Angola é o país africano em que primeiro o português começou a se desenvolver. Já o português são-tomense passou a ser usado extensamente somente no século XXI, e ainda disputa lugar com as línguas autóctones de São Tomé. Logo, assume-se que possui mais características de L2 que de L1, portanto, essa pode ser a razão de essa variedade ser a mais próxima ao PE, uma vez que apresenta ênclise generalizada, quando não há atrator de próclise.

Ademais, Baxter, Mello e Santana (2014) observam que elementos com características fonológicas mais fracas, como as preposições e os clíticos, são mais suscetíveis a sofrerem mudanças em situação de contato, o que contribui com a hipótese de as situações de contato terem contribuído para as mudanças no PB discutidas neste capítulo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este capítulo discutiu a interface entre sintaxe e fonologia a partir da análise da colocação pronominal em português, com foco no português brasileiro, à luz dos pressupostos da teoria gerativa e da fonologia prosódica. Argumentou-se que a organização prosódica, especialmente no domínio da palavra prosódica, é fundamental para a compreensão dos diferentes padrões de cliticização observados em português.

A comparação entre o PB e o PE evidenciou que a predominância da próclise no PB resulta de um percurso histórico próprio, envolvendo mudanças no direcionamento da cliticização, no enfraquecimento da flexão verbal e na reorganização das relações entre sintaxe e fonologia. Os dados analisados mostram ainda que a manutenção da ênclise em certos contextos do PB está fortemente associada à prescrição normativa, e não aos usos efetivos da língua.

Por fim, destacou-se o papel do contato linguístico na formação do PB, considerando-se que o português foi inicialmente adquirido como L2 e posteriormente transmitido como L1, o que pode ter favorecido mudanças que afetam especialmente elementos fonologicamente fracos, como os clíticos. Esses resultados reforçam a importância de abordagens interdisciplinares para a descrição do português e trazem implicações relevantes tanto para a teoria linguística quanto para o ensino de português como L1 e L2.

REFERÊNCIAS

AVELAR, Juanito; GALVES, Charlotte. O papel das línguas africanas na emergência da gramática do português brasileiro, *Linguística*, v. 30, n. 2, p. 241-288, 2014.

BARBOSA, Julyene; PAIVA DE CARVALHO, Paiva de Carvalho. Um panorama diacrônico da manutenção dos clíticos de primeira e segunda pessoa no português brasileiro. *In: XIV SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ – SIAC*, 2025.

BAXTER, Alan Norman; MELLO, Camila Ferreira de; SANTANA, Natali Gomes de. A construção de objeto duplo e as influências do substrato no português afro-brasileiro (e africano). **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, São Paulo, v. 24, n. 2, p. 283-306, 2014.

BIBERAUER, Theresa; ROBERTS, Ian. Parameter setting. *In: LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian (eds.). The Cambridge handbook of historical syntax*. Cambridge: CUP, 2017. p. 134-162.

BISOL, Leda. Sândi Vocálico Externo: Degeminação e Elisão. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 23, p. 83-101, 1992.

BISOL, Leda. O clítico e seu status prosódico. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.

BORGES NETO, José. O empreendimento gerativista. *In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à linguística*. São Paulo: Cortez, 2004. p. 93-130.

CALINDRO, Ana. **A colocação dos pronomes clíticos na imprensa negra e majoritária de Piracicaba**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, 2009.

CALINDRO, Ana. A colocação dos pronomes clíticos em periódicos do início do século XX. *In: SANTIAGO ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; HERNANDES, Maria Célia (Orgs.) Para a História do Português Paulista*, v. 3, Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, 2012. p. 171-197.

CALINDRO, Ana. **Introduzindo argumentos**: uma proposta para as sentenças ditransitivas do português brasileiro. 2015. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CALINDRO, Ana; ALVES, Matheus Gomes; MARTINS, Adriana Leitão. Colocação pronominal em português: uma proposta para um contínuo luso-afro-brasileiro. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 62, p. 280-302, maio/ago. 2024.

CALINDRO, Ana; CORR, Alice. Linguística, ensino e a perspectiva do professor: um primeiro olhar. **Revista Linguística**, v. 17, n. 2, p. 57-83, 2021.

CALINDRO, Ana; RODRIGUES, Patrícia. Pronomes pessoais e mudança linguística na sala de aula: uma abordagem concreta. *In*: GUESSE, Simone; RECH, Núbia (Orgs.) **Gramática e Aquisição**: propostas para o professor da educação básica. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 75-130.

CARNIE, Andrew. **Syntax**: a generative introduction. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2013.

CHOMSKY, Noam. **Syntactic Structures**. The Hague: Mouton, 1957.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language**. New York, NY: Praeger, 1986.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CYRINO, Sonia. Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. São Paulo: Contexto, 1993. p. 207-222.

CYRINO, Sonia. **O objeto nulo no português do Brasil**: um estudo diacrônico. Londrina: Editora da UEL, 1997.

DUARTE, Inês; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina. The null subject. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (eds.). **The handbook of Portuguese Linguistics**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2016. p. 234-253.

FARACO, Carlos. Ensinar x Não ensinar gramática: ainda cabe essa questão?. **Calidoscópio**, v.4, n. 1, p. 15-26, jan/abr, 2006.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. **Norma linguística**. São Paulo: Contexto, 2017.

FRANÇA, Aniela; SILVANO, Emily; MARTINS, Silas. Neurociência da Linguagem. *In*: FRANÇA, Aniela. (ed.). **Linguística para a fonoaudiologia**: interdisciplinaridade aplicada. São Paulo: Editora Contexto, 2022, p.159-186.

FROTA, Sônia. **Clashes and Prosodic Domains in EP**. Proceedings 19. Institute of Phonetic Sciences, University of Amsterdam, p. 93-107, 1995.

GALVES, Charlotte. A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro. *In*: CASTILHO, Ataliba; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; LOPES, Ruth; CYRINO, Sônia. (eds.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Ed. Pontes, 2007. p. 513-552.

GALVES, Charlotte. Mudança sintática no português brasileiro. **Cuadernos da Alfal**, v. 12, n. 2, p. 17-43, 2020.

GALVES, Charlotte; ABAURRE, Bernadete. Os clíticos no português brasileiro: elementos para uma abordagem sintático-fonológica. *In*: CASTILHO, Ataliba; BASÍLIO, Margarida (orgs.) **Gramática do Português Falado**, v. 4, Estudos Descritivos. Campinas: Ed. Unicamp, 1996. p. 267-312.

GALVES, Charlotte; TORRES MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. Syntax and Morphology in the Placement of Clitics in European and Brazilian Portuguese. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 2, p. 143- 177, 2005.

KATO, Mary. Gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. *In*: MARQUES, Maria A. et al. (org.). **Ciências da linguagem**: trinta anos de investigação e ensino. Braga: CEHUM, Universidade do Minho, 2005. p. 131-145.

HAUSER, Marc.; CHOMSKY, Noam; FITCH, Tecumseh. The Faculty of Language: What is it, Who has it, and How did it Evolve?. **Science**, v. 298, p. 1569-1579, nov. 2002.

HOLMBERG, Anders. Null subject parameters. *In*: BIBERAUER, Theresa et al. (org.). **Parametric variation**: null subjects in minimalist theory. Cambridge: Cambridge University Press, 2010. p. 88-124.

HOLMBERG, Anders. Universal Grammar. *In*: LEDGEWAY, Adam; ROBERTS, Ian (eds.), **The Cambridge handbook of historical syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

LOBO, Tânia. **A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto**. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado, 1992.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani. Brazilian Portuguese as a transatlantic language. **Interdisciplinary Journal of Portuguese Diaspora Studies**, v. 3, p. 135–153, 2014.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati; VIOTTI, Evani. Abordando a emergência das peculiaridades do sujeito do português brasileiro. **Cuadernos de la ALFAL**, v. 12, p. 174-198, 2020.

NESPOR, Maria; VOGEL, Irene. **Prosodic phonology**. Dordrecht: Foris, 1986.

NUNES, Jairo. Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em português brasileiro. *In*: ROBERTS, Ian; KATO, Mary (Orgs.). **Português brasileiro**: uma viagem diacrônica. São Paulo: Contexto, 1993. p. 207-222.

PETTER, Margarida. Ampliando a investigação do *continuum* afrobrasileiro de português. **Papia: Revista Brasileira de Estudos do Contato Linguístico**, v. 25, n. 2, p. 305-317, 2015.

ROBERTS, Ian. **Diachronic Syntax**. Oxford University Press, 2007.

ROBERTS, Ian. **Beginning Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2023.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1957.

SANTOS, Raquel; VIGÁRIO, Marina. The phonology - syntax interface. *In*: WETZELS, Leo; COSTA, João; MENUZZI, Sergio (eds.). **The handbook of Portuguese Linguistics**. Hoboken: John Wiley and Sons, 2016.

SIMIONI, Taíse. O clítico e seu lugar na hierarquia prosódica em português brasileiro. **Alfa**, v. 52, n. 2, p. 431-446, 2008.

TONELI, Priscila. **A palavra prosódica no Português Brasileiro**: o estatuto prosódico das palavras funcionais. MA thesis, Universidade Estadual de Campinas, 2009.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; RIBEIRO, Ilza. Contraste da sintaxe dos clíticos no português europeu e português brasileiro. **Linha D'Água**, v. 17, p. 19-47, 2005.

VIGÁRIO, Marina. **The Prosodic Word in European Portuguese**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

3

*Gabriela Abreu
Adriana Leitão Martins*

O PRÉSENT SIMPLE DO FRANCÊS DA FRANÇA E OS SEUS VALORES ASPECTUAIS

INTRODUÇÃO¹

Segundo Comrie (1985), as categorias de tempo (*tense*) e aspecto (*aspect*), embora distintas, possuem interseções. Por exemplo, em "*Jean a mangé le gâteau*" ('João comeu o bolo') e "*Jean mangeait le gâteau*" ('João comia o bolo'), ambas as sentenças compartilham o mesmo valor temporal de passado, mas divergem quanto ao valor aspectual, ou seja, ao modo de visualização temporal interna dessas duas situações.

Aspecto gramatical pode ser veiculado nas diferentes línguas por meio de morfologias verbais. No português do Brasil (doravante PB)², os aspectos imperfectivo contínuo e imperfectivo habitual podem ser expressos pelas morfologias progressiva e não progressiva, respectivamente, como em "João está comendo bolo" e "João come bolos". Por outro lado, no francês, esses dois aspectos podem ser expressos pela mesma forma verbal, como em "*Jean mange le gâteau*" ('João come o bolo' ou 'João está comendo o bolo').

A forma verbal de presente simples, também descrita na literatura como presente do indicativo, pode ser utilizada nas línguas para veiculação de diversos aspectos (Smith, 1997; Bruchard, 1989). Especificamente no PB, Abreu (2025) verificou que o presente simples é preferencialmente utilizado para veicular hábitos, mesmo sem advérbio com esse valor aspectual.

1 Este trabalho configura-se como um recorte dos resultados obtidos e registrados na dissertação "A oposição perfectivo/imperfectivo na forma verbal de presente simples no português e no francês", defendida por Gabriela Abreu, primeira autora deste capítulo, sob orientação de Adriana Leitão Martins, segunda autora do capítulo, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro em fevereiro de 2025.

2 Restringimos o presente estudo à investigação do português brasileiro. No português europeu, a morfologia progressiva utilizada para a veiculação de imperfectivo contínuo é distinta, como se vê em "João está a comer bolo".

Diante disso, questionamos como se dá a associação dessa mesma forma verbal, chamada de *présent simple* no francês, a diferentes valores aspectuais no francês. Mais especificamente, o objetivo deste estudo é investigar se o *présent simple* no francês da França (doravante FF) pode veicular os valores aspectuais de perfectivo, imperfectivo habitual e imperfectivo contínuo e a quais desses valores aspectuais tal forma verbal é mais comumente associada. As hipóteses desta pesquisa são: (i) o *présent simple* é associado aos aspectos perfectivo e imperfectivo no FF em sentenças com uma oração, e (ii) há maior associação do *présent simple* do FF ao aspecto imperfectivo habitual em sentenças com uma oração sem advérbio. Justificam-se tais hipóteses com base nos resultados obtidos em Abreu (2025) acerca dos valores aspectuais do presente simples no PB.

Este capítulo está organizado em cinco seções. Na próxima seção, apresentam-se os pressupostos teóricos do estudo. Na seguinte, explicita-se a metodologia empregada para atingir o objetivo delineado. Na quarta seção, expõem-se os resultados e as análises empreendidas. Finalmente, na última seção, encontram-se as considerações finais.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

ASPECTO

De acordo com Comrie (1976), aspecto diz respeito à possibilidade da visualização da constituição temporal interna de uma situação e divide-se em aspecto gramatical e aspecto semântico.

O aspecto gramatical é comumente transmitido através da morfologia verbal e pode ser dividido entre perfectivo e imperfectivo (Comrie, 1976). Segundo o autor, o primeiro possibilita a visualização da situação como um todo completo, isto é, sem distinção das fases internas de uma situação, como em (1).

(1) Daniel **pintou** um quadro.

O aspecto imperfectivo, por outro lado, permite a visualização da(s) fase(s) interna(s) de uma situação (Comrie, 1976). Além disso, segundo o autor, tal aspecto também é dividido em contínuo, que se refere a situações em andamento em determinado período de tempo, veiculado seja por morfologia progressiva ou não progressiva, como em (2), e em habitual, que se refere a uma situação homogênea característica de um período de tempo, veiculado por uma locução verbal ou por uma forma verbal simples, como em (3).

(2) Laura **está estudando** / **estuda** português (agora).

(3) Laura **costuma estudar** / **estuda** português.

Destacamos que ambos os subtipos de aspecto imperfectivo, contínuo e habitual, quando associados ao tempo presente, podem ser expressos pela morfologia de presente simples, como se observa nos exemplos acima. A versatilidade dessa forma verbal no francês será abordada mais adiante, na subseção intitulada "A forma verbal de *présent simple*".

O aspecto semântico é transmitido através da constelação verbal, isto é, através da semântica do verbo, seus argumentos e seus adjuntos (Smith, 1997). Seguindo esse entendimento, a autora, por exemplo, propôs uma classificação verbal em 5 tipos com base em três traços: estatividade (-dinâmico), duratividade (-pontual) e telicidade (+ponto final inerente), conforme o quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Classificação dos tipos de verbo proposta por Smith (1997)

	Estatividade	Duratividade	Telicidade
Estado	+	+	///
Atividade	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	-	+	+
<i>Achievement</i>	-	-	+
Semelfactivo	-	-	-

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

De acordo com o quadro acima, Smith (1997) argumenta que os verbos de estado são estativos e durativos, como em “Lucas amou Maria”. Já os verbos de atividade são durativos, mas não são estativos ou télicos, ou seja, não possuem um final inerente ou determinado, como em “Paulo correu na praia”. Os verbos de *accomplishment* não são estativos, mas são durativos e télicos, como em “Julia comeu uma maçã”. Os verbos de *achievement* são télicos, mas não são estativos ou durativos, como em “Fernando ganhou uma corrida”. Por último, os verbos semelfactivos não são estativos, durativos ou télicos, como em “Vitória bateu à porta”.

Destacamos o traço de telicidade neste estudo, uma vez que este se relaciona com os valores de perfectividade e imperfectividade (Freitag, 2011). De acordo com a autora, há uma relação entre imperfectividade e atelicidade e perfectividade e telicidade. Assim, é possível que a forma verbal de presente simples empregada em sentenças atéticas ou téticas possa fazer emergir leitura imperfectiva ou leitura perfectiva, respectivamente.

De acordo com Wachowicz (2008) e Lourençoni (2014), no português, o traço de telicidade pode ser expresso por meio de um complemento direto delimitado, por um sintagma preposicional delimitador ou por meio da combinação dos dois anteriores, como,

respectivamente, nos exemplos de (4) a (6) a seguir retirados de Gomes, Martins e Rodrigues (2022, p. 147):

- (4) João nadou **50 metros**.
- (5) João nadou **até o fim da piscina**.
- (6) João nadou **50 metros até o fim da piscina**.

Gomes, Martins e Rodrigues (2022) apontam que o complemento direto delimitado pode limitar um evento, isto é, colocar um ponto final ou culminado ao evento, uma vez que um sintagma nominal introduzido por um determinante pode atribuir quantificação ainda que imprecisa. Dessa forma, em sentenças télicas, segundo os autores, pode-se ter complementos delimitadores introduzidos por numerais, como em (4) e (6), por determinantes singulares definidos ou indefinidos, como em “Gabriel comeu a/uma maçã”, ou por determinantes plurais definidos ou indefinidos, como em “Gabriel comeu as/umas maçãs”, ambos interpretados como verbos de *accomplishment*. Já a ausência de determinantes introduzindo o complemento, por outro lado, geraria uma interpretação atélica da sentença, como em “Gabriel comeu maçãs”, interpretado como verbo de atividade.

Seguindo essa perspectiva e a argumentação de Freitag (2011), pode-se supor que verbos de atividade no *présent simple*, por serem atélicos, estariam relacionados a interpretações imperfectivas, mais abertas, e verbos de *accomplishment* no *présent simple*, como aqueles cujos argumentos internos são introduzidos por determinantes definidos ou indefinidos, por serem télicos, estariam relacionados ao valor perfectivo. Reitera-se que essa relação foi levada em consideração na elaboração da metodologia deste trabalho a fim de investigar os valores aspectuais veiculados por verbos no *présent simple*.

A FORMA VERBAL DE *PRÉSENT SIMPLE*

Segundo Bruchard (1989), a forma verbal de presente simples pode ser usada para expressar passado, presente e futuro e, por isso, pode ser associada a diferentes aspectos em línguas como português e francês. É consenso entre diversos linguistas e gramáticos que o *présent simple* pode se associar ao valor de imperfectividade, isto é, à leitura aberta em termos de temporalidade interna da situação (Breyman, 1880; Bruchard, 1989; Comrie, 1976; Smith, 1997; Navakova, 2001; Delatour *et al.*, 2004; Gallotti, 2004; Grégoire; Thiévenez, 2013; Moreira, 2020).

Delatour *et al.* (2004, p. 121-122), na *Nouvelle Grammaire du Français*, exemplifica o uso do *présent simple* para expressar: (i) situações em andamento, como em (7), (ii) hábitos, como em (8), (iii) situações que tiveram início no passado e persistem até o presente, como em (9), (iv) situações de futuro próximo, como em (10), dentre outros.

- (7) *Les enfants **jouent** au ballon dans le parc.*
'As crianças estão jogando bola no parque.'
- (8) *Je **dors** toujours la fenêtre ouverte.*
'Eu sempre durmo com a janela aberta.'
- (9) *John **est** à Paris depuis plusieurs mois.*
'John está em Paris há vários meses.'
- (10) *Dépêchez-vous! Le film **commence** dans quelques minutes.*
'Apreste-se! O filme começa em alguns minutos.'

Além de valores aspectuais imperfectivos, há autores como Bruchard (1989), Smith (1997) e Delatour *et al.* (2004) que argumentam que o *présent simple* também é utilizado na expressão do aspecto perfectivo, isto é, pode ser interpretado como veiculador de leituras fechadas em termos de temporalidade interna da situação,

como na expressão de: (i) presente histórico ou narrativo, como em (11), exemplo de Bruchard (1989, p. 129) e (ii) inceptividade, como em (12)³, exemplo de Smith (1997, p. 201).

- (11) *En 1822, le Brésil **devient** indépendant.*
'Em 1822, o Brasil **torna-se** independente.'
- (12) *Marie **sourit** toujours quand Paul arrive à la maison.*
'Marie sempre **sorri** quando Paul chega em casa.'

A seguir, resumem-se, no quadro 2, os valores aspectuais associados à forma verbal de *présent simple* de acordo com a literatura consultada. Como verificado nesse quadro, o *présent simple*, que pode veicular diferentes tempos, como passado, presente e futuro, pode também ser associado a valores aspectuais distintos no francês. Inclusive, de acordo com Bruchard (1989), em função disso, há dificuldade de determinação do valor aspectual associado a essa forma verbal, o que justifica a pertinência da presente pesquisa.

Quadro 2 – Veiculação perfectivo/imperfectivo do *présent simple* no francês

<i>Présent simple</i> e valores aspectuais	Bruchard (1989)	Delatour <i>et al.</i> (2004)	Gallotti (2004)	Grégoire e Thiévenez (2013)	Moreira (2020)	Navakova (2001)	Smith (1997)
Perfectivo	X	X					X
Imperfectivo	X	X	X	X	X	X	X

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Em recente estudo sobre o PB, Abreu (2025) verificou que o presente simples está a serviço de ambos os aspectos, perfectivo e imperfectivo, tendo, porém, maior associação ao valor de imperfectividade e, mais especificamente, maior associação ao imperfectivo habitual em sentenças sem advérbio ou expressão adverbial. A partir

3 Cabe esclarecer que, para Smith (1997), o aspecto inceptivo, ou seja, a expressão do início da situação, é uma maneira de descrever a situação como um bloco fechado, sendo assim, perfectivo.

disso, questionamos como se dá a associação aspectual a essa mesma forma verbal no francês e buscamos responder às seguintes perguntas norteadoras: (i) A associação de *présent simple* aos valores de perfectividade e imperfectividade é uniforme ou há diferença como no PB?, (ii) O *présent simple* também é mais associado ao aspecto imperfectivo como no PB? e (iii) Os falantes do FF associam mais o *présent simple* ao aspecto imperfectivo do subtipo habitual em sentenças sem advérbio como os falantes do PB?

METODOLOGIA

A metodologia deste estudo consistiu do empreendimento de um experimento *offline* de interpretação de sentenças formadas por uma oração, aplicado a 6 falantes nativos do francês da França com idades entre 18 e 60 anos e ensino superior (in)completo. A tarefa era ler as sentenças e selecionar apenas uma, dentre quatro opções de paráfrase, que melhor se adequava à sentença previamente apresentada. Dentre essas quatro opções de respostas, duas eram paráfrases que indicavam interpretação imperfectiva, uma voltada para o contínuo e outra para o habitual, e outras duas paráfrases remetiam a significados associados ao valor perfectivo.

A expectativa era de que a incidência maior de resposta fosse de paráfrases imperfectivas, seguindo os achados de Abreu (2025) acerca do PB e tendo em vista que todos os autores revisados na subseção anterior concordam sobre a veiculação de imperfectividade pelo *présent simple*, mais do que de perfectividade. Além disso, havia ainda uma expectativa de que as sentenças fossem mais interpretadas como imperfectivo contínuo no FF em função de descrições dessa forma verbal apresentadas por Navakova (2001) e Moreira (2020).

O experimento, adaptado da versão em português de Abreu (2025), continha 36 sentenças no total, sendo 18 sentenças alvo e 18 sentenças distratoras, não havendo repetição de verbos das sentenças alvo. Todas as sentenças foram pseudorandomizadas, ou seja, organizadas a fim de evitar duas sentenças alvo seguidas e sentenças da mesma condição experimental em sequência. As sentenças alvo foram divididas em metade compostas por verbos de atividade e metade com verbos de *accomplishment* acompanhados de complemento introduzido por determinante definido ou indefinido, conforme as argumentações de Freitag (2011) e Gomes (2022).

O experimento foi constituído por 6 condições experimentais, que se diferenciavam em função de advérbios e tipos de verbo empregados na sentença, com 3 sentenças para cada condição. As condições foram: (i) sem advérbio e *accomplishment* (SAAC); (ii) sem advérbio e atividade (SAAT); (iii) com advérbio "*toujours*" ('sempre') e *accomplishment* (CSAC); (iv) com advérbio "*toujours*" ('sempre') e atividade (CSAT); (v) com expressão adverbial "*tous les jours*" ('todos os dias') e *accomplishment* (CTAC); e (vi) com expressão adverbial "*tous les jours*" ('todos os dias') e atividade (CTAT). A motivação para a elaboração de condições sem advérbios (condições 1 e 2) e com advérbios (condições 3, 4, 5 e 6) foi o fato de termos como objetivo verificar a possibilidade da emergência de uma maior gama de interpretação aspectual da forma verbal de *présent simple* na ausência de expressões adverbiais em função do fato de determinados advérbios limitarem a interpretação de sentenças com o verbo no *présent simple*.

O quadro 3 a seguir ilustra o *design* experimental, sintetizando as condições e as configurações sintáticas de cada paráfrase, sendo duas relacionadas ao perfectivo e duas ao imperfectivo. Em seguida, apresenta-se, na figura 1, uma sentença alvo e as opções de resposta.

Quadro 3 – Design experimental + construções sintáticas das paráfrases do experimento

<i>Présent simple</i> + sem advérbio		<i>Présent simple</i> + <i>toujours</i> (sempre)		<i>Présent simple</i> + <i>tous les jours</i> (todos os dias)	
Atividade	<i>Accomplishment</i>	Atividade	<i>Accomplishment</i>	Atividade	<i>Accomplishment</i>
SAAT	SAAC	CSAT	CSAC	CTAT	CTAC
Paráfrase - imperfeito contínuo: <i>en train de</i> + <i>infinitif</i>					
Paráfrase - imperfeito habitual: <i>habituellement</i> / <i>généralement</i>					
Paráfrase - perfeito: <i>passé composé</i>					
Paráfrase - perfeito: <i>plus que parfait</i>					

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Figura 1 – Exemplo de sentença alvo da condição sem advérbio + verbo de atividade

Pedro peint le cahier.

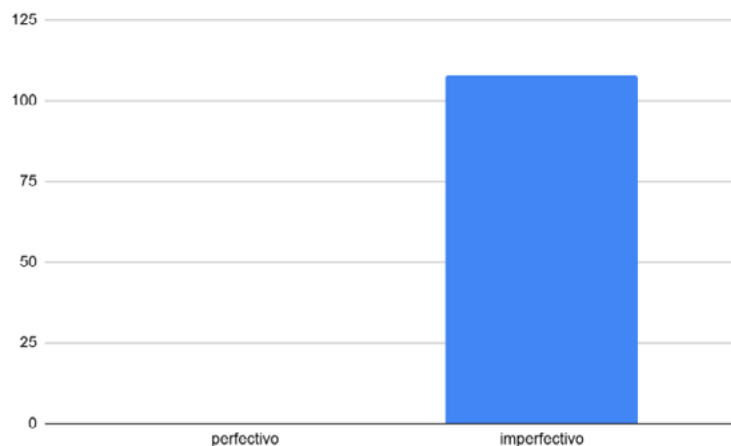
- ☐ (a) Pedro est en train de peindre son cahier.
- ☐ (b) Pedro peint habituellement son cahier.
- ☐ (c) Pedro a peint le cahier.
- ☐ (d) Pedro avait peint le cahier.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

RESULTADO E ANÁLISE

A aplicação do experimento a 6 falantes nativos da França resultou em 108 dados no total nas sentenças das condições experimentais. Para a análise dos dados, elaboraram-se gráficos considerando-se a oposição perfectivo e imperfeito e também gráficos considerando-se as associações aspectuais em cada condição aplicada no experimento, ou seja, considerando-se o tipo de verbo e a presença ou ausência de advérbio ou expressão adverbial. Todas as 108 paráfrases selecionadas (100% das respostas) veiculavam o aspecto imperfeito, como exemplificado no gráfico 1.

Gráfico 1 – Oposição perfectivo/imperfeito nos dados obtidos

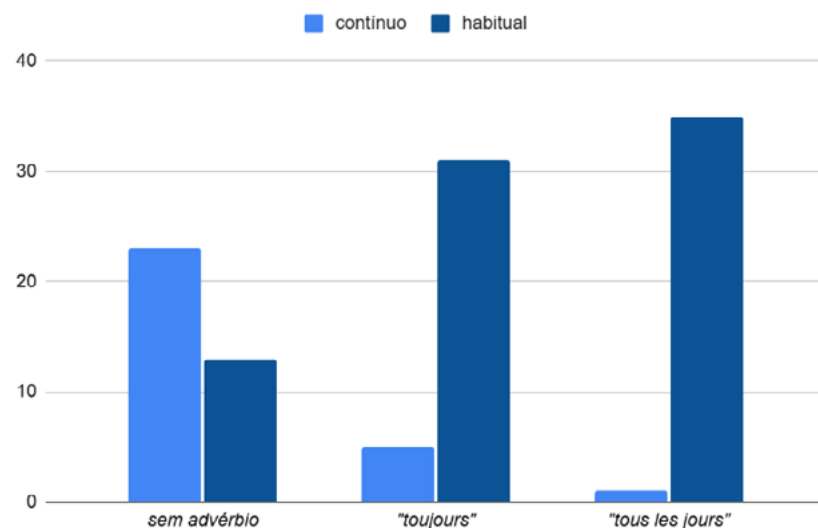


Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Observa-se que, no FF, há exclusividade de interpretação imperfectiva do *présent simple* na presença e ausência de advérbios e expressões adverbiais, como visto no gráfico 1. Diante da ausência de interpretação perfectiva, verificamos a veiculação dos valores aspectuais de imperfeito contínuo e habitual associados ao *présent simple*.

Considerando mais detalhadamente o imperfeito e seus subtipos contínuo e habitual, obtiveram-se 23 paráfrases de contínuo (63,89%) e 13 paráfrases de habitual (36,11%) na condição "sem advérbio", 5 paráfrases de contínuo (13,89%) e 31 paráfrases de habitual (86,11%) na condição "*toujours*" e 1 paráfrase de contínuo (2,78%) e 35 paráfrases de habitual na condição "*tous les jours*" (97,22%), como pode ser visto no gráfico 2.

Gráfico 2 – Oposição contínuo/habitual considerando presença/ausência de advérbios/expressões adverbiais



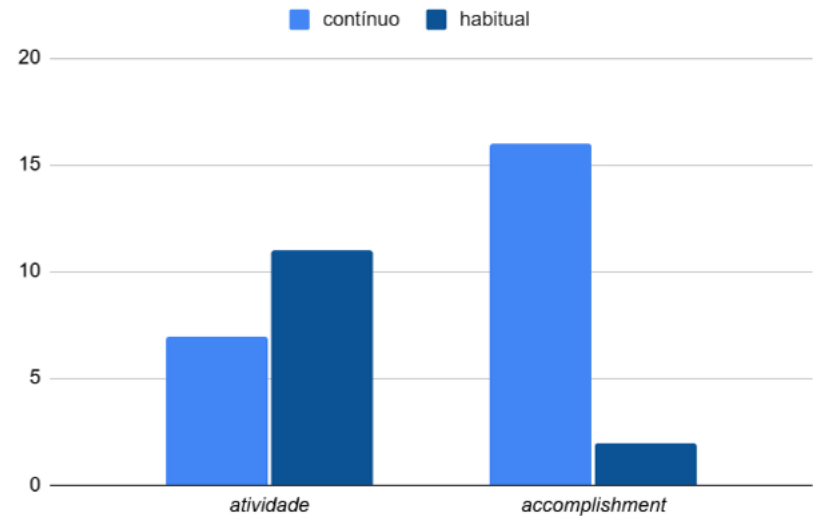
Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

A partir desse gráfico, observa-se que, quando não há advérbio na sentença, há maior interpretação de contínuo, indicando que o *présent simple* no FF talvez tenha como interpretação *default*, ou valor não marcado, o valor aspectual de contínuo.

Considerando-se os tipos de verbo, observaram-se, nas sentenças da condição "sem advérbio" formadas com verbos de atividade, 11 paráfrases de contínuo (61,11%) e 7 paráfrases de habitual

(38,89%) e, nas sentenças da condição "sem advérbio" formadas com verbos de *accomplishment*, 16 paráfrases de contínuo (88,89%) e 2 paráfrases de habitual (11,11%), como apresentado no gráfico 3 e ilustrado pelo contraste entre os exemplos de estímulos dessas diferentes condições apresentados em (13) e (14).

Gráfico 3 – Paráfrases selecionadas segundo os tipos de verbo na condição "sem advérbio"



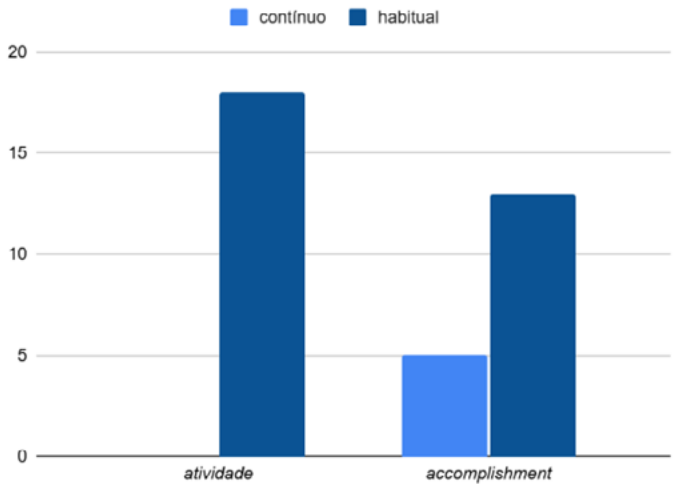
Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

- (13) *Juliana **danse** le jazz au gymnase.* ('Juliana **dança** jazz na academia')
(Atividade = 2 paráfrases de contínuo e 4 paráfrases de habitual)
- (14) *Lucas **écrit** l'article scientifique.* ('Lucas **escreve** o artigo científico')
(Accomplishment = 4 paráfrases de contínuo e 2 paráfrases de habitual)

No FF, quando não há advérbio na sentença, há mais leitura de habitual do que de contínuo com verbos de atividade e mais leitura de contínuo do que de habitual com verbos de *accomplishment*. Isso parece ser consequência dos traços aspectuais semânticos das sentenças: se há traço [-téllico], há tendência de leitura de [+hábito] porque, em ambos os casos, embora [téllico] um seja traço aspectual semântico e [hábito], um traço aspectual gramatical, [-téllico] e [+hábito] estão associados a um valor aspectual menos delimitado, contribuindo para a interpretação de período de tempo estendido. Discute-se, ainda, que esses resultados ampliam a discussão apresentada em Freitag (2011) acerca da relação entre perfectivo e téllico de um lado e imperfectivo e atélico de outro. Os dados obtidos nesta pesquisa revelam que parece haver, na verdade, uma relação entre imperfectivo habitual e atelicidade, uma vez que a atelicidade das sentenças favoreceu especificamente esse valor de imperfectividade.

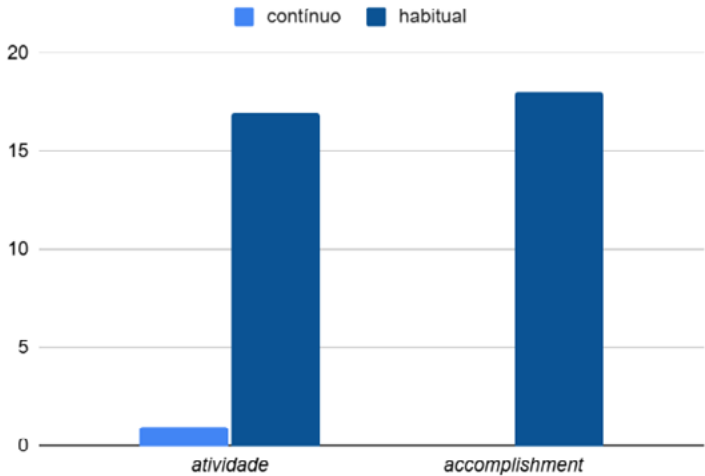
Já nas condições com os advérbios / expressões adverbiais "*toujours*" e "*tous les jours*", ainda ao se considerarem os tipos de verbo distintos, verificaram-se os seguintes resultados: (i) na condição "*toujours*", obtiveram-se 18 paráfrases de habitual (100%) com verbos de atividade e 5 paráfrases de contínuo (27,78%) e 13 paráfrases de habitual (72,22%) com verbos de *accomplishment*, como se observa no gráfico 4 e no contraste entre os exemplos em (15) e (16), e (ii) na condição "*tous les jours*", obtiveram-se 1 paráfrase de contínuo (5,56%) e 17 paráfrases de habitual (94,44%) com verbos de atividade e 18 paráfrases de habitual (100%) com verbos de *accomplishment*, como apresentado no gráfico 5 e ilustrado pelo contraste entre os exemplos em (17) e (18).

Gráfico 4 – Paráfrases selecionadas segundo os tipos de verbo na condição “*toujours*”



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Gráfico 5 – Paráfrases selecionadas segundo os tipos de verbo na condição “*tous les jours*”



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

- (15) *Roberta **chante** toujours sous la douche.* ('Roberta sempre **canta** no chuveiro')
(Atividade = 6 paráfrases de habitual)
- (16) *Sandra **regarde** toujours le film.* ('Sandra sempre **assiste** o filme')
(*Accomplishment* = 4 paráfrases de contínuo e 2 paráfrases de habitual)
- (17) *Guilherme **se promène** tous les jours sur la plage.* ('Guilherme **caminha** na praia todo dia')
(Atividade = 6 paráfrases de habitual)
- (18) *Patrícia **court** sur le tapis roulant tous les jours.* ('Patrícia **corre** na esteira todo dia')
(*Accomplishment* = 6 paráfrases de habitual)

Assim, no FF, quando há orações com o advérbio "*toujours*" ('sempre') e a expressão adverbial "*tous les jours*" ('todos os dias'), independentemente do tipo de verbo, há prevalência pela leitura de habitualidade possivelmente devido aos traços aspectuais marcados nos advérbios e, ainda que o *présent simple* possibilite leitura de habitualidade e de continuidade, o peso semântico do advérbio define a interpretação conferida à sentença. No exemplo em (16), porém, "*Sandra regarde toujours le film*", houve maior incidência de leitura de continuidade, o que demonstra como o *présent simple* no FF é, mesmo nesse contexto, possivelmente associado ao valor aspectual de contínuo.

Em resumo, há alguns pontos que podemos destacar dos resultados. Em primeiro lugar, diferentemente do encontrado por Abreu (2025) no PB, no FF, o *présent simple* não foi associado ao aspecto perfectivo nas sentenças experimentais, que eram constituídas por uma oração. Além disso, considerando-se a condição "sem advérbio", o *présent simple* foi mais associado ao aspecto imperfectivo do subtipo contínuo (63,9% na condição sem advérbio),

não seguindo o padrão do PB de maior associação ao habitual (66,3% na mesma condição), e, ainda, nessa mesma condição, houve maior interpretação de imperfeito habitual em sentenças formadas por verbos de atividade e de imperfeito contínuo em sentenças formadas por verbos de *accomplishment*.

Reconhece-se ainda que a ausência de incidência de respostas de perfectivo nos dados experimentais obtidos possa ser decorrente do tempo passado associado ao perfectivo utilizado nos verbos das paráfrases como opções de resposta dos experimentos. Em outras palavras, é possível que o tempo, e não o aspecto, das paráfrases tenha sido definidor para os participantes escolherem sobretudo as paráfrases imperfectivas em detrimento das perfectivas. Ainda, uma segunda razão para a ausência de respostas de perfectivo nesta pesquisa pode ser dada pelo fato de terem sido coletados experimentalmente dados de apenas 6 participantes. Nesse sentido, discute-se que não se busca argumentar, com base nos resultados obtidos, que o *présent simple* em francês não possa veicular perfectividade. Nesse sentido, sustenta-se que os resultados deste trabalho não invalidam as descrições de Bruchard (1989), Smith (1997) e Delatour *et al.* (2004).

Cabe ainda discutir a interpretação *default* (ou não marcada) do *présent simple* no francês no que concerne aos diferentes valores imperfectivos: o habitual e o contínuo. Argumentamos que o valor *default* dessa forma verbal no francês seja a de imperfeito contínuo, uma vez que essa morfologia foi majoritariamente associada a esse valor aspectual na condição experimental sem advérbio. Esses resultados dialogam com o que Navakova (2001) argumenta acerca da preferência da morfologia não progressiva, como o *présent simple*, para expressar o imperfeito contínuo no francês e com os achados de Moreira (2020) acerca da relação entre o *présent simple* e o imperfeito contínuo nessa mesma língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo contribuir para a discussão acerca das oposições aspectuais básicas nas línguas e, mais especificamente, investigar a associação da forma verbal de *présent simple* aos valores de perfectividade e imperfectividade no FF. As perguntas norteadoras foram: (i) A associação de *présent simple* aos valores de perfectividade e imperfectividade é uniforme ou há diferença como no PB?, (ii) O *présent simple* é mais associado ao aspecto imperfectivo como no PB? e (iii) Os falantes do FF associam mais o *présent simple* ao aspecto imperfectivo do subtipo habitual em sentenças sem advérbio como os falantes do PB? Com base nos resultados obtidos em Abreu (2025) para o PB, adotaram-se como hipóteses deste trabalho que: (i) o *présent simple* é associado aos aspectos perfectivo e imperfectivo no FF em sentenças com uma oração, e (ii) há maior associação do *présent simple* do FF ao aspecto imperfectivo habitual em sentenças com uma oração sem advérbio.

Os resultados obtidos apontam para uma maior associação do *présent simple* ao aspecto imperfectivo, sendo o subtipo contínuo associado a essa forma verbal em maior proporção nas condições sem advérbio. Nas condições com o advérbio "*toujours*" e a expressão adverbial "*tous les jours*", houve mais associação ao habitual devido ao valor aspectual bem definido desses advérbios.

Os resultados também indicam que o tipo de verbo, seja atividade [-télico] ou *accomplishment* [+télico], não influenciaram na interpretação dos falantes entre imperfectivo e perfectivo, mas influenciaram na interpretação do subtipo de imperfectividade, habitual e contínuo. Nas sentenças sem advérbio / expressão adverbial formadas por verbos de atividade, os falantes fizeram maior associação do *présent simple* com o valor habitual, ao passo que nessas sentenças formadas por verbos de *accomplishment*, a forma verbal foi mais associada ao valor contínuo.

REFERÊNCIAS

ABREU, Gabriela. **A oposição perfectivo/imperfectivo na forma verbal de presente simples no português e no francês**. 2025, 154 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2025.

BREYMAN, Hermann. **French Grammar**. London: Macmillan, 1880.

BRUCHARD, Dorothée. O presente do indicativo no francês e no português—Contribuição para um estudo de análise contrastiva. **Fragmentos: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras**, v. 2, n. 2, p. 106-131, 1989.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976. 142 p.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

DELATOUR, Yves; JENNEPIN, Dominique; LÉON-DUFOUR, Michel; TEYSSIER, Brigitte. **Nouvelle Grammaire du Français**. Paris: Hachette, 2004.

FREITAG, Raquel Meister Ko. Aspecto inerente e passado imperfectivo no português: atuação dos princípios da persistência e da marcação. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 55, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4737>.

GALLOTTI, Letícia Tancredo. **O progressivo**: comparando o PB e o francês. 2004. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, 2004.

GOMES, Jean Carlos da Silva; MARTINS, Adriana Leitão; RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. Comprometimento linguístico de tempo e aspecto no envelhecimento saudável: considerações teóricas e metodológicas preliminares. **Revista da Abralin**, v. 21, n. 1, p. 1-26, 2022.

GRÉGOIRE, Maïa; THIÉVENAZ, Odile. **Grammaire Progressive du Français**. 3a ed. Paris: CLE International/Sejer, 2013.

LOURENÇONI, Débora. **O traço de telicidade e suas realizações no português do Brasil e no espanhol do Chile**. 2014. Monografia (Graduação em Letras Português – Espanhol) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/2036>.

MOREIRA, Sabrina Gomes da Silva. **A aquisição do aspecto imperfectivo contínuo no tempo presente por falantes do português do Brasil /L1 aprendizes do francês/L2.** 2020. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

NAVAKOVA, Iva. Fonctionnement comparé de l'aspect verbal en français et en bulgare. **Revue des études slaves**, tome 73, fascicule 1, p. 7-23, 2001.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect.** Dordrecht: Springer Science & Business Media, 1997. 349 p.

WACHOWICZ, Teresa. Telicidade e classes aspectuais. **Revista do GEL**, v. 5, n. 1, p. 57-68, 2008. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/rg/article/view/133>.

4

*Helena Bayer
Thais Lima Lopes
Adriana Leitão Martins*

OS VALORES ASPECTUAIS DAS PERÍFRASES GERUNDIVAS NO PRESENTE DO ITALIANO

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa fundamenta-se na teoria da linguística gerativa, corrente de estudos que defende que a linguagem é uma capacidade biológica e inata do ser humano, e não apenas resultante de um condicionamento social. Os estudos de base gerativista buscam compreender de que modo a linguagem está representada na mente do falante, assumindo a existência de uma Gramática Universal (GU) contendo todos os princípios das línguas naturais (Chomsky, 1986). Investigar a representação mental da linguagem seria, portanto, identificar o que está contido na GU.

A Cartografia Sintática (Cinque, 1999; 2006), que é uma vertente da gramática gerativa, mais especificamente da teoria de princípios e parâmetros, compreende que as categorias funcionais são universais, embora seus traços possam ser morfofossintaticamente realizados de maneiras distintas nas línguas. Sendo assim, investigar a expressão dos traços funcionais pode ser um caminho para a compreensão da sua representação mental.

O presente estudo dedica-se a analisar a categoria funcional de aspecto. O objetivo geral deste trabalho é contribuir para os estudos da representação de sentenças veiculadoras de traços aspectuais nas línguas. Mais especificamente, espera-se identificar, à luz das propostas da Cartografia Sintática, os valores aspectuais veiculados através das perífrases gerundivas – ou seja, perífrases formadas pelo verbo principal no gerúndio – com auxiliares no tempo presente na língua italiana, considerando os seguintes auxiliares: “*stare*” (‘estar’), “*andare*” (‘andar’) e “*venire*” (‘vir’).

Bertinetto (1998) diferencia as perífrases a depender de seus auxiliares, denominando “*perifrasi progressiva*” (‘perífrase progressiva’) aquela formada pelo auxiliar “*stare*” (‘estar’) e “*perifrasi continua*” (‘perífrase contínua’) as constituídas pelos auxiliares “*andare*”

('andar') e "*venire*" ('vir'). De acordo com o autor, apesar de certa afinidade de significado dada pela semelhança morfológica entre elas, tais perífrases apresentam características diferentes. O autor cita que a perífrase formada pelo auxiliar "*stare*" ('estar') foca em um instante único do evento (monofocalização) e não tolera a combinação com advérbios de duração, como "continuamente" e "sempre". Já as perífrases formadas pelos auxiliares "*andare*" ('andar') e "*venire*" ('vir') consideram um evento ao longo de um intervalo (plurifocalização) e podem ser facilmente combinadas com um advérbio de duração. Apesar da diferenciação proposta pelo autor, neste trabalho, utilizaremos o termo "perífrase gerundiva" para abarcar as perífrases progressiva e contínua, tendo em vista que ambas são constituídas pelo verbo principal no gerúndio.

De acordo com o princípio "*One Feature, One Head*" (Kayne, 2005), fundamental para os estudos em Cartografia Sintática, cada núcleo funcional possui apenas um traço sintático-semântico. Nesse contexto, observa-se a proposta da Hierarquia Linear Universal das projeções funcionais feita por Cinque (1999), segundo a qual, na representação sintática das línguas, há 21 núcleos aspectuais, dentre os quais estão o AspHabitual > AspContinuative > AspProgressive (Cinque, 2006, p. 175-176). Tais núcleos aspectuais são relevantes para esta pesquisa por conterem traços que podem ser veiculados por meio das perífrases gerundivas estudadas.

O presente estudo adota as seguintes hipóteses: (i) uma ou mais das perífrases gerundivas investigadas no italiano veiculam o aspecto habitual, o aspecto continuativo e o aspecto progressivo; (ii) nenhuma das perífrases gerundivas investigadas no italiano veicula os três aspectos investigados.

Para verificar as hipóteses adotadas, a metodologia empregada consistiu em uma análise quantitativa e qualitativa de dados de falantes nativos do italiano extraídos do *corpus online* e gratuito *KiParla*. O procedimento analítico envolveu a busca e a extração

de dados com as perífrases investigadas, a subsequente classificação dos valores aspectuais veiculados pelas perífrases gerundivas identificadas na amostra e a quantificação dos valores aspectuais veiculados por elas.

O capítulo está dividido em quatro seções, além desta introdução. Na próxima seção, são apresentados os pressupostos teóricos nos quais se baseia este estudo. Na seção seguinte, é apresentada a metodologia utilizada na pesquisa. Na seção de resultados e análises, são expostos os resultados obtidos na análise de *corpus* e as discussões empreendidas. Por fim, na última seção, estão dispostas nossas considerações finais.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

CARTOGRAFIA SINTÁTICA

A Cartografia Sintática é um programa de pesquisa derivado da teoria de Princípios e Parâmetros, dentro da Teoria Gerativa. Dentre os principais pesquisadores deste projeto, destaca-se o italiano Guglielmo Cinque, que define a Cartografia Sintática como:

A tentativa de traçar um mapa, o mais detalhado possível, da estrutura funcional (ou gramatical) da oração e dos seus principais sintagmas. A pressuposição subjacente é que todas as línguas partilham as mesmas categorias funcionais e os mesmos princípios de composição de sintagmas e orações, embora possam diferir nos movimentos que admitem e nas projeções que realizam abertamente (Cinque, 2006, p. 3-4, tradução nossa).

Dessa forma, o projeto cartográfico é o estudo da estrutura sintática da sentença que leva em consideração as operações

de movimento. A Cartografia defende que a estrutura da oração é amplamente articulada e universal entre as línguas. Consequentemente, ao nascermos, já temos em nossa Gramática Universal (GU) os traços funcionais que projetam todos os nós da camada funcional da sentença.

Um princípio básico desse programa é o de mononuclearidade, o qual estabelece que para cada propriedade morfossintática existe uma projeção funcional específica na hierarquia sintática. Kayne (2005) abordou essa proposta sob o princípio "*One Feature, One Head*" ('um traço, um núcleo'). Esse princípio determina que um sintagma funcional contém em seu núcleo um único traço e que categorias idênticas em estrutura e traço não podem ocorrer simultaneamente em uma mesma sentença.

Cinque (1999) postulou a existência de diversos sintagmas funcionais no interior do que denominou Sintagma Flexional Estendido ou *Middlefield*. Em seus trabalhos (1999; 2006; 2013), ele propõe que essa camada da estrutura sintática é constituída por uma hierarquia fixa de projeções, dentre as quais podem ser mencionados os sintagmas de modo, modalidade, tempo, aspecto e voz. No excerto abaixo, apresentam-se os sintagmas que integram o *Middlefield*, com os advérbios em inglês que ocupam a posição de seus especificadores.

[*frankly* Mood_{speech act}] [*fortunately* Mood_{evaluative}] [*allegedly* Mood_{evidential}] [*probably* Mod_{epistemic}] [*once* T(Past)] [*then* T(Future)] [*perhaps* Mood_{irrealis}] [*necessarily* Mod_{necessity}] [*possibly* Mod_{possibility}] [*usually* Asp_{habitual}] [*again* Asp_{repetitive(I)}] [*often* Asp_{frequentative(I)}] [*intentionally* Mod_{volitional}] [*quickly* Asp_{celerative(I)}] [*already* T(Anterior)] [*no longer* Asp_{terminative}] [*still* Asp_{continuative}] [*always* Asp_{perfect(?)}] [*just* Asp_{retrospective}] [*soon* Asp_{proximative}] [*briefly* Asp_{durative}] [*characteristically(?)* Asp_{generic/progressive}] [*almost* Asp_{prospective}] [*completely* Asp_{SgCompletive(I)}] [*tutto* Asp_{PlCompletive}] [*well* Voice] [*fast/early* Asp_{celerative(II)}] [*again* Asp_{repetitive(II)}] [*often* Asp_{frequentative(II)}] [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}]
(Cinque, 1999, p. 106).

Na subseção a seguir, discorre-se sobre aspecto, com enfoque para as categorias aspectuais que são relevantes para esta pesquisa.

ASPECTO

Dentre as diversas categorias funcionais representadas nos sintagmas que compõem o *Middlefield*, o presente trabalho concentra-se naquelas de caráter aspectual. Segundo Comrie (1976), aspecto diz respeito às diferentes formas de observar a constituição temporal interna de uma situação. Observemos as sentenças nos exemplos em (1) e (2).

(1) Yasmin estuda todos os dias.

(2) Yasmin está estudando agora.

A diferença entre (1) e (2) é de natureza aspectual, sendo marcada tanto pela morfologia verbal, como a forma verbal simples em (1) e perifrástica em (2), quanto por advérbios ou expressões adverbiais, como “todos os dias” e “agora” em (1) e (2), respectivamente. Por conta de sua realização morfossintática, assume-se que a expressão da temporalidade interna das situações codificadas em (1) e (2) pode ser entendida como “aspecto gramatical” (Comrie, 1976), sendo este o foco da presente pesquisa. Logo, o aspecto gramatical corresponde à expressão de valores aspectuais que se manifestam morfossintaticamente nas línguas, geralmente por meio de flexões verbais, construções sintáticas específicas ou perífrases verbais, como as perífrases gerundivas abordadas nesta pesquisa.

Dentre os traços de aspecto representados no *Middlefield*, camada flexional da representação sintática abordada na subseção anterior, esta pesquisa focaliza três, que projetam os seguintes sintagmas: $Asp_{habitual}P$, $Asp_{continuativo}P$ e $Asp_{progressivo}P$. O traço de habitualidade pode ser entendido como aquele que define situações

características de um período de tempo estendido (Comrie, 1976). O traço de continuativo, por sua vez, pode ser definido como aquele que caracteriza situações que tiveram início em um determinado momento e continuam até um momento de referência posterior. Finalmente, o traço de progressivo pode ser descrito como aquele que define situações que se desenrolam em um determinado ponto do tempo ou intervalo contido dentro de um intervalo de tempo maior no qual essas situações se dão. Os exemplos em (3)¹, (4) e (5)² a seguir ilustram, respectivamente, a expressão desses traços aspectuais.

- (3) *Quest' anno, mi alzo alle 7.*
'Este ano me levanto às 7'
- (4) *Manu ha ancora difficoltà con la grammatica.*
'Manu ainda tem dificuldade com gramática'
- (5) *Gianni sta cantando.*
'Gianni está cantando'

Na subseção a seguir, focalizam-se perífrases verbais veiculadoras de informações aspectuais.

PERÍFRASES ASPECTUAIS

Conforme exposto anteriormente, o aspecto gramatical pode se realizar também por meio de perífrases verbais. Dentre elas, Bertinetto (1998) distingue a perífrase progressiva da perífrase contínua com base nos auxiliares que as constituem. A perífrase progressiva é formada pelo auxiliar "*stare*" ('estar') seguindo do verbo principal no gerúndio, como exemplificado em (6). Por sua vez, a perífrase contínua é constituída pelos auxiliares "*andare*" ('ir')

1 O exemplo em (3) foi extraído de Cinque (1999, p. 91).

2 O exemplo em (5) foi extraído de Comrie (1976, p. 33).

ou "*venire*" ('vir') seguindo do verbo principal no gerúndio, como exemplificado em (7) e (8), respectivamente³.

- (6) *Quando cadde la pendola, Paolo **stava dormendo**.*
'Quando o pêndulo caiu, Paolo estava dormindo'
- (7) *Paolo **andava dipingendo** la parete.*
'Paolo ia pintando a parede'
- (8) *Non venir ripetendo sempre le stesse cose!*
'Não venha repetindo sempre as mesmas coisas'

Embora o autor utilize a nomenclatura "perífrase contínua" para as formações com ambos os auxiliares "*andare*" ('ir') e "*venire*" ('vir'), Bertinetto (1998, p. 1) explica, em nota de rodapé, que o segundo mantém algum vestígio do seu significado original, ou seja, conserva algo da interpretação de orientação espacial, real ou metafórica, em direção a um possível observador ou beneficiário.

Para tratarmos da relação entre a perífrase e a expressão aspectual, cabe retomarmos a nomenclatura utilizada pelo autor para as diferenciações aspectuais da língua italiana. Na figura 1 abaixo, está o esquema proposto por Bertinetto (1997, p. 108).

Figura 1 – Aspectos expressos pela língua italiana de acordo com Bertinetto (1997)



Fonte: Bertinetto (1997, p. 108).

No que diz respeito à informação aspectual veiculada, Bertinetto (1998) afirma que a perífrase contínua está principalmente ligada ao aspecto imperfectivo contínuo (equivalente ao que Cinque (1999) considera como aspecto progressivo), mas pode se combinar com outras informações aspectuais, sendo mais flexível do que a perífrase progressiva do italiano contemporâneo. Apesar da grande flexibilidade aspectual, Bertinetto assume que a perífrase contínua parece ser incompatível com o aspecto *compiuto*⁴:

Contudo, é preciso logo especificar que a PC (perífrase contínua) não é utilizável quando o aspecto *compiuto* é assumido numa acepção 'forte', como se observa no contraste entre os dois enunciados seguintes: (12) (a) *Quando Paolo incontrò Anna, aveva già risolto il problema della grammaticalizzazione dei Tempi composti* (Quando Paolo encontrou Anna, já tinha resolvido o problema...) (b) ?? *Quando Paolo incontrò Anna, era già andato resolvendo il problema della grammaticalizzazione dei Tempi composti*. (?? Quando Paolo encontrou Anna, já tinha ido resolvendo o problema...) A diferença entre (a) e (b) reside no fato de que o segundo enunciado, mais do que um exemplo de aspecto *compiuto* no sentido estrito, é um exemplo da acepção 'inclusiva' do aspeto *compiuto* (Bertinetto, 1998, p. 11, tradução nossa).

No que diz respeito à relação entre a perífrase contínua e as informações de aspecto lexical dos verbos, Bertinetto (1998, p. 4) afirma que essa perífrase não pode ser utilizada com verbos estativos e não-durativos e privilegia os verbos télicos durativos,

4 Bertinetto (1998, p. 2) descreve o aspecto "*compiuto*" como sendo equivalente ao "*perfect*", aspecto que relaciona o momento do evento ao momento de referência, estabelecendo um intervalo de tempo entre eles. Mais especificamente, em Bertinetto (1998, p. 10-11), o autor refere-se à propriedade do aspecto "*compiuto*" de fazer referência ao *momento di riferimento* ('momento de referência'), tornando relevante neste o resultado de um evento finalizado anteriormente. Dessa forma, pode-se relacionar o aspecto "*compiuto*" ao *perfect* existencial (McCawley, 1981). Já a acepção inclusiva do aspecto *compiuto*, que o autor descreve como sendo um híbrido aspectual, trazendo o valor imperfectivo ao aspecto *compiuto* e não determinando sua conclusão, pode ser relacionado ao *perfect* universal (McCawley, 1981), considerado este equivalente ao aspecto continuativo de Cinque (1999), ilustrado por meio do exemplo (4) desta seção.

como os processos culminados (segundo a classificação proposta por Vendler (1967)). Já os verbos de culminação (também de acordo com a classificação proposta por Vendler (1967)), mesmo não sendo durativos, podem ser utilizados caso apresentem um valor de iteratividade. O autor relata, também, que a perífrase contínua apresenta obstáculos para o uso com verbos de atividade, o que parece ser resolvido com o uso de adverbiais modais de gradualidade, como *"ad un ritmo sempre più/meno frenetico"* ('em um ritmo sempre mais/menos frenético'). O autor conclui que o elemento que une os contextos em que essa perífrase pode ser utilizada é uma informação semântica de incrementalidade.

Já ao fazer uma comparação da perífrase contínua com a perífrase progressiva, o autor conclui que, apesar de certas semelhanças, dadas principalmente por suas constituições morfológicas, essas perífrases têm algumas diferenças. A perífrase progressiva está mais ligada ao aspecto progressivo, pois foca em um instante específico ("monofocalização"), diferentemente da perífrase contínua, que distribui a ação por múltiplos instantes ("plurifocalização"),

Para aludir ao problema, pode ser útil recorrer aos rótulos de 'monofocalização' vs. 'plurifocalização', designando em resumo as diferentes prerrogativas do aspecto progressivo (tipicamente corporificado pela PP [perífrase progressiva] italiana contemporânea) e do aspecto contínuo (ao qual a PC [perífrase contínua] se refere em muitos dos seus usos). (Bertinetto, 1998, p. 5, tradução nossa).

Bertinetto (1998) afirma que a natureza pontual e instantânea (monofocalizada) da perífrase progressiva é incompatível com a noção de extensão temporal, sendo essa uma propriedade definidora para a distinção entre as perífrases progressiva e contínua. O autor ressalta ainda que a natureza monofocalizada da perífrase progressiva do italiano moderno explica a impossibilidade de combiná-la com expressões adverbiais de duração, "[...] tais como *in mezz'ora* ('em meia hora'), *per due giorni* ('por dois dias'),

fino a mezzogiorno ('até o meio-dia'), *dalle 2 alle 5* ('das 2 às 5')" (Bertinetto, 1998, p. 5, tradução nossa).

Bertinetto (1997) compara a perífrase progressiva do italiano com as do inglês e do espanhol e conclui que apenas estas podem apresentar o evento em relação a um intervalo de referência, com duração determinada, ainda que seus limites não sejam indicados com precisão, o que caracteriza a expressão do aspecto contínuo (Bertinetto, 1997, p. 133). Isso não seria possível com a perífrase progressiva no italiano, fazendo com que uma sentença como "**Stamattina, Giulio stava continuamente cercando il suo quaderno durante la lezione*" ('Hoje de manhã, Giulio estava continuamente procurando o seu caderno durante a aula') não seja aceita. Nesses casos, o italiano utilizaria uma perífrase contínua.

Apesar de a perífrase progressiva parecer estar relacionada ao aspecto progressivo e a perífrase contínua estar relacionada ao aspecto contínuo, essa veiculação não parece ocorrer de forma exclusiva. Sendo assim, o presente trabalho tem como objetivo específico identificar, à luz da proposta da Cartografia Sintática, as diferentes possibilidades de veiculação de traços aspectuais pelas perífrases progressiva e contínua do italiano considerando os diferentes auxiliares no tempo presente.

METODOLOGIA

Para investigar os valores aspectuais das perífrases gerundivas, foi realizada uma busca por essas perífrases em todo o *corpus online* gratuito *KiParla* (disponível no endereço: <https://kiparla.it/>). Inicialmente, dada a baixa produtividade das perífrases gerundivas com os auxiliares "*andare*" ('ir') e "*venire*" ('vir'), buscaram-se no *corpus* apenas essas perífrases com os auxiliares no presente, o que resultou na identificação de nove ocorrências distribuídas em sete

transcrições. A partir da identificação das transcrições com essas ocorrências, buscaram-se, nessas mesmas transcrições, as perífrases gerundivas com o auxiliar "*stare*" ('estar'), o que levou à identificação de 34 ocorrências dessas perífrases.

Desse modo, foram incluídas na amostra um total de sete transcrições do *corpus*, sendo duas delas extraídas do módulo KipasTI, duas no KIP, uma no módulo ParlaTO e duas delas, do módulo ParlaBO. Assim, foram analisadas cerca de oito horas de fala espontânea, o que corresponde a um total de 119.708 palavras, sendo 19.951 o número médio de palavras por transcrição. O perfil geral dos participantes pode ser descrito da seguinte forma: falantes nativos do italiano, com idade entre 21 e 75 anos, provenientes das regiões norte e sul da Itália.

Adotou-se como critério de exclusão de dados a identificação de sentenças com perífrases gerundivas em que os auxiliares "*stare*" ('estar'), "*andare*" ('ir') ou "*venire*" ('vir') não se encontravam no presente. Os procedimentos analíticos foram: 1) extrações das transcrições do corpus KiParla; 2) leitura integral das transcrições extraídas; 3) marcação de todas as perífrases gerundivas; 4) descrição da perífrase gerundiva; 5) classificação dos aspectos veiculados por cada perífrase gerundiva nas sentenças selecionadas; 6) quantificação dos aspectos veiculados por cada perífrase gerundiva.

RESULTADOS E ANÁLISES

Por meio da busca no *corpus KiParla* seguindo os critérios descritos na seção de metodologia, foram encontradas 43 perífrases gerundivas, as quais foram analisadas à luz de seus valores aspectuais. Especificamente, foram encontradas no *corpus* perífrases gerundivas com os seguintes auxiliares no presente: "*stare*" ('estar')

e “*andare*” (‘ir’). O “*stare*” (‘estar’) foi o auxiliar mais frequente, tendo ocorrido em 34 perífrases. O auxiliar “*andare*” (‘ir’), por sua vez, foi identificado em nove perífrases. O auxiliar “*venire*” (‘vir’) no presente figurando em perífrase gerundiva não foi encontrado no *corpus*. O quadro 1 a seguir contém exemplos das perífrases encontradas.

Quadro 1 – Exemplos de ocorrências com as diferentes perífrases

PERÍFRASE	<i>stare</i> + gerúndio	<i>andare</i> + gerúndio	<i>venire</i> + gerúndio
EXEMPLO	<i>stai bevendo il caffè?</i>	<i>lo sai quello che vai facendo</i>	—
TRADUÇÃO	Você está bebendo o café?	Você sabe o que está fazendo	

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

A respeito dos aspectos veiculados pelas perífrases gerundivas, houve a ocorrência dos seguintes valores aspectuais: progressivo, habitual e continuativo. O aspecto progressivo foi o mais veiculado pelas perífrases investigadas na amostra analisada, contabilizando um total de 24 ocorrências. Em (9) e (10) a seguir, apresentam-se exemplos das perífrases gerundivas com os auxiliares “*stare*” (‘estar’) e “*andare*” (‘ir’), respectivamente, que veicularam esse aspecto.

- (9)

*allora qui si **sta scaldando***
(‘Então, a coisa está esquentando aqui.’)
- (10)

*non è sistematico non **va dritto facendo** si re fa la bemolle salta il fa*
(‘Não é sistemático, não vai direto; fazendo o si ré fá lá bemol, ele salta o fá!’)

Quinze perífrases gerundivas da amostra analisada veicularam o aspecto habitual. Em (11) e (12), apresentam-se exemplos das perífrases gerundivas com os auxiliares “*stare*” (‘estar’) e “*andare*” (‘ir’), respectivamente, que veicularam o aspecto habitual.

- (11) *cioè volevo magari approfittare di questo periodo un po' in cui **sto cercando** lavoro per fare anche questi corsi*
(‘Ou seja, eu queria aproveitar este período em que estou procurando emprego para também fazer estes cursos.’)
- (12) *nell'esercizio comune quotidiano si **va perdendo***
(‘No exercício comum cotidiano, isso vai se perdendo.’)

Finalmente, quatro perífrases gerundivas da amostra analisada veicularam o aspecto continuativo, sendo todas elas constituídas pelo auxiliar “*stare*” (‘estar’). Em (13) e (14), apresentam-se exemplos dessas perífrases veiculando o aspecto continuativo.

- (13) *anche se adesso piano piano si **sta riprendendo** però in modo molto molto più limitato"*
(‘Mesmo que agora, aos poucos, esteja se recuperando, mas de uma forma muito, muito mais limitada’)
- (14) *e c'è proprio la cognizione piena che si **sta andando** in un'epoca nuova*
(‘E há justamente a plena consciência de que se está entrando em uma nova época.’)

No quadro 2, a seguir, apresenta-se um resumo das perífrases gerundivas encontradas na amostra e seus aspectos veiculados.

Quadro 2 – Perífrases gerundivas verificadas na amostra e seus valores aspectuais

RESUMO	PROGRESSIVO	HABITUAL	CONTINUATIVO
<i>stare</i> + gerúndio	x	x	x
<i>andare</i> + gerúndio	x	x	

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Como podemos observar no quadro 2, a perífrase com "*andare*" não foi encontrada veiculando o aspecto continuativo, entretanto, identificaram-se apenas nove ocorrências desse auxiliar no presente em todo o *corpus*, não sendo possível afirmar que a perífrase gerundiva com o auxiliar "*andare*" não possa veicular esse aspecto.

Em termos quantitativos, foram encontradas 34 perífrases gerundivas com o auxiliar "*stare*" ('estar') no tempo presente na amostra analisada. Tal perífrase foi a mais produtiva no *corpus*, sugerindo ser a perífrase gerundiva mais produtiva no italiano dentre as três investigadas nesta pesquisa. Como exposto na seção de metodologia, foram analisadas as perífrases com o auxiliar "*stare*" ('estar') apenas nas transcrições em que se verificavam ocorrências das perífrases com os demais auxiliares investigados. O valor aspectual mais amplamente expresso pela perífrase com o auxiliar "*stare*" ('estar') foi o progressivo, aparecendo em 23 ocorrências (cerca de 67% dos casos), seguido pelo habitual, sendo veiculado em sete ocorrências (cerca de 21% dos casos), e finalmente pelo continuativo, veiculado em quatro ocorrências (cerca de 12% dos casos).

Foram verificadas apenas nove ocorrências da perífrase com o auxiliar "*andare*" ('ir') no presente nos dados analisados. O valor aspectual mais veiculado por essa perífrase foi o habitual, aparecendo em oito ocorrências (cerca de 89% dos casos), havendo apenas uma ocorrência de uso dessa perífrase para a veiculação do aspecto progressivo (cerca de 11% dos casos).

No quadro 3, a seguir, resume-se a quantidade de ocorrências de cada perífrase encontrada na amostra e seus respectivos aspectos veiculados, descritos nos dois parágrafos acima.

Quadro 3 – Quantitativo das perífrases gerundivas verificadas na amostra e seus valores aspectuais

RESUMO	PROGRESSIVO	HABITUAL	CONTINUATIVO
<i>stare</i> + gerúndio	23 ocorrências (67,6%)	7 ocorrências (20,6%)	4 ocorrências (11,8%)
<i>andare</i> + gerúndio	1 ocorrência (11,1%)	8 ocorrências (88,9%)	0

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Com base nos resultados obtidos, defende-se que o verbo principal no gerúndio das perífrases gerundivas formadas pelo auxiliar “*stare*” (‘estar’) identificadas na amostra analisada pode ter seus traços aspectuais valorados nos núcleos de AspProgressivoP, AspContinuativoP e AspHabitualP, enquanto o verbo principal no gerúndio das perífrases gerundivas formadas pelo auxiliar “*andare*” (‘ir’) identificadas na amostra analisada pode ter seus traços aspectuais valorados nos núcleos de AspProgressivoP e AspHabitualP. Destaca-se, porém, que não se descarta a possibilidade de o verbo principal no gerúndio das perífrases gerundivas formadas pelo auxiliar “*andare*” (‘ir’) poder ter seu valor aspectual valorado no núcleo de AspContinuativoP. Consideramos tal possibilidade por admitir que o baixo quantitativo de ocorrências desta perífrase em todo o *corpus KiParla* (apenas nove ocorrências em um *corpus* constituído por 2.326.171 palavras no total) pode ter desfavorecido sua emergência veiculando o valor aspectual de continuativo.

De todo modo, a não ocorrência de perífrases gerundivas formadas pelo auxiliar “*andare*” (‘ir’) expressando o valor aspectual continuativo vai ao encontro da restrição, relatada por Bertinetto (1998, p. 11), entre o uso de perífrases contínuas e o aspecto *compiuto* que, como vimos, parece ser equivalente ao *perfect*, em sua acepção inclusiva, parece ser equivalente ao aspecto continuativo (Cinque, 1999).

Nos dados analisados neste estudo, ao contrário do proposto por Bertinetto (1997; 1998), a perífrase progressiva do italiano –

aquela com auxiliar *"stare"* ('estar') – apresentou uma maior variedade de informações aspectuais veiculadas por ela do que a perífrase contínua encontrada – aquela com auxiliar *"andare"* ('ir'). Cabe ressaltar, também, que, apesar de os dados apresentarem um número muito mais expressivo do uso da perífrase progressiva para a expressão do aspecto progressivo, não foi verificada nenhuma restrição do seu uso para a expressão dos dois outros aspectos analisados.

Além da flexibilidade aspectual mencionada, há uma observação importante sobre a perífrase com o auxiliar *"stare"* ('estar'). Embora Bertinetto (1998) associe essa estrutura à "monofocalização" (em oposição à "plurifocalização" das perífrases com *"andare"* ('ir') e *"venire"* ('vir')), os dados coletados revelaram uma exceção. Identificou-se um caso em que a perífrase com *"stare"* ('estar') descreve uma situação em andamento que se prolonga no tempo, como exemplificado em *"gli auguri del papa stanno arrivando"* ('as felicitações do papa estão chegando'). Nessa situação, fazia-se referência a um evento não restrito a um instante pontual e único, mas sim distribuído em um período que sugere uma interpretação de "plurifocalização" da perífrase com o auxiliar *"stare"* ('estar'). Esse dado sugere uma certa flexibilidade da perífrase progressiva do italiano contemporâneo, a qual poderia, em determinados contextos, aproximar-se da expressão de uma extensão temporal geralmente atribuída à perífrase contínua, ainda que, de fato, o caráter de "monofocalização" da perífrase progressiva tenha sido o mais verificado nos dados analisados.

Cumprir dizer, por fim, que as nove perífrases com o auxiliar *"andare"* ('ir') continham verbos dinâmicos, durativos e, em sua maioria, télicos, ou seja, verbos de atividade ou, sobretudo, verbos de processo culminado, como em *"perchè poi la festa viene fatta con la questa che fanno in giro vanno raccogliendo i soldi"* ('porque, então, a festa é feita com essa que fazem por aí, vão recolhendo o dinheiro') e *"non è sistematico non va dritto facendo si re fa la bemolle salta il fa"* ('não é sistemático, ele não vai direto fazendo si ré fá lá bemol,

ele omite o fá'). Tal constatação vai ao encontro do que é apresentado em Bertinetto (1998), relatado na seção de pressupostos teóricos deste capítulo, sobre a restrição de uso das perífrases contínuas em relação a verbos estativos e pontuais. Faz-se necessário, porém, verificar se tal afirmação encontra respaldo também em sentenças com perífrases gerundivas com o auxiliar "*venire*" ('vir'), não encontradas na amostra desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo foi contribuir para os estudos da representação das sentenças veiculadoras de traços aspectuais nas línguas. O objetivo específico foi identificar, à luz da proposta da Cartografia Sintática, os traços aspectuais veiculados pelas perífrases gerundivas do italiano considerando os diferentes auxiliares no presente. Para tanto, empreendeu-se uma análise de *corpus* em que foram pesquisadas e analisadas as perífrases gerundivas com os auxiliares "*stare*" ('estar'), "*andare*" ('andar') e "*venire*" ('vir') no presente, tendo sido encontradas apenas as perífrases com os dois primeiros auxiliares, sendo a perífrase com o primeiro auxiliar veiculadora especialmente do aspecto progressivo e a perífrase com o segundo auxiliar veiculadora especialmente do aspecto habitual.

A hipótese (i), que previa que uma ou mais das perífrases gerundivas investigadas no italiano veiculam o aspecto habitual, o aspecto continuativo e o aspecto progressivo, não foi refutada, visto que as perífrases gerundivas com o auxiliar "*stare*" ('estar') encontradas na amostra veiculavam ora o aspecto habitual, ora o continuativo, ora o progressivo. A hipótese (ii), por sua vez, que previa que nenhuma das perífrases gerundivas investigadas no italiano veicula os três aspectos investigados, foi refutada justamente pela perífrase com o auxiliar "*stare*" ('estar') ter veiculado esses três aspectos.

Discutiu-se, com base nos resultados obtidos, que, diferentemente do proposto por Bertinetto (1997, 1998), a perífrase com o auxiliar “*stare*” (‘estar’) apresentou uma maior variedade de informações aspectuais veiculadas do que a perífrase com o auxiliar “*andare*” (‘ir’), podendo o verbo principal da primeira perífrase checar seus traços nos núcleos de AspProgressivoP, AspContinuativoP e AspHabitualP e o verbo principal da segunda perífrase checar seus traços nos núcleos de AspHabitualP e AspProgressivoP. Ressaltou-se, ainda, que a perífrase com o auxiliar “*stare*” (‘estar’) foi mais empregada para a “monofocalização” do evento (Bertinetto, 1998), focalizando um período único da situação, mas também foi empregada para a “plurifocalização” do evento (Bertinetto, 1998), ressaltando o desenvolvimento do evento num período estendido de tempo. Por fim, corroborou-se a afirmação de Bertinetto (1998) sobre as perífrases com o auxiliar “*andare*” (‘ir’) serem empregadas sobretudo com verbos dinâmicos, durativos e, em sua maioria, télicos.

REFERÊNCIAS

BERTINETTO, Pier Marco. **Il dominio tempo-aspettuale**: demarcazioni, intersezioni, contrasti. Torino: Rosenberg & Sellier, 1997.

BERTINETTO, Pier Marco. Sui connotati azionali ed aspettuali della perifrasi continua (*andare* / *venire* + Gerundio). In: BERNINI, Giuliano, CUZZOLIN, Pierluigi; MOLINELLI, Piera. (orgs.). **Ars linguistica**. Studi offerti da colleghi ed allievi a Paolo Ramat. Roma: Bulzoni, 1998. p. 109-128.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and Functional Heads**: The Cartography of Syntactic Structures, Volume 4. New York: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, Guglielmo. Cognition, universal grammar, and typological generalizations. **Lingua**, n. 130, p. 50-65, 2013.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: An Introduction to the Study of Verbal Aspect and Related Problems. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language**: its nature, origin, and use. New York: Praeger, 1986.

VENDLER, Zeno. Verbs and Times. *In*: VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967. p. 97-121.

KAYNE, Richard. **Movement and silence**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

5

*Juliana Nunes
Pablo Rosário*

A HIERARQUIA ENTRE TEMPO E ASPECTO:

**QUANDO O GERATIVISMO
E O FUNCIONALISMO CONVERGEM**

INTRODUÇÃO

A ideia segundo a qual as categorias léxico-gramaticais são organizadas hierarquicamente tem sido adotada por diferentes modelos gramaticais (Hengeveld, 2011, p. 3; Hengeveld, 2017, p. 2), como, por exemplo, a Gramática de Papel de Referência (Van Valin; LaPolla, 1997), a Gramática Baseada no Uso (Bybee, 1985), a Gramática Discursivo-Funcional (Hengeveld; Mackenzie, 2008) e a Gramática Gerativa, especialmente em seu projeto cartográfico (Cinque, 1999; 2006). Neste capítulo, vamos nos deter especificamente nos modelos da Gramática Discursivo-Funcional (GDF) e da Cartografia Sintática (CS).

Apesar de pertencerem a pólos distintos dos estudos da linguagem, reconhecemos algum tipo de convergência entre essas abordagens, principalmente no que tange a suas organizações hierárquicas entre as categorias TAME (tempo, aspecto, modo e evidencialidade) (Aboh, 2024). Com isso em mente, nós objetivamos fazer uma comparação entre esses dois modelos, mais especificamente centrando nosso no tratamento das categorias de tempo e aspecto a partir de dados da língua indígena Apurinã - Arawak (Facundes, 2000).

Para cumprirmos a tarefa, organizamos este capítulo da seguinte forma: após esta introdução, exporemos os pressupostos adotados, nomeadamente os aspectos teóricos relativos à GDF e à CS pertinentes para o objetivo do capítulo. Em seguida, apresentamos a metodologia adotada no trabalho, seguida da seção dedicada à análise da expressão de tempo e aspecto na língua Apurinã e à comparação entre os modelos. Na sequência, chegamos às considerações finais. As referências encerram o capítulo.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A HIERARQUIA ENTRE TEMPO E ASPECTO NA GDF

No modelo estratificado proposto pela Gramática Discursivo-Funcional, as categorias qualificacionais de TAME (Tempo, aspecto, modo/modalidade evidencialidade) são classificadas por meio de sua distribuição em diferentes camadas (Hengeveld, 2011, p. 582; Hattnher; Hengeveld, 2016, p. 1), isto é, por meio de diferentes relações de escopo semântico (e pragmático). O quadro abaixo resume a proposta do modelo:

Quadro 1 - Categorias TAME na Gramática Discursivo-Funcional

	Conteúdo Proposicional	Episódio	Estado de Coisas	Propriedade Configuracional
Aspecto			Aspecto quantificacional	Aspecto qualificacional
Tempo		Tempo absoluto	Tempo relativo	
Evidencialidade	Inferência	Dedução	Percepção de evento	
Modalidade	Modalidade epistêmica subjativa	Modalidade epistêmica objetiva	Modalidade orientada para o evento	Modalidade orientada para o participante

Fonte: Hengeveld (2011, p. 582); Hattnher e Hengeveld (2016, p. 2).

Segundo Hengeveld (2011, p. 582), as relações de escopo semântico no modelo podem ser definidas por meio de diferentes camadas, a saber: a Propriedade Configuracional, que diz respeito às relações entre uma Propriedade Lexical (predicado) e seus argumentos, isto é, é a camada que capta os moldes de predicação relevantes em uma língua (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 181); o Estado

de Coisas, que é uma entidade que pode ser avaliada em termos de sua (ir)realidade, ou seja, é um evento o qual pode (ou não) ocorrer em algum intervalo de tempo (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 166); o Episódio, que é constituído por um ou uma sequência de Estados de Coisas a qual apresenta continuidade (ou unidade) de tempo, de localização e de participantes (Hengeveld, 2017, p. 15-16); E, por fim, o Conteúdo Proposicional (p), que são construtos mentais os quais não podem ser qualificados em termos de espaço e de tempo, mas somente em termos de atitudes proposicionais ou em termos de sua fonte de origem (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 144).

Como é possível observar no quadro, as diferentes categorias qualificacionais subdividem-se em outras subcategorias a depender da camada em que atuam (Hengeveld; Hattner, 2014, p. 482). No que diz respeito especificamente ao tempo e ao aspecto, o que o modelo estratificado da GDF prevê é o seguinte: a categoria de tempo é subdividida em *tempo relativo* e *tempo absoluto*. No primeiro caso, a categoria atua na camada do Estado de Coisas (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 173), podendo localizá-lo relativamente com relação a outro evento em termos de anterioridade e posterioridade, por exemplo. No segundo caso, por sua vez, a categoria atua na camada do Episódio (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 163-164), podendo localizá-lo com relação ao momento da fala em termos de tempo passado, tempo presente, tempo futuro, etc.¹

Com relação ao aspecto, a categoria é subdividida em aspecto *qualitativo* e *quantitativo*. No primeiro caso, a categoria atua na camada da Propriedade Configuracional e, assim, modifica a estrutura temporal interna no evento em termos de (im)perfectividade, progressividade, ingressividade, egressividade, prospectividade, resultatividade, etc. (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 210-211). No segundo caso, a categoria opera na camada do Estado de Coisas

1 Outras possibilidades de localização temporal nessa camada são os marcadores de não-futuro e não-passado presentes em algumas línguas a depender do seu sistema gramatical.

e, como tal, modifica o evento como um todo. É precisamente nessa camada da organização semântica que se localizam subtipos aspectuais tais como habitualidade, distribucionalidade, iteratividade, etc.

Dado que, no modelo da GDF, as camadas são hierarquicamente organizadas, é possível prever diferentes relações de escopo entre as diferentes categorias qualificacionais a depender da camada em que atuam. No modelo, as relações de escopo semântico (que são as pertinentes para as categorias de tempo e aspecto) podem ser indicadas por meio da seguinte figura:

Figura 1 - Relações de escopo na GDF

Proposição > Episódio > Estado de Coisas > Propriedade Configuracional > Propriedade

Fonte: Adaptado de Hengeveld (2017, p. 3).

De acordo com Hengeveld (2017, p. 3), a figura 1 mostra que o símbolo '>' indica as direções nas quais as camadas têm escopo umas sobre as outras. Decorre dessas relações de escopo a implicação, então, da hierarquia entre as categorias temporais e aspectuais: o tempo absoluto, por atuar na camada do Episódio, tem escopo sobre o aspecto quantitativo (localizado na camada do Estado de Coisas) e sobre o aspecto qualitativo (localizado na camada da Propriedade Configuracional). Além disso, também está previsto no modelo que essa categoria temporal (tempo absoluto) é hierarquicamente superior ao tempo relativo (um operador de Estado de Coisas) e ao aspecto qualitativo.

Uma das predições elaboradas com base nessa organização hierárquica é a de que, em línguas que possuem marcadores separados para expressar essas categorias, a ordem relativa desses marcadores com relação ao predicado reflete, iconicamente, as relações semânticas de escopo (Hengeveld, 2011, p. 4).

Por fim, é importante esclarecer que o modelo da GDF reconhece que poucas línguas (talvez nenhuma) possuam todas essas categorias expressas por meios gramaticais (Hengeveld; Olbertz, 2018). Além disso, Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 12) afirmam que a teoria não pressupõe a existência universal de noções pragmáticas e semânticas, de modo que espera-se que a variação translinguística seja governada por hierarquias implicacionais. O modelo da GDF, no entanto, postula a organização em camadas hierárquicas das categorias qualificacionais quer sejam elas expressas gramaticalmente em língua particular, quer sejam expressas lexicalmente. No primeiro caso, a GDF dá nome de *operadores* e, no segundo, de *modificadores*.

A CARTOGRAFIA SINTÁTICA

A Cartografia Sintática é um empreendimento de pesquisa ancorado na Teoria Gerativa que tem como principal objetivo, segundo Cinque e Rizzi (2010), desenhar mapas minuciosos da estrutura da oração e de seus sintagmas a partir da organização estrutural da Teoria X-Barra.

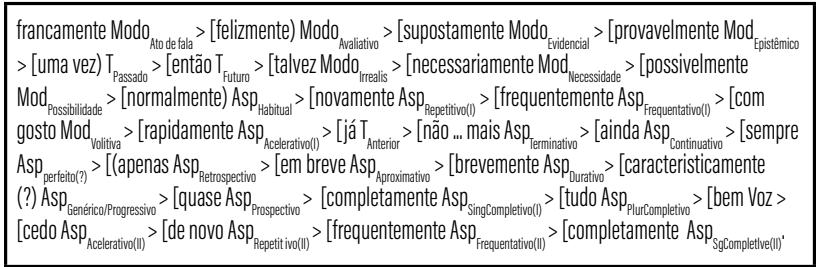
A Cartografia Sintática num sentido mais amplo se refere, Segundo Tescari Neto (2021b), a alguns estudos como Chomsky (1986), Larson (1988), Pollock (1989), Belletti (1990), Abney (1987), Cinque (1994) dentre outros, que buscam “expandir” a estrutura da sentença e da expressão nominal com mais zonas de importe funcional. Esses estudos tornaram duas linhas de pesquisa muito frequentes: (i) a análise da ordenação dos verbos com relação aos advérbios em termos de movimento de núcleo e (ii) o estudo da morfologia flexional como sendo empreendida na sintaxe, a partir de regras de movimentos envolvendo raízes e afixos.

Já a Cartografia Sintática num sentido mais estrito se refere, segundo Tescari Neto (2021b), a estudos vinculados à Teoria de Princípios e Parâmetros da Gramática Gerativa desenvolvidos

primeiramente na Itália, a partir da metade dos anos 1990, como Cinque (1995; 1999) e Rizzi (1997).

Cinque (1999), em um dos trabalhos seminais da Cartografia Sintática num sentido mais estrito, propôs que o espaço IP (ou *middlefield*) seria composto por cerca de 40 projeções funcionais, cada uma dotada de um traço semântico distinto, como podemos observar no Quadro 2.

Quadro 2 - Representação estrutural dos sintagmas referentes às categorias funcionais (tempo, modo, modalidade, aspecto e voz)



Fonte: Cinque (1999, p. 106, tradução nossa).

Alguns dos princípios fundamentais do modelo aqui exposto são (i) o Princípio da Uniformidade (Chomsky, 2001) e o (ii) o Princípio da Composicionalidade ou “*One Feature, One Head*” (“Um Traço, um Núcleo”) (Kayne, 2005).

O primeiro princípio se refere à universalidade das projeções funcionais propostas em investigações cartográficas: elas estariam disponíveis em todas as línguas naturais e se ordenariam da mesma forma. Segundo Chomsky (2001), na ausência de evidência convincente do contrário, as línguas seriam uniformes, com variedade restrita a propriedades facilmente detectáveis nos enunciados. Isso ocorreria uma vez que a estrutura funcional é parte da nossa dotação biológica (Cinque, 2013).

O segundo princípio se refere ao fato de que, para cada traço no sistema conceitual, haverá um traço funcional em um núcleo projetado na hierarquia sintática: se alguma língua, por exemplo, fornece evidências para a existência de um núcleo funcional específico, então esse núcleo (e projeção) devem estar presentes em todas as outras línguas, independentemente de a língua oferecer evidências para isso ou não (Kayne, 2005; Cinque, 2006).

A variação interlinguística, segundo o modelo tratado nesta seção, ocorreria apenas em razão da realização morfofonológica (ou não) de determinado conteúdo da projeção, mas não em razão da presença (ou não) de determinada projeção, já que elas não variariam translinguisticamente por serem, segundo Cinque (1999), um construto da Faculdade da Linguagem.

Ao analisar dados tipológicos disponíveis provindos de diferentes línguas pertencentes a diferentes famílias e ao propor mapas detalhados das configurações sintáticas das línguas, a Cartografia Sintática chega a descobertas sobre a natureza e sobre o funcionamento da Faculdade da Linguagem.

A HIERARQUIA ENTRE TEMPO E ASPECTO NA CARTOGRAFIA

No que diz respeito especificamente à categoria de tempo, Cinque (1999) assume a classificação proposta por Vikner (1985) e estabelece os tempos verbais como relações de três lugares dos pontos E (evento), R (momento de referência) e S (momento da fala),

e nos força a ordenar cada ponto em relação aos outros², podendo ser de simultaneidade ou de precedência: (i) E coincide com ou precede R_2 ; (ii) R_2 coincide com ou segue R_1 e (iii) R_1 coincide com ou precede S. Em termos de hierarquia de projeções funcionais, o autor postula os seguintes núcleos funcionais temporais: $T_{passado}$, T_{futuro} e $T_{anterior}$.

No que diz respeito especificamente à categoria de aspecto, Cinque (1999, 2006), ao realizar uma análise comparativa entre diversas línguas, estabeleceu cerca de 23 sintagmas aspectuais representados na hierarquia da representação estrutural da sentença das línguas naturais.

É importante pontuarmos que, na hierarquia estrutural da sentença, as categorias de tempo e de aspecto mantêm entre si relações hierárquicas (captadas pela sua ordenação), como podemos observar no quadro 2 acima. Assim como reconhecido pela Gramática Discursivo-Funcional, a Cartografia Sintática entende que as categorias temporais seriam hierarquicamente superiores às categorias aspectuais.

METODOLOGIA

Testar as predições de modelos que propõem hierarquias das categorias léxicos-gramaticais acarreta algumas complexidades, sobretudo quando se consideram línguas que não possuem marcadores gramaticais separados para expressar as diferentes categorias,

2 Segundo (Vikner, 1985), ao ordenar cada ponto em relação aos outros, acaba-se produzindo uma ambiguidade insatisfatória para o "futuro perfeito" (formado no inglês pelo auxiliar "to have" no futuro + particípio do verbo principal) e o futuro do pretérito. Portanto, a representação mais adequada segundo o autor seria aquela que admitisse a existência de dois pontos de referência (R_1 e R_2) e deixasse a relação entre E e S inespecífica, substituindo as relações de três lugares por relações de dois lugares - S com R_1 e E com R_2 - e incluindo a relação entre os dois pontos de referência - R_1 com R_2 .

tais como tempo e aspecto. Uma das principais complexidades (talvez a principal) seja o fato de que, em muitas línguas, as categorias de tempo e de aspecto sejam marcadas por morfemas cumulativos, o que dificulta o estabelecimento da sua ordenação linear relativamente à base verbal. Van Valin (1993, p. 9), no contexto da Gramática de Papel e Referência, já antecipou essa complexidade ao afirmar que a ordem relativa dos operadores só poderia ser estabelecida se eles fossem expressos pelas mesmas estratégias gramaticais (afixos com afixos, prefixos com prefixos, partículas com partículas, etc).

Para tentar contornar esse problema, utilizamos dados da língua Apurinã, da família linguística Arawak (Facundes, 2000), uma vez que tal língua possui uma estrutura morfológica predominantemente aglutinante, isto é, possui marcadores separados para expressar diferentes categorias qualificacionais, entre as quais as contempladas neste capítulo. Assim, os dados dessa língua poderão favorecer nossa comparação dos modelos.

A coleta dos dados, extraídos da gramática de Facundes (2000), foi baseada na aplicação do seguinte questionário:

Quadro 3 - Questionário aplicado à língua sob análise

- 1.1 Quais estratégias morfo-sintáticas de que a língua dispõe para codificar a categoria de aspecto?
 - a. prefixos
 - b. sufixos
 - c. infixos
 - d. partículas
 - e. verbos auxiliares
 - f. reduplicação
- 1.2 Quais são os tipos de aspectos distinguidos na língua?
- 2.1 Quais estratégias morfo-sintáticas de que a língua dispõe para codificar a categoria de tempo?
 - a. prefixos
 - b. sufixos
 - c. infixos
 - d. partículas
 - e. verbos auxiliares
 - f. reduplicação
- 2.2 Qual é o tipo de sistema temporal da língua?
3. Qual é a ordem relativa dos marcadores de tempo e aspecto com relação à base verbal?

Fonte: Adaptado de Rosário (em preparação)

Os dados extraídos com base no questionário são analisados de acordo com parâmetros de cada modelo a fim de fazermos a comparação entre ambos.

RESULTADOS E ANÁLISES

Relativamente às estratégias de codificação, identificamos, apoiados em Facundes (2000), que a língua Apurinã possui expressão

morfológica (nesse caso, sufixos verbais) de tempo e de aspecto. É o que podemos ver nos exemplos abaixo:

- (1) Apurinã³
P-imaka-ko
 2sg-dormir-FUT
 'Você vai dormir.' (Facundes, 2000, p. 411)
- (2) *Kema nhika-nanu-ta-ru aõtu*
 anta comer-PROGR-VBLZ uxi
 'A anta estava comendo fruta "uxi".' (Facundes, 2000, p. 525)⁴

Em (1), o sufixo *-ko* é meio de expressão de tempo futuro, situando o evento descrito na sentença como posterior ao momento da fala. Nos termos da Gramática Discursivo-Funcional, esse marcador pode ser analisado como um operador de tempo absoluto (no caso, futuro), operando, portanto, na camada do Episódio da representação semântica (Hengeveld, 2011). Nos termos da Cartografia Sintática, por sua vez, esse morfema realiza uma categoria funcional projetada no âmbito do IP, nomeadamente o sintagma funcional T(*future*) na hierarquia das projeções funcionais (Cinque, 1999, p. 106).

Em (2), o sufixo *-nanu* denota uma categoria aspectual, nesse caso a progressividade, que qualifica a situação descrita na predicação como um processo dentro do tempo de tempo de referência. Na GDF, esse sufixo pode ser analisado como um operador de aspecto qualitativo (nesse caso, de aspecto progressivo) (Hengeveld; Mackenzie, 2008, p. 210-211). No empreendimento da Cartografia Sintática, esse marcador pode ser analisado como a realização da categoria funcional Asp_{generic/progressive} na hierarquia de IP.

3 Todos os exemplos deste estudo são da língua Apurinã.

4 Nos casos em que o futuro não é marcado, a sentença pode tanto ter referência temporal passada ou presente, a depender do contexto ou do uso de algum advérbio (Facundes, 2000, p. 514-515).

No que diz respeito especificamente à categoria de aspecto, a aplicação do nosso questionário chegou aos seguintes subtipos e seus morfemas de realização:

Quadro 4 - Sistema aspectual em Apurinã

Tipos de aspecto ⁵	Sufixos de codificação
Perfectivo	-pe
Completivo	-pe
Incompletivo	-panhi
Imeminente	-napano
Progressivo	-nanu
Resultativo	-pe
Incoativo	-pe
Habitual	-pi

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Facundes (2000).

Como podemos perceber, a língua possui um sistema aspectual bastante rico e complexo, uma vez que dispõe de vários operadores de aspecto (para usarmos aqui a terminologia da GDF) ou de várias categorias funcionais projetadas (para usarmos aqui a terminologia da Cartografia Sintática). Oferecemos mais alguns exemplos abaixo:

- (3) *oposo oko-tāta-pe-ka-ne⁶ ata makatxaka Txa-nu*
depois oko-casca-PFTV-PRED-novamente 1PL remover
Aux-novamente

5 Com o intuito de evitarmos divergências de nomenclaturas entre os dois modelos, utilizamos os termos propostos pela gramática da língua.

6 Segundo Facundes (2000, p. 440), o morfema -ne significa simplesmente "novamente" e possui como forma variante a realização -nu, também presente no exemplo. Trata-se de um formativo raro na língua presente em algumas variedades e cuja as funções ainda não são totalmente conhecidas.

'Em seguida, removemos a casca da árvore oko.'
(Facundes, 2000, p. 517)

- (4) *n-umaka-napano*
1SG-dormir-PROSP
'Estou prestes a dormir' (Facundes, 2000, p. 517)

- (5) *pataru sutumaro nhika-pi-ka*
frango gambá comer-HAB-PRED
'O gambá sempre come o frango' (Facundes, 2000, p. 527)

Nos dados em (3), (4) e (5), foram identificados diferentes operadores ou núcleos funcionais aspectuais: perfectividade, em (3), que qualifica o evento como um simples todo (*single whole*) (Comrie, 1976, p. 18), prospectividade, em (4), que trata o evento como prestes a ocorrer, e habitualidade, em (5), que qualifica o evento como uma recorrência habitual.

Se, por um lado, a língua possui um sistema aspectual bastante complexo, por outro, o seu sistema temporal é extremamente simples. Segundo Facundes (2000, p. 513), o sistema temporal de Apurinã é do tipo **futuro versus não-futuro**. Ou seja, nos termos de Comrie (1985, p. 48), é uma língua de sistema temporal binário. No quadro abaixo, mostramos o sistema temporal da língua:

Quadro 5 – Sistema temporal em Apurinã

Subtipo temporal	Sufixo de codificação
Futuro	-ko
Não-futuro	não marcado

Fonte: Elaborado pelos autores com base em Facundes (2000).

De acordo com Facundes (2000, p. 513), o tempo futuro em Apurinã refere-se ao futuro não imediato com relação ao lócus da fala (*speech locus*). Por outro lado, o não-futuro, segundo o autor, pode fazer referência temporal ao passado, ao presente e, ainda, ao futuro imediato com relação ao lócus da fala.

A ORDEM RELATIVA DO TEMPO E DO ASPECTO NA LÍNGUA

Como mostramos na subseção anterior, a língua Apurinã possui marcadores gramaticais (sufixos) separados para codificar tempo e aspecto, realizando, portanto, diferentes núcleos funcionais (na CS) ou diferentes operadores (na GDF).

Se esses diferentes núcleos funcionais (ou operadores) temporais e aspectuais alocam-se em diferentes estratos da sentença, significa que, em tese, eles poderiam coocorrer em uma mesma sentença. Nesses casos, a ordem dos marcadores relativamente à base verbal deve necessariamente seguir a hierarquia preconizada pelos dois modelos. É o que podemos detectar nos dados abaixo:

- (6) *iye* $\emptyset$ -*oka-pe-no-na-ko*
PTC 3M-matar-PFTV-1SG.O-3PL-FUT
'Então, eles vão me matar.' (Facundes, 2000, p. 514)
- (7) *nhi-suka-rewa-powa-nanu-ta-panhi-ka-ka-ru-ko*
1SG-dar-INTR-muito-PROGR-VBLZ-IMPFTB-PRED-CAUS-3M.O-FUT
'Eu ainda vou fazer ele vender muito disso.' (Facundes, 2000, p. 514)

Em (6), o sufixo de aspecto perfectivo *-pe* está mais próximo à base verbal *-oka* do que o morfema de tempo futuro *-ko* em termos de ordenação linear. No dado apresentado em (7), por sua vez, o sufixo de progressividade *-nanu* é codificado mais próximo à base *-suka* do que o sufixo imperfectivo *-panhi*, que, por seu turno, é seguido pelo morfema de futuro *-ko*. Assim, por recurso ao método

da precedência, podemos chegar à seguinte ordem hierárquica entre essas categorias:

- (8) Tempo futuro > Aspecto (im)perfectivo >
Aspecto progressivo > V

Os dados apresentados em (6) e (7) mostram casos de coocorrência do tempo futuro com os subtipos aspectuais (im)perfectivo e progressivo, que nos viabiliza estabelecer sua ordem relativa, como propomos em (8). No entanto, há outros dados que nos habilitam a estabelecer a ordem de outros núcleos funcionais (ou operadores) aspectuais e o tempo relativamente à base verbal se considerarmos o método da transitividade. Vejamos:

- (9) *uwa* *nhipoko-ta-pi-panhi-ka*
3SG.M comer-VBLZ-HABI-IMPFTV-PRED
'Ele ainda sempre come' (Facundes, 2000, p. 527)

- (10) *nhi-nhipoko-ta-napano-pe-ka*
1SG-comer-VBLZ-PROSP-PFTV-PRED
'Eu já estou prestes a comer' (Facundes, 2000, p. 527)

Como pudemos observar em (6) e em (7), tanto o marcador de aspecto perfectivo quanto o de imperfectivo estão mais próximos à base verbal do que o morfema de futuro. E, nos dados em (9) e (10), observamos que os morfemas de habitualidade e prospectividade estão ainda mais próximos à raiz verbal do que os morfemas de perfectividade e imperfectividade. Assim, por transitividade, nos parece viável defender que, em Apurinã, também os morfemas de aspecto habitual e prospectivo estão mais integrados à base verbal do que o morfema de tempo futuro, o que nos revela diferentes relações hierárquicas entre essas categorias. Com base nessa argumentação, podemos chegar à seguinte ordem mais geral:

- (11) Tempo (futuro) > Aspecto > V

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que existem convergências ao compararmos esses dois modelos de polos teóricos distintos, primeiramente pelo fato de ambos assumirem que as categorias léxico-gramaticais são hierarquicamente organizadas, seja em camadas (na GDF) ou em projeções (na CS), fato que já havia sido atestado com relação à Gramática Funcional e à Cartografia Sintática em Tescari Neto (2021).

Na GDF, as categorias aspectuais ocupam as camadas mais baixas da representação semântica com relação à categoria de tempo futuro. Como correlato formal de expressão, a ordenação linear dos itens pode refletir iconicamente as relações semânticas de escopo, como observamos nos dados da língua analisada. Na CS, as categorias aspectuais ocupam as posições mais baixas do *middlefield*, o que faz com que sejam rigidamente ordenadas mais próximas à base verbal do que os marcadores de tempo futuro, comportamento também compatível com os dados. Assim, apesar de pertencerem a paradigmas distintos do pensamento linguístico, ambos os modelos chegam a resultados notadamente similares (Hengeveld, 2011, p. 581) quanto à hierarquia entre tempo e aspecto, já que ambos assumem que a categoria de tempo seria superior à categoria de aspecto. Como diz Aboh (2024), a ordenação entre as categorias qualificacionais de TAM parece ser um universal do qual a GDF e a CS não podem escapar.

Claramente existem divergências entre esses dois modelos pois a motivação é distinta: enquanto na GDF a motivação da definição das camadas é semântica, na CS a motivação da definição das projeções é sintática. Além disso, a GDF não assume que todas as línguas possuem todos os operadores previstos, enquanto a CS assume que as categorias funcionais são universais em termos de número e ordem, como já exposto na terceira seção deste estudo.

Apesar das já sabidas divergências, concordamos com Tescari Neto (2021), que afirma que, ainda que haja desafios epistemológicos sérios, a aproximação e o diálogo entre abordagens teóricas diferentes podem produzir descobertas muito interessantes sobre a natureza das línguas naturais.

REFERÊNCIAS

ABOH, Enoch. Tense, mood, and aspect sequencing: The universals FDG and Cartography can't escape. *In*: OLBERTZ, Hella (Ed.); KEIZER, M. Evelien. **A splendid series of squibs**: In honour of Kees Hengeveld on the occasion of his retirement from the University of Amsterdam. *Linguistics in Amsterdam*, v. 15, n. 2, 2024.

ABNEY, Steven Paul. **The English Noun Phrase in its Sentential Aspect**. Massachusetts, Massachusetts Institute of Technology, MIT, 1987 (Tese de doutorado).

BELLETTI, Adriana. **Generalized Verb Movement**: Aspects of Verb Syntax. Turin: Rosenberg & Sellier, 1990.

BUTLER, Christopher; TAVERNIERS, Miriam 2008. Layering in structural-functional grammars. *Linguistics*, v. 46, n. 4, p. 689-956, 2008.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of Language**: Its Nature, Origin and Use. Nova Iorque: Praeger, 1986.

BYBEE, Joan. **Morphology**: A Study of the Relation between Meaning and Form. Amsterdam: John Benjamins, 1985.

CHOMSKY, Noam. Derivation by Phase. *In*: KENSTOWICZ, Michael (ed.). **Ken Hale**: A Life in Language. Cambridge, Mass.: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CINQUE, Guglielmo. On the Evidence for Partial N-Movement in the Romance DP. *In*: CINQUE, Guglielmo; KAOSTER, Jan; POLLOCK, Jean-Yves; RIZZI, Luigi; ZANUTTINI, Raffaella (org.). **Paths Towards Universal Grammar**. Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1994.

CINQUE, Guglielmo. Adverbs and the Universal Hierarchy of Functional Projections. **Glow Newsletter**, v. 34, 1995.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and Functional Heads**: The Cartography of Syntactic Structures. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. (ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. New York: Oxford University Press, 2010.

CINQUE, Guglielmo. Cognition, universal grammar, and typological generalizations. **Lingua**, [s.l.], v. 130, [s.n.], p. 50-65, 2013.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Nova Iorque: Cambridge University Press, 1976.

COMRIE, Bernard. **Tense**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1985.

FACUNDES, Sidney. **The Language of the Apurinã People of Brazil**, Ph.D Dissertation: SUNY, Buffalo, 2000.

HALLIDAY, Michael; MATTHIESSEN, Christian. **An introduction to functional grammar**. Third Edition. London: Arnold, 2004.

HATTNHER, Marize; HENGVELD, Kees. The Grammaticalization of Modal Verbs in Brazilian Portuguese: A Synchronic Approach. **Journal of Portuguese Linguistics**, Lisboa, v. 15, p. 1-14, 12 jan. 2016.

HENGVELD, Kees. A hierarchical approach to grammaticalization. *In*: HENGVELD, Kees. NARROG, Heiko; OLBERTZ, Hella. (eds.). **The Grammaticalization of Tense, Aspect, Modality and Evidentiality from a Functional Perspective**. Berlin: de Gruyter Mouton, 2017.

HENGVELD, Kees. The grammaticalization of tense and aspect. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (eds). **The Oxford Handbook of Grammaticalization**. Oxford: Oxford University Press, 2011. p. 580-594.

HENGVELD, Kees; HATTNHER, Marize. Four Types of Evidentiality in the Native Languages of Brazil. **Linguistics**, v. 53, n. 3, p. 479-524, 2015.

HENGVELD, Kees; MACKENZIE, Lachlan. **Functional Discourse Grammar**. A typologically based theory of language structure. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HENGVELD, Kees; OLBERTZ, Hella. (2018). Systems of TMA and Related Categories in Functional Discourse Grammar: A Brief Overview. **Open Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 323-327, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1515/opli-2018-0017>.

KAYNE, Richard. **Movement and Silence**. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LARSON, Richard. On the Double Object Construction. **Linguistic Inquiry**, v. 19, n. 3, p. 335-391, 1988.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, Massachusettes, v. 20, p. 365-424, 1989.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of Left Periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane. (ed.) **Elements of Grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997.

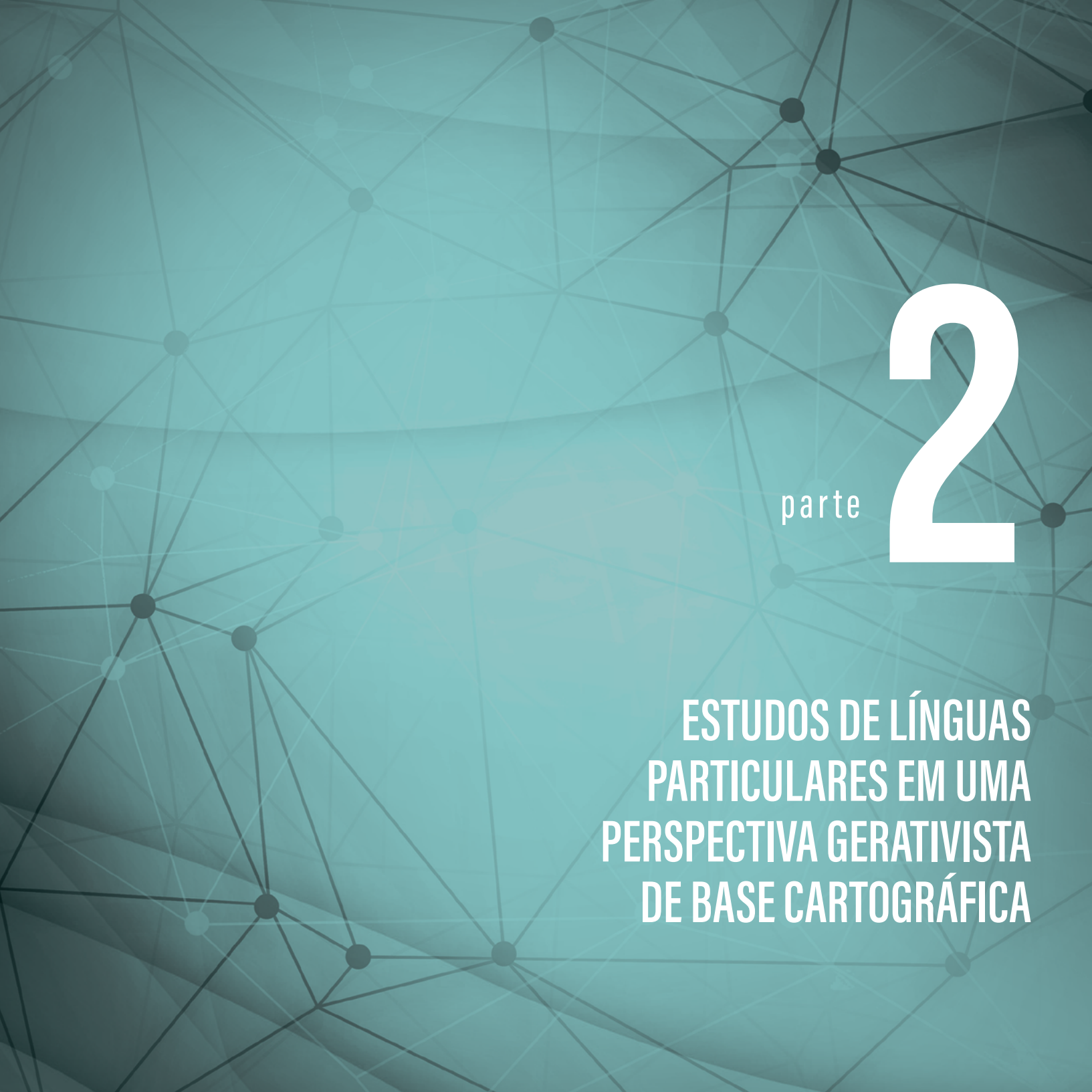
TESCARI NETO, Aquiles. Paralelos entre a Cartografia Sintática da Gramática Gerativa e a Gramática Funcional holandesa. *In*: SOUZA, Edson Rosa Francisco de; STASSI-SÉ, Joceli Catarina; MARQUES, Norma Barbosa Novaes; GARCIA, Talita Storti. (Org.). **Linguística funcional: retrospectivas, atuações e diálogos** - uma homenagem à profa. Erolilde Goreti Pezatti. 1ed. Campinas: Pontes Editores, 2021, v. 1. p. 286-305.

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa**. Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da UNICAMP, 2021.

VAN VALIN, Robert (ed.). **Advances in Role and Reference Grammar**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1993.

VAN VALIN, Robert; LAPOLLA, Randy. **Syntax**: Structure, meaning, and function. Cambridge: CUP, 1997.

VIKNER, Sten. Reichenbach Revisited: One, Two or Three Temporal Relations. **Acta Linguistica Haefniensia**, v. 19, p. 81-98, 1985.



parte

2

ESTUDOS DE LÍNGUAS
PARTICULARES EM UMA
PERSPECTIVA GERATIVISTA
DE BASE CARTOGRÁFICA

6

Aquiles Tescari Neto

RESTRIÇÕES A ADVÉRBIOS EM SENTENÇAS IMPERATIVAS¹

1

Agradeço à FAPESP pelo apoio financeiro que tornou possível a execução do presente projeto (Processo 23/16142-0). Link de acesso ao projeto na Biblioteca Virtual da FAPESP: [https://bv.fapesp.br/pt/pesquisa/buscador/?q2=\(id_pesquisador_exact%3A63558\)%20AND%20\(auxilio:%20AND%20situacao:%22Em%20andamento%22\)](https://bv.fapesp.br/pt/pesquisa/buscador/?q2=(id_pesquisador_exact%3A63558)%20AND%20(auxilio:%20AND%20situacao:%22Em%20andamento%22)). Acesso em 12/12/2025. Agradeço também aos organizadores do II GT do Bioling, ocorrido na Faculdade de Letras da UFRJ nos dias 30/09 e 01/10/2025, pelo convite para a conferência de abertura onde discuti quatro propriedades que distinguem advérbios altos e baixos, das quais seleciono uma para aqui problematizar. Meus sinceros agradecimentos aos muito válidos *feedbacks* dados no momento da discussão. Por fim, mas não menos importante, meus sinceros agradecimentos aos revisores deste trabalho pela cuidadosa leitura, sugestões e correções que fizeram o trabalho ganhar muito em qualidade.

INTRODUÇÃO

Advérbios constituem uma classe composta e essencialmente heterogênea (Carneiro, 1989; Ilari *et al.*, 1990; Castilho e Moraes de Castilho, 1993; Duplâtre e Modicom, 2022; dentre outros). Há vasta literatura voltada às propriedades morfológicas, sintáticas, semânticas e pragmáticas dos advérbios (cf. Jackendoff, 1972; Bellert, 1977; Castilho e Moraes de Castilho, 1993; Müller de Oliveira, 1993; Laenzlinger, 1998; Cinque, 1999; Tescari Neto, 2013, 2022a, 2024; Alves, 2024). Tais propriedades são comumente evocadas para distinguir advérbios sentenciais (ASs) — e aqui os chamaremos de advérbios altos a partir da próxima seção, pelas razões a serem lá esclarecidas — de advérbios de VP — também chamados de advérbios baixos (Cinque, 1999; Tescari Neto, 2013, 2022; Alves, 2024) e, fora da tradição gerativista, de advérbios de constituinte (Ilari *et al.*, 1990; Müller de Oliveira, 1993; Castilho e Moraes de Castilho, 1993). Advérbios sentenciais (AS) "(...) afetam (/modificam) de diversas maneiras o conteúdo da sentença em que ocorrem." (Ramat; Ricca, 1998, p. 98). Desse modo, uma sentença como

- (1) Dominique comprou um cachecol na Galeries Lafayette de Paris

diferiria em significado e valor de verdade se comparada, p.ex., com a mesma sentença contendo um AS, como *provavelmente* em (2).

- (2) *Provavelmente*, Dominique comprou um cachecol na Galeries Lafayette de Paris

O objetivo deste trabalho é revisitar uma das várias propriedades comumente referenciadas na literatura para a distinção entre AS e advérbios de VP/de constituinte, nomeadamente a restrição que veta advérbios sentenciais em sentenças imperativas. Toma-se o comportamento das diferentes classes de advérbios da hierarquia

de Cinque (1999) — cf. próxima seção — como palco para a testagem dessa propriedade em três variedades do português: português de Angola (PA), do Brasil (PB) e de Moçambique (PM).

Na próxima seção, são detalhados os pressupostos teóricos: cuidamos de discutir a divisão comumente feita das classes dos advérbios em dois grupos: o dos sentenciais e o dos de VP (por muitos chamados de advérbios de constituintes, como dito). Feito isso, passamos, na seção de “Metodologia”, a uma pormenorização sobre o modo como os dados foram coletados. A seção de “Resultado e Análise” discute os resultados da testagem da propriedade sob investigação, a saber, a possibilidade ou não de determinadas classes de advérbios ocorrerem em imperativas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Conforme exposto na seção anterior, nosso objetivo é o de discutir uma propriedade capaz de distinguir AS de advérbios de VP (i.e., advérbios que tomam o sintagma verbal por escopo): trata-se da propriedade que evoca *restrições ao aparecimento de ASs em imperativas*. Tal propriedade aparece por exemplo em Han (1998) e Cruschina (2010). Mas antes de falar da propriedade, cuidemos de retomar uma distinção importante mencionada muito brevemente na *Introdução*: a distinção entre ASs e advérbios de constituintes (doravante AC) (cf. Castilho e Moraes de Castilho (1993), Müller de Oliveira (1993), Tescari Neto (2022a)).

ASs ordinariamente tomam o conteúdo proposicional (o IP, em termos de gramática gerativa) por escopo. ACs, por outro lado, modificam constituintes sentenciais. Compare a ocorrência em (2), oferecida na seção anterior e reproduzida a seguir por conveniência, em que o advérbio *provavelmente* toma por escopo o conteúdo

proposicional, donde a admissibilidade da paráfrase em (2') para (2), com a ocorrência em (3), em que o advérbio *cedo* modifica o VP nucleado por *comprou*, não tendo escopo sobre a proposição.

- (2) *Provavelmente* Dominique comprou um cachecol na Galeries Lafayette de Paris.
- (2') É provável que Dominique comprou um cachecol na Galeries Lafayette de Paris.
- (3) Dominique comprou *cedo* um cachecol na Galeries Lafayette de Paris.

Há uma série de testes reportados na literatura (cf., dentre outros, Bellert, 1977; Casteleiro, 1982; Castilho e Moraes de Castilho, 1993; Ramat e Ricca, 1998; Tescari Neto, 2022a, 2024; Alves, 2024) que ajudam a discriminar esses dois grupos de advérbios. Na verdade, muitos dos testes são originalmente propostos ou utilizados para distinguir, ao menos em trabalhos gerativistas, AS de advérbios de VP, na esteira de Jackendoff (1972) e trabalhos posteriores. Não entrarei aqui na diferenciação — que existe de fato entre AC e advérbios de VP. Reporto para isso o leitor a Tescari Neto (2022a). Naquele trabalho, argumentei inclusive que ASs não existem; são, no melhor mundo possível, um epifenômeno, no sentido de que, considerando a hierarquia universal dos advérbios (Cinque, 1999), reportada em (4), a seguir, tais advérbios ocupam posições mais altas na hierarquia. Advérbios ditos baixos ocupam posições baixas. Igualmente, ser um advérbio de VP é também epifenomenal, visto que tanto advérbios baixos quanto altos podem modificar constituintes sentenciais. Veja-se que o advérbio alto *provavelmente* em (2'') modifica *na Galeries Lafayette de Paris*, podendo ser contrastado com *na Printemps*, conforme a continuação da sentença na mesma ocorrência. Advérbios baixos também podem ser modificar constituintes sentenciais: basta ver o comportamento de *com frequência* em (5), a seguir, que modifica o constituinte *na Galeries Lafayette de Paris*.

- (4) A hierarquia universal dos advérbios e projeções funcionais (Cinque, 1999, p. 106)² [ALTOS] [*frankly* Mood_{speech act}] [*fortunately* Mood_{evaluative}] [*allegedly* Mood_{evidential}] [*probably* Mod_{epistemic}] [*once* T_(Past)] [*then* T_(Future)] [*perhaps* Mood_{irrealis}] [*necessarily* Mod_{necessity}] [*possibly* Mod_{possibility}] [MÉDIAIS] [*usually* Asp_{habitual}] [*again* Asp_{repetitive(I)}] [*often* Asp_{frequentative(I)}] [*intentionally* Mod_{volitional}] [*quickly* Asp_{celerative(I)}] [*already* T_(Anterior)] [*no longer* Asp_{terminative}] [*still* Asp_{continuative}] [*always* Asp_{perfect(?)}] [*just* Asp_{retrospective}] [*soon* Asp_{proximative}] [*briefly* Asp_{durative}] [*characteristically(?)* Asp_{generic/progressive}] [BAIXOS] [*almost* Asp_{prospective}] [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}] [*tutto* Asp_{P1Completive}] [*well* Voice] [*fast/early* Asp_{celerative(II)}] [*again* Asp_{repetitive(II)}] [*often* Asp_{frequentative(II)}] [*completely* Asp_{SgCompletive(II)}]
- (2") Dominique comprou um cachecol *provavelmente* na *Galleries Lafayette de Paris*, não na *Printemps*.
- (5) Dominique comprou cachecóis *com frequência* na *Galleries Lafayette de Paris*, não na *Printemps*.

Neste trabalho, no entanto, não nos interessa a questão da possibilidade de um mesmo advérbio poder atuar modificando quer a sentença quer constituintes sentenciais. O que nos interessa é uma propriedade sintática dos advérbios que havíamos deixado em suspenso: o fato de advérbios altos (ou AS) não poderem aparecer em sentenças imperativas. Daqui por diante, passo, então, a me referir aos AS como advérbios altos (AA), em oposição aos advérbios baixos (AB) e aos advérbios mediais (AM). AAs não podem figurar em imperativas; ABs e AMs podem. Os termos sobrescritos em (4) — altos, mediais e baixos —, aliás, indicam zonas da hierarquia. Há certo consenso sobre quais advérbios fazem parte da zona ou espaço dito alto: os AS. Quanto aos mediais e aos baixos, não há consenso. A divisão indicada em (4) foi a sugerida em Tescari Neto (2019)

com base na altura de movimento obrigatório do V finito nas variedades do português aqui investigadas (veja-se também Tescari Neto, 2022b).

Busca-se com o estudo da propriedade que veta o aparecimento de AAs em imperativas (Han, 1998; Cruschina, 2010) verificar a validade da referida propriedade, com base dessa vez em dados do PA, PB e PM, em perspectiva comparada, portanto. AAs não poderiam aparecer em imperativas por precisarem de uma cláusula proposicional *explícita* para tomarem por escopo (Han, 1998). Sentenças imperativas não exibem essa cláusula explicitamente; o advérbio, portanto, “perde o escopo”, o que dá lugar à infelicidade da ocorrência. Trata-se, portanto, de um problema de ordem semântico-pragmática, ligado à força ilocucionária. Vejam-se a esse respeito as ocorrências em (6-7), a seguir, do PB: o AA *provavelmente* é infeliz (o que se indica pelo “#” diante da ocorrência) na réplica de B ao contexto dado em A de (6); já o AB *depressa* pode aparecer na imperativa em B de (7).

- (6) *provavelmente* ('probably'; Mod_{epistemic})
A: — A tempestade vai atingir a cidade em minutos!
B: — #Provavelmente, busquem abrigo agora!
- (7) *depressa* ('fast'; Asp_{celerative(II)})
A: — A evacuação precisa acontecer antes da explosão!
B: — Saiam todos depressa!

Sentenças como (6-7) serão alvo do exame a ser feito neste trabalho.

METODOLOGIA

No projeto Fapesp de processo 23/16142-0 (modalidade: auxílio à pesquisa regular), o objetivo inicial era o de submeter a três variedades do português (PA, PB e PM) — além de três variedades do espanhol latino-americano — testes comumente utilizados pela literatura para discriminar AA de AB (cf. Bellert, 1977; Casteleiro, 1982; Müller de Oliveira, 1993; Ramat e Ricca, 1998; etc.). Um dos problemas notados já no início do projeto era o de determinar a posição na hierarquia sentencial ocupada pelo advérbio em casos em que a estrutura de informação era acionada (p.ex., por razões de focalização, topicalização etc. do advérbio). Para resolver o impasse, optou-se por criar contextos para as sentenças a serem testadas — i.e., as sentenças comumente oferecidas pela literatura —, algo não antes feito, salvo engano, pela literatura sobre a testagem das propriedades sintáticas dos advérbios. Assim, em vez de simplesmente testar (6B) da seção anterior, reproduzida a seguir por conveniência em (6') — sendo esta a sentença-teste oferecida pela literatura —, testa-se (6B) como réplica ao contexto dado em (6A), ambas reproduzidas também a seguir, esta a inovação trazida pelo projeto — e isso para outros nove testes, indicados no quadro 1 a seguir.

- (6') #Provavelmente, busquem abrigo agora!
- (6) *provavelmente* ('probably'; Mod_{epistemic})
A: — A tempestade vai atingir a cidade em minutos!
B: — #Provavelmente, busquem abrigo agora!

Quadro 1 – Propriedades testadas pelo projeto Fapesp (23/16142-0)

1	Coordenação de um advérbio com uma oração
2	Aparecimento de AS em perguntas SIM-NÃO
3	Advérbios como respostas a perguntas polares

4	Aparecimento de um advérbio em uma sentença imperativa
5	Restrições a AS sob o escopo de <i>senão/a não ser</i> em negativas
6	Construção AdvP + COMP
7	Escopo em relação a advérbios focais
8	Clivadas adverbiais
9	Posicionamento sentencial-final do advérbio

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Assim, para cada sentença-teste, qual oferecida pela literatura para cada uma das nove propriedades indicadas no Quadro 1, seria oferecido um contexto em uma sentença anterior. O contexto e a sentença-teste que lhe serve de réplica seriam apresentados aos voluntários da pesquisa na forma de um mini-diálogo, conforme mostrado em (6-7) da seção anterior. Para a investigação, recorreremos a um informante do PB para todas as nove propriedades, a cinco do PA e a cinco do PM. Por se tratar de uma pesquisa feita com humanos, submetemos o projeto ao Conselho de Ética da Unicamp via Plataforma Brasil. Este é o protocolo de aprovação: **CAAE:** 78096723.1.0000.8142. Os encontros entre o investigador — autor do presente capítulo — e cada informante se deram em sessões privadas on-site para um dos informantes moçambicanos e on-line pelo Google Meet para os demais voluntários da investigação. Os encontros duravam em média 30 minutos. Antes de apresentar as ocorrências aos informantes, era dada uma explicação sobre a tarefa que deveriam desenvolver. Havia um único teste em cada encontro (i.e., um dos testes a evocar uma das nove propriedades do Quadro 1), e a tarefa do voluntário era a de oferecer julgamentos de aceitabilidade para as ocorrências que lhe eram apresentadas na tela do computador. Para cada informante, aparecia na tela apenas a sentença-contexto (em A) e a réplica (em B). O informante era avisado que para nós interessava seu julgamento sobre a boa

ou malformação (ou até mesmo adequação ao contexto) da ocorrência em B relativamente à ocorrência em A. Assim, o par de sentenças (p.ex., o par dado em (6)) aparecia como em (6'') ao informante: a classe do advérbio, sua tradução em inglês e sua categoria, que figuram na primeira linha de (6), não apareciam.

- (6'') A: — A tempestade vai atingir a cidade em minutos!
B: — Provavelmente, busquem abrigo agora!

Antes mesmo de aplicar os testes aos informantes, eu já vislumbrava vantagens no oferecimento de contextos a eles: os contextos os auxiliariam a julgar com mais segurança as sentenças-teste (posto que estariam contextualizadas), e os contextos poderiam me ajudar a identificar as propriedades da estrutura informacional associadas aos advérbios nas sentenças-teste.

O grande desafio do projeto — ao idealizar oferecer contextos como as sentenças em A para todas as nove propriedades do Quadro 1 — era o de criar contextos para as sentenças-teste. Para o PB, sendo 29 os advérbios da hierarquia de Cinque (cf. (4)) — não é de todo claro qual seria o advérbio correspondente ao retrospectivo *just* do inglês —,³ deveriam ser criados 29 contextos para as sentenças a serem testadas. Sendo 9 as propriedades, $9 \times 29 = 261$, i.e., o investigador, no caso eu, deveria criar 261 pares de sentenças. Se são 3 as variedades do português investigadas na primeira etapa do projeto, teriam então de ser criados 261 contextos (para o PB) e adaptar esses 261 pares de sentenças à realidade linguística e cultural angolana e à moçambicana; portanto, deveriam ser feitas duas adaptações a cada uma dessas 261 sentenças, i.e., 261 adaptações ao PA e 261 adaptações ao PM, perfazendo um total de 522 sentenças adaptadas. O trabalho de criação e adaptação, no fim das contas, envolveria um total de 783 pares de sentenças! Haja tempo

3 Adriana Leitão Martins (com. pessoal) sugeriu-me que o advérbio *recentemente* pode ser o item que lexicalizaria esta categoria em PB. Os dados já tinham sido, contudo, coletados quando ela me deu esta sugestão.

— e por que não “criatividade” — para elaborar essas ocorrências e adaptá-las às realidades de Angola e de Moçambique! Recorri, portanto, ao ChatGPT e ao DeepSeek para este trabalho de elaboração do banco de dados. Os *prompts* utilizados aparecem neste link <https://doi.org/10.25824/redu/UW7A62>, hospedado no repositório de dados de pesquisa da Unicamp, o REDU (Tescari Neto, 2026a). O link permite acesso aos *prompts* para geração das sentenças do PB pelo ChatGPT e para a adaptação, pelo DeepSeek, dos dados do PB à realidade angolana e moçambicana.

Um dos arquivos disponibilizado no link oferecido no parágrafo anterior — nomeadamente, o arquivo “Prompt BP_ 4 Appearance of an adverb in imperative sentences.pdf” — contém o *prompt* fornecido à IA, no caso, ao chatGPT, para a geração dos pares de sentenças referentes à propriedade “Restrições ao aparecimento de advérbios altos/sentenciais em imperativas”. Os dados gerados pela IA a partir do prompt foram cuidadosamente revisados por mim antes de serem julgados.

Para além das tarefas concernentes à elaboração do banco de dados do PB, há também a tarefa de adaptação, como dito, às realidades moçambicana e angolana dos dados que seriam julgados pelos informantes daquelas duas variedades. Recorreu-se a esse fim também à IA, desta vez ao *DeepSeek*. A tarefa da IA consistia em adaptar linguística e culturalmente ao PA e ao PM as sentenças geradas para o PB. Forneceu-se a esse fim, como *input* à IA, *prompts* em que claramente se pediam adaptações ao PA e adaptações ao PM, naturalmente em prompts diferentes para cada variedade. No mesmo link disponibilizado acima, encontram-se os prompts para o PA (arquivo “Prompt AO_ 4 Appearance of an adverb in imperative sentences.pdf”) e para o PM (arquivo “Prompt MOZ_ 4 Appearance of an adverb in imperative sentences.pdf”). Os dados gerados pelo Deep Seek eram cuidadosamente revisados por mim antes de apresentados aos informantes, ocasião em que os julgamentos de aceitabilidade eram dados por eles.

As sentenças julgadas pelos informantes humanos também foram compartilhadas no REDU, o repositório de dados da Unicamp, numa iniciativa de partilha dos dados com a comunidade científica, típica de programas de “Ciência Aberta”. Eis o link para acesso aos dados na íntegra (Tescari Neto, 2026b): <https://doi.org/10.25824/redu/XKEBHM>. Estão separados por variedade: AP, BP and MP.

Passemos, então, à próxima seção, que detalha e discute os resultados.

RESULTADO E ANÁLISE

Geradas as sentenças para o PB, procedeu-se, como dito na seção anterior, às tarefas de julgamento de aceitabilidade. Como o informante do PB era eu mesmo, tivemos, para o banco de dados do PB, julgamentos de gramaticalidade diretamente. Os dados do PA e do PM foram gerados pelo DeepSeek, sendo adaptados, de um lado, à realidade linguístico-cultural de Angola, e à de Moçambique, de outro, o que já foi dito. Em reuniões por Google Meet e/ou presenciais, os dados foram apresentados aos voluntários de pesquisa em sessões privadas para julgamentos de aceitabilidade. Em relação aos dados não de todo conclusivos, i.e., aqueles para os quais o informante não apresentava certeza quanto ao julgamento, tais dados foram apresentados a outros informantes, o que poderia garantir mais certeza quanto ao estatuto de gramaticalidade e/ou felicidade (no sentido pragmático) da ocorrência em questão.

Como dito, os dados, na íntegra, estão disponibilizados no repositório REDU.⁴ A seguir, considerando os resultados reportados no Quadro 2, discutimos os resultados.

4 Link de acesso ao banco de dados referente às restrições ao posicionamento de advérbios em imperativas nas três variedades: PA, PB e PM: DOI: <https://doi.org/10.25824/redu/XKEBHM>.

Quadro 2 – Advérbios em imperativas no PA, PB e PM

Categorias	PA	PB	PM
Mood _{speech act}	✓	✓	✓
Mood _{evaluative} , Mood _{evidential} , Mod _{epistemic}	#	#	#
T _(Past)	#	#/*	#
T _(Future)	✓	✓	✓
Mood _{irrealis}	#	#	#
Mod _{necessity}	✓	✓	✓
Mod _{possibility} , Asp _{habitual}	#	#	#
Asp _{repetitive(I)} , Asp _{frequentative(I)}	✓	✓	✓
Mod _{Volitional}	#	#	#
Asp _{celerative(I)} , T _{(Anterior)'}	✓	✓	✓
T _(Anterior)	✓	✓	✓
Asp _{terminative} , Asp _{continuative} , Asp _{perfect(?)'}	✓	✓	✓
Asp _{etrospective}	N/A	N/A	N/A
Asp _{proximative} , Asp _{durative}	✓	✓	✓
Asp _{generic/progressive} , Asp _{prospective}	#	#	#
Asp _{SgCompletive(I)} , Asp _{PlCompletive'} , Voice, Asp _{celerative(II)'} , Asp _{repetitive(II)'} Asp _{frequentative(II)} , Asp _{SgCompletive(II)}	✓	✓	✓

Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Os resultados reportados no Quadro 2 deixam evidente que a propriedade “Restrições ao aparecimento de advérbios altos/sentenciais em imperativas” (Han, 1998; Cruschina, 2010) é por demais reveladora da posição ocupada pelo advérbio na hierarquia universal: AAs são incontroversamente infelizes pragmaticamente em sentenças imperativas: veja-se o símbolo do jogo da velha (“#”) colocado no quadro para os advérbios pertencentes à zona alta do midfield

— aquela destacada em cinza —, área comumente ocupada por AA (ou AS): com poucas exceções — e sobre as quais falaremos a seguir ($\text{mood}_{\text{speechact}}$, $T_{(\text{Fut})}$ e $\text{Mood}_{\text{necessity}}$) —, todos os demais AAs, incluindo no grupo os advérbios habituais do tipo de *geralmente* e *normalmente*, dão lugar a ocorrências pragmaticamente infelizes se combinados com imperativos. Disso são exemplo as sentenças (8), (9) e (10), respectivamente exibindo um AA, um AM e um AB. As sentenças são do PB. Para as equivalentes em PA e em PM, consulte-se o corpus disponibilizado no REDU (cf. nota de rodapé 4).

- (8) *alegadamente* ('allegedly'; $\text{Mood}_{\text{evidential}}$)
A: — Dizem que ele manipulou os resultados da eleição.
B: — #Alegadamente, investiguem os dados!
- (9) *rapidamente* ('quickly'; Aspcelerative(II))
A: — O incêndio se espalha pelos andares superiores!
B: — Desliguem rapidamente a eletricidade!
- (10) *de novo* ('again'; Asprepetitive(II))
A: — O sistema falhou ao processar o pedido.
B: — Tentem submeter o formulário de novo!

AAs — e este é o caso de *alegadamente* em (8), um advérbio da categoria $\text{Mood}_{\text{evidential}}$ — geram resultados pragmaticamente infelizes quando em sentenças imperativas. O mesmo não ocorre com AMs (caso de *rapidamente* em (9)) nem com ABs (caso de *de novo* em (10)). Isso porque AAs (ASs, em geral) precisam de uma cláusula proposicional ou performativa *explícita* para tomarem por escopo (Han, 1998). Sentenças imperativas não exibem essa cláusula explicitamente, o que leva o AA a “perder o alvo”, dando lugar à infelicidade da ocorrência. O problema, então, é de ordem semântico-pragmática, ligado à força ilocucionária.

Consideremos agora os casos disruptivos, i.e., os casos cujo comportamento exibido pelo advérbio foge ao padrão esperado pela classe (AA ou AB/AM, p.ex.). Um dos casos disruptivos é exibido

por *francamente*, advérbio da classe Mood_{speechact}. O exemplo em (11) é extraído do *corpus* do PA, mas o mesmo julgamento é válido para o PB e para o PM relativamente a essa classe (cf. Quadro 2).

(11) *francamente* ('frankly'; Moodspeech act)

A: — Eles continuam a espalhar rumores na equipa.

B: — Francamente, confrontem os responsáveis!

Por ser um AA, *francamente* deveria gerar uma sentença pragmaticamente infeliz quando em combinação com o imperativo, contrariamente aos fatos, e isso para as três variedades: (11) em PA é bem-formada, e temos o mesmo para o PB e o PM. Advérbios de ato de fala do tipo de *francamente* funcionam em imperativas porque não dependem de uma proposição explícita (nos termos de Han, 1998), como os outros advérbios altos, mas atuam diretamente sobre a força ilocucionária. Nesse sentido, pode-se dizer que o advérbio deslocado em (11) se mova a [Spec,ForceP] cujo núcleo é preenchido pelo V no imperativo: o V imperativo sobe até Force para valorar os traços daquela projeção associados ao tipo de sentença. A função de advérbios de ato de fala é comentar/qualificar a relação entre o falante e o interlocutor no ato de fala, e não avaliar o conteúdo proposicional. Uma razão independente do teste, portanto, explica a boa formação de (11), o que não invalida o teste — que continua um diagnóstico útil à distinção AA, de um lado, e AM/AB, de outro.⁵

Outras duas classes de AAs têm comportamento disruptivo se considerarmos seu aparecimento em imperativos. Os dados em (12) e (13), do PM — mas temos exatamente os mesmos julgamentos

5 *Francamente* é um item lexical subespecificado no léxico português e, portanto, compatível com mais de uma posição na hierarquia universal dos advérbios. A explicação ao comportamento desviante de *francamente* em (11) é pautada em Han (1998): advérbios de atos de fala podem aparecer em imperativos, porque eles atuam diretamente sobre a força ilocucionária. Uma explicação alternativa, dada por Matheus Gomes Alves (com. pessoal), seria a de que, em (11), *francamente* seria um advérbio de modo, soldado em [Spec,VoiceP] e posteriormente alçado a uma posição da periferia esquerda, em conformidade com a paráfrase "De modo franco, confrontem os responsáveis" à ocorrência original em (11B).

para o PA e o PB (veja-se o Quadro 2) —, exibem respectivamente os advérbios de $T_{(Future)}$ e $Mod_{Necessity}$:

(12) *mais tarde* ('later'; $T_{(Future)}$)

A: — O técnico só vem amanhã.

B: — Arranjem vocês mesmos o aparelho mais tarde!

(13) *necessariamente* ($_{necessarily}$; $Mod_{necessity}$)

A: — Nem todos alunos precisam fazer a prova hoje.

B: — Necessariamente, obedecem às ordens da coordenação!

Sobre o estatuto pragmaticamente feliz da réplica em B para (12), inesperada por a projeção $T_{(Future)}$ ser uma projeção da zona alta da sentença, entende-se que ordens são ancoradas e performadas no tempo futuro, o que justificaria a boa formação da ocorrência. Alternativamente, poder-se-ia dizer que, no caso, o advérbio estaria na verdade soldado no especificador da projeção de Circunstancial de Tempo, uma projeção que, conforme Schweikert (2005) e Cinque (2006), é c-comandada pela projeção mais baixa da hierarquia em (4), e c-comanda, ao mesmo tempo, vP, exibindo propriedade de ABs. Quanto a *necessariamente*, em (13), é provável que, ao julgar as ocorrências, os informantes tenham considerado o uso deste item como compatível com a projeção $Mood_{Obligation}$, uma projeção baixa na hierarquia de Cinque, identificada em Cinque (2006), motivo por que não aparece em (4), versão da hierarquia de 1999. Novamente, o dado não serve como contra-argumento à validade do teste que evoca a restrição de advérbios altos em imperativas, haja vista que, nesse caso de (13), *necessariamente*, subespecificado no léxico português, está sendo tomado como representante de uma projeção baixa na hierarquia frásica.

Tratemos, por fim, de três outras exceções à propriedade em tela: AM e AB, diferentemente dos baixos, são pragmaticamente felizes em imperativas (conforme se viu em (9) e (10)). As exceções envolvem representantes das projeções de $Mod_{volitional}$ (14), $Asp_{generic/progressive}$ (15) e $Asp_{prospective}$ (16). Os dados a seguir são do PA,

mas, conforme reportado no Quadro 2, os mesmos julgamentos valem para o PB e para o PM.

- (14) *intencionalmente* ('on purpose'; Mod_{volitional})
 A: — Alguém partiu o vidro da sala outra vez.
 B: — #Descubram intencionalmente quem foi!
- (15) *caracteristicamente* ('characteristically'; Asp_{generic/progressive})
 A: — Os vendedores da Roque Santeiro baixam o preço no final do dia.
 B: — *Caracteristicamente, cheguem à tarde para comprar mais barato!
- (16) *quase* ('almost'; Asp_{prospective})
 A: — O barco está quase a afundar!
 B: — #Quase evacuem já a embarcação!

Era esperado que as réplicas em B em (14-16) fossem pragmaticamente felizes: temos aí AMs. A malformação ou infelicidade de (14) se explica por uma incompatibilidade semântico-pragmática: *intencionalmente*, enquanto advérbio Mod_{volitional} — não falamos aqui de seu uso como advérbio de modo, naturalmente —, não é compatível com imperativas porque esse tipo sentencial já codifica intencionalidade no ato de fala. Os dados em (15) e (16) envolvem igualmente incompatibilidades semânticas: dar uma ordem no aspectivo genérico não é feliz, haja vista a natureza *i-level* de eventos genéricos, em oposição à natureza *s-level* de imperativos. A incompatibilidade em (16) se deve ao fato de o comando de ordem não ser compatível com a escalaridade do adverbial: evacuar a embarcação pela metade.

Em linhas gerais, considerados os resultados reportados no Quadro 2 — e em vista das explicações independentes dadas aos dados desviantes —, pode-se concluir que temos aqui um excelente instrumento diagnóstico, uma vez que a propriedade em tela — nomeadamente, a restrição a advérbios altos em imperativas — discrimina muito bem de um lado AA, e, de outro, AM e AB.

Trata-se, sem sombra de dúvidas, de um teste que opera nos níveis semântico-pragmático pelas razões mencionadas no próximo parágrafo. Consideremos, para isso, a ocorrência em (6), da seção anterior, reproduzida a seguir por conveniência.

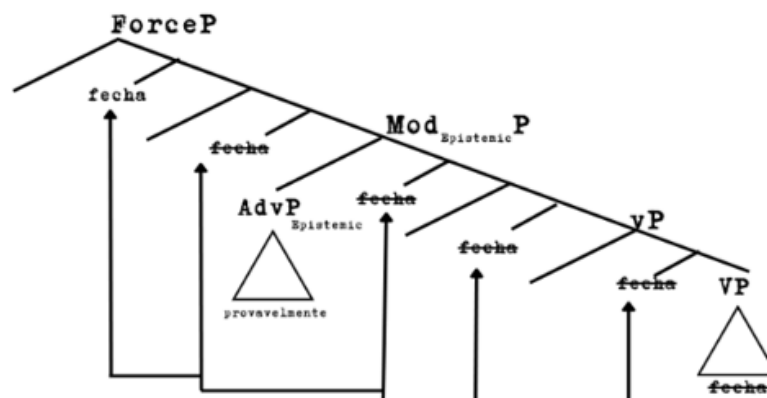
(6) *provavelmente* ('probably'; Mod_{epistemic})

A: — A tempestade vai atingir a cidade em minutos!

B: — #Provavelmente, busquem abrigo agora!

O advérbio *provavelmente* entra na derivação em [Spec,Mod_{Epistemic}P] (cf. Figura 1), seguindo Cinque (1999); conforme já dito acima, o V no imperativo sobe núcleo por núcleo, passando pelo núcleo de Mod_{Epistemic} até chegar no núcleo de Force. Durante o movimento, o verbo passa por posições c-comandadas por *provavelmente*, de modo que não há bloqueio de movimento nem violação da minimalidade relativizada. Mesmo se reconstruirmos a cópia de V em LF abaixo de *provavelmente*, esse advérbio deveria, em princípio, tomar o V sob seu escopo, porque a relação de c-comando existiu nalgum estágio da derivação. No entanto, a sentença continua infeliz (#Provavelmente, busquem abrigo agora!). Isso indica que a explicação para o funcionamento do teste seja semântico-pragmática e não simplesmente sintática: inclusive as sentenças a envolverem AAs foram julgadas “#” (pragmaticamente infelizes), não foram julgadas como “agramaticais” (“*”). Embora a explicação seja de ordem semântico-pragmática, a Sintaxe tem seu papel: os resultados do Quadro 2 claramente mostram a infelicidade de AAs ao teste em tela, o que indica que tal propriedade é sensível à hierarquia — que é sintática, por natureza.

Figura 1 – Advérbios altos em imperativas



Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Uma cópia não pronunciada do V imperativo na derivação sobe até o núcleo de Force onde fica sob o escopo do advérbio (vejam-se os tachados por sobre o V na Figura 1); mas o imperativo não oferece o tipo de oração para que advérbios epistêmicos tomem escopo corretamente, explicação para o porquê de o teste na verdade evocar propriedades semânticas e pragmáticas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo analisar a validade de uma propriedade que discrimina AA de AM/AB: a propriedade segundo a qual AAs não podem figurar em sentenças imperativas. Em Tescari Neto (2022a), argumentei que ASs não existem; na verdade, ASs são um epifenômeno, e a melhor forma de nos reportarmos a eles seria pelo termo AAs, rótulo que faz alusão à zona ocupada pelo advérbio na hierarquia.

Especificamente relativamente à propriedade aqui investigada, a saber, a que impõe restrições ao aparecimento de ASs em imperativas, ela serve para a divisão da hierarquia em zonas: a alta e a baixa, servindo, portanto, à distinção entre AS, de um lado, e AMs/ABs de outro. A explicação para o resultado dos testes é semântico-pragmática: imperativas não têm uma proposição completa e explícita, apenas força de comando; a infelicidade de um AA em imperativas tem a ver com semântica e pragmática, não com restrições sintáticas tipo minimalidade ou criterial freezing. O que de sintático temos é que a propriedade é sensível à hierarquia em (4): AAs não podem figurar em imperativas. Isso porque precisam de uma proposição para modificar; como as imperativas não contam com essa estrutura, as sentenças com AAs são infelizes pragmaticamente: o advérbio “perde seu escopo” (Han, 1998).

REFERÊNCIAS

- ALVES, Matheus Gomes. **A sintaxe dos advérbios altos, mediais e baixos no português do Brasil**: uma abordagem cartográfica. Texto de Qualificação (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFRJ, set. 2024.
- BELLERT, Irena. On Semantic and Distributional Properties of Sentential Adverbs. **Linguistic Inquiry**, v. 8, n. 2, p. 337-351, 1977. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4177988>. Acesso em: 17 dez. 2025.
- CARNEIRO, Iracema Cordeiro. **Um recorte dos advérbios em -mente**: contribuição para o estudo dos modalizadores sentenciais em português. Dissertação (Mestrado). Instituto de Letras, Psicologia e História, UNESP, Assis, 1989.
- CASTELEIRO, João Malaca. Análise gramatical dos advérbios de frase. **Biblos**, v. 58, p. 99-109, 1982.
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de; MORAES DE CASTILHO, Celia. Advérbios modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (Org.) **Gramática do português falado, vol. II**. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. p. 213-260.

CINQUE, Guillermo. **Adverbs and Functional Heads**: a cross-linguistic perspective. Nova Iorque: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guillermo. **Restructuring and Functional Heads**: the Cartography of Syntactic Structures. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.

CRUSCHINA, Silvio. On the syntactic status of sentential adverbs and modal particles. **STUF - Language Typology and Universals**, v. 63, n. 4, p. 345-357, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1524/stuf.2010.0027>. Acesso em: 17 dez. 2025.

DUPLÂTRE, Olivier; MODICOM, Pierre-Yves. Introduction – Adverbs and adverbials: Categorical issues. In: DUPLÂTRE, Olivier; MODICOM, Pierre-Yves (Org.) **Adverbs and Adverbials**: Categorical Issues. Berlim: De Gruyter Mouton, 2022. p. 1-28.

HAN, Chung-hye. **The Structure and Interpretation of Imperatives**: Mood and Force in Universal Grammar. PhD Dissertation, University of Pennsylvania, 1998.

ILARI, Rodolfo et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, Ataliba T. (Org.). **Gramática do português falado**: a ordem, vol.1. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990. p. 63-41.

JACKENDOFF, Ray. **Semantic Interpretation in Generative Grammar**. Massachusetts: MIT Press, 1972.

LAENZLINGER, Christopher. **Comparative Studies in Word Order Variation**: Adverbs, Pronouns, and Clause Structure in Romance and Germanic. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan. Os advérbios sentenciais e os testes sintáticos. **Letras (S. Maria)**, v. 5, p. 101-120, 1993. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11451/0>. Acesso em 17 dez. 2025.

RAMAT, Paolo; RICCA, Davide. Sentence Adverbs in the Languages of Europe. In: VAN DER AUWERA, Johan (Ed.). **Adverbial Constructions in the Languages of Europe**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1998. p. 187-275.

SCHWEIKERT, Walter. **The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

TESCARI NETO, Aquiles. **On Verb Movement in Brazilian Portuguese**. Tesi (Dottorato di Ricerca in Scienze del Linguaggio). Università Ca' Foscari di Venezia, Itália, 2013.

TESCARI NETO, Aquiles. Da posição do verbo temático em cinco variedades ibéricas. **RELIN**, v. 27, p. 737-770, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/relin/article/view/27683>. Acesso em: 17 dez. 2025.

TESCARI NETO, Aquiles. 'Sentence adverbs' don't exist! *In*: DUPLÂTRE, Olivier; MODICOM, Pierre-Yves (Eds.). **Adverbs and adverbials**: Categorical issues. Berlin: Mouton de Gruyter, 2022. p. 135-166. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/9783110767971-006>. Acesso em: 17 dez. 2025.

TESCARI NETO, Aquiles. On the Raising of the Finite Main Verb in Angolan Portuguese and in Mozambican Portuguese: Cartographic Hierarchies, Microvariation and the Use of Adverbs as Diagnostics for Movement. **Probus**, v. 34, n. 1, p. 171-234, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1515/probus-2022-0008>. Acesso em 17 dez. 2025.

TESCARI NETO, Aquiles. **Diagnósticos para os advérbios**: (micro)variação e cartografia. Projeto: apoio à pesquisa regular. São Paulo: Fapesp, 2024. Disponível em: <https://bv.fapesp.br/pt/auxilios/115536/diagnosticos-para-os-adverbios-microvariacao-e-cartografia/>. Acesso em: 17 dez. 2025.

TESCARI NETO, Aquiles. **AI Prompts for the Generation of Sentences to be Judged by Informants: Adverbs in Imperative Sentences**, <https://doi.org/10.25824/redu/UW7A62>, Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp, v1, 2026a.

TESCARI NETO, Aquiles. **Adverbs in Imperative Sentences**: A Comparative Dataset from Angolan, Brazilian and Mozambican Portuguese, <https://doi.org/10.25824/redu/XKEBHM>, Repositório de Dados de Pesquisa da Unicamp, v. 1, 2026b.

7

Damaris Matias Silveira

PARA UM ESTUDO CARTOGRÁFICO DAS ESTRUTURAS DO ALEMÃO:

POSSIBILIDADES E DESAFIOS

INTRODUÇÃO

O Programa Cartográfico é um desdobramento da teoria gerativa e configura um constructo teórico com contribuições de diversas fontes. Dentro dessa perspectiva, os elementos sintáticos são concebidos como objetos complexos, articulados de maneira hierárquica e mais detalhada em relação ao que era proposto até o período de sua emergência (cf. Cinque; Rizzi, 2010).

Essa direção teórica pode ser bastante proveitosa na investigação das seguintes características estruturais dessa língua: a propriedade V2, especialmente considerando-se os estudos da periferia esquerda desenvolvidos por Rizzi (1997 e trabalhos posteriores), uma vez que se espera que o verbo esteja acima dos limites da flexão em uma gramática V2. Além disso, a cartografia também configura um campo fecundo para o estudo do campo medial da sentença, que manifesta aspectos específicos envolvendo a ordem de constituintes, bem como pode apresentar relações discursivas, veiculando tópico e foco. Para discutir tais propriedades, recorreremos a outro estudo marcante da sintaxe cartográfica - Belletti (2004) - que propõe uma periferia baixa para veicular tópico e foco de informação. Assim, com base no procedimento cartográfico através do qual se propôs uma hierarquia de constituintes, partiremos do eixo prático, especialmente da análise de precedência de constituintes, para fornecermos evidências para nossa análise cartográfica da sentença alemã.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Neste estudo, assumimos que, no alemão, enquanto língua V2, o núcleo verbal ultrapassaria os limites da flexão (cf. Thiersch, 1978; den Besten, 1983; Vikner, 1995; Roberts, 2004), o que torna

necessário definir nossas assunções acerca do sistema CP. A periferia esquerda da sentença é responsável por realizar articulação entre a camada argumental, incluindo o verbo, seus argumentos e suas flexões, e o discurso. Rizzi (1997 e trabalhos posteriores) propõe que a periferia esquerda é encabeçada por uma especificação de força (ForceP) - responsável por expressar o tipo de sentença - e fechada por uma projeção que expressa finitude (FinP), alojando, entre eles, elementos discursivos - tópico(s) e foco:

(1) [ForceP [TopP* [FocP [TopP* [FinP]]]]]

A segunda extensão funcional que assumiremos neste estudo é aquela proposta por Belletti (2004), a periferia de vP, análoga ao sistema Top-Foc de CP, que figuraria entre flexão (IP) e o domínio argumental, destinada a alojar tópicos e foco de informação.

(2) [IP [TopP [FocP [TopP [vP]]]]]

Essa proposta baseia-se na necessidade de uma projeção destinada a alojar o sujeito posposto como foco de informação, uma vez que a projeção focal da periferia esquerda da sentença tem caráter contrastivo. A extensão de uma periferia baixa na sentença irá nos auxiliar a lidar com fenômenos discursivos que ocorrem dentro do campo medial linear da sentença, uma vez que os dados desse sistema linguístico fornecem evidências de que é possível focalizar e topicalizar e focalizar elementos dentro desse domínio. Assumindo as hierarquias propostas por tais autores, sugerimos uma análise para a estrutura sentencial da língua alemã, levando em consideração a complexidade da ordem de constituintes.

O ALEMÃO COMO LÍNGUA V2 ASSIMÉTRICA

Linearmente, podemos dizer que uma língua V2 é aquela que apresenta o verbo na segunda posição, enquanto um sintagma -

que pode ou não ser sujeito - é fronteado a ele. Para tal, examinemos as estruturas declarativas matrizes apresentadas a seguir:

- (3) *Ich trinke jetzt den Kaffee.*
Eu beber-3P agora o café-acc.
'Eu bebo agora o café.'
- (4) *Jetzt trinke ich den Kaffee.*
Agora beber-3P eu o café-acc
'Agora eu vou beber o café.'

Declarativas com mais de um XP (sendo estes não subordinados um ao outro) na posição inicial são categoricamente agramaticais em língua alemã:

- (5) **Jetzt ich trinke den Kaffee.*
Agora eu beber-3P o café -acc
'Agora eu bebo o café.'

No que diz respeito ao conceito estrutural/representacional de V2, há uma forte inclinação na literatura para se postular uma construção em que o verbo está em uma posição mais alta na estrutura do que nas línguas não V2, especialmente as análises que apresentam evidências de que a projeção em questão está na periferia esquerda da sentença, como veremos adiante.

Em relação à posição do verbo nas orações subordinadas, postula-se que o alemão é uma língua V2 assimétrica, ou seja, manifesta a ordem V2 na matriz, mas não na subordinada, em que o verbo figura no final da frase, sendo agramaticais os casos em que a subordinada apresente a ordem conector(comp.)-XP-verbo:

- (6) *Er sagte, dass er Maria liebt.*
Ele dizer-3P-pret. comp. ele Maria amar-3P
'Ele disse que ama a Maria.'
- (7) **Er sagte, dass er liebt Maria.*

O efeito V2 seria verificado em alemão por meio de duas operações distintas: o movimento do verbo para CP - após mover-se de sua posição de origem para a projeção flexional - e o frontamento de algum XP - não necessariamente sujeito - para o seu especificador (cf. Waichel, 2003). A proposta de Waichel, entretanto, não contempla a expansão da periferia esquerda proposta por Rizzi (1997 e trabalhos posteriores). Dessa forma, neste estudo, trataremos do efeito V2 dentro de um CP expandido.

A estrutura de Verbklammer

Outra particularidade da língua alemã é a organização linear das sentenças em uma espécie de moldura, denominada *Verbklammer* (colchete verbal). Linearmente, essa propriedade é percebida pela posição dos componentes verbais que se separam na estrutura, formando uma espécie de colchete.

Essa configuração fica visível em contexto de locução verbal, em que o verbo auxiliar ocupa a segunda posição frasal nas declarativas, manifestando o efeito V2, e o verbo não finito (no infinitivo ou no particípio) figura extremamente à direita da oração:

- (8) *Ich **habe** einen Kaffee **getrunken.***
 Eu ter-aux-3P um café-acc beber-part.
 'Eu bebi um café.'

Outro contexto em que a estrutura de colchetes é verificada é o de verbos com partícula separável. Alguns verbos com prefixo do alemão, ao serem conjugados, se separam da partícula verbal, que aparece à direita da oração. Tomemos como exemplo o verbo *aufstehen* (levantar). Na construção frasal finita, a partícula verbal *auf* aparece separada da raiz verbal:

- (9) *Ich **stehe** am Sonntag um 8.00 Uhr **auf.***
 Eu (**raiz verbal-3P**) no Domingo às 8:00 (**prefixo**)
 'Eu acordo às 8:00 no Domingo.'

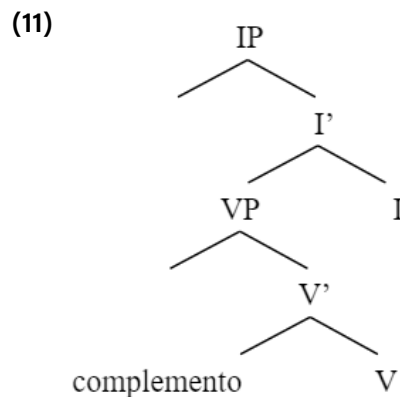
Tanto no caso das locuções verbais, quanto no dos verbos com partícula separável, todo componente sentencial, à exceção do constituinte frontado ao verbo, está organizado dentro do colchete verbal, sendo agramaticais as construções em que algum constituinte apareça depois da partícula:

(10) **Ich **stehe** um 8.00 Uhr **auf** am Sonntag.*

A impossibilidade de (10) também evidenciaria a propriedade OV, que estamos assumindo neste estudo, descrita na seção seguinte.

O alemão como língua OV

Um dos parâmetros da gramática universal está relacionado à articulação que o núcleo do sintagma tem com o seu complemento. A esse respeito, assumimos neste estudo que o alemão se enquadraria nas línguas de núcleo final (cf. Bader; Bayer, 2006; Haider, 2010), ou seja, a estrutura de suas sentenças apresenta a ordem complemento-núcleo. Para isso, em relação às línguas de parâmetro núcleo inicial - que apresentam uma estrutura de núcleo-complemento -, as projeções intermediárias V' e I' são invertidas na articulação arbórea:



Como evidência para essa propriedade da língua alemã, podemos apontar os seguintes aspectos (cf. Waichel, 2003):

- a. *Verbo em posição final em subordinadas*: conforme já mencionado anteriormente, o alemão é considerado uma língua V2 assimétrica, o que significa que o efeito *verb-second* é verificado apenas nas orações matrizes, mas não nas orações subordinadas. Nestas últimas, o verbo permanece no final da oração. Isso ocorreria porque a posição sintática para a qual o verbo se move seria o mesmo dos complementizadores, que, mais adiante, assumiremos que seria o núcleo da projeção de finitude Fin°, dentro da configuração de Rizzi (1997 e trabalhos posteriores).

Assim, nas subordinadas, o verbo finito é impedido de se mover para a projeção que manifesta V2, pois compete com o complementizador pela posição a este destinada - que, dentro de uma proposta de CP não expandido, seria C°, permanecendo em sua projeção de origem. O fato de o verbo figurar extremamente à direita da sentença seria uma evidência de que o núcleo verbal estaria no final da estrutura sintática:

- (12) a. *Er sagte, dass er Maria liebte.*
Ele dizer-3P-pret comp. ele Maria amar-3P
'Ele disse que ama a Maria.'
- b. *Expressões infinitivas topicalizadas*: assim como no português brasileiro, o alemão apresenta complementos infinitivos que podem ser topicalizados:
- (13) [*Kaffee trinken*] *finde ich angenehm.*
Café tomar achar-1P eu agradável
'Tomar café, eu acho agradável.'

Considerando que a expressão infinitiva é topicalizada tal qual se encontra na estrutura argumental, o fato de o verbo aparecer

posposto ao complemento seria uma evidência para o parâmetro da ordem complemento-núcleo.

- c. *Locuções verbais*: já sabemos que o alemão apresenta uma configuração linear de colchete verbal, na qual o verbo finito aparece em segunda posição na sentença, enquanto o verbo não finito aparece no final da mesma, também em sua posição de origem. Isso também indicaria que essa projeção equivale à última posição estrutural, propriedade de línguas núcleo final.
- d. *Verbos com partícula separável*: também citamos que outra forma de expressão da estrutura de colchete verbal é através dos verbos separáveis. Ao mover-se em direção à projeção flexional, o verbo deixa para trás o prefixo separável na posição de origem do verbo. Nesse caso, o fato de tal partícula figurar ao final da sentença também sugere que o núcleo verbal está à direita de seu complemento, no final da representação.

METODOLOGIA

A fim de fornecer evidências para a hierarquia das estruturas, o programa cartográfico se utiliza de dois eixos metodológicos, de acordo com Tescari Neto (2022): o eixo base e o eixo prático. O primeiro está relacionado à proposta de testes para a definição do desenho dos mapas e da determinação das hierarquias. Já o segundo eixo parte das determinações do eixo de base para chegar à posição dos constituintes sintáticos, ou seja, a partir das hierarquias propostas dentro da agenda do eixo base, é possível, no eixo prático, determinar a posição de constituintes atingida por meio de movimento, como a posição do verbo e do sujeito. Nosso intuito

é, a partir das definições do eixo base, sugerir uma análise para a estrutura sentencial da língua alemã, levando em consideração a complexidade da ordem de constituintes, na tentativa de conceber as estruturas dessa gramática.

RESULTADO E ANÁLISE

Que o alemão é uma língua V2 já é um fato amplamente conhecido e categórico nas mais variadas gramáticas e materiais didáticos. Linear e superficialmente, isso significa que o verbo sempre ocupará a segunda posição em sentenças declarativas, sendo que outro elemento, que pode ser sujeito ou não, é fronteado a esse verbo. No entanto, a gramática gerativa e a abordagem cartográfica não consideram apenas a superfície, mas principalmente a estrutura profunda que gera as sentenças proferidas pelos falantes. Portanto, um sistema V2, no âmbito de sua estrutura subjacente, é concebido como uma gramática em que o verbo ocupa uma posição mais alta do que na estrutura de uma língua não-V2. Para dar conta desse fenômeno, algumas propostas já foram apresentadas, indicando diferentes posições para o verbo.

A hipótese de que o verbo está em CP em línguas V2, defendida por autores como Thiersch (1978) e den Besten (1983), postula o movimento do verbo de V para C e o fronteamento de um elemento pré-verbal para Spec-CP. Vikner (1995) apresenta evidências para essa hipótese: no alemão, uma típica língua V2, tanto o verbo nas sentenças matrizes declarativas quanto as conjunções das subordinadas precedem imediatamente o sujeito, ou seja, ambos estariam em C°:

- (14) [_{CP} *Diesen Film* [_{C°} *haben* [_{IP} *die Kinder gesehen*]]]
Esse filme-acc ter-aux-3P as crianças ver-part.
'Esse filme, as crianças viram.'

- (15) b. [_{CP} *Er* [_{Co} *sagt* [...], [_{CP} [_{Co} *dass* [_{IP} *die Kinder diesen Film gesehen*]]]]
 Ele dizer-3P comp. as crianças esse filme-acc ver-part.
 haben]]].
 ter-aux-3P
 'Ele disse que as crianças viram esse filme.'

Outra análise, que configura uma alternativa à hipótese acima, é aquela que compreende que o verbo se move para I e o elemento frontado se desloca para Spec de IP, que foi defendida por Diesing (1990) e Santorini (1992, 1995). O argumento é que em línguas V2 como o islandês e o ídiche, não há assimetria entre a posição dos verbos em orações principais e subordinadas, ou seja, o verbo ocupa a segunda posição em ambos os casos. A evidência sugeriria que o complementizador não bloqueia o verbo, que não estaria acima de IP.

Essa hipótese não é adotada aqui, já que a projeção de IP já representa a posição do verbo em línguas não-V2. A hipótese de que o verbo se moveria para CP seria mais convergente com a realidade linguística das estruturas sintáticas da língua alemã. No entanto, considerando o que já foi apontado em estudos sobre a sintaxe cartográfica, concordamos com Rizzi (1997) de que o sistema CP é um complexo articulado e hierárquico.

Nesse caso, a hipótese proposta por Roberts (2004) se tornaria mais viável, pois ela pode abranger tanto a gramática V2 do alemão quanto a extensão de CP. Segundo Roberts, o núcleo Fin^o no sistema V2 deve ser realizado de forma lexical. Essa exigência seria satisfeita em sentenças principais, onde o verbo é movido para Fin^o. Em orações subordinadas de línguas V2, a lexicalização do Fin^o é realizada pela concatenação da conjunção, o que impede o movimento do verbo. Isso explicaria a posição do verbo no final das orações subordinadas.

Também acrescentaríamos que essa proposta nos é viável, uma vez que dá conta da adjacência entre o verbo e o sujeito posposto em orações matrizes (16) e entre a conjunção e o sujeito, em orações subordinadas do alemão (17):

- (16) *Heute* [_{Finº} trinke ich *gemütlich zu Hause einen Kaffee*].
Hoje beber-1P eu confortavelmente em casa um café-acc.
'Hoje, eu vou tomar um café confortavelmente em casa.'
- (17) *Ersagte*, [_{Finº} dasser *heute gemütlich zu Hause einen Kaffee*
Ele dizer-3P comp. ele hoje confortavelmente
em casa um café-acc
trinkt].
beber-3P.
'Ele disse que ele vai tomar um café confortavelmente em casa hoje.'

Em casos como esse, o verbo permanece no final da frase, uma vez que não pode ser alçado para sua posição canônica.

Além disso, a proposta de Roberts também explicaria por que as orações subordinadas sem conectores apresentam a ordem V2. No alemão, há a possibilidade de subordinadas completivas sem a conjunção *dass* - semelhantes às sentenças sem *that* no inglês. Nessa configuração, Finº fica disponível para o movimento do verbo:

- (18) a. *Er sagte*, [_{Finº} *er liebe Maria*.
Ele dizer-3P ele amar-3P Maria
'Ele disse que ama Maria.'

Em um primeiro momento, podemos nos sentir impulsionados a levantar a hipótese de que o verbo alemão ocupa, na verdade, a projeção Force por duas razões - a) seria compatível com a propriedade do alemão de não aceitar mais de um sintagma em sentenças declarativas; b) é a projeção comumente associada a complementadores completivos, como *dass* -, essa hipótese é inviabilizada se considerarmos as propriedades discursivas do elemento pré verbal.

No alemão, assumimos que o que determina o fronteamento de constituintes ao verbo flexionado, quando não se trata de sujeito, é um requerimento discursivo. Esse elemento pode ser foco ou tópico. Uma vez que o constituinte em questão é movido para uma dessas duas projeções discursivas, ele não poderia seguir com movimento para Force, uma vez que estaria violando *Criterial Freezing* (cf. Rizzi, 2006; 2010), que prevê que, uma vez que o elemento figura em uma posição criterial (como a de tópico ou a de foco), ele não pode se mover adiante. Esse impedimento é também mencionado em Samo (2018) no que diz respeito à proposta de Wolfe (2016), de que o verbo em V2 estaria alojado em Force.

Assim, o constituinte fronteado, que pode ser de categorias distintas - foco e tópico¹ -, não necessariamente ocupa sempre a mesma projeção:

Foco:

- (19) a. *Trinkst du gern Bier?*
'Você gosta de beber cerveja?'
b. (Nein!) [_{FocP} WEIN ... [_{Fin} trinke [_{IP} ich]]].
Não VINHO beber-1P eu
'(Não!) VINHO eu bebo.'

Tópico:

- (20) a. *Wo ist denn der Wein?*
'Onde está o vinho?'
b. [_{TopP} Den Wein ... [_{Fin} habe [_{IP} ich ausgetrunken]]].
O Vinho-acc ter-aux-1P eu beber-tudo-part.
'O vinho, eu bebi tudo.'

No caso das interrogativas Wh, o elemento interrogativo também se moveria para a posição focal, uma vez que Wh e

foco competem estruturalmente por essa posição e não podem co-ocorrer em uma sentença:

- (21) a.**Was den Kaffee hast du getrunken?*
Wh-O que o café-acc ter-aux-2P tu beber-part.
'O que o café você bebeu?'
- b.**Was hast du den Kaffee getrunken?*
Wh-O que ter-aux-2P tu o café-acc beber-part.
'O que você bebeu o café?'
- (22) [_{FocP} *Was* [_{Fin} *hast* [_{IP} *du getrunken*]]]?
Wh-O que ter-aux-2P tu beber-part.
'O que você bebeu?'

Se adotarmos a proposta de um CP articulado e hierárquico e considerarmos que o verbo nas línguas V2 está na projeção FinP (o última XP do sistema CP), continuamos dando conta da adjacência estrita entre verbo e o sujeito posposto. Caso o sujeito seja o elemento frontado a adjacência ocorre entre o verbo e o constituinte discursivamente proeminente dentro do *Mittelfeld* (campo medial da sentença) ou designado à primeira posição canônica preenchida dentro dessa camada.

A CARTOGRAFIA DO *MITTELFELD* EM ALEMÃO

O *Mittelfeld* é a camada identificada linearmente, na estrutura de colchete verbal, entre o verbo conjugado e o verbo não finito, nas locuções verbais, ou entre o primeiro e a partícula verbal em caso de verbos separáveis, conforme mencionado anteriormente. No caso das subordinadas, o campo medial linear corresponde à camada entre o complementizador e o verbo finito alojado à direita,

apresentando as mesmas propriedades hierárquicas do *Mittelfeld* das sentenças matrizes:

- (23) *Ersagte, **dass** er heute gemütlich zu Hause einen Kaffee*
 Ele dizer-3P comp. ele hoje confortavelmente em
 casa um café-acc
trinkt.
 beber-3P.
 'Ele disse que ele vai tomar um café confortavelmente
 em casa hoje.'

Essa camada sentencial aloja todos os elementos que não foram fronteados ao verbo finito: sujeito posposto, argumentos (interno e externo) e adjuntos adverbiais. Entretanto tais itens tendem a seguir uma organização específica.

A representação dos advérbios (e outros elementos que podem assumir uma função adverbial) também é organizada de forma hierárquica no *Mittelfeld*. Assim, no alemão, temos a seguinte distribuição linear: *Informações temporais* > *Informações causais* > *Informações de modo* > *Informações de local*.

A articulação acima é válida no contexto de uma sentença "neutra", ou seja, sem considerar a focalização ou a topicalização de elementos dentro do conchete verbal:

- (24) *Ich [bin Verbo1] [Mittelfeld heute_{tempo} wegen des schlechten*
Wetters_{causa} ruhig_{modo}
 Eu ser-1 hoje porcausado mau tempo tranquilamente
zu Hause_{local} [geblieben Verbo2].
 em casa ficar-part.
 'Eu fiquei hoje em casa tranquilamente em função do
 mau tempo.'

Entretanto, no caso de focalização de uma das estruturas adverbiais que estão dentro dessa concha verbal, o referido elemento

pode ser alçado para uma posição anterior aos demais. Tomemos como exemplo mais uma vez a sentença acima. Entretanto, aplicaremos focalização informacional sobre o segundo item do *Mittelfeld*, (*wegen des schlechten Wetters*/por causa do mau tempo). O segmento em questão indica causa e, canonicamente, segue a informação temporal. Porém, em contexto de foco, pode precedê-la:

- (25) a. *Warum hast du heute zu Hause geblieben?*
'Por que você ficou em casa hoje?'
- b. *Ich **bin** [FocP wegen des schlechten Wetters]_{causa} heute ruhig zu Hause*
Eu SER-1P [por causa do mau tempo]
hoje tranquilamente em casa
geblieben.
icar-part.

Além do foco, um elemento topicalizado também pode ser alçado para uma posição mais alta no campo medial. Isso fica mais evidente em caso de topicalização de complementos verbais. Para melhor compreensão, ressaltamos que, canonicamente, o complemento dativo - que equivale ao objeto indireto do português - porém, sem preposição - aparece antes do objeto acusativo:

- (26) *Ich habe meinem Vater ein Buch geschenkt.*
Eu ter-1P meu pai-dat um livro-acc presentear-part.
'Eu dei um livro de presente para o meu pai.'

No caso de um campo medial crucialmente preenchido com as informações adverbiais de (24), os complementos, dativo ou acusativo, aparecem antes desses elementos se estiverem na forma definida (28 e 30), caso contrário, os objetos aparecem em posições mais baixas (27 e 29):

- (27) *Ich **habe** heute wegen des schlechten
Wetters ruhig zu Hause*
Eu ter-aux-1P hoje por causa do mau tempo
tranquilamente em casa
*eine Suppe(acc-indefinido) **gemacht.***
uma sopa-acc fazer-part.
'Eu fiz uma sopa em casa hoje tranquilamente em
função do mau tempo.'
- (28) *Ich **habe** die Suppe(acc-definido) heute wegen
des schlechten Wetters*
Eu ter-aux-1P a Sopa-acc hoje por
causa do mau tempo
*ruhig zu Hause **gemacht.***
tranquilamente em casa fazer-part.
"Eu fiz a sopa em casa hoje tranquilamente em função
do mau tempo".
- (29) *Die Party **hat** heute wegen des guten Bieres einfach*
A festa ter-aux-3P hoje por causa da boa cer-
veja simplesmente
*einem Gast(dat-indefinido) **gefallen.***
um convidado agradar-part.
'A festa simplesmente agradou um convidado hoje
por causa da cerveja
boa.'
- (30) *Die Party **hat** dem Gast(dat-indefinido) heute
wegen des guten Bieres*
A festa ter-aux-3P o convidado-dat hoje
por causa da boa cerveja
*einfach **gefallen.***
simplesmente agradar-part.
'A festa simplesmente agradou o convidado hoje por
causa da cerveja boa.'

Entretanto, a propriedade mais crucial para o alçamento dos objetos para a posição anterior aos adjuntos adverbiais é a pronominalização. Uma vez que o elemento está pronominalizado, ele deve ser necessariamente alçado.

- (31) *Die Party* ***hat*** *ihm*(dat-pronome) *heute*
wegen des guten Bieres.
A festa ter-aux-3P pron. pessoal 3P-dat hoje
por causa da boa cerveja
einfach ***gefallen.***
simplesmente agradar-part.
'A festa simplesmente o agradou hoje por causa da
cerveja boa.'

Inclui-se que mesmo o objeto acusativo pronominalizado deve aparecer antes do dativo explícito, não apresentando a ordem canônica de (26):

- (32) *Ich* ***habe*** *es* *meinem Vater* ***geschenkt.***
Eu ter-aux-1P pron.-acc meu pai-Dat presentear-part.
'Eu o dei de presente para o meu pai.'

Inferimos que, já que o elemento aparece em forma de pronome e não de forma explícita, como em (26) - assim como o objeto definido - ele passa a configurar uma informação previamente partilhada entre falante e ouvinte pelo discurso e, para que a propriedade de tópico seja manifestada na sintaxe visível, o pronome se moveria para uma posição destinada a esse tipo de elemento.

Isso nos leva a considerar a existência de um campo destinado a itens com propriedades discursivas dentro do *Mittelfeld* do alemão. Nesse caso, recorreremos a Belletti (2004), que, como vimos, ao analisar sentenças com foco de ordem VS no italiano, sugere que há uma periferia mais baixa, acima de vP, para alojar elementos com propriedade discursiva de tópico ou foco.

A partir da proposta da autora, sugerimos que o alemão aloja elementos focais e topicalizados na periferia de vP:

- (33) a. [_{FinP} *Ich* [_{Fin°} *habe* [_{IP} [_{Top} *es*_i] *meinem Vater* ____ _i *geschenkt*]]]].
b. [_{FinP} *Ich* [_{Fin°} *bin* [_{IP} [_{FocP} *wegen des schlechten Wetters*]_i *heute* ____ _i *ruhig zu Hause geblieben*]]]].

Salienta-se que, na proposta de Belletti, a camada flexional, onde o sujeito é alojado no alemão, caso não seja fronteado ao verbo, está acima das projeções de tópico e foco, o que converge com o fato de itens com tais propriedades recursivas poderem ser alçados dentro do campo medial, mas sem ultrapassar o sujeito:

- (34) a. *Heute habe* ***ich***_{sujeito} [_{TopP} *es*] *meinem Vater geschenkt*.
b. **Heute habe* [_{TopP} *es*] ***ich***_{sujeito} *meinem Vater geschenkt*.
(35) a. *Heute bin* ***ich***_{sujeito} [_{FocP} *wegen des schlechten Wetters*]_{causa} *ruhig zu Hause geblieben*.
b. **Heute bin* [_{FocP} *wegen des schlechten Wetters*]_{causa} ***ich***_{sujeito} *ruhig zu Hause geblieben*.

Acrescentamos que as representações acima também dão conta da adjacência entre o sujeito e os elementos discursivamente proeminentes dentro do campo medial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta aqui apresentada para a arquitetura da sentença alemã com base no quadro teórico da sintaxe cartográfica dá conta de fenômenos de adjacência e alçamento de elementos na periferia esquerda e no campo medial da sentença. Embora a sugestão de que o efeito *verb-second* é resultado do movimento do verbo para Fin não explique a manifestação linear dessa propriedade - de apenas um sintagma poder figurar na posição pré-verbal -, as características

discursivas desse sintagma apontam que o mesmo pode estar finalmente alojado em projeções distintas: TopP ou FocP.

Embora o alemão não tenha analisado à luz da cartografia sintática com a mesma proporção que as línguas românicas, o programa teórico apresenta procedimentos vantajosos para dar conta da estrutura complexa dessa língua. Assim, o arranjo entre esse campo da sintaxe e a germanística representa um campo fértil para análise linguística.

REFERÊNCIAS

BADER, Markus; BAYER, Josef. Case and Linking in Language Comprehension. **Studies in Theoretical Psycholinguistics**, vol 34. Dordrecht: Springer, 2006.

BELLETTI, Adriana. Aspects of the Low IP Area. *In*: RIZZI, Luigi (ed.). **The Structure of IP and CP: The Cartography of Syntactic Structures**. New York: Oxford University Press, 2004. vol. 2. p. 16-51.

CINQUE, Guillermo. **Types of A Dependencies**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1990.

CINQUE, Guillermo. **Adverbs and Functional Heads**. New York: Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. *In*: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko (ed.). **The Oxford Handbook of Linguistic Analysis**. New York: Oxford University Press, 2010. p. 51-65.

BESTEN, Hans. On the Interaction of Root Transformations and Lexical Deletive Rules. *In*: ABRAHAM, Werner (org.). **On the Formal Syntax of the Westgermania**. Amsterdam: John Benjamins, 1983. p. 47-131.

DIESING, Molly. Verb Movement and the Subject Position in Yiddish. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 8, n. 1, p. 41-79, 1990.

FANSELOW, Gisbert. Münchhausen-style head movement and the analysis of verb second. **Linguistics in Potsdam**, Potsdam, v. 22, p. 9-49, 2004.

HAIDER, Hubert. **The Syntax of German**. New York: Cambridge University Press, 2010.

MOHR, Sabine. V2 as a single-edge phenomenon. *In*: GROHMANN, Kleanthes K.; PANAGIOTIDIS, Phoevos (eds.). **Selected papers from the 2006 Syntaxfest**. Cambridge: Cambridge Scholars Publishing, 2009. p. 141-159.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane (ed.). **Elements of Grammar: A Handbook of Generative Syntax**. Dordrecht: Kluwer, 1997. p. 281-337.

RIZZI, Luigi. On the form of chains: criterial positions and ECP effects. *In*: CHENG, Lisa Lai-Shen; CORVER, Norbert (eds.). **Wh-movement: moving on**. Cambridge, MA: MIT Press, 2006. p. 97-134.

RIZZI, Luigi. On some properties of criterial freezing. *In*: PANAGIOTIDIS, E. Phoevos (ed.). **The complementizer phase: subjects and operators**. Oxford: Oxford University Press, 2010. p. 17-32.

ROBERTS, Ian. The C-System in Brythonic Celtic Languages, V2 and the EPP. *In*: RIZZI, Luigi (org.). **The Structure of CP and IP: The Cartography of Syntactic Structures**, vol. 2. New York: Oxford University Press, 2004. p. 297-328.

SAMO, Giuseppe. **A criterial approach to the cartography of V2**. 2018. 303 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Università Ca' Foscari Venezia, Venezia, 2018.

SANTORINI, Beatrice. Variation and Change in Yiddish Subordinate Clause Word Order. **Natural Language and Linguistic Theory**, v. 10, n. 4, p. 595-640, 1992.

SANTORINI, Beatrice. Two Types of Verb Second in the History of Yiddish. *In*: BATTYE, Adrian; ROBERTS, Ian (orgs.). **Clause Structure and Language Change**. New York: Oxford University Press, 1995. p. 53-79.

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa** - Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora Unicamp, 2022.

THIERSCH, Craig. **Topics in German Syntax**. 1978. Tese de Doutorado - MIT, Cambridge, Massachusetts, 1978.

VIKNER, Sten. **Verb Movement and Expletive Subjects in the Germanic Languages**. New York: Oxford University Press, 1995.

WAICHEL, Simone Leitão. **O CP no alemão e no português brasileiro**. 2003. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

8

Wellington Souza de Paula

A POSIÇÃO DE SOLDAGEM DAS ORAÇÕES ADVERBIAIS CENTRAIS:

UMA PROPOSTA CARTOGRÁFICA

INTRODUÇÃO

Estudos recentes em Gramática Gerativa, principalmente numa perspectiva cartográfica, têm discutido a distribuição das orações adverbiais dentro da estrutura oracional. Atualmente, há uma divisão tipológica ternária, a depender do local de soldagem dessas orações. As (i) orações *não-integradas* (Frey, 2021, 2023; Schönenberger; Haegeman, 2023), voltadas ao ato de fala e soldadas fora do nível sintático (1a); as (ii) orações *periféricas*, que fazem uma relação entre o evento da oração principal e o discurso prévio, e são, provavelmente, soldadas em algum lugar mais alto na estrutura oracional (1b) (Haegeman, 2012; Schönenberger and Haegeman, 2023); e as orações *centrais* modificam diretamente o evento da oração matriz e estariam soldadas em algum lugar baixo da estrutura (1c) (Lobo, 2003, Haegeman, 2012; Frey, 2021; Endo; Haegeman, 2019; Souza de Paula, 2022; Schönenberger; Haegeman, 2023).

- (1) a. O preço das mercadorias diminuiu, [*como você pode perceber*]. - **não-integrada**
b. O número de pessoas insatisfeitas com o antigo governo dobrou, [*como mostram as pesquisas*]. - **periférica**
c. Organizamos a festa de despedida [*como havíamos combinado*]. - **central**

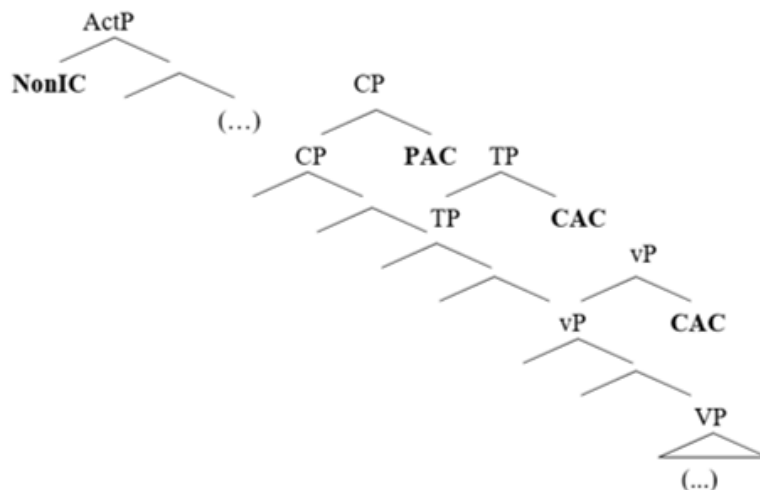
Testes de escopo confirmam o maior grau de encaixamento das *orações adverbiais centrais* em relação aos outros tipos oracionais. As orações centrais podem ser *clivadas* (2), podem estar sob o *escopo de operadores de foco* (3) e *operadores interrogativos contrastivos* (4), enquanto as orações periféricas e não-integradas não podem¹.

1 Esses testes mostram que as orações centrais estão mais encaixadas, entretanto não dizem nada sobre o local exato de soldagem das orações periféricas e não-integradas. Ver Haegeman (2012), Frey (2023) e Schönenberger e Haegeman (2023) para maiores discussões acerca dessas orações.

- (2) a. *É *como você pode perceber* que o preço das mercadorias diminuiu.
b. *É *como mostram as pesquisas* que o número de pessoas insatisfeitas com o antigo governo dobrou.
c. É *como havíamos combinado* que organizamos a festa de despedida.
- (3) a. *O preço das mercadorias **só** diminuiu, [*como você pode perceber*].
b. *O número de pessoas insatisfeitas com o antigo governo **só** dobrou, [*como mostram as pesquisas*].
c. **Só** organizamos a festa de despedida [*como havíamos combinado*].
- (4) a. *O preço das mercadorias diminuiu, *como você pode perceber*. (Ou *como mostram as pesquisas*?)
b. *O número de pessoas insatisfeitas com o antigo governo dobrou, *como mostram as pesquisas*. (Ou *como foi percebido pelo povo*?)
c. Organizamos a festa de despedida *como havíamos combinado*. (Ou *como Pedro quis fazer*?)

A Figura 1 ilustra a proposta de soldagem desses três tipos de orações adverbiais.

Figura 1 - Sintaxe externa de orações adverbiais de acordo com Haegeman (2012) e Frey (2021)



Fonte: elaborado pelo autor (2026).

Conforme sugerido por Haegeman (2012, p. 170), “dado um TP articulado nos moldes de Cinque (1999), distinções mais refinadas serão necessárias²” (tradução livre). Considerando essa premissa e reconhecendo que a Cartografia Sintática emprega uma metodologia primária para construir mapas precisos da derivação, o objetivo geral deste artigo é propor uma análise mais detalhada e ampliada do ponto de soldagem das Orações Adverbiais Centrais (doravante denominadas CACs³).

Para atingir esse objetivo, argumentamos que as CACs provavelmente ocupam a mesma posição estrutural que os Sintagmas Preposicionais (SPs) dentro da sequência funcional. Ao recorrer aos

2 “given an articulated TP along the lines of Cinque (1999), more fine-grained distinctions will be required” (Haegeman, 2012, p. 170)

3 CACs é o rótulo utilizado para o termo em inglês ‘central adverbial clauses’, isto é, ‘orações adverbiais centrais’. Será utilizado o rótulo inglês para manter o que foi utilizado em Souza de Paula (2022).

dados do português brasileiro (PB) e com base no princípio de Kayne (2005), *One Feature One Head* (OFOH), é razoável hipotetizar que, devido ao fato de ambos expressarem as mesmas circunstâncias semânticas que modificam um evento (como tempo, razão, modo, condição, etc.), tanto as CACs quanto os SPs devem ser incorporados à derivação por meio de sua soldagem como especificadores de projeções circunstanciais.

Esta proposta encontra respaldo na impossibilidade observada de coocorrência entre uma CAC e um SP com rótulos semânticos idênticos dentro de uma frase, quando ambos são empregados para modificar o verbo da respectiva frase (consulte a seção 2 para mais detalhes). Consequentemente, dentro de uma estrutura cartográfica, afirmamos que a soldagem de CACs deve estar em conformidade com a estruturação hierárquica delineada por Schweikert (2005) e Cinque (2006) em relação aos SPs.

Além disso, certas propriedades estruturais pertinentes à sintaxe externa dos CACs, conforme destacado por Haegeman (2012), entre outros autores, podem ser alinhadas com nossa proposição. De acordo com a literatura, os CACs estão sob o escopo de categorias específicas, incluindo advérbios de foco, operadores interrogativos e negativos, e podem ser submetidos a construções clivadas. Ao ocupar as posições Spec CircP, os CACs demonstram reter consistentemente essas propriedades.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A similitude entre as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais pode ser observada numa análise aos manuais de Gramática Tradicional do português. Os autores pontuam duas propriedades em relação a esses dois constituintes. A *propriedade I* é do ponto de vista sintático, uma vez que argumentam que as

orações adverbiais “funcionam sempre como adjunto ou complemento adverbial da oração principal de que dependem” (Kury, 2006).

- (5) a. O shopping interrompeu a sessão.
b. O shopping interrompeu a sessão [por causa do tiroteio].
c. O shopping interrompeu a sessão [porque houve um tiroteio].

O verbo *interromper* garante sua valência com dois argumentos (externo-sujeito e interno-objeto direto) nas duas sentenças. A função sintática tanto do SP em (5b) quanto do constituinte oracional em (5c) é atribuir uma leitura circunstancial ao evento. Essa leitura semântica diz respeito à *propriedade II* mostrada pelos gramáticos, que pontuam que tanto as orações adverbiais quanto os sintagmas preposicionais podem expressar as mesmas leituras semânticas - (5b) e (5c) atribuem uma leitura circunstancial de *causa* ao evento.

O quadro abaixo, de Souza de Paula (2022), mostra a similitude dos rótulos semânticos entre orações adverbiais e os SPs, segundo os manuais de gramática.

Quadro 1 – Da similitude semântica entre diferentes tipos de orações adverbiais e preposições

Orações Adverbiais	Leitura semântica das preposições
Bechara (2006), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2008), Kury (2006)	Bechara (2006), Rocha Lima (2011), Cunha e Cintra (2008), Kury (2006)
a. Condicionais	a. Condição
b. Concessivas	b. Concessão
c. Modais	c. Modo
d. Locativas	d. Lugar
e. Conformativas	e. Conformidade
f. Causais	f. Causa
g. Comparativas	g. Comparação
h. Temporais	h. Tempo
i. Finais	i. Fim/Finalidade
j. Consecutivas	j. Consequência

Fonte: Souza de Paula (2022, p. 43).

Analisando esse quadro, que ilustra a *propriedade II* (similitude semântica), juntamente com o que foi estabelecido como

propriedade I (similitude sintática), numa perspectiva da Cartografia Sintática, vale a hipótese de que orações adverbiais e sintagmas preposicionais são constituintes que exercem a mesma função sintático-semântica, e portanto, devem ser soldados no mesmo lugar da estrutura sintática.

Esse argumento ganha força se assumirmos o princípio de Kayne (2005) - *One Feature One Head* - que estabelece que para cada traço sintático interpretável, há um elemento lexical ou funcional correspondente na estrutura funcional. Isto é, não seria econômico para a derivação assumir que há dois pontos de soldagem para exprimir a circunstância de *causa*, por exemplo.

Um ponto, no entanto, que vale destacar é que a Gramática Tradicional não adota a tipologia cartográfica das orações adverbiais apresentadas nesta introdução - *central, periférica e não-integrada*. Porém, sendo os sintagmas preposicionais responsáveis por atribuir uma leitura circunstancial ao evento da oração ao qual se relaciona, vamos argumentar que apenas as orações adverbiais centrais devem ser compatíveis sintaticamente aos SPs.

Os sintagmas preposicionais, assim como as orações adverbiais centrais, também são sensíveis aos mesmos testes de escopo: operador interrogativo (a), clivagem (b) e operador interrogativo contrastivo (c).

- (6) a. O shopping **só** interrompeu a sessão [por causa do tiroteio].
b. É [por causa do tiroteio] que o shopping interrompeu a sessão.
c. O shopping só interrompeu a sessão [por causa do tiroteio] (Ou por causa da falta de energia)?

Dois ingredientes metodológicos da Gramática Gerativa, mas muito importantes para vários empreendimentos cartográficos, somados ao princípio do OFOH, podem auxiliar na argumentação.

O primeiro é o teste da “*ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria*” (Tescari Neto, 2021), que diagnostica se o mesmo traço, correspondente a uma determinada categoria, já está presente na derivação. Caso dois elementos com o mesmo traço coocorram no mesmo domínio, a sentença gerada é agramatical. Vamos ilustrar.

- (7) a.*Eu arrumei a casa [quando meu pai fazia almoço]
[durante a novela].
b.' *Eu arrumei a casa [durante a novela] [quando meu pai fazia almoço].
- (8) a *Eu estou resfriado [porque não me agasalhei adequadamente] [por causa do frio].
b.' *Eu estou resfriado [por causa do frio] [porque não me agasalhei adequadamente].

(Souza de Paula, 2022, p. 81)

É interessante observar que em (7a) não é possível a coocorrência da oração adverbial temporal e do SP temporal ao mesmo tempo modificando o evento “arrumar a casa” - (7b) mostra que não se trata de uma questão de ordem dos constituintes. Assim como em (8a) e (8b), não é possível ter dois constituintes circunstanciais de *causa* se referindo à mesma oração principal. A agramaticalidade ocorre pois um dos constituintes já foi soldado na projeção funcional responsável por atribuir a leitura de causa ao evento da matriz.

É importante chamar a atenção à sentença (7a), que pode ter uma outra leitura, em que o sintagma preposicional modifica o evento da oração adverbial, e não da oração matriz. Ou seja, a leitura alcançada seria a de que “*o pai fazia almoço durante a novela*” e não que “*arrumou a casa durante a novela*”. Por isso é fundamental a compreensão de que para o teste ser válido, é importante que ambos os constituintes estejam no mesmo domínio.

O segundo ingrediente metodológico que lançaremos mão é o teste da coordenação. Huddleston e Pullum (2006) afirmam que só é possível a coordenação com constituintes com a mesma função, e que constituintes que são soldados em locais diferentes da estrutura não podem ser coordenados. Se estamos assumindo que CACs e SPs exercem a mesma função sintática e são soldados no mesmo local da estrutura, logo, quando coordenados, devem gerar sentenças gramaticais.

- (9) a. Eu arrumei a casa [quando meu pai fazia almoço] e [durante a novela].
b. Eu estou resfriado [porque não me agasalhei adequadamente] e [por causa do frio].

Os exemplos em (7) e (8), antes agramaticais, quando coordenados, geram sentenças gramaticais (9a) e (9b). É possível notar que agora ambos os constituintes podem modificar o evento da oração matriz, sem prejuízo para o alcance desse sentido.

Os argumentos apresentados nesta seção ajudam na defesa em favor do objetivo deste trabalho de mostrar que as CACs provavelmente ocupam a mesma posição estrutural que os sintagmas preposicionais:

- (I) Orações Adverbiais Centrais e Sintagmas Preposicionais têm a mesma função sintática - propriedade I – (Kury, 2006; Bechara, 2006; Cunha e Cintra, 2008; Rocha Lima, 2011)
- (II) Orações Adverbiais centrais e Sintagmas preposicionais expressam os mesmos rótulos semânticos - propriedade II - (Quadro 1)
- (III) Os testes de coordenação e de 'ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria' corroboram para uma leitura gerativa/cartográfica das propriedades I e II da Gramática Tradicional.

METODOLOGIA

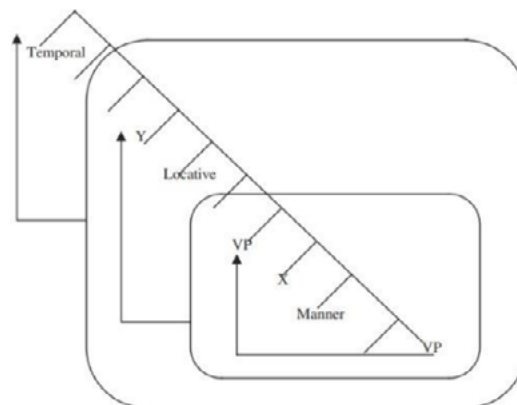
Schweikert (2005), depois de aplicar alguns testes, propõe que os Sintagmas Preposicionais deveriam entrar na derivação seguindo uma ordem hierárquica, ocupando os especificadores das categorias funcionais circunstanciais

- (10) Evidential > Temporal > Locative > Comitative > Benefactive > Reason > Source > Goal > Malefactive > Path/Means > Instrumental > Matter > Manner

(Schweikert, 2005, p. 74)

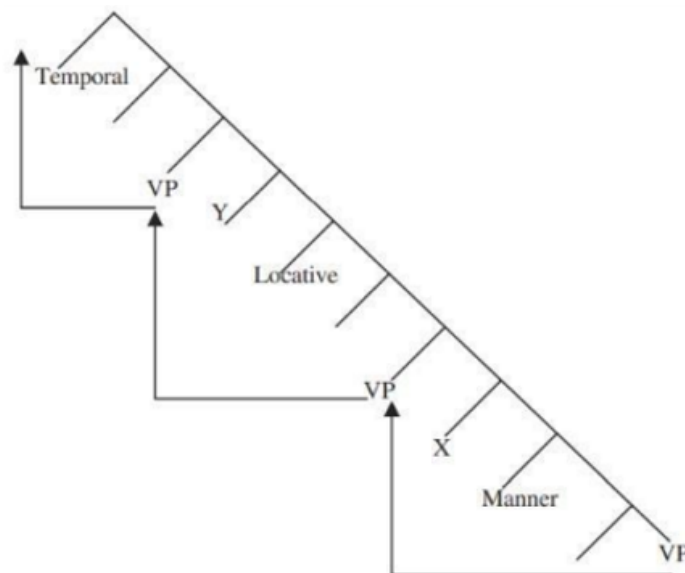
Cinque (2006) estabelece o local em que os SPs circunstanciais deveriam entrar na derivação, seguindo uma ordem fixa e universal de soldagem (Temporais > Locativos > Modais > Complementos > VP). O autor ainda abre a possibilidade de variação da ordem, a depender do movimento do VP por sobre as categorias no decurso da derivação: (i) com *pied-piping* ou (ii) sem *pied-piping*.

Figura 2 - Representação sintática da derivação com *pied-piping* dos SPs circunstanciais



Fonte: Cinque (2006, p. 154).

Figura 3 - Representação sintática da derivação sem *pied-piping* dos SPs circunstanciais



Fonte: Cinque (2006, p. 155).

Na primeira opção derivacional - com *pied-piping* - o VP sobe levando consigo o SP logo acima, atestando assim a ordem inversa. Na segunda opção - sem *pied-piping* - o VP sobe por sobre os SPs, sem nenhum carregamento. Essas propostas têm como base o modelo de Cinque para a projeção estendida do nome, a partir do Universal de Greenberg.

- (11) a. Dem > Num > A > **N**
b. *A > Num > Dem > **N**
c. **N** > Dem > Num > A
d. **N** > A > Num > Dem

(Cinque, 2006, p. 153)

Observe que quando antecedem o núcleo, os modificadores têm uma ordem de base (11a), que não pode ser alterada (vide agramaticalidade de 11b). Já quando os modificadores precedem o núcleo, podem manter a ordem de base (11c) - com o movimento sem *pied-piping* - ou ter a ordem inversa (11d), num movimento do núcleo carregando o modificador que o domina, de forma cíclica, do tipo *whose picture*.

No caso do Português Brasileiro, a ordem dos SPs parece seguir a proposta por Schweikert (2005) - repetida abaixo, de forma traduzida. Para atingir a ordem linear do PB - em que o VP antecede o SP - assumimos o movimento sem *pied-piping* (como representado na figura 3).

- (12) Evidencial (*segundo uma testemunha*) > Tempo (*ontem; em dezembro*) > Local (*em São Paulo; embaixo da mesa*) > Companhia (*com um amigo*) > Beneficiário (*para sua esposa*) > Causa (*por causa da doença*) > Origem (*de Brasília*) > Meta (*para o Pará*) > Oposição (*contra o acusado*) > Caminho/ Meio (*através do Canadá/ de carro*) > Instrumento (*com um alicate*) > Assunto (*sobre Matemática*) > Modo (*de um jeito especial*) > VP⁴

Para argumentar em favor da hipótese de que a ordem de base para o PB seja a mesma proposta por Schweikert (2005), como em (12), vamos aplicar um dos testes utilizados pelo autor para chegar a essa hierarquia. O teste em questão é o do *Foco da ordem neutra* (*Focus neutral order*). O que o autor sugere é que há uma ordem mais neutra, enquanto outras ordens são possíveis, no entanto somente com uma leitura mais marcada dos constituintes. O teste consiste em testar a ordem num contexto *out-of-the-blue*,

4 Os exemplos entre parênteses são uma adaptação dos exemplos de Schweikert (2005), dos principais papéis temáticos propostos pelo autor para se chegar à hierarquia, com o intuito de os leitores compreenderem os rótulos estabelecidos para cada categoria. Sugiro ao leitor, no entanto, a leitura do texto original para maiores detalhes (cf. Schweikert, 2005, p. 96-101).

respondendo à pergunta “O que aconteceu?”. Apenas uma ordem responde a essa pergunta com uma entonação neutra, sem a possibilidade de ambiguidades.

- (13) a. O que aconteceu?
b. Pedro conheceu sua esposa [ano passado_{temp}] [em uma viagem_{loc}] [através de um amigo_{meio}].

(Souza de Paula, 2022, p. 92)

- (14) a. O que aconteceu?
b. Pedro conheceu sua esposa [em uma viagem_{loc}] [ano passado_{temp}] [através de um amigo_{meio}].

No exemplo (13), na ordem que reflete a hierarquia - *Tempo-Local-Meio* -, há uma resposta neutra, em que todos os SPs modificam circunstancialmente a oração principal. Isto é, as leituras possíveis são (i) Pedro conheceu sua esposa no ano passado, (ii) Pedro conheceu sua esposa em uma viagem, (iii) Pedro conheceu sua esposa através de um amigo.

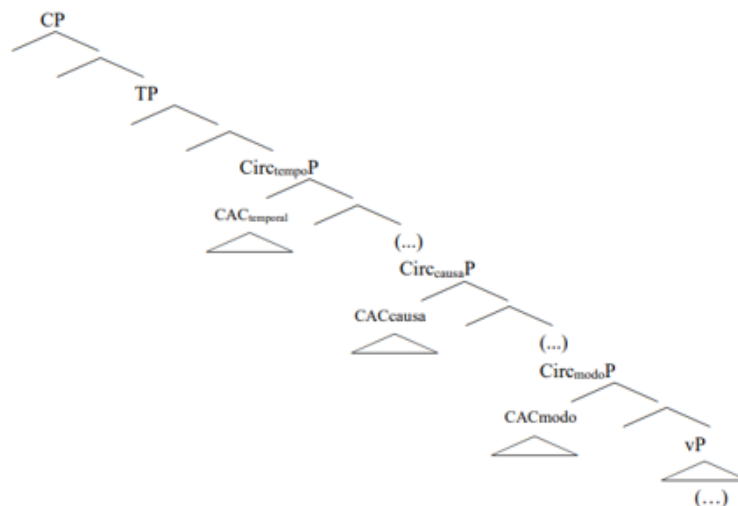
Observe que na sentença em (14), com uma modificação da ordem de base - *Local-Tempo* -, há uma interpretação ambígua, que não ocorre quando a ordem de base é respeitada. O sintagma temporal pode estar modificando o sintagma locativo que o antecede. Essa ordem, no entanto, é possível se pretende-se marcar o SP, ou seja, assume-se que houve um movimento da ordem de base, como (15) pode ilustrar.

- (15) a. Onde Pedro conheceu sua esposa?
b. Pedro conheceu sua esposa [em uma viagem_{loc}] [ano passado_{temp}] [através de um amigo_{meio}].

Uma vez que os testes de coordenação e de coocorrência já atestaram a similitude sintático-semântica entre CACs e SPs - vide seção anterior -, e levando em conta o conceito do princípio OFOH, vamos assumir que as orações adverbiais centrais devam então entrar

na derivação seguindo a ordem de base proposta por Schweikert (2005) - exemplo (12) -, sendo soldadas nos especificadores das projeções circunstanciais, de acordo com sua leitura semântica.

Figura 4 - Representação do local de soldagem das orações adverbiais centrais



Fonte: Souza de Paula (2022, p. 94).

Essa proposta converge com o lugar de soldagem proposto por Haegeman (2012) e Frey (2021), em que as orações centrais são mais encaixadas. Também garante que as relações de escopo já apresentadas pelos autores continuem existindo. O que essa nova proposta avança, é, como sugerido por Haegeman (2012), em explicar, de maneira mais detalhada - como é o objetivo primário de um trabalho em Cartografia - a história derivacional das orações adverbiais centrais. Na próxima seção, serão apresentados alguns indícios de que essa proposta é válida e pode explicar alguns fenômenos envolvendo essas orações em PB.

RESULTADO E ANÁLISE

ORDEM NEUTRA

Os exemplos (13), (14) e (15) mostraram que parece haver no PB uma ordem neutra para os sintagmas preposicionais, assim como sugerido por Schweikert (2005). Se estamos propondo que as orações adverbiais centrais também devem seguir uma ordem de base hierárquica, vale observar se essa mesma neutralidade acontece com elas.

Para isso, vamos testar a ordem *tempo-local-causa* - que reflete a ordem assumida para o PB (12).

- (16) a. O que aconteceu?
b. Eu almocei [quando saí do trabalho_{temp}] [porque estava com fome_{causa}].
c. Eu almocei [porque estava com fome_{causa}] [quando saí do trabalho_{temp}].
- (17) a. Bruno almoçou [onde estava acostumado_{loc}] [porque não quis arriscar_{causa}].
b. Bruno almoçou [porque não quis arriscar_{causa}] [onde estava acostumado_{loc}].
- (18) a. Eu almocei [quando saí do trabalho_{temp}] [onde estava acostumado_{loc}].
b. Eu almocei [onde estava acostumado_{loc}] [quando saí do trabalho_{temp}].

Observe que em (16b), na ordem *tempo-causa*, há uma leitura neutra e as duas orações adverbiais estão modificando o evento da oração matriz, isto é, expressando quando o evento aconteceu e por qual motivo ele aconteceu. Já (16c) é uma ordem possível no PB,

porém com uma ambiguidade. A leitura alcançada quando a ordem de base está inversa - ou seja, *causa-tempo* - é de que a oração temporal está modificando a oração causal que a antecede, isto é, o evento modificado é outro - "estava com fome quando saí do trabalho" e não "almocei quando saí do trabalho".

Essa mesma diferença acontece nos exemplos (17) e (18), que gera uma leitura neutra quando a ordem é respeitada - (17a) *local-causa* e (18a) *tempo-local* -, porém gerando uma leitura ambígua ou marcada quando a ordem é diferente.

Essa diferença nas leituras, isto é, no sentido das frases, têm que ter uma explicação sintática. Uma derivação, como a proposta na figura 4, permite compreender as diferentes interpretações. Uma vez que as orações adverbiais centrais devem entrar seguindo uma ordem de base hierárquica, cada uma em seu especificador, a alteração da ordem gera uma outra estrutura e, portanto, outra derivação.

Observe que uma frase como (18b) - repetida aqui como (19b) - faz sentido se houver uma leitura marcada, enfatizando o constituinte movido. Assume-se então que essa oração saiu de sua ordem de base para ser focalizada, por isso a necessidade dessa entoação diferente na leitura.

- (19) a. Onde você almoçou?
b. Eu almocei, onde estava acostumado, quando saí do trabalho.

VESTÍGIO E LINEARIDADE

O grande ganho em propor uma derivação cartográfica para a estrutura é que permite-se compreender as filigranas da história derivacional, que não são perceptíveis quando analisamos a superfície, ou se assumimos uma estrutura não tão enriquecida.

- (20) a. Eu almocei quando saí do trabalho porque estava com fome.
b. Quando saí do trabalho, eu almocei _ porque estava com fome.

A sentença em (20a) mostra uma oração matriz sendo modificada por uma oração adverbial central temporal e uma oração adverbial central causal. Em (20b), a oração temporal é movida para o início da sentença, mantendo-se o mesmo sentido. O sublinhado indica que ali, então, ficou um espaço vazio. Numa derivação mais enriquecida, com várias projeções circunstanciais, cada uma com seu importe semântico, é fácil explicar porque esse espaço não pode ser ocupado por qualquer constituinte. Vejamos os exemplos.

- (21) a. ?/*[Quando saí do trabalhotemp], eu almocei [no horário de descansoPPtemp][porque estava com fomecausa].
b. Quando saí do trabalho, eu almocei neste restaurante porque estava com fome.
b' [Quando saí do trabalhotemp], eu almocei [ttemp] [neste restaurantePPloc][porque estava com fomecausa].

A sentença (21a) é agramatical - ou pelo menos marginal - se adicionarmos nesse “espaço vazio” deixado pelo constituinte movido um sintagma preposicional temporal. Isso porque, apesar de ter sido movido para outro lugar da estrutura, a oração adverbial já nasceu no especificador circunstancial de tempo, deixando lá um traço ocupando esse lugar, por isso outro constituinte do mesmo rótulo semântico não pode estar lá.

A sentença (21b) é bem formada pois o sintagma preposicional que foi incluído é locativo, isto é, ocupa o especificador de uma outra categoria circunstancial. Apesar de linearmente estar ocupando o mesmo lugar do sintagma temporal em (20a) - logo após o verbo - é possível observar em (20b') que na verdade ele está em outra posição, após a projeção temporal, seguindo a ordem de base.

PRECEDÊNCIA E TRANSITIVIDADE - INCLUINDO CATEGORIAS FUNCIONAIS

Se observarmos a hierarquia de Schweikert (2005), repetida aqui por conveniência, podemos perceber que nem todos os rótulos semânticos das orações adverbiais em PB são contemplados.

- (22) Evidencial > Tempo > Local > Companhia > Beneficiário
> Causa > Origem > Meta > Oposição > Caminho/Meio >
Instrumento > Assunto > Modo > VP

Claramente temos contempladas na hierarquia as orações *temporais*, *locativas*, *causais* e *modais*. O próprio autor afirma que deve haver mais papéis temáticos a serem incluídos nessa hierarquia. Independentemente disso, a proposta de assumirmos a hierarquia nos permite testar outras leituras semânticas e precisar em qual lugar da hierarquia ela deve entrar. Vamos, então, sugerir um local de soldagem para as orações adverbiais *condicionais* na hierarquia, utilizando o expediente da precedência e transitividade.

- (23) a. "Mas ficarei feliz [se isso acontecer_{cond}], [porque são gols para a seleção_{causa}] e isso significa possibilidades de triunfo." (Portal Terra)
b. ?/* "Mas ficarei feliz [porque são gols para a seleção_{causa}] [se isso acontecer_{cond}]"

A sentença (23a) é a transcrição de uma fala, em uma entrevista, publicada no Portal Terra. A sequência produzida pelo falante foi na ordem *condição-causa*. Se invertemos a ordem, como em (23b), a sentença fica marginal, ou agramatical, sendo difícil compreender a oração condicional modificando o evento "ficarei feliz". Isso nos leva a propor que a oração adverbial central condicional deva ocupar uma projeção circunstancial que antecede *causa*.

A próxima ordem a ser testada, será *local-condição*. Na sentença (24a), com a circunstância locativa antecedendo a circunstância condicional, há gramaticalidade e não há uma ambiguidade na interpretação, isto é, tanto a CAC locativa quanto a CAC condicional modificam o evento na oração principal. O mesmo não acontece em (24b), uma vez que a ordem *condição-local* gera uma sequência com a possibilidade de interpretação em que a oração locativa modifica o evento da oração condicional que a antecede.

- (24) a. Eu almoçarei [onde estou acostumado_{loc}] [se conseguir sair a tempo do trabalho_{cond}].
b. Eu almoçarei [se conseguir sair a tempo do trabalho_{cond}] [onde estou acostumado_{loc}].

Isso nos permite propor que a projeção circunstancial condicional deve constar na hierarquia acima de *causa*, mas procedendo *tempo* e *local*. Mesmo não tendo sido testado o par *tempo-condição*, uma vez que a cartografia defende a rigidez das hierarquias, a projeção condicional deve proceder *local* e todas as projeções que a dominam. Essa é mais uma evidência da importância da proposta aqui apresentada, pois ao assumir uma ordem de base para as orações adverbiais centrais, é possível propor e precisar exatamente onde cada categoria deve entrar no percurso derivacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foram apresentados argumentos em favor da hipótese de que as Orações Adverbiais Centrais devem ser soldadas nos especificadores das projeções circunstanciais - acima de vP - seguindo uma ordem hierárquica de base, proposta por Schweikert (2005).

A argumentação tem início na similitude sintático-semântica em português brasileiro, apontada pela Gramática Tradicional, entre as orações adverbiais e os sintagmas preposicionais. Essa propriedade, interpretada sob uma ótica da Cartografia Sintática, nos permitiu concluir que essa similaridade também deveria refletir no local de soldagem das orações adverbiais na sequência funcional.

A fim de dar liga à nossa argumentação, recorremos a dois ingredientes metodológicos muito caros às pesquisas cartográficas: (i) teste de ocorrência com elementos supostamente pertencentes à mesma categoria e (ii) o teste da coordenação. Os resultados evidenciaram a hipótese inicial de que tanto CACs quanto SPs exercem a mesma função sintática e, portanto, devem ser soldados no mesmo lugar.

A hierarquia de Schweikert (2005), então, nos faz propor que as CACs devem entrar na derivação nos especificadores das projeções circunstanciais - as mesmas que o autor propõe para os SPs - seguindo uma ordem de base. As diferentes interpretações geradas a partir das diferentes ordens nos leva a defender essa hipótese. Em PB, quando as orações adverbiais aparecem diferentes daquela proposta na hierarquia, possíveis ambiguidades podem surgir, enquanto que, quando respeitada a ordem, há uma leitura neutra.

Essa proposta derivacional se mostra válida pois mantém todas as propriedades das orações adverbiais centrais apontadas pela literatura - seja pela de viés da Tradição Gramatical, seja pela de viés gerativista - e ainda permite explicar diferenças semânticas em relação às diferentes ordens, além de servir como ferramenta de consulta, para futuras pesquisas que queiram se debruçar sobre as categorias circunstanciais representadas pelas orações adverbiais centrais.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37ed. Rio de Janeiro: Editora Lucena, 2006.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads: a Cross-linguistic Perspective**. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and Functional Heads: The Cartography of Syntactic Structures**. New York: Oxford University Press, 2006.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo**. 5 ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

ENDO, Yoshio; HAEGEMAN, Liliane. Adverbial clauses and adverbial concord. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 4, n. 48, p. 1-32, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5334/gjgl.589>. Acesso em: 22 jan. 2026.

FREY, Werner. On the categorical status of different dependent clauses. *In*: HARTMANN, Jutta; WÖLLSTEIN, Angelika (org.). **Propositionale Argumente im Sprachvergleich / Propositional Arguments in Cross-Linguistic Research: Theorie und Empirie / Theoretical and Empirical Issues**. Tübingen: Narr, 2021. p. 364-410.

FREY, Werner. Types of German causal clauses and their syntactic-semantic layers. *In*: JĘDRZEJOWSKI, Łukasz; FLECZORECK, Constanze (ed.). **Micro- and macrovariation of causal clauses: synchronic and diachronic insights**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2023. cap. 3, p. 51-100.

HAEGEMAN, L. **Adverbial clauses, main clause phenomena and the composition of the left periphery**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

HUDDLESTON, Rodney; PULLUM, Geoffrey. Coordination and subordination. *In*: AARTS, Bas; MACMAHON, April (ed). **A handbook of English linguistics**. Oxford: Blackwell, 2006. p. 198-219.

JĘDRZEJOWSKI, Łukasz; FLECZORECK, Constanze. Adverbial clauses and their variation: The case of causal clauses in German. *In*: JĘDRZEJOWSKI, Łukasz; FLECZORECK, Constanze (ed.). **Micro- and macrovariation of causal clauses: synchronic and diachronic insights**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2023. cap. 2, p. 15-48.

KAYNE, Richard S. Some notes on comparative syntax, with special reference to English and French. *In*: CINQUE, Guglielmo; KAYNE, Richard S. (Eds.). **The Oxford Handbook of Comparative Syntax**. New York: Oxford University Press, 2005. p. 3-69.

KURY, Adriano da Gama. **Novas lições de análise sintática**. 9 ed. São Paulo: Ática, 2006.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

LOBO, Maria. **Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português**. Dissertação de Doutorado em Linguística/Sintaxe – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003.

SCHWEIKERT, Walter. **The Order of Prepositional Phrases in the Structure of the Clause**. Amsterdam: John Benjamins, 2005.

SCHÖNENBERGER, Manuela; HAEGEMAN, Liliane. English rationale since and a reassessment of the typology of adverbial clauses. *In*: JĘDRZEJOWSKI, Łukasz; FLECZORECK, Constanze (ed.). **Micro- and macrovariation of causal clauses: synchronic and diachronic insights**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2023. cap. 5, p. 129-166.

SOUZA DE PAULA, Wellington. **Um estudo cartográfico da posição de soldagem das orações adverbiais centrais**. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa: uma introdução à cartografia sintática**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2021.

9

*Beatriz Pereira do Nascimento Silva
Matheus Gomes Alves
Adriana Leitão Martins*

REALIZAÇÕES MORFOSSINTÁTICAS DE MODALIDADE OBRIGAÇÃO E MODALIDADE NECESSIDADE NO PORTUGUÊS DO BRASIL:

UMA ANÁLISE CARTOGRÁFICA

INTRODUÇÃO

De acordo com Gomes e Mendes (2018), o conceito de modalidade pode ser definido como a maneira que um falante se utiliza para expressar determinada ideia em relação a um conteúdo proposto na sentença sem alterar diretamente esse conteúdo, ou seja, sem se comprometer com os valores de verdade da sentença. Mais especificamente, modalidade obrigação corresponde à modalidade em que um falante expressa obrigação em relação à concretização de determinada eventualidade e, no português do Brasil (doravante PB), sua realização verbal seria através de “ter que/ter de” (Gomes; Mendes, 2018) e sua realização adverbial seria através do advérbio “obrigatoriamente” (Cinque, 1999). Em (1), a interpretação seria de que João tem a *obrigação* de trabalhar na segunda, de modo que essa obrigação não pode ser negada, posto que sua negação implicaria numa anomalia semântica da sentença, como em (2).

- (1) João **tem que** trabalhar na segunda.
- (2) #João **tem que** trabalhar na segunda, mas não é obrigado.

Por outro lado, a modalidade necessidade refere-se à modalidade em que o falante tem a intenção de expressar a ideia de necessidade de que determinado evento ocorra e, no PB, sua realização verbal seria através de “precisar”/“dever” (Gomes; Mendes, 2018) e sua realização adverbial através de “necessariamente” (Cinque, 1999; Lunguinho, 2014). No exemplo em (3), a interpretação da sentença seria de que João tem a *necessidade* de trabalhar de forma remota na segunda, de modo que essa necessidade não pode ser negada, como em (4), uma vez que tal negação torna a sentença anômala semanticamente.

1 Neste texto, assume-se, conforme Cabral (2017), que “ter que” e “ter de” são perífrases com alto grau de gramaticalização. Ainda, assume-se que essas são formas variantes para a expressão de obrigação.

- (3) João **precisa/deve** trabalhar de forma remota na segunda.
- (4) #João **precisa/deve** trabalhar de forma remota na segunda, mas não é necessário.

Segundo estudos em Cartografia Sintática, programa de pesquisa ligado à Gramática Gerativa, há, dentre o conjunto de sintagmas que integram a camada funcional da árvore sintática, aqueles que abrigam em seus núcleos traços de obrigação e necessidade e, em seus especificadores, advérbios com valores semânticos correspondentes, sendo esses, respectivamente, Modalidade_{Obrigação} P e Modalidade_{Necessidade} P (Cinque, 1999; 2006).

O objetivo geral deste estudo é contribuir com os estudos cartográficos de representação linguística das modalidades obrigação e necessidade e, mais especificamente, investigar as realizações morfológicas e adverbiais de modalidade obrigação e modalidade necessidade por falantes nativos do PB, considerando advérbios e morfologias já descritos em Cinque (1999), Lunguinho (2014) e Gomes e Mendes (2018).

As hipóteses levantadas são de que, no PB, a modalidade obrigação é realizada morfossintaticamente exclusivamente por meio de "ter que/ter de" e pelo advérbio "obrigatoriamente" e a modalidade necessidade é realizada morfossintaticamente exclusivamente por meio de "precisar" e "dever" e pelo advérbio "necessariamente". A justificativa para tais hipóteses consiste nas generalizações de Cinque (1999; 2006), Lunguinho (2014) e Gomes e Mendes (2018) acerca da realização verbal e adverbial desses tipos de modalidade.

Este capítulo se organiza em quatro seções, além desta introdução. Na seção de pressupostos teóricos, apresenta-se uma discussão sobre modalidade e sobre Cartografia Sintática, com ênfase na Hierarquia Universal de Projeções Funcionais proposta por Cinque (1999; 2006), destacando-se as posições em que estão localizadas as modalidades obrigação e necessidade. Na seção de metodologia,

apresenta-se o *corpus* utilizado para a coleta de dados, os metadados principais dos informantes e os procedimentos analíticos adotados durante a investigação. Na seção resultados e análises, expõe-se de forma detalhada os achados referentes às duas modalidades estudadas, acompanhados de exemplos representativos e da discussão dos dados observados. Por fim, na seção de considerações finais, avalia-se se as hipóteses iniciais foram confirmadas ou refutadas, sintetizam-se as principais conclusões e definem-se os próximos passos à luz dos resultados obtidos.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

No arcabouço teórico de modalidade de Kratzer (1977; 1981; 1991; 2012), o conteúdo lexical central dos verbos modais é definido pela sua força quantificacional, ou seja, modais não carregam sentidos intrínsecos. Em vez de serem considerados ambíguos, polisêmicos ou homófonos, assume-se que cada modal equivale a um único verbo com um único significado. Sob esse viés, para Kratzer, o que permite diferenciar, por exemplo, o modal “dever” de “poder” é a capacidade quantificacional que esses modais carregam. Enquanto “dever” quantifica mundos possíveis de maneira universal (implica necessidade), “poder” quantifica mundos possíveis de forma existencial (implica possibilidade).

A partir dessa perspectiva, Kratzer propõe que os modais podem ser divididos em dois tipos de quantificadores, sendo eles os modais quantificadores universais e os modais quantificadores existenciais. A ideia central é que os modais quantificadores universais, que têm sentido deôntico (necessidade, obrigação), devem operar logicamente em todos os mundos possíveis, como no exemplo em (5). Por outro lado, os modais quantificadores existenciais operam logicamente em pelo menos um mundo possível, ou seja, há ao menos

uma realidade em que determinado evento ocorre. Esses são modais que implicam possibilidade, como no exemplo em (6).

(5) João **deve** viajar.

(6) João **pode** viajar.

Na sentença em (5), o modal empregado exige que a proposição seja verdadeira em todos os mundos possíveis, ou seja, se houver um mundo em que João não viaja, a necessidade falharia. Na sentença em (6), o modal utilizado implica que existe ao menos um mundo que é compatível com o contexto em que João viaje, não implicando, portanto, que todos os mundos tornem a viagem do João uma realidade.

Entretanto, ao longo de seus estudos, a autora identificou um problema de necessidade absoluta de acordo com os quantificadores universais. Se um modal universal quantifica sobre todos os mundos possíveis, a proposição deveria ser verdadeira em todos eles, sem exceção. No entanto, a autora defende que sempre existem mundos alternativos em que a proposição não ocorre. Observe o exemplo (7).

(7) João **tem que** trabalhar amanhã.

Se fosse necessário que isso ocorresse em todas as realidades, seria falho, uma vez que há mundos em que João pode ficar doente, pode perder o emprego, ou seja, diversas situações que podem dificultar ou impossibilitar que João trabalhe no dia seguinte. Para isso, Kratzer propõe uma solução de restringir o domínio de “mundos possíveis” a “mundos possíveis relevantes” e, de acordo com a base modal, como um componente que seleciona quais mundos possíveis serão considerados na interpretação de um modal. Em vez de quantificar sobre todos os mundos concebíveis, o modal opera apenas sobre um subconjunto de mundos que sejam relevantes para a situação discursiva, como, por exemplo, regras (deôntica), de acordo com o conhecimento disponível (epistêmica).

Portanto, a base modal funcionaria como um filtro contextual que restringe o domínio de quantificação do modal, permitindo que a necessidade ou a possibilidade seja avaliada apenas nos mundos que são acessíveis de acordo com o cenário da enunciação.

Sendo assim, verifica-se que os modais sob análise nesta pesquisa – “ter que/ter de”, “precisar” e “dever” – enquadram-se dentre aqueles entendidos por Kratzer como quantificadores universais, ou seja, modais que operam sobre mundos possíveis relevantes de modo a fazer com que a proposição seja verdadeira em todos eles. Contudo, há uma diferença de força modal entre “ter que/ter de”, “precisar” e “dever”, como é abordado mais adiante nesta seção. Tal diferença pode ser capturada por traços funcionais distintos associados a tais modais, como assumido pela Cartografia Sintática.

A Cartografia Sintática é um empreendimento de pesquisa, surgido na década de 1990 e vinculado à vertente da teoria de princípios e parâmetros da Gramática Gerativa, que visa desenhar mapas precisos da estrutura sintática da oração e de seus principais sintagmas. Em Cinque (1999, 2006), apresenta-se uma proposta de Hierarquia Universal de Projeções Funcionais do *Middlefield*, ou espaço do IP (*Inflectional Phrase* ou Sintagma Flexional), isto é, o domínio funcional situado acima do VP (*Verbal Phrase* ou Sintagma Verbal) e abaixo espaço do CP (*Complementizer Phrase* ou Sintagma Complementizador). A Hierarquia Universal dos sintagmas do *Middlefield* pode ser vista na figura 1 a seguir.

Quadro 2 – Traços *default* e marcado de Modalidade^{Obrigação}_P e Modalidade^{Necessidade}_P

Projeção	Traço <i>default</i>	Traço marcado	Advérbio
Modalidade ^{Obrigação} _P	[- obrigação]	[- obrigação]	obrigatoriamente
Modalidade ^{Necessidade} _P	[- necessidade]	[- necessidade]	necessariamente

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Os exemplos em (8) e (9) ilustram a expressão de modalidade obrigação e modalidade necessidade, respectivamente.

- (8) João **obrigatoriamente** trabalha de forma remota na segunda.
- (9) João **necessariamente** trabalha de forma remota na segunda.

Lunguinho (2014) analisa a aquisição dos modais “ter que” e “dever”, tratando ambos como formas de realização de modalidade necessidade com diferenças forças, sendo o modal “ter que” representante de modalidade necessidade forte e o modal “dever” representante de modalidade necessidade fraca. A distinção entre os núcleos de Modalidade^{Obrigação}_P e Modalidade^{Necessidade}_P pode parecer opaca, tendo em vista propostas como as de Lunguinho (2014) acerca dos auxiliares “ter que” e “dever” como modais de necessidade apenas com diferentes forças. Justifica-se, portanto, uma análise detalhada das realizações de modalidade obrigação (doravante MO) e modalidade necessidade (doravante MN) no PB, salientando a relevância deste estudo.

METODOLOGIA

A metodologia aplicada neste trabalho consistiu em um estudo transversal com a análise da produção de dados linguísticos de falantes do PB transcritos e extraídos do *corpus online* gratuito NURC-RJ, organizado por Barbosa, Lopes e Callou entre as décadas de 1970 e 1990, contendo 14 horas e 10 minutos de conversação, divididos em 14 transcrições (total de 14 inquéritos), o que corresponde à totalidade de transcrições disponíveis nas sessões do *corpus* analisadas. Ao todo, foram analisadas 127.433 palavras, sendo uma média de 9.102 palavras por transcrição. Foram analisadas duas sessões do *corpus*: (i) Elocuções Formais, que se caracterizam como aulas, conferências e palestras, e (ii) Diálogos entre Dois Informantes, nos quais há a presença de dois informantes, em ambientes menos formais, com a presença de um documentador. Todas as gravações analisadas foram feitas entre abril de 1973 e maio de 1978. Os falantes têm um mínimo de 25 anos e alguns passam de 56 anos de idade, e estão divididos entre sexo masculino e feminino. Os quadros 2 e 3 a seguir apresentam os metadados a respeito dos informantes das sessões analisadas.

Quadro 3 – Principais informações dos participantes da sessão de Elocuções Formais

Inquéritos	Faixa etária	Sexo	Tema
EF/382	3 (de 56 em diante)	Feminino	A revolução francesa
EF/364	2 (de 36 a 55 anos)	Masculino	Aula de administração
EF/341	3 (de 56 em diante)	Masculino	Aula de direito do trabalho
EF/251	1 (de 25 a 35 anos)	Masculino	Aula de química
EF/356	1 (de 25 a 35 anos)	Feminino	Criatividade e redação no nível superior

EF/379	2 (de 36 a 55 anos)	Feminino	Industrialização japonesa
--------	---------------------	----------	---------------------------

Fonte: Extraído do site do corpus NURC-RJ.

Quadro 4 - Principais informações dos participantes da sessão
de Diálogo entre Dois Informantes

Inquéritos	Faixa etária	Sexo	Tema
D2/296	3 (de 56 em diante)	Masculino	A cidade. O comércio. Transportes e viagens
D2/374	3 (de 56 em diante)	Feminino	Animais e rebanhos
D2/269	2 (de 36 a 55 anos)	Feminino	Cidade e comércio. Transportes, viagens
D2/355	2 (de 36 a 55 anos)	Masculino	Dinheiro, banco, finanças, bolsa de valores
D2/369	3 (de 56 em diante)	Masculino Feminino	Meteorologia e tempo cronológico
D2/158	1 (de 25 a 35 anos)	Masculino	Meteorologia. Tempo cronológico. Terreno.
D2/147	1 (de 25 a 35 anos)	Feminino	Vida social, diversões; cidade e comércio
D2/64	3 (de 56 em diante) 2 (de 36 a 55 anos)	Masculino Masculino	Profissões e ofícios

Fonte: Extraído do site do corpus NURC-RJ.

Foi feita uma análise quantitativa e qualitativa dos dados de fala considerados. Quanto aos procedimentos analíticos empregados nesta pesquisa, primeiramente, foi realizada uma leitura das linhas de concordância do *corpus* e foram identificadas todas as ocorrências de expressão de MO ou MN nas transcrições e, sem seguida, foram utilizados três critérios de exclusão de dados nessa amostra inicialmente considerada. Como primeiro critério de exclusão, ocorrências com reestruturação final ou medial que comprometeram a compreensão da sentença foram desconsideradas. Como segundo critério de exclusão, nas ocorrências em que houve repetição do modal no mesmo ambiente sintático, foi considerada apenas uma das produções. Finalmente, como último critério de exclusão, foram eliminadas

ocorrências ininteligíveis. Posteriormente, com todos os dados a serem incluídos na amostra selecionados, as ocorrências foram classificadas como expressão de MO ou de MN. Para a efetivação dessa classificação, além da avaliação do contexto de interação, aplicamos o teste de cancelamento do traço criterial, uma reiteração do teste de Mateus *et al.* (2003) para reconhecimento do traço agentivo. Um exemplo de aplicação desse teste pode ser visto no par em (10) e (11) abaixo.

(10) #A gente **tinha que** lembrar disso, mas não era obrigado.

(11) A gente **precisava** lembrar disso, mas não era obrigado.

Nos exemplos em (10) e (11), verifica-se que a aplicação do teste de possibilidade de cancelamento do traço criterial permite classificar a que tipo de categoria o modal está associado. Em "*A gente tinha que lembrar disso, mas não era obrigado*", a sentença é semanticamente anômala, uma vez que o modal "ter que" carrega o traço de obrigação e, portanto, a ideia de obrigação não pode ser negada pela segunda oração. Por outro lado, se modificarmos o modal presente na primeira oração para "precisar" e negar a obrigação por meio da segunda oração, a frase é aceitável. No exemplo "*A gente precisava lembrar disso, mas não era obrigado*", o modal "precisar" veicula uma necessidade e, portanto, a negação do traço de obrigação não gera anomalia, uma vez que este modal não representa uma ideia de obrigatoriedade.

Por meio da aplicação do teste mencionado e da classificação das sentenças quanto ao traço de modalidade, foi feita a verificação das diferentes realizações morfológicas e adverbiais de MO e MN e a avaliação das frequências brutas dessas diferentes realizações.

Faz-se menção, novamente, as hipóteses deste estudo, de que, no PB, modalidade obrigação é realizada morfofossintaticamente exclusivamente por meio de "ter que/ter de" e através do advérbio "obrigatoriamente" e de que a modalidade necessidade é realizada

morfossintaticamente exclusivamente através de “dever/precisar” e do advérbio “necessariamente”. Portanto, era esperado que fossem encontrados resultados em que “ter que/ter de” e “obrigatoriamente” representassem somente obrigação e “dever/precisar” e “necessariamente” representassem somente necessidade.

RESULTADO E ANÁLISE

Com base na análise das duas sessões do *corpus* investigadas, apresentamos nesta seção os modais verificados na amostra e o tipo de leitura que correspondiam (obrigação ou necessidade). Nas sessões de Elocuções Formais (doravante EF) e Diálogo entre Dois Informantes (doravante D2), foram contabilizadas 42 ocorrências do modal “dever”, sendo ele majoritariamente utilizado para representar modalidade necessidade, em ambas as sessões, correspondendo ao todo a 31 produções com valor de necessidade, o que equivale a aproximadamente 74% das ocorrências, e 11 produções com valor de obrigação, o que equivale a aproximadamente 26% dos dados. Diferente dos demais, o modal “precisar” foi verificado em 30 produções, agrupando-se os resultados das duas sessões, sendo 100% delas associadas à leitura de necessidade. No que concerne aos modais “ter que” e “ter de”, não houve diferença expressiva em relação aos valores modais por eles expressos, mas dividimos, na tabulação dos dados, as ocorrências desses modais e a que leitura se associavam. Do total de 173 produções do modal “ter que”, 100 ocorrências, aproximadamente 58% do total, correspondiam à leitura de obrigação, enquanto 73, aproximadamente 42% do total, correspondiam à leitura de necessidade. Já do total de 6 produções do modal “ter de”, 3 (50% delas) tinham leitura de necessidade e as outras 3 (50% restante), leitura de obrigação. A seguir, observa-se o quadro 4 contendo os resultados descritos.

Quadro 5 – Ocorrências dos modais “dever”, “precisar”, “ter que” e “ter de” por traço na sessão de Elocuções Formais e Diálogo entre Dois Informantes

	Elocuções Formais (EF)		Diálogo entre Dois Informantes (D2)		Total	
Modal	Leitura de obrigação	Leitura de necessidade	Leitura de obrigação	Leitura de necessidade	Leitura de obrigação	Leitura de necessidade
Dever	1 (11,1%)	8 (88,9%)	10 (30,3%)	23 (69,7%)	11 (26,2%)	31 (73,8%)
Precisar	0	7 (100%)	0	23 (100%)	0	30 (100%)
Ter que	24 (54,6%)	20 (45,4%)	76 (58,9%)	53 (41,1%)	100 (57,8%)	73 (42,2%)
Ter de	2 (50%)	2 (50%)	1 (50%)	1 (50%)	3 (50%)	3 (50%)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Considerando-se os resultados obtidos nas duas sessões analisadas do *corpus*, verifica-se que a distribuição, em termos percentuais, entre as leituras de obrigação e necessidade de cada modal foi bastante semelhante entre as sessões. A título de ilustração, toma-se o modal “ter que”, que teve ligeiramente mais leitura de obrigação do que de necessidade em ambas as sessões, sendo cerca de 54,6% de valor de obrigação (contra 45,4% de valor de necessidade) na sessão EF e cerca de 58,9% de valor de obrigação (contra 41,1% de valor de necessidade) na sessão D2.

Dos dados coletados, apresentamos os exemplos de (12) a (18), contendo, cada um, um modal investigado com o seu respectivo valor modal, sendo os exemplos de (12) a (14) sentenças com modais com leitura de obrigação e aqueles de (15) a (18) sentenças com modais com leitura de necessidade. Em todos os exemplos,

após o dado extraído do *corpus*, exposto entre aspas, apresenta-se sublinhada a oração que configura a aplicação do teste de cancelamento do traço criterial descrito na seção de metodologia, indicando que a inserção do trecho sublinhado tornaria a sentença em questão semanticamente anômala.

- (12) "dever" – modalidade obrigação:
"outro... episódio o policial disse que estariam... **deviam** estar na estação às tantas horas () essa..." #mas não eram obrigados a estar
- (13) "ter que" – modalidade obrigação:
"Dom João **teve que** dar uma satisfação a Napoleão..." #mas não era obrigado a dar
- (14) "ter de" – modalidade obrigação:
"ele **tem de** usar a ênclise..." #mas não é obrigado a usar
- (15) "dever" – modalidade necessidade:
"Ele **deve** ter a possibilidade de ampliar a... seu aperfeiçoamento, ampliar a sua formação e..." #mas não é necessário ter
- (16) "ter que" – modalidade necessidade:
"a gente sabe que morar no Rio e São Paulo você **tem que necessariamente** ter um grau de neurose qualquer..." #mas não é necessário ter
- (17) "ter de" – modalidade necessidade:
"primeira coisa... é óbvio... né? que **tem de** haver uma reforma..." #mas não é necessário haver
- (18) "precisar" – modalidade necessidade:
"porque possivelmente amanhã eu vou **precisar** montar uma sala..." #mas não será necessário montar

Em (12), se aplicarmos o teste de cancelamento do traço criterial de obrigação, a sentença se torna agramatical, levando a classificação do modal como um veiculador de MO. Da mesma forma, em (13) e em (14), pela aplicação do mesmo teste, verifica-se que não há possibilidade de negar a obrigação da sentença, o que implica que o modal em questão está veiculando uma atitude ou evento obrigatório.

Como descrito anteriormente, todos os modais verificados neste estudo foram encontrados associados à leitura de necessidade. Aplicando o teste de cancelamento do traço criterial de necessidade nas sentenças de (15) a (18), percebemos que, ao negar a necessidade, todas tornam-se agramaticais, de forma a ratificar que os modais estariam associados a uma leitura de necessidade. Além disso, no exemplo em (16), há o único dado de realização adverbial de todo o *corpus* analisado e, nessa sentença, o advérbio empregado é justamente o apresentado em Cinque (1999; 2006) como o advérbio canônico de MN, conforme exposto na sessão de pressupostos teóricos.

A partir dos resultados encontrados, propomos duas justificativas possíveis para explicar de que maneira um mesmo verbo auxiliar modalizador – como “dever” e “ter que/ter de” – pode se associar a duas categorias modais diferentes, associadas a projeções funcionais distintas da Hierarquia Universal, que promovem duas interpretações distintas: ora de obrigação, ora de necessidade. Primeiramente, é possível que haja subespecificação lexical desses modais, de forma que os traços funcionais que tais modais carregam são especificados em entradas lexicais distintas, ou seja, seria o caso de existir um modal “dever” que carrega traço positivo para obrigação, e um modal “dever” que carrega traço positivo para necessidade. Como segunda interpretação, especula-se que possa haver movimento de certos modais para o núcleo de projeções funcionais hierarquicamente mais altas, respeitando a Restrição de Movimento de Núcleo (Travis, 1984), ou seja, poderia ser o caso de um modal ser soldado originalmente no núcleo de modalidade obrigação,

que está em uma posição mais baixa na Hierarquia Universal, e ser movido para o núcleo de modalidade necessidade, que está em uma posição mais elevada nessa Hierarquia. Assumindo-se essa segunda interpretação, tem-se que um modal com valor de necessidade carregaria intrinsecamente a ele associado também um valor de obrigação.

Ainda acerca dessa segunda possibilidade de interpretação, destaca-se que ela parece viável no caso de haver expressão de MO e MN na mesma ocorrência com um dado modal. Contudo, a aplicação do teste de possibilidade de cancelamento do traço criterial permitiu identificar, na análise dos dados deste estudo, uma distinção clara entre os modais representantes de MO e MN, já que nenhum modal apresentou, nos dados observados, a leitura simultânea dos dois valores. Por isso, cada ocorrência foi classificada de acordo com uma única modalidade a que estava associada. Não descartamos, porém, a possibilidade de que, sob outra perspectiva analítica ou em contextos discursivos distintos, determinados modais possam se comportar de forma mais ambígua, ou seja, o teste de cancelamento do traço criterial poderia não ser tão esclarecedor em outros contextos. Isso porque, dentro da arquitetura sintática prevista pela cartografia, de acordo com o movimento de núcleo, é estruturalmente possível que um mesmo núcleo modal seja movido através de diferentes projeções, checando traços em mais de um ponto da hierarquia funcional. Dessa forma, um modal poderia ser soldado no núcleo de determinada categoria, checar o traço positivamente, e ainda ser movido a outra, checando também o traço positivamente, levando-o a veicular os dois valores modais. Nesses casos, um modal poderia carregar, simultaneamente, traços de obrigação e necessidade.

Um ponto relevante a ser destacado diz respeito ao fato de que, durante a análise dos resultados, constatou-se que a representação categorial dos modais sob análise independe do grau de formalidade da interlocução. Os resultados provenientes das duas sessões examinadas, uma composta por interações mais formais,

como palestras, aulas e conferências, e outra por conversas menos formais entre dois indivíduos, revelam padrões convergentes, sem diferenças significativas na distribuição categorial, ou seja, nos locais de soldagem dos modais. Esses resultados sugerem que, no *corpus* analisado, a formalidade da interlocução não atua como um fator condicionador para a valoração do traço criterial dos modais analisados. Tal fato abre espaço para uma reflexão mais ampla sobre um caráter possivelmente estável desses modais no PB, apontando para um comportamento menos sensível à variação situacional.

De certa forma, independentemente das explicações consideradas, o que ocorre é que os modais “dever”, “ter que” e “ter de” podem ter como local de soldagem tanto o núcleo de Modalidade_{Obrigação}P como o núcleo de Modalidade_{Necessidade}P, e o modal “precisar” só pode ser soldado no núcleo de Modalidade_{Necessidade}P, como demonstrado nos resultados e sintetizado no quadro 5.

Quadro 6 – Local de soldagem/movimento dos auxiliares “dever”, “precisar”, “ter que” e “ter de”

Modal	Local de soldagem
Dever	Modalidade _{Obrigação} /Modalidade _{Necessidade}
Precisar	Modalidade _{Necessidade}
Ter que	Modalidade _{Obrigação} /Modalidade _{Necessidade}
Ter de	Modalidade _{Obrigação} /Modalidade _{Necessidade}

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Além disso, durante a análise das interpretações dos valores modais de “dever”, verificamos que sua classificação podia variar conforme sua forma de conjugação verbal. Foi observado que “devia”, conjugado no pretérito imperfeito do indicativo, pode igualmente veicular MO e MN, enquanto “deveria”, conjugado no futuro do pretérito do indicativo, tende a veicular MN, conforme demonstrado no quadro 6 a seguir.

Quadro 7 – As representações categorias do auxiliar “deve” no pretérito perfeito do indicativo “devia” e futuro do pretérito do indicativo “deveria”

Modal	Modalidade Obrigação	Modalidade Necessidade
Devia	11 (52,38%)	10 (47,62%)
Deveria	2 (22,22%)	7 (77,78%)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Acerca dos resultados sintetizados no quadro 6, especula-se também que “devia” e “deveria” enquanto veiculadores de MO, de um lado, ou de MN, de outro, caracterizam um caso de alomorfia. Em outras palavras, pode haver duas flexões verbais de “dever” com o mesmo valor modal, de modo que *-ia* e *-ria* seriam variantes do mesmo morfema quando há veiculação do mesmo traço criterial de obrigação ou quando há veiculação do mesmo traço criterial de necessidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, buscou-se contribuir com os estudos cartográficos acerca da representação linguística das modalidades obrigação (MO) e necessidade (MN), investigando as realizações morfológicas e adverbiais dessas modalidades a partir de dados de fala de falantes nativos do PB. Para isso, adotou-se uma metodologia que consistiu na classificação de ocorrências desses tipos de modalidade em dados do *corpus* NURC-RJ conforme a aplicação de um teste sintático-semântico.

As hipóteses formuladas previam que MO seria realizada morfossintaticamente exclusivamente por “ter que/ter de” e pelo advérbio “obrigatoriamente”, e MN seria realizada morfossintaticamente exclusivamente por “dever” e “precisar” e através do advérbio

“necessariamente”. Os resultados coletados, no entanto, mostram que tais previsões não se confirmam, visto que os modais não se distribuem de forma tão rígida e categórica quanto previsto pelas nossas hipóteses, havendo maior flexibilidade na realização de MO e MN no PB do que suposto inicialmente.

Em outras palavras, concluímos que as hipóteses foram refutadas, uma vez que, no PB, a categoria de MO não é realizada exclusivamente pelo verbo auxiliar “ter que/ter de”, mas também pelo auxiliar “dever”, e a categoria de MN não é realizada exclusivamente pelos verbos auxiliares “dever” e “precisar”, mas também através de “ter que” e “ter de”. Além disso, não foram encontradas realizações adverbiais de MO, apenas uma de MN, mais especificamente, o advérbio “necessariamente”.

Como próximos passos desta pesquisa, pretende-se investigar, através de testes de julgamento de aceitabilidade, as realizações morfofossintáticas e adverbiais das modalidades obrigação e necessidade no PB, considerando os resultados obtidos neste estudo, a fim de verificar a interpretação de outros falantes da língua dos modais analisados.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Afranio Gonçalves; LOPES, Célia Regina dos Santos; CALLOU, Dinah Maria Isensee. **Projeto Norma Linguística Urbana Culta - RJ** (NURC-RJ). Disponível em: <https://nurcj.letras.ufrj.br/>. Acesso em: 30 dez. 2025.

CABRAL, Kênio Oliveira. **“Ter de” e “ter que” no português do Brasil**: um estudo descritivo do fenômeno de gramaticalização. Monografia de conclusão de curso. Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2017.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads**: A cross-linguistic perspective. Oxford University Press, 1999.

CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and functional heads**: The cartography of syntactic structures. v. 4. New York: Oxford University Press, 2006.

GOMES, Ana Paula Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para Conhecer Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.

KRATZER, Angelika. What 'must' and 'can' must and can mean. **Linguistics and Philosophy**, v. 1, n. 3, p. 337-355, 1977.

KRATZER, Angelika. The notional category of modality. /n: EIKMEYER, Hans J.; RIESER, Hanner. **Words, worlds, and contexts**. New approaches in word semantics. Berlin: Mouton de Gruyter, 1981.

KRATZER, Angelika. Modality. /n: von STECHOW Arnim; WUNDERLICH Dieter. **Semantics**: an international handbook of contemporary research. Berlin: Mouton de Gruyter, 1991.

KRATZER, Angelika. **Modals and conditionals**. Oxford: Oxford University Press, 2012.

LUNGUINHO, Marcus Vinicius. On the acquisition of root and epistemic modals in Brazilian Portuguese. **ReVEL**, special issue v. 8, p. 131-159, 2014.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA; Sónia; MATOS; Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Ed. Caminho SA, 2003, 1127p.

TESCARI NETO, Aquiles. **Sintaxe Gerativa**. Uma introdução à cartografia sintática. Campinas: Editora da Unicamp, 2021. 213p.

TRAVIS, Lisa de Mena. **Parâmetros e efeitos da variação da ordem das palavras**. Tese de Doutorado. Instituto de Tecnologia de Massachusetts, 1984.

10

*Vitoria Duarte da Silva
Matheus Gomes Alves
Adriana Leitão Martins*

LEITURAS E LOCAIS DE SOLDAGEM DE “PODE”, “PODIA” E “PODERIA” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

INTRODUÇÃO

Este trabalho ancora-se nos pressupostos da Cartografia Sintática (Cinque, 1999), empreendimento de pesquisa vinculado à Teoria de Princípios e Parâmetros, da Gramática Gerativa (Chomsky, 1986), cujo objetivo é desenhar mapas precisos da estrutura da oração e de seus principais sintagmas (Cinque; Rizzi, 2008). Assume-se que, enquanto advérbios são termos inseridos na posição de especificador de um conjunto de projeções funcionais presentes no *Middlefield* (ou espaço do IP), partículas, auxiliares e modais são termos inseridos na posição de núcleo de tais projeções (Cinque, 1999). Tal conjunto é descrito em Cinque (1999, p. 81) como um inventário de projeções de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz, chamado de Hierarquia Universal (doravante HU), na qual são previstas seis projeções funcionais em que há veiculação de traços de modalidade, na seguinte ordem de dominância: $\text{Mod}_{\text{Possibilidade}}^P > \text{Mod}_{\text{Volição}}^P > \text{Mod}_{\text{Obrigação}}^P > \text{Mod}_{\text{Habilidade/Permissão}}^P$, $\text{Mod}_{\text{Epistêmica}}^P > \text{Mod}_{\text{Necessidade}}^P$.

De acordo com Gomes e Mendes (2018), a modalidade expressa a atitude do falante quanto ao conteúdo da proposição, sem que haja interferência nas condições de verdade da eventualidade descrita. Na tipologia das autoras, são previstos seis subtipos de modalidade, a saber: 1) deontica (leis), 2) epistêmica (fatos universais), 3) disposicional (habilidades e capacidades), 4) bulética (desejos e vontades), 5) doxástica (crenças) e 6) teleológica (objetivos e finalidades). Em línguas como o português brasileiro (doravante PB), há a possibilidade de modais veicularem diferentes traços categoriais – traços específicos associados a cada projeção funcional da HU – que integram essa atitude.

Segundo Gomes e Mendes (2018), o modal “poder” no PB expressa leituras de permissão, possibilidade e capacidade, sendo compatível com as modalidades deontica, epistêmica e disposicional. Além disso, as autoras afirmam que “dependendo da flexão,

o verbo 'poder' indica diferentes forças modais" (p. 140). Mateus *et al.* (2003) consideram, como leituras possíveis para "poder" no português: permissão, possibilidade, contingência¹ e capacidade, sendo compatível com as modalidades deôntica, epistêmica, alética² e disposicional. Na gramática de Castilho (2022), o modal "poder" no PB pode veicular valores de possibilidade e incerteza, sendo compatível com a modalidade epistêmica.

Embora existam trabalhos que considerem diferentes traços categoriais veiculados por "poder", não são propostas análises desse modal em diferentes flexões verbais na Cartografia Sintática, o que justifica a existência deste trabalho. Portanto, o objetivo geral é contribuir para os estudos de representação e derivação de modalidade nas línguas naturais. O objetivo específico é descrever os traços veiculados por "pode", "podia" e "poderia" no PB, assim como sua possível subespecificação lexical para mais de um traço na HU de Cinque (1999). A hipótese deste trabalho é: "pode", "podia" e "poderia" possuem apenas leituras de permissão, possibilidade, contingência, incerteza e capacidade no PB. Justifica-se tal hipótese com base nas generalizações de Gomes e Mendes (2018) e nas gramáticas de Mateus *et al.* (2003) e de Castilho (2022).

A metodologia consiste na análise quali-quantitativa de 120 linhas de concordância do *Corpus* do Português com os itens "pode", conjugado apenas na terceira pessoa do singular, e "podia" e "poderia", conjugados em primeira e terceira pessoa do singular, sendo 40 ocorrências para cada forma de flexão verbal, e dos resultados de um teste de interpretação de sentenças aplicado a 22 falantes nativos de PB.

1 Refere-se à vinculação a circunstâncias externas para que um evento ocorra. Um evento é contingente se e somente se sua possibilidade de ocorrência depender de circunstâncias externas.

2 É aquela que funciona ao nível do estado de coisas. Nesse nível, as relações estabelecem-se como necessárias, contingentes, possíveis ou impossíveis.

Este trabalho se subdivide em cinco seções, incluindo esta introdução. A seguir, na segunda seção, os pressupostos teóricos da Cartografia Sintática, bem como suas contribuições para a descrição e explicação da representação e derivação dos modais, são apresentados. Na terceira seção, os procedimentos metodológicos referentes ao *Corpus* do Português e ao teste de interpretação de sentenças são pormenorizados. Na quarta seção, são descritos os resultados obtidos pela análise das linhas de concordância do *corpus* e pelo experimento linguístico. Nesta seção, são explicados também os resultados a partir da proposta cartográfica de Cinque (1999), por meio do estabelecimento de distintos traços categoriais e locais de *merge* externo (ou soldagem) dos modais investigados neste estudo. Finalmente, na quinta seção, as considerações finais deste trabalho são pormenorizadas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Nesta seção, apresentam-se informações teóricas sobre modais e sua relação com as projeções funcionais de modalidade na Cartografia Sintática, a definição de modalidade como categoria linguística e uma discussão sobre os traços categoriais veiculados pelos itens sob análise, bem como seus possíveis locais de soldagem na HU.

A CATEGORIA LINGUÍSTICA DE MODALIDADE

Conforme anunciado na introdução, a modalidade expressa a atitude do falante quanto ao conteúdo da proposição sem interferência nas condições de verdade da eventualidade descrita (Gomes; Mendes, 2018). Observe os exemplos abaixo:

(1) “Você *tem de* vir à minha festa”

(Quadros-Gomes, Sanchez-Mendes, 2018, p. 135)

(2) *Talvez* você venha à minha festa.

Em ambas as sentenças, há veiculação de modalidade. Enquanto, em (1), o mecanismo morfossintático utilizado para veicular modalidade é o modal “tem de”; em (2), esse mecanismo é o advérbio “talvez”. Em (1), o modal “tem de” veicula traço de obrigação, pois o falante expressa uma obrigação, de caráter externo, quanto à presença do interlocutor na festa. Perceba que é impossível cancelar a leitura de obrigação por meio de uma oração coordenada sem gerar uma sentença anômala semanticamente, conforme se observa em “#Você tem de vir à minha festa, mas não é obrigado”. Já em (2), o advérbio “talvez” veicula traço de possibilidade, pois o falante expressa que é provável que o interlocutor venha à festa. No âmbito dessa argumentação, é impossível cancelar o traço de possibilidade com uma estrutura negativa coordenada sem gerar uma anomalia semântica, conforme se observa em “#Talvez você venha à minha festa, mas tenho certeza de que você não vem à minha festa”.

Na tipologia de Gomes e Mendes (2018) são previstos seis subtipos de modalidade, dispostos a seguir: 1) deôntica (leis, obrigações e permissões), como “Você **pode** fumar aqui”; 2) epistêmica (fatos universais), como “Hoje **pode** nevar pelo que estou vendo”; 3) disposicional (habilidades ou capacidades), como “Eu **posso** cantar”; 4) bulética (desejos e vontades), como “Eu bem **poderia** dormir agora”; 5) doxástica (crenças particulares), como “Eu **creio** que Pedro saiu”; 6) teleológica (objetivos e finalidades), como “Para não pegar Covid, **é necessário** tomar a vacina” (p. 143).

Já na tipologia de Mateus *et al.* (2003), prevêm-se apenas três tipos de modalidade: 1) alética – que funciona ao nível do estado das coisas –, 2) epistêmica e 3) deôntica – que funcionam ao nível do tipo de conhecimento que o falante tem das coisas.

Na modalidade alética, as relações estabelecem-se como necessárias, contingentes, possíveis ou impossíveis. Por exemplo, em “O homem **pode** ou não trabalhar”, há uma relação contingente, pois a existência de uma eventualidade depende de circunstâncias externas (Mateus *et al.*, 2003, p. 103). Na modalidade epistêmica, as relações são de: certo, descartável, plausível e excluído. Por exemplo, em “Se continuas a fumar ficas doente”, uma relação necessária é tida como certa, veiculando modalidade epistêmica (Mateus *et al.*, 2003, p. 104). Na modalidade deontica, as relações estabelecem-se como obrigatórias, permitidas, interditas e facultativas, como em “É proibido fumar”, na qual a eventualidade é obrigatória (Mateus *et al.*, 2003, p. 104).

OS TRAÇOS CATEGORIAIS DO MODAL “PODER”

Para Gomes e Mendes (2018), o modal “poder” veicula leituras de possibilidade (modalidade epistêmica), permissão (modalidade deontica) e capacidade (modalidade disposicional). Mateus *et al.* (2003) adicionam a leitura de contingência, ou seja, aquela que depende de circunstâncias externas para que o evento ocorra. Uma relação contingente pode veicular modalidade epistêmica, como “O homem pode ou não trabalhar”, ou modalidade deontica, como “O homem é livre de não trabalhar” (Mateus *et al.*, 2003, p. 104). Castilho (2022) defende a leitura de incerteza, como “Poder falar em público” (p. 451), relacionada à modalidade epistêmica.

O modal “poder”, dependendo da flexão verbal, indica diferentes forças modais (Gomes; Mendes, 2018). Por exemplo, “Pode dar certo” é mais forte que “Podia dar certo” (Gomes; Mendes, 2018, p. 140). Logo, “podia” veicula uma possibilidade mais fraca que “pode”, por conta do morfema imperfectivo (-ia) (cf. Iatridou, 2000). Isso também é defendido por Pires de Oliveira e Pessotto dos Santos (2010), pois “podia” veicula não-factuality, isto é, o falante não acredita ou não tem evidências suficientes de que o fato se realize.

O falante escolhe o modal com base nas evidências disponíveis sobre a factuality do evento, ou seja, quanto mais evidências a favor dessa factuality, mais o falante tende a usar "pode".

Pires de Oliveira e Pessotto dos Santos (2010) propõem que a principal diferença entre "pode" e "podia" se dá por meio da morfologia de perfectivo e imperfectivo, que causa um distanciamento do falante com o evento. Além disso, tanto "pode" quanto "podia" podem expressar uma possibilidade no presente, mas apenas "podia" expressa uma possibilidade no passado. Em contextos restritos, a maior diferença entre "pode" e "podia" é que apenas "podia" veicula o desejo do falante, algo que parece ser característica do PB, como "Podia parar de chover" (Pires de Oliveira; Pessotto dos Santos, 2010, p. 192).

PROJEÇÕES DE MODALIDADE NA CARTOGRAFIA SINTÁTICA

Em Cinque (1999, p. 81) são previstas seis projeções funcionais em que há veiculação de traços de modalidade, na seguinte ordem de dominância da HU: $\text{Mod}_{\text{Epistêmica}}^P > \text{Mod}_{\text{Necessidade}}^P > \text{Mod}_{\text{Possibilidade}}^P > \text{Mod}_{\text{Volição}}^P > \text{Mod}_{\text{Obrigação}}^P > \text{Mod}_{\text{Habilidade/Permissão}}^P$.

Essas projeções associadas ao *Middlefield* possuem traços *default* e marcado que são checados a depender da derivação sintática. Enquanto o traço *default* não tem morfologia específica, é menos frequente, menos complexo e tem uma aplicação mais geral, como, por exemplo, "*dog*" (cachorro), que designa macho ou fêmea; o traço marcado tem morfologia específica, é mais frequente, mais complexo e tem uma aplicação mais específica, como, por exemplo, "*bitch*" (cadela), que é uma forma marcada de "*dog*", pois indica especificamente uma fêmea.

Quadro 1 – Traços default e marcado das projeções funcionais de modalidade

Projeções funcionais	Default (não marcado)	Marcado
Mod _{Epistêmica} ^{P3}	comprometimento	- comprometimento
Mod _{Necessidade} ^P	- (- necessidade)	- necessidade
Mod _{Possibilidade} ^P	- (- possibilidade)	- possibilidade
Mod _{Volição} ^P	- (- volição)	- volição
Mod _{Obrigação} ^P	- (- obrigação)	- obrigação
Mod _{Habilidade/Permissão} ^{P4}	- (- habilidade/permissão)	- habilidade/permissão

Fonte: adaptado de Cinque (1999, p. 130, tradução nossa).

Adotando a tipologia cinqueana dos traços categoriais e considerando os valores modais de “poder” assumidos na hipótese deste estudo, podemos inferir que o traço de permissão é veiculado por Mod_{Permissão}^P, o de possibilidade, por Mod_{Possibilidade}^P, o de incerteza, por Mod_{Epistêmica}^P, o de contingência, por Mod_{Epistêmica}^P e o de capacidade, por Mod_{Habilidade}^P.

METODOLOGIA

A metodologia consistiu na análise quali-quantitativa de 120 linhas de concordância do *Corpus* do Português, site gratuito com dados escritos do português de quatro países: Brasil (PB), Portugal

- 3
- Para a projeção Mod_{Epistêmica}^P, Cinque considera que o comprometimento com a verdade da proposição é o valor *default*, pois está implícito em toda declaração e deve ser explicitamente negado quando o falante não quiser se comprometer (Cinque, 1999, p. 188). Este é o motivo porque, diferentemente das outras projeções, este traço *default* não é apresentado com a notação “- (-)” em Cinque (1999, p. 130).
- 4
- Para a projeção Mod_{Habilidade/Permissão}^P, tem-se uma mesma projeção funcional que veicula dois valores modais distintos: habilidade e permissão.

(PE), Angola (PA) e Moçambique (PM), no período de 2012 a 2019. Foram analisadas apenas linhas do PB com os itens “pode”, conjugado apenas na terceira pessoa do singular, e “podia” e “poderia”, conjugados na primeira e terceira pessoa do singular. A metodologia consistiu, ainda, na análise de um teste de interpretação de sentenças aplicado a 22 falantes nativos do PB.

Os critérios de exclusão de dados do *corpus* foram: 1) sentenças incompletas e 2) sentenças repetidas. Os procedimentos analíticos foram: 1) leitura das transcrições do *corpus*, 2) identificação de 120 linhas de concordância com “pode”, “podia” e “poderia” apenas nessas pessoas gramaticais; 3) classificação desses itens em suas leituras e formas morfológicas.

No experimento, foram utilizadas 36 sentenças, sendo 24 distratoras e 12 alvo com 4 estímulos para cada item (“pode”, “podia” e “poderia”). A tarefa do participante consistiu em selecionar, entre 4 opções de interpretação, aquela(s) que melhor representava(m) o significado da frase original, além da opção “outras”, em que ele poderia escrever sua própria interpretação. Os estímulos foram pseudorandomizados com 2 sentenças distratoras para cada 1 sentença alvo. A randomização das opções de respostas foi realizada automaticamente pela ferramenta do *Google Forms*.

O esqueleto do experimento consistiu em: 1) Termo de consentimento de participação do teste; 2) Coleta de metadados (idade, sexo, escolaridade, L2, neuroatipicidade); 3) Treinamento; 4) Experimento; 5) Agradecimentos. Os procedimentos analíticos adotados foram: 1) quantificação das respostas nas sentenças-alvo; 2) análise das paráfrases apresentadas em “outras”; 3) cruzamento dos metadados com as paráfrases adotadas. Foram excluídas da amostra as respostas de falantes não nativos do PB ou que não tenham passado a maior parte da infância no Brasil, bem como de falantes menores de 18 anos.

O quadro 2 a seguir ilustra exemplos de sentenças alvo e distratora utilizadas no experimento. A título de ilustração, quanto à primeira sentença-alvo do quadro 2, “A criança pode abrir a porta sozinha”, tem-se que, na paráfrase “É possível que a criança abra a porta sozinha”, emerge a leitura de possibilidade; em “A criança tem permissão para abrir a porta sozinha”, a leitura de permissão; em “A criança é capaz de abrir a porta sozinha”, a leitura de capacidade; e em “Talvez a criança abra a porta sozinha”, a leitura de incerteza.

Quadro 2 – Exemplos de sentenças alvo e distratora

Sentença-alvo	Sentença-alvo
A criança pode abrir a porta sozinha. É possível que a criança abra a porta sozinha. A criança tem permissão para abrir a porta sozinha. A criança é capaz de abrir a porta sozinha. Talvez a criança abra a porta sozinha. Outro: _____	O João podia nadar bem na piscina. Era possível que o João nadasse na piscina. O João tinha permissão para nadar bem na piscina. O João era capaz de nadar bem na piscina. Talvez o João nadasse bem na piscina. Outro: _____
Sentença-alvo	Sentença distratora
A Paula poderia faltar à reunião. Seria possível que a Paula faltasse à reunião. A Paula teria permissão de faltar à reunião. A Paula seria capaz de faltar à reunião. Talvez a Paula faltasse à reunião. Outro: _____	A Amanda frequentemente esquece o crachá. É possível que a Amanda esqueça o crachá. A Amanda tem o hábito de esquecer o crachá. A Amanda normalmente esquece o crachá. A Amanda tem o costume de esquecer o crachá. Outro: _____

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

RESULTADO E ANÁLISE

Nesta seção, são apresentados os resultados obtidos da análise, primeiramente, de 120 linhas de concordância do *Corpus* do Português com os itens “pode”, “podia” e “poderia” e do teste de interpretação de sentenças aplicado a 22 falantes nativos do PB, bem como a explicação desses resultados por meio da proposta cartográfica de Cinque (1999).

RESULTADOS DO *CORPUS*

Conforme ilustrado na tabela 1 abaixo, a leitura de *possibilidade* é a mais comum para “pode” (67,4%), “podia” (56,3%) e “poderia” (72,1%). Apenas “podia” e “poderia” apresentaram leitura de desejo/vontade, com 6,2% e 4,7% dos resultados, respectivamente.

Tabela 1 – Resultados da análise do *corpus*⁵

Itens/ Leituras	Permissão	Possibilidade	Contingência	Incerteza	Capacidade	Desejo/ vontade
Pode	5 (11,6%)	29 (67,4%)	2 (4,7%)	5 (11,6%)	2 (4,7%)	0 (0%)
Podia	5 (10,4%)	27 (56,3%)	1 (2,1%)	0 (0%)	12 (25%)	3 (6,2%)
Poderia	1 (2,3%)	31 (72%)	2 (4,7%)	2 (4,7%)	5 (11,6%)	2 (4,7%)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

5 O cálculo de porcentagem realizado foi: o número total de leituras veiculadas por cada modal (“pode”, “podia” e “poderia”) dividido pelo número de leituras obtidas para aquele item. Em algumas sentenças, obteve-se mais de uma leitura possível para o modal, o que justifica o quantitativo acima de 40, que correspondia ao número de vezes que cada item foi analisado, correspondendo ao número total por linha da tabela.

Alguns dos resultados obtidos na tabela 1 são analisados abaixo, divididos por leitura veiculada e pela forma de flexão verbal de “poder”.

Permissão

- (3) “O Diário de Notícias no seu email agora **pode** inscrever gratuitamente as nossas *newsletters* e receber o melhor da atualidade”
- (4) “O meu pai, com esta idade, já **podia** escolher se queria morar em uma casa na praia, em uma fazenda...”
- (5) “Pedi-lhe se **poderia** gravar a nossa conversa, o que ele aceitou prontamente”

Em (3), “pode” veicula permissão, pois o falante expressa que agora o Diário de Notícias tem permissão para que as pessoas se inscrevam para receber suas *newsletters*. Em (4), “podia” tem leitura de permissão, pois, com determinada idade, o pai já estava autorizado a escolher onde morar. Em (5), “poderia” também expressa permissão, pois o falante está pedindo o consentimento de outro sobre gravar a conversa. Podemos confirmar essas leituras por meio da aplicação de um teste de cancelamento da leitura com uma oração coordenada, como, respectivamente, em “#O Diário de Notícias no seu email agora pode inscrever gratuitamente as nossas *newsletters*, mas não se pediu permissão para isso”; “#O meu pai já podia escolher onde morar, mas ele não tinha permissão para isso” e “#Pedi-lhe se poderia gravar a nossa conversa, mas eu não pedi permissão para isso”. Observa-se que, ao negarmos a permissão das sentenças, a verdade não se mantém. Logo, há veiculação desse traço pelo modal “poder”.

Possibilidade

- (6) "Questionado se **pode** garantir que cumprirá o mandato em Bruxelas até a o fim, Rangel disse estar 'completamente comprometido' com o Parlamento Europeu".
- (7) "A cada vez maior comunidade hispânica nos EUA **podia**, finalmente, ouvir os seus artistas preferidos".
- (8) "A ascensão gradual do setor de *fintechs* **poderia** ajudar a colocar Berlim no mapa de instituições de *private banking*".

A sentença (6) expressa que há possibilidade de Bruxelas cumprir o mandato até o fim. Em (7), "podia" expressa a possibilidade da comunidade hispânica nos EUA ouvir os seus artistas preferidos. Em (8), "podia" expressa a possibilidade da ascensão do setor de *fintechs* ajudar a colocar Berlim no mapa de instituições de *private banking*. Podemos confirmar essas leituras por meio do teste de cancelamento da leitura com uma oração coordenada, como, respectivamente, em "[Rangel é] questionado se pode garantir que cumprirá o mandato em Bruxelas até a o fim, mas ele é questionado se não é possível garantir que cumprirá o mandato em Bruxelas até a o fim", "#A cada vez maior comunidade hispânica nos EUA pode ouvir os seus artistas favoritos, mas não é possível que ela ouça os seus artistas favoritos" e "#A ascensão gradual do setor de *fintechs* poderia ajudar a colocar Berlim no mapa de instituições de *private banking*, mas não é possível que essa ascensão ajudasse a colocar Berlim no mapa de instituições de *private banking*". Ao negarmos a possibilidade das sentenças, a verdade não se mantém, ou seja, este traço é veiculado pelo modal "poder".

Contingência

- (9) "O *website* **pode** não funcionar corretamente sem estes *cookies*".

- (10) "No entanto, a relação com a família socialista **podia** não ter ficado pelo Governo de Sócrates".
- (11) "A pouca idade **poderia** ser um empecilho para a participação de Rayssa na Olimpíada".

Em (9), "pode" expressa contingência, pois a possibilidade do *website* funcionar depende de circunstâncias externas. Em (10), "podia" expressa contingência, pois a relação com a família socialista dependia de circunstâncias internas. Em (11), "poderia" expressa contingência, pois a idade de Rayssa, uma circunstância externa, poderia ser um empecilho para sua participação na Olimpíada. Pode-se confirmar o traço epistêmico das sentenças por meio do teste aplicado anteriormente, como em, respectivamente às três sentenças apresentadas acima, "#O *website* pode não funcionar corretamente sem estes cookies, mas eu não acho isso", "#A relação com a família socialista podia não ter ficado pelo Governo de Sócrates, mas eu não acho isso" e "#A pouca idade poderia ser um empecilho para a participação de Rayssa na Olimpíada, mas eu não acho isso".

Incerteza

- (12) "Quem escolheu é que tem de justificar. **Pode** ser por serem pessoas com alguma postura ou atitude mais favorável.."
- (13) "A redução dos juros **poderia** ser mais rápida? Independente da percepção das pessoas, a gente está discutindo pouco abaixo dos juros atuais".

Na sentença (12), o modal "pode" expressa incerteza, pois o falante expressa incerteza quanto à moral daquelas pessoas. Em (13), "poderia" expressa incerteza quanto à redução dos juros, que poderia ser mais rápida. Ao cancelarmos a incerteza das sentenças, a verdade não se mantém, como verificado, respectivamente, em "#Pode ser por serem pessoas com alguma postura ou atitude mais

favorável, mas eu estou certa disso" e "#A redução dos juros poderia ser mais rápida, mas eu estou certa disso". Foi observado também que, na maioria dos casos com leitura de incerteza, tivemos construções com o modal "poder" mais o verbo "ser" ou "ter", conforme os exemplos supracitados. O fato de não termos encontrado no *corpus* alguma sentença com "podia" veiculando esse valor de incerteza não deve ser tomado como evidência de que, nessa forma verbal, o modal em questão não possa igualmente veicular essa informação. Acreditamos que apenas o recorte do *corpus* pode não ter favorecido a ocorrência dessa leitura de "podia".

Capacidade

- (14) "Aí a gente já **pode** ver que tem muita área que está sendo desmatada".
- (15) "O Norris nunca **podia** passar o Hamilton na grelha porque com a grelha sem penalizações o Hamilton com os 3 lugares perdidos ficaria sempre à frente do Norris".
- (16) "Eu não **poderia** mais conciliar a vida antiga de produção de eventos com a nova rotina de ser mãe, ainda mais de uma criança que não dormia".

Em (14), "pode" veicula modalidade disposicional, uma vez que expressa a capacidade de se ver o desmatamento das áreas. Em (15), "podia" veicula modalidade disposicional, pois Norris não possui habilidade de passar o Hamilton. Em (16), "poderia" também expressa modalidade disposicional, pois o falante expressa uma falta de habilidade ou capacidade de conciliar a vida antiga com a nova. Essas leituras são confirmadas pelo teste aplicado anteriormente, como se vê, respectivamente, em "A gente já pode ver que tem muita área que está sendo desmatada, mas a gente não é capaz de ver isso", "#O Norris nunca podia passar o Hamilton, mas ele tinha capacidade para isso" e "#Eu não poderia conciliar a vida antiga com a nova, mas eu seria capaz disso".

Desejo/vontade

- (17) “**Podia** ser, por exemplo, um jogo que demonstre como, por vezes, precisamos apenas de uns desbloqueadores simples para socializar”.
- (18) “Para um público maior, **poderia** ter um ingresso mais barato”.

Em (17), “podia” expressa um desejo implícito do falante sobre as funcionalidades do jogo. Em (18), “poderia” também veicula desejo do falante, pois expressa que ele gostaria de um ingresso mais barato. Pode-se confirmar essas leituras por meio do mesmo teste anteriormente aplicado, como se vê, respectivamente, em “#Podia ser um jogo que demonstre como precisamos de bloqueadores simples para socializar, mas eu não desejo isso” e “#Poderia ter um ingresso mais barato, mas eu não desejo isso”.

Em termos de força, todas as sentenças com “podia”, independentemente da leitura, eram afirmativas, enquanto com “pode” havia uma sentença interrogativa e com “poderia” havia duas sentenças interrogativas, sendo as três veiculadoras da leitura de incerteza. Quanto às ocorrências de pessoa e número para cada modal, obtiveram-se três ocorrências de primeira pessoa do singular para “podia” e cinco para “poderia”.

RESULTADOS DO EXPERIMENTO

A seguir, são apresentados os resultados do teste de interpretação de sentenças. Dentre o total de participantes, 13,6% tinham ensino médio completo, 22,7% ensino superior completo, 31,8% ensino superior incompleto, 9,1% mestrado completo, 13,6% mestrado incompleto, 4,6% doutorado incompleto e 4,6% doutorado completo. Em relação à faixa etária, 45,4% dos participantes tinham de 18 a 30 anos, 18,2% de 31 a 40 anos, 18,2% de 41 a 50 anos e 18,2%

tinham mais de 51 anos. Enquanto 86,4% dos participantes eram do sexo feminino, apenas 13,6% eram do sexo masculino. Ainda, 68,2% dos participantes falavam uma segunda língua (L2), principalmente o inglês, nos níveis de proficiência básico, intermediário e avançado. Apenas 4,5% dos participantes declarou ter alguma neuroatipicidade, mais especificamente, o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH)⁶.

Tabela 2 – Resultados da análise do experimento linguístico⁷

Itens/ Leituras	Permissão	Possibilidade	Incerteza	Capacidade	Desejo/ vontade
Pode	19 (21,6%)	44 (50%)	32 (36,4%)	46 (52,3%)	0 (0%)
Podia	15 (17%)	46 (52,3%)	30 (34,1%)	41 (46,6%)	5 (5,7%)
Poderia	41 (46,6%)	42 (47,7%)	27 (30,7%)	21 (23,9%)	4 (4,5%)

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Com base na tabela 2, foi observado que *possibilidade* e *capacidade* foram as leituras mais comuns para “pode” e “podia”, ao passo que *possibilidade* e *permissão* foram as mais comuns para “poderia”. Apenas “podia” e “poderia” apresentaram leitura de desejo/vontade, com 5,7% e 4,5% dos resultados, respectivamente,

6 Justifica-se a inclusão dos resultados de uma pessoa neuroatípica em um teste com pessoas neurotípicas com base em Maia, Pereira e Albuquerque (2022, p. 149-151), que dizem que os falantes com TDAH são capazes de alcançar desempenho linguístico similar a de falantes neurotípicos em testes comportamentais, embora demorem um pouco mais na tarefa. Logo, a diferença entre o desempenho desses dois grupos não é de ordem linguística, mas de ordem cronométrica.

7 O percentual foi calculado com base no total de respostas ($n=88$), resultante de 22 participantes multiplicado por 4 estímulos para cada item. Logo, para cada célula da tabela, 100% equivaleria a 88 respostas, uma vez que a opção de resposta com aquele valor indicado na coluna aparecia em todos os estímulos com aquele modal para todos os participantes.

que emergiu pelas interpretações que alguns participantes colocavam na opção “outro”. Quanto ao cruzamento dos metadados, observou-se que participantes falantes de inglês como L2, do básico ao avançado, escolheram preferencialmente a leitura de *capacidade* para “pode”, por influência, possivelmente, do modal “*can*” no inglês, traduzido como “pode” no português brasileiro e que possui primariamente leitura de capacidade.

Abaixo, analisamos alguns resultados presentes nas opções “outro” por perfil de falante (sexo, faixa etária e grau de escolaridade), cruzando os metadados com as paráfrases adotadas.

Quadro 3 – Resultados da análise do experimento por perfil de falante

Perfil do participante	Sentença	Paráfrase (“outro”)	Leitura
Falante 3 (MASC, 41 a 50 anos, Mestrado completo)	A criança pode abrir a porta sozinha.	“Não é certeza de que a criança abra a porta sozinha.”	Incerteza
	O Rafael podia passar no vestibular.	“Seria bom se o Rafael passasse no vestibular.”	
Falante 19 (FEM, 31 a 40 anos, Doutorado completo)	A Laura podia terminar o trabalho hoje.	“Eu gostaria que a Laura terminasse o trabalho hoje.”	Desejo/ vontade
	A Maria poderia usar o celular durante o expediente	“Seria interessante que a Maria usasse o celular durante o expediente.”	
	A Paula poderia faltar à reunião.	“Eu espero que a Paula falte à reunião.”	

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Com base no quadro 3, podemos confirmar a leitura de desejo em “O Rafael podia passar no vestibular”, pois há um desejo implícito do falante de que o Rafael passe no vestibular. Em “A Laura podia terminar o trabalho hoje”, “podia” indica um desejo ou vontade

de que Laura termine o trabalho. O mesmo ocorre com “A Maria poderia usar o celular durante o expediente”, pois há um desejo implícito do falante de que a Maria use o celular. Finalmente, em “A Paula poderia faltar à reunião”, o falante deseja que a Paula falte à reunião. Se negarmos o desejo das sentenças, a verdade não se mantém (“#O Rafael podia passar no vestibular, mas eu não desejo isso”, “#A Laura podia terminar o trabalho hoje, mas eu não desejo isso”, “#A Maria poderia usar o celular durante o expediente, mas eu não desejo isso” e “#A Paula poderia faltar à reunião, mas eu não desejo isso”). Logo, desejo/vontade é uma leitura veiculada por “podia” e “poderia”.

ANÁLISE DO *CORPUS* E DO EXPERIMENTO

O quadro 4 abaixo resume as leituras e os locais de soldagem possíveis para os modais “pode” e “podia/poderia” obtidas através dos resultados desta pesquisa. Foi observado que o modal “pode” expressa leituras de permissão, possibilidade, contingência, incerteza e capacidade, podendo ser soldado, respectivamente, no núcleo de $Mod_{Permissão}P$, $Mod_{Possibilidade}P$, $Mod_{Epistêmica}P$ e $Mod_{Habilidade}P$. Logo, veicula modalidade deôntica, epistêmica, alética e disposicional. Já “podia/poderia”, expressa, além das leituras e locais de soldagem descritos acima, o traço de desejo/vontade, podendo ser soldado também no núcleo de $Mod_{Volição}P$. Logo, veicula também modalidade bulética.

Quadro 4 – Leituras e locais de soldagem dos modais no PB

Modais	Leituras	Locais de soldagem
Pode	Permissão, possibilidade, contingência, incerteza, capacidade	$Mod_{Permissão}P$, $Mod_{Possibilidade}P$, $Mod_{Epistêmica}P$, $Mod_{Habilidade}P$
Podia/poderia	Permissão, possibilidade, contingência, incerteza, capacidade, desejo/vontade	$Mod_{Permissão}P$, $Mod_{Possibilidade}P$, $Mod_{Epistêmica}P$, $Mod_{Habilidade}P$, $Mod_{Volição}P$

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Para Pires de Oliveira e Pessotto dos Santos (2010), a maior diferença entre “pode” e “podia” é que apenas “podia” veicula o desejo do falante, como “Podia parar de chover” (p. 192). No entanto, o mesmo parece ocorrer com “poderia”, visto que uma sentença como “Poderia parar de chover” funciona perfeitamente no PB sem haver mudança de traço categorial. Em uma sentença como “#Podia/Poderia parar de chover, mas eu não quero isso”, não é possível negar o desejo ou a vontade, logo, essa é uma leitura veiculada por “podia” e “poderia”.

Resta, contudo, um problema a ser encarado: por que “poderia” e “podia” compartilham os mesmos traços, mas morfofonologicamente são distintos? Uma explicação possível seria a de alomorfia. Segundo Câmara Jr. (1970), a alomorfia consiste em formas concorrentes para expressar uma mesma coisa ou variantes de um mesmo morfema. Na sentença “Você podia/poderia deixar a porta aberta?”, ambas as formas verbais podem ser utilizadas para expressar o mesmo valor modal de permissão, independentemente do tempo verbal empregado. Nesse caso, “podia” e “poderia” manifestam um único valor modal, atuando como variantes de um mesmo morfema. Logo, defende-se que a diferença entre “podia” e “poderia” é de natureza alomórfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste capítulo foi contribuir para os estudos de representação e derivação de modalidade nas línguas naturais. O objetivo específico foi descrever os traços categoriais veiculados pelos itens “pode”, “podia” e “poderia” no português brasileiro, assim como sua possível subespecificação lexical para mais de um traço na Hierarquia Universal (Cinque, 1999). A hipótese inicial de que “pode”, “podia” e “poderia” possuem apenas leitura de permissão,

possibilidade, contingência, incerteza e capacidade no PB foi refutada, pois os resultados apontaram que “podia”/“poderia” veiculam também leitura de desejo/vontade, podendo ser soldado no núcleo de Mod_{Volição} P. Logo, “pode” e “podia/poderia” são modais diferentes em termos de traços categoriais. Defende-se que a diferença entre “podia” e “poderia” seja de natureza alomórfica, ou seja, seriam variantes em disputa de inserção para veiculação do mesmo traço modal. Portanto, o próximo passo é testar os resultados obtidos com advérbios da Hierarquia de Cinque (1999), a fim de avaliar a felicidade desta proposta.

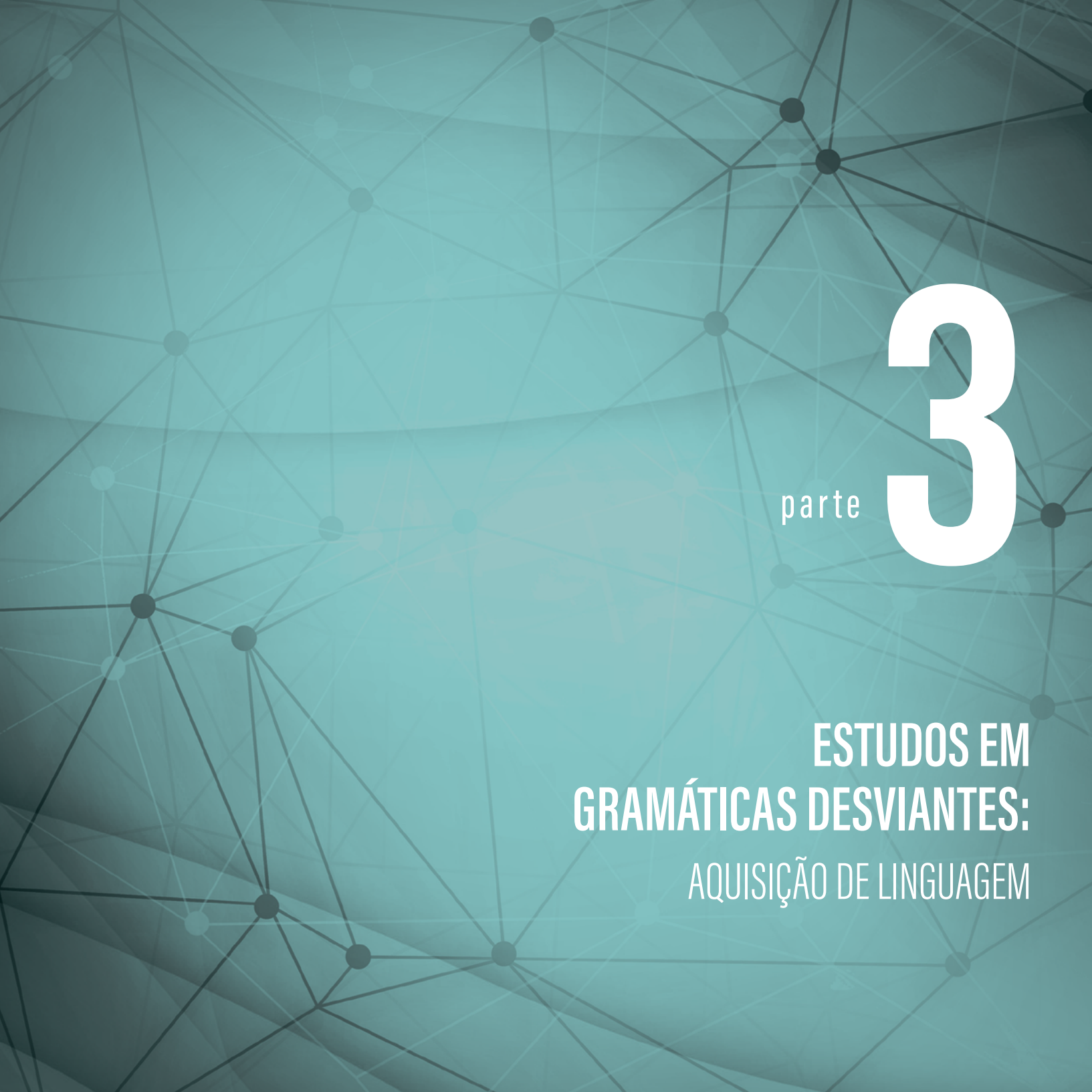
REFERÊNCIAS

- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. 44. ed. Petrópolis: Vozes, 2011 [1970].
- CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Editora Contexto, 2022.
- CHOMSKY, Noam. **Barriers**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986.
- CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads**: a cross-linguistic perspective. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo; RIZZI, Luigi. The Cartography of Syntactic Structures. **CISCL Working Papers on Language and Cognition**, v. 2, p. 43-59, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhpb/9780199544004.013.0003>. Acesso em: 17 set. 2025.
- GOMES, Ana Paula Quadros; MENDES, Luciana Sanchez. **Para Conhecer Semântica**. São Paulo: Contexto, 2018.
- IATRIDOU, Sabine. The grammatical ingredients of counterfactuality. **Linguistic Inquiry**, v. 32, n. 2, p. 231-270, 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/002438900554352>. Acesso em: 23 out. 2025.

MAIA, Marcus Antônio Rezende; PEREIRA, Luciana Mendes; ALBUQUERQUE, Guiomar. Psicolinguística. *In*: FRANÇA, Aniela Improta. (Org.). **Linguística para fonoaudiologia: interdisciplinaridade aplicada**. 1 ed. São Paulo: Contexto Universitário, 2022. p. 133-158.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA, Sônia; MATOS, Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. **Gramática da Língua Portuguesa**. 5 ed. Lisboa: Caminho, 2003.

PIRES DE OLIVEIRA, Roberta; PESSOTTO DOS SANTOS, Ana Lúcia. Wishing it were: *podia* and the implicature of desire in Brazilian Portuguese. *In*: LIMA, Suzi (Ed.). **Proceedings of SULA 5: Semantics of Under-Represented Languages in the Americas**, v. 41. Amherst, MA: GLSA Publications, 2010. p. 189-204.



3

parte

**ESTUDOS EM
GRAMÁTICAS DESVIANTE:**
AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

11

*Clayre Lucas
Matheus Gomes Alves
Adriana Leitão Martins*

AQUISIÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE FOCALIZAÇÃO CONTRASTIVA NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS:

UMA ANÁLISE DO PORTUGUÊS EUROPEU

INTRODUÇÃO

Na segunda metade da década de 1990, surge um novo empreendimento para analisar as categorias funcionais das línguas naturais: a Cartografia Sintática. De modo geral, a Cartografia Sintática visa mapear estruturas sintáticas com o máximo de precisão e completude possível, de modo que estudos ligados a tal empreendimento não só demonstraram a complexidade da estrutura das frases, mas também a simplicidade dos mecanismos geradores subjacentes. Ainda, esse empreendimento vai se ancorar fundamentalmente no Princípio da Universalidade, proposto por Chomsky (2001), a partir do qual se considera que todas as línguas compartilham um conjunto comum de projeções funcionais que estão rigidamente organizadas. Através disso, entende-se que a variação interlinguística ocorre na expressão dessas projeções e em movimentos específicos de constituintes e núcleos, que podem ser parametrizados nas línguas naturais, e que não há variação interlinguística no que concerne ao tipo e à ordem das projeções funcionais das quais a faculdade da linguagem dispõe.

Kayne (2005) prevê, com o princípio *One feature, one head*, a existência de apenas um traço por núcleo a ser checado por movimento. Em tal princípio, assume-se que propriedades semânticas possam ter realidade sintática no processo de concatenação de uma sentença antes de *spell out*¹. Dessa forma, considera-se que uma determinada categoria funcional em uma língua pode ser sintatizada por meio de determinadas morfologias ou outras formas de realização sintática, como emprego de certos advérbios, por exemplo.

Rizzi (1997) foi um dos principais precursores no empreendimento de pesquisa da Cartografia Sintática. Em seu estudo

1

Ponto do modelo de Faculdade da Linguagem em que a estrutura sintática abstrata é enviada para para as interfaces Forma Fonética e Forma Lógica (Chomsky, 1995).

"*The fine structure of the left periphery*", Rizzi (1997) estuda a estruturação interna do *Complementizer Phrase* (Sintagma Complementizador; doravante CP), introduzindo a ideia de que o domínio do CP pode ser dividido em quatro projeções, a saber: ForceP (Sintagma de Força), TopP (Sintagma de Tópico), FocP (Sintagma de Foco) e FinP (Sintagma de Finitude). Cada uma dessas projeções está associada a diferentes traços funcionais, sendo o traço de focalização, núcleo de FocP, aquele que codifica a informação não compartilhada ou não pressuposta entre interlocutores e o tema central desta pesquisa.

Sintaticamente, a focalização pode se manifestar por meio de sentenças clivadas, que se dividem entre canônicas e invertidas, sendo aquelas caracterizadas pela presença da cópula "ser" + constituinte focalizado + "que", e estas pela ordem constituinte focalizado + cópula "ser" + "que", como, por exemplo, respectivamente, em "Foi a Beatriz que comeu o bolo" e "A Beatriz foi que comeu o bolo". As pseudoclivadas, por apresentarem características específicas, como o uso de pronome interrogativo, realiza a focalização do constituinte final antecedido pela cópula "ser", que conecta a oração relativa ao constituinte focalizado, estabelecendo uma relação de equivalência entre eles, como, por exemplo, em "Quem comeu o bolo foi a Beatriz".

Esta pesquisa tem como objetivo geral contribuir para estudos de aquisição de linguagem e de foco na perspectiva da Cartografia Sintática. Os objetivos específicos são: (i) analisar as estratégias de focalização contrastiva por clivagem, previstas em Alves *et al.* (2015), empregadas por três crianças adquirentes do português europeu e a ordem de aquisição dessas estratégias de focalização contrastiva empregadas pelas crianças investigadas, e (ii) analisar o constituinte sintático no qual incide a focalização nas estruturas com clivagem empregadas por crianças adquirentes do português europeu e a ordem de aquisição da focalização dos diferentes constituintes sintáticos focalizados.

As hipóteses são de que: (i) as estratégias de focalização clivada canônica e invertida são adquiridas anteriormente às estratégias de focalização pseudoclivada pelas crianças adquirentes do português europeu e (ii) nas estruturas com clivagem, a aquisição da focalização contrastiva do constituinte sujeito ocorre anteriormente à aquisição da focalização contrastiva dos demais constituintes senten-
ciais pelas crianças adquirentes do português europeu. Justifica-se a primeira hipótese com base no fato de o movimento dos constituintes na pseudoclivada ser sintaticamente maior e fonologicamente mais pesado, portanto mais custoso para *Narrow Syntax*². Justifica-se a segunda hipótese com base em Del Puppo (2016), que constata que as crianças adquirentes do italiano tendem a produzir frases clivadas contrastivas com foco no sujeito com muito mais frequência do que com foco nos demais constituintes, o que sugere, por exemplo, que a focalização contrastiva de um objeto é mais desafiadora para as crianças do que a focalização contrastiva de um sujeito. A metodologia consiste na análise qualitativa longitudinal de dados secundários de fala espontânea de três crianças portuguesas extraídos do *corpus online* gratuito *Childes – CCF*.

Este capítulo se divide em seis seções, além desta introdução. Na segunda seção, são apresentados os pressupostos teóricos adotados. Na terceira seção, é descrita a metodologia utilizada neste estudo. Na quarta seção, são expostos os resultados e a análise dos resultados encontrados. Na quinta e última seção, são apresentadas as considerações finais.

2

No modelo de Faculdade da Linguagem adotado em Chomsky (1995), a *Narrow Syntax* corresponde ao sistema computacional responsável pela geração das estruturas sintáticas abstratas que serão enviadas para as interfaces.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

FOCO

Quarezemin (2009) define o foco como o constituinte que veicula a informação não pressuposta na sentença. De acordo com Quarezemin e Tescari Neto (2015), o foco é uma noção discursiva que se reflete de alguma forma na estruturação da sentença e que pode ser dividido em dois grupos: o foco amplo, que se estende a toda a sentença, e o foco estreito, que recai sobre um único constituinte da oração. Esses dois tipos de foco podem se manifestar de diferentes formas na estrutura da sentença por meio de estratégias sintáticas de marcação, como a clivagem, a pseudoclivagem e o movimento de constituinte. A literatura cartográfica entende que os traços de foco vão ser estimados no espaço da periferia à esquerda, no FocP.

Ainda para a Cartografia Sintática, o foco é abordado a partir da proposta de Rizzi (1997), que define que a projeção CP é subdividida em diferentes nódulos. Dentre esses diferentes sintagmas que integram o CP expandido, há, por exemplo, um sintagma de foco e um de tópico. Os constituintes que possuem traços de escopo discursivo se relacionam, por meio de checagem, com núcleos funcionais apropriados. Um elemento em um especificador da projeção de foco é interpretado como focalizado, enquanto um que ocupa um especificador de uma projeção de tópico é interpretado como topicalizado. Enquanto aquele codifica informação não compartilhada ou não pressuposta entre os interlocutores, este expressa uma informação compartilhada ou pressuposta entre os interlocutores.

Quarezemin (2009) postula que os tipos de foco podem ser categorizados em função dos traços semânticos [$\pm$ exaustivo] e [$\pm$ contrastivo], relacionados ao modo pelo qual a informação é interpretada em relação ao contexto, como será detalhado mais adiante

na seção “foco exaustivo *versus* contrastivo”. O foco também é associado amplamente à prosódia, e os elementos que ocupam a posição de Foco também variam na sintaxe da frase, podendo estar inseridos no CP ou dentro de um VP (Sintagma Verbal), por exemplo. É interessante observar como o foco, nas línguas românicas, é caracterizado pelas diversas abordagens que levam em consideração aspectos sintáticos, semânticos e prosódicos. Algumas estratégias sintáticas de focalização são apresentadas na próxima seção.

ESTRATÉGIAS DE CLIVAGEM

Considerando o trabalho de Alves *et al.* (2015), é possível argumentar que a focalização seja sintetizada no português brasileiro por meio de estratégias de clivagem, tais como sentenças clivadas – que podem ser canônicas ou invertidas – e pseudoclivadas – que podem ou não ser invertidas, estas com foco pré ou pós-cópula. Os parágrafos seguintes resumem essas estratégias.

As **clivadas canônicas** são um tipo específico de construção sintática utilizada para destacar um constituinte da frase, colocando-o em foco. Essa construção é caracterizada pela presença da cópula “ser” seguida do constituinte focalizado e da conjunção “que” introduzindo uma oração relativa. Como demonstrado em (1), com a estrutura, e em (2), com a exemplificação.

- (1) [Ser] + [Constituinte Focalizado] + [que] + [Oração Relativa]
(2) Foi **O CLÁUDIO** que comeu o bolo.

As **clivadas invertidas** são caracterizadas pela inversão da ordem do constituinte focalizado e da cópula “ser”. Enquanto nas clivadas canônicas a ordem é “ser” + constituinte focalizado + “que”, nas clivadas invertidas, a ordem é constituinte focalizado + “ser” + “que”. Como demonstrado em (3), com a estrutura, e em (4), com a exemplificação.

(3) [Constituinte Focalizado] + [Ser] + [que] + [Oração Relativa]

(4) **O CLÁUDIO** foi que comeu o bolo.

As **pseudoclivadas** se diferenciam das clivadas canônicas e invertidas por apresentarem características específicas, como o uso de pronome interrogativo, a focalização do constituinte final e a cópula “ser”, que conecta a oração relativa ao constituinte focalizado, estabelecendo uma relação de equivalência entre eles. Como demonstrado em (5), com a estrutura, e em (6), com a exemplificação.

(5) [Oração Relativa com Pronome Interrogativo] + [Cópula “ser”] + [Constituinte Focalizado]

(6) Quem comeu o bolo foi **O CLÁUDIO**.

As **pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula** são um tipo específico de construção pseudoclivada em português. Nas pseudoclivadas invertidas, o constituinte focalizado aparece antes da cópula “ser”. Quando o foco está posicionado imediatamente antes da cópula, temos uma pseudoclivada invertida com foco pré-cópula, como demonstrado em (7), com a estrutura, e em (8), com a exemplificação.

(7) [Constituinte Focalizado] + [Cópula “ser”] + [Oração Relativa com Pronome Interrogativo]

(8) **O CLÁUDIO** foi quem comeu o bolo.

Nas pseudoclivadas invertidas com foco pré-cópula, o constituinte focalizado se encontra antes da cópula “ser”. Já no caso específico das **pseudoclivadas invertidas com foco pós-cópula**, o foco aparece imediatamente depois da cópula, como demonstrado em (9), com a estrutura, e em (10), com a exemplificação.

(9) [Cópula “ser”] + [Constituinte Focalizado] + [Oração Relativa com Pronome Interrogativo]

- (10) Foi **O CLÁUDIO** quem comeu o bolo.

FOCO EXAUSTIVO *VERSUS* CONTRASTIVO

Para Zubizarreta (1998), com base no traço [contrastivo] e no contexto discursivo prévio, identificam-se dois tipos de foco que ocorrem em contextos distintos, como observamos nos diálogos apresentados em (11) e (12) a seguir.

- (11) a. O que o Matheus comprou no shopping?
b. O Matheus comprou **uma blusa** no shopping.
- (12) a. O Matheus comprou uma calça no shopping.
b. O Matheus comprou **uma blusa** no shopping, não uma calça.

Em (11a), há um contexto interrogativo que requer um valor para a variável *x* da pergunta; no caso em questão, em (11b), o valor de *x* é satisfeito por “uma blusa”, o que veicula a informação não pressuposta da sentença, caracterizando-se, assim, como “foco exaustivo”. Já em (12a), não há uma variável aberta, mas a apresentação do constituinte “uma calça”; assim, em (12b), estabelece-se um contraste entre “uma blusa” e “uma calça”, que pode ser interpretado como uma correção da afirmação prévia, caracterizando-se, portanto, como “foco contrastivo” em Zubizarreta (1998).

Em termos de traços, o foco exaustivo é marcado por [+novidade, -contrastivo], enquanto o foco contrastivo é marcado por [+novidade, +contrastivo]. Zubizarreta (1998) interpreta o foco em seus estudos através de uma Estrutura de Asserção (*Assertion Structure* – doravante AS), que se constrói depois da FL (Forma Lógica). A AS é composta de duas asserções, *A*₁ e *A*₂; a primeira apresenta a pressuposição da sentença, enquanto a segunda destaca o foco. O exemplo em (13) a seguir ilustra a AS a partir do exemplo em (11) acima.

- (13) A_1 : um x , tal que o Matheus comprou x .
 A_2 : O x tal que o Matheus comprou x é uma blusa.

A A_2 pode ser interpretada como uma relação equitativa entre a parte pressuposta e o valor de foco, algo como *Matheus comprou x = uma blusa*. O foco faz parte do predicado. A AS do foco contrastivo difere com relação à segunda asserção, como observamos em (14) a seguir a partir do exemplo em (12) acima.

- (14) A_1 : um x , tal que o Matheus comprou x & o x é uma calça.
 A_2 : É falso que o x (tal que o Matheus comprou x) é uma calça & o x (tal que o Matheus comprou x) é uma blusa.

Na A_2 do foco contrastivo, há a negação do valor previamente atribuído à variável para depois atribuir-se um novo valor à variável. Vale ressaltar que a A_2 dos dois tipos de foco apresenta uma descrição definida para x , diferentemente da A_1 , que contém a pressuposição.

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Neste trabalho, vamos nos ater à *Growing Trees Hypothesis* (Hipótese das Árvores Crescentes), proposta por Friedmann, Belletti e Rizzi (2021). Essa hipótese propõe que a aquisição de várias estruturas sintáticas ocorre gradualmente, sendo as partes mais baixas da árvore sintática adquiridas primeiro, seguidas pelas partes mais altas no decorrer do período crítico de aquisição de linguagem. Essa lógica se alinha à suposição padrão da natureza "*bottom-up*" (de baixo para cima) das computações sintáticas, que começa com a parte contedística da cláusula (camada lexical) e progride para as camadas funcionais. A Hipótese das Árvores Crescentes possui uma abordagem diferente da visão de "*truncation*" (truncamento), existente em outras hipóteses de aquisição, que sugere que as camadas mais altas da representação sintática da sentença estão disponíveis para as crianças desde o início da aquisição, mas não são necessariamente usadas.

METODOLOGIA

A metodologia adotada neste estudo consiste na análise qualitativa longitudinal de dados secundários de fala espontânea de três crianças portuguesas: indivíduo A (1 ano e 3 meses a 3 anos e 11 meses, sexo masculino), indivíduo B (1 ano e 5 meses a 4 anos e 2 meses, sexo feminino) e, por fim, indivíduo C (0 ano e 11 meses a 4 anos e 10 meses, sexo feminino). A transcrição destes dados se encontram disponíveis no *corpus online* e gratuito *Childes*, um *corpus* público, não anotado e comparativo, em específico, o corpora CCF, que está disponível em <https://sla.talkbank.org/TBB/phon/Romance/Portuguese/CCF>.

Os procedimentos analíticos contaram com a leitura integral das transcrições das gravações, a pesquisa nominal de linhas de concordância com o verbo “ser” conjugado, pronome relativo e pronome interrogativo, a identificação e separação de linhas de concordância com emprego de estratégias de focalização contrastiva por clivagem e, por fim, a análise das linhas de concordância em função: (i) da estratégia de focalização contrastiva por clivagem empregada e (ii) do constituinte focalizado em cada construção. Foram descartados dados que continham ocorrências com *priming* (em outras palavras, ocorrências em que há produção linguística posterior idêntica à realizada por outro falante imediatamente antes), ocorrências ininteligíveis e ocorrências com reestruturação sintática (quando a criança inicia uma sentença, mas abandona a estrutura sintática). Ainda, foram registrados os momentos da aquisição (idade e mês da criança) em que: (i) cada uma das estratégias foi primeiramente empregada pela criança e (ii) cada um dos constituintes sentenciais foi primeiramente focalizado na produção infantil.

RESULTADO E ANÁLISE

Nesta seção, os resultados obtidos são expostos através de quadros, os quais são organizados de forma com que se observem, respectivamente, o indivíduo, a idade, a ocorrência e a estratégia de foco utilizada, bem como em qual constituinte incide a focalização. Quanto à coluna de ocorrências, é importante apontar que o constituinte que foi focalizado está em **negrito** e **sublinhado**. Para a apresentação dos resultados nas amostras de cada criança, adotaram-se os seguintes procedimentos: (i) apresentou-se a primeira ocorrência de cada estratégia de clivagem produzida pela criança; (ii) expôs-se a primeira ocorrência de cada constituinte sintático clivado produzida pela criança e (iii) exibiu-se a última ocorrência de focalização contrastiva por clivagem produzida pela criança, independentemente do tipo de clivada ou do constituinte focalizado.

Após a exposição de cada quadro, estão resumidos os principais achados das ocorrências. Primeiramente, no quadro 1, estão agrupados os dados do indivíduo A.

Quadro 1 – Resultados do indivíduo A

SUJEITO	IDADE	OCORRÊNCIA	TIPO DE FOCO
INDIVÍDUO A	2 ANOS E 5 MESES	<u>O gato</u> é que papa	clivada invertida com foco no sujeito
INDIVÍDUO A	2 ANOS E 7 MESES	Ana, sou <u>eu</u> que mostro!	clivada canônica com foco no sujeito
INDIVÍDUO A	2 ANOS E 11 MESES	Mãe! foi <u>o avião</u> que eu dei	clivada canônica com foco no objeto
INDIVÍDUO A	3 ANOS E 6 MESES	É só <u>os cães</u> que ladram	clivada canônica com foco no sujeito

Fonte: elaboração própria (2025).

Em “O gato é que papa”, produzida aos 2 anos e 5 meses, o DP “o gato”, selecionado como argumento externo do predicador “papa”, estabelece a função sintática de sujeito, e é alçado à posição

de foco, veiculando uma leitura de foco contrastivo por meio da estrutura de clivagem invertida. Aos 2 anos e 7 meses de idade, o indivíduo A produziu foco contrastivo por meio de uma estrutura de clivagem canônica, onde o foco recai sobre o argumento externo do predicador “mostro”, configurando assim, foco no sujeito. Já aos 2 anos e 11 meses, em “Foi o avião que eu dei”, o DP “o avião” é selecionado como argumento interno do verbo “dei”, portanto, o foco recai sobre o objeto direto e é alçado à posição de foco, veiculando uma estrutura de clivada canônica com foco no objeto direto. Por fim, aos 3 anos e 6 meses, em “É só os cães que ladram”, o DP “os cães” é selecionado como argumento externo do predicador “ladram”, estabelecendo uma função sintática de sujeito, que é alçado à posição de foco, configurando estruturalmente uma leitura de foco contrastivo por clivagem canônica.

Quadro 2 – Resultados do indivíduo B

SUJEITO	IDADE	OCORRÊNCIA	TIPO DE FOCO
INDIVÍDUO B	2 ANOS E 3 MESES	Não, não. <u>Tu</u> é que vais.	clivada invertida com foco no sujeito
INDIVÍDUO B	2 ANOS E 5 MESES	É o ursinho de neve, fui <u>eu</u> que fiz	clivada canônica com foco no sujeito
INDIVÍDUO B	3 ANOS E 4 MESES	<u>Eu</u> é que mostro o que está lá dentro	clivada invertida com foco no sujeito
INDIVÍDUO B	4 ANOS E 2 MESES	<u>Ela</u> é que sabe fazer, portanto, faz.	clivada invertida com foco no sujeito

Fonte: elaboração própria (2025).

Em “Tu é que vais”, produzida aos 2 anos e 3 meses, o DP “tu”, selecionado como argumento externo do predicador “vais”, tem a função sintática de sujeito, e é alçado à posição de foco, veiculando uma leitura de foco contrastivo por meio da estrutura de clivagem invertida. Aos 2 anos e 5 meses de idade, o indivíduo B produziu foco contrastivo por meio de uma estrutura de clivagem canônica,

onde o foco recai sobre o argumento externo do predicator “fiz”; “eu”, que é alçado à posição de sujeito. Aos 3 anos e 4 meses, em “Eu é que mostro o que está lá dentro”, o DP “eu” é selecionado como argumento externo do verbo “mostro”, portanto, o foco recai sobre o sujeito, que é alçado à posição de foco, veiculando uma estrutura de clivada invertida com foco no sujeito. Por fim, aos 4 anos e 2 meses, em “Ela é que sabe fazer, portanto, faz”, o DP “ela” é selecionado como argumento externo do predicator “sabe”, assumindo a função sintática de sujeito, que é alçado à posição de foco, e estruturalmente configura uma leitura de foco contrastivo por clivagem invertida, ou seja, configura uma clivada invertida com foco no sujeito.

Quadro 3 – Resultados do indivíduo C

SUJEITO	IDADE	OCORRÊNCIA	TIPO DE FOCO
INDIVÍDUO C	2 ANOS E 4 MESES	<u>O Dido</u> é que é mala mãe	clivada invertida com foco no sujeito
INDIVÍDUO C	3 ANOS E 8 MESES	Fui <u>eu</u> que mexi.	clivada canônica com foco no sujeito
INDIVÍDUO C	3 ANOS E 10 MESES	<u>Depois</u> é que vão para o circo.	clivada invertida com foco no adjunto
INDIVÍDUO C	3 ANOS E 10 MESES	<u>Agora</u> é que vão para o circo.	Clivada invertida com foco no adjunto
INDIVÍDUO C	4 ANOS	Mas foi <u>a minha mãe</u> que fez um desenho	clivada canônica com foco no sujeito
INDIVÍDUO C	4 ANOS	É <u>esse</u> que me deu, chama-se Canha e Gracinda	clivada canônica com foco no objeto
INDIVÍDUO C	4 ANOS E 3 MESES	<u>No judo</u> é que tem os meninos do judo!	clivada invertida com foco no adjunto
INDIVÍDUO C	4 ANOS E 6 MESES	Era <u>os palhaços</u> que eu gostei.	clivada canônica com foco no complemento oblíquo

Fonte: elaboração própria (2025).

Aos 2 anos e 4 meses, em “O Dido é que é mala mãe”, o DP “o Dido” é selecionado como argumento externo do predicador “é mala”, assumindo a função de sujeito. Na estrutura, ele é alçado à posição de sujeito da clivada, configurando uma clivagem invertida com foco no sujeito. Aos 3 anos e 8 meses, em “Fui eu que mexi”, “eu” é selecionado como argumento externo do verbo “fazer”, estabelecendo a função sintática de sujeito, e é alçado à posição de foco, veiculando uma leitura de foco contrastivo por meio da estrutura de clivagem canônica.

Em “Depois é que vão para o circo”, aos 3 anos e 10 meses, o AdvP “depois” é selecionado como adjunto temporal do verbo “vão” e é alçado à Spec de FocP, configurando uma clivagem invertida com foco no adjunto. Ainda aos 3 anos e 10 meses, em “Agora é que vão para o circo”, o AdvP “agora” atua como adjunto temporal da oração “vão para o circo” e é alçado à posição de foco da clivagem, configurando uma clivagem invertida com foco no adjunto.

Aos 4 anos de idade, em “Mas foi a minha mãe que fez um desenho”, o DP “a minha mãe” é selecionado como argumento externo do predicador “fez”, assumindo a função de sujeito. Na estrutura, ele é alçado à posição de foco da clivagem, configurando uma clivagem canônica com foco no sujeito. Já em “É esse que me deu, chama-se Canha e Gracinda”, produzido na mesma idade, o DP “esse” é selecionado como argumento interno do predicador “deu”, assumindo a função sintática de objeto direto. Na estrutura, ele é alçado à posição de foco da clivagem, configurando uma clivagem canônica com foco no objeto.

Aos 4 anos e 3 meses, em “No judo é que tem os meninos do judo!”, o PP “no judo” atua como adjunto locativo da oração “tem os meninos do judo” e é alçado à posição de sujeito da clivagem, configurando uma clivagem invertida com foco no adjunto. Finalmente, aos 4 anos e 6 meses, em “Era os palhaços que eu gostei”, o DP “os palhaços” é selecionado como argumento interno do predicador

“gostei”. O verbo “gostar” seleciona seu argumento interno na forma de um complemento oblíquo e, na sentença em questão, este argumento é alçado à posição de foco da clivagem, configurando uma clivagem canônica com foco no complemento oblíquo.

Com base no confronto dos dados expostos na seção anterior, verifica-se que, nas amostras analisadas, todas as crianças produziram inicialmente a focalização contrastiva por meio de uma construção clivada invertida com foco no sujeito. Analogamente, a segunda estratégia de focalização contrastiva verificada na amostra das três crianças foi a construção clivada canônica, também com foco no sujeito. Retoma-se aqui que a primeira hipótese deste estudo propunha que as estratégias de focalização clivada são adquiridas anteriormente às estratégias de focalização pseudoclivada pelas crianças nativas adquirentes do português europeu. Levando em consideração os resultados obtidos, a hipótese não foi refutada, uma vez que as clivadas foram adquiridas anteriormente às pseudoclivadas pelas crianças analisadas.

Lobo, Santos e Soares (2012, p. 17) explicam a produção de clivada antes da de pseudoclivada através da hipótese da complexidade derivacional. O princípio básico dessa hipótese é de que estruturas cuja derivação é menos complexa emergem mais cedo do que aquelas que envolvem uma derivação mais complexa. Tal complexidade é medida através de parâmetros específicos, principalmente ligados à operação *Merge*. A complexidade de uma derivação é verificada pelos seguintes parâmetros propostos por Jakubowicz (2004; 2005) e Jakubowicz e Tuller (2008):

- a. *merge* n vezes *merge* (n+1): realizar *merge* de α_i n vezes é uma derivação menos complexa que realizar *merge* α_i (n+1) vezes.
- b. *merge* interno de dá lugar a uma derivação menos complexo que *merge* interno de +.

Soares (2006), com base na escala de complexidade derivacional, apresenta um outro parâmetro de complexidade derivacional, cuja computação de um núcleo dependente é mais complexa do que a de um núcleo não dependente. Lobo (2012) classifica as clivadas invertidas como frases mono-oracionais e, por conta disso, as interpreta como menos complexas. Por outro lado, de acordo com a autora, as clivadas canônicas implicam a computação de uma oração encaixada, o que é considerado computacionalmente mais complexo do que a de uma frase raiz. Devido a isso, espera-se a emergência das clivadas invertidas mais precocemente no processo de aquisição do que a de clivadas canônicas e pseudoclivadas, que, por sua vez, seriam frases bioracionais. Desse modo, a ordem de emergência observada na aquisição de clivadas (*clivadas invertidas* > *clivadas canônicas* > *pseudoclivadas*) é compatível com a assumpção feita por essa hipótese.

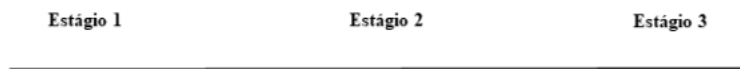
A aquisição mais precoce das clivadas invertidas, que envolvem apenas a computação de uma frase raiz em vez de uma oração encaixada, bem como a aquisição mais tardia das pseudoclivadas, que apresentam uma maior complexidade por envolver movimento-A' de um operador para projeções funcionais mais altas na periferia esquerda alta, alinham-se à Hipótese das Árvores Crescentes. Segundo tal hipótese, a aquisição das categorias funcionais da árvore sintática ocorre das camadas mais baixas para as mais altas, de modo que, no Estágio 1, ocorre a aquisição do espaço do IP, no Estágio 2, a aquisição da periferia esquerda baixa e, no Estágio 3, a periferia esquerda alta. Logo, salienta-se que a ordem de aquisição das estratégias de clivagem verificadas neste estudo estão em consonância com a Hipótese das Árvores Crescentes.

Lucas, Alves e Martins (2025), em seus estudos sobre focalização contrastiva no português brasileiro, obteve resultados que indicavam que a aquisição de clivadas canônicas ocorreram anteriormente à aquisição de pseudoclivadas. Há convergência no fato de que a aquisição de clivadas antecede a de pseudoclivadas nessas línguas.

No mais, as pseudoclivadas também são estruturalmente mais complexas do que as clivadas por serem encabeçadas por relativos encapsulados (cf. Rocha Lima, 2021), tendo a forma de relativas livres (cf. Mateus *et al.*, 2005).

Com base nos resultados deste estudo, apresentam-se na figura 1 abaixo os estágios de aquisição das construções de focalização contrastiva por clivagem no português europeu.

Figura 1 – Estágios de aquisição das construções de focalização contrastiva por clivagem no português europeu



Fonte: elaboração própria (2025).

Quanto à focalização contrastiva dos constituintes, a hipótese era de que as crianças falantes do português europeu focalizariam o constituinte sujeito anteriormente aos demais constituintes sentenciais. Essa hipótese não foi refutada, uma vez que todas as construções clivadas incidiram inicialmente sobre o constituinte sujeito. Segundo Quarezemin (2012), a focalização do objeto envolve alçamento deste para posição de especificador de FocP e movimento remanescente da oração para especificador de TopP, o que estruturalmente é mais custoso do que a focalização do sujeito.

De acordo com os resultados de Lobo (2012), as clivadas invertidas são usadas apenas para clivar sujeitos ou adjuntos, exceto no caso de crianças mais velhas, enquanto as pseudoclivadas são usadas apenas para clivar argumentos internos e VPs dependentes de um verbo auxiliar.

Na figura 2 exposta abaixo, resume-se o que se propõe que sejam os estágios de aquisição dos constituintes focalizados por clivagem no português europeu, embora se reconheça que, no

que tange ao indivíduo C, a focalização do objeto não precedeu a focalização de adjunto.

Figura 2 – Estágios de aquisição dos constituintes focalizados por clivagem no português europeu



Fonte: elaboração própria (2025).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi contribuir para estudos de aquisição de linguagem e de foco na perspectiva da Cartografia Sintática. Os objetivos específicos foram: (i) analisar as estratégias de focalização contrastiva por clivagem, previstas em Alves *et al.* (2015), empregadas por três crianças adquirentes do português europeu e a ordem de aquisição dessas estratégias de focalização contrastiva empregadas pelas crianças investigadas, e (ii) analisar o constituinte sintático no qual incide a focalização nas estruturas com clivagem empregadas por crianças adquirentes do português europeu e a ordem de aquisição da focalização dos diferentes constituintes sintáticos focalizados. Os resultados indicaram que a estratégia de focalização clivada é adquirida anteriormente à estratégia de focalização pseudoclivada pelas crianças adquirentes do português europeu. Também, pode-se afirmar que a aquisição da focalização contrastiva do constituinte sujeito ocorre anteriormente à aquisição da focalização contrastiva dos demais constituintes sentenciais pelas crianças adquirentes do português europeu. Com isso, não se refutaram as hipóteses desta pesquisa de que as estruturas clivadas canônicas e invertidas são adquiridas antes das pseudoclivadas e de que a

focalização contrastiva do sujeito precede a dos demais constituintes em português europeu. Diante dos resultados, discutiu-se que a hipótese da complexidade estrutural apresentada em Lobo, Santos e Soares (2012) também dá conta dos resultados obtidos neste estudo.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Michele Calil dos Santos; OLIVEIRA, Talita Moreira de; PEREIRA, Luana Gomes; ALMEIDA, Paloma Bruna de. Processamento de sentenças clivadas de sujeito e objeto denotando hiponímia e contraste no português do Brasil. **ReVEL**, Rio de Janeiro, n. 10 (ed. esp.), p. 282-316, 2015. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/les/8ff34075c75611394b73615c9fecc537.pdf>. Acesso em: 01 out. 2024.
- CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge: MIT Press. 1995.
- DEL PUPPO, Giorgia. **On the acquisition of focus**: elicited production of cleft sentences and wh-questions by school-aged, Italian-speaking children. 2016. 273 f. Tese (Dottorato in Scienze Linguistiche) — Università Ca' Foscari Venezia, Venezia, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10579/8407>. Acesso em: 01 nov. 2025.
- FRIEDMANN, Naama, BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Growing trees: The acquisition of the left periphery. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 6, n. 1, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.16995/glossa.5877>. Acesso em: 25 dez. 2025.
- KAYNE, Richard Stanley, **Movement and silence**. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- KAYNE, Richard Stanley, **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge, MA: MIT, 1994.
- LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa** (curso médio). 2 ed. Rio de Janeiro: F. Brigiet & Cia., 2021.
- LOBO, Maria; SANTOS, Ana Lúcia; SOARES, Carla. Aquisição de estruturas clivadas no português europeu: produção espontânea e induzida. **Textos Seleccionados. XXVII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**, Lisboa: APL, p. 319-339, 2012.

LUCAS, Clayre Anne da Silva; ALVES, Matheus Gomes; MARTINS, Adriana Leitão. Aquisição de estratégias de focalização contrastiva nas línguas românicas: uma análise do português brasileiro. *In*: Anais. **14º SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA**, 25 set. 2025, Rio de Janeiro.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA; Sónia; MATOS; Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Ed. Caminho SA, 2003.

QUAREZEMIN, Sandra. **Estratégias de Focalização em português europeu – Uma Abordagem Cartográfica**. 2009. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) – UFSC, Florianópolis, 2009.

QUAREZEMIN, Sandra. Sujeito e objeto focalizados nas sentenças SVO do português europeu. **Fórum Linguístico**, v. 9, n. 3, p. 203-214, 2012.

QUAREZEMIN, Sandra.; TESCARI NETO, Aquiles. Da sintatização dos focos contrastivo e exaustivo em CP e das estratégias de marcação de foco. **ReVEL**, edição especial, n. 10, p. 42-77, 2015.

RIZZI, Luigi. The Fine Structure of the Left Periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane (ed.). **Elements of Grammar**. Kluwer: Dordrecht, 1997.

SOARES, Carla. **La syntaxe de la périphérie gauche en portugais européen et son acquisition**. Diss. doutoramento. Univ. Paris 8, 2006.

ZUBIZARRETA, M. **Prosody, focus and word order**. Cambridge: The MIT Press, 1998.

12

*Nicolle Christina Paixão Olímpio
Fernanda Costa da Silva Machado
Adriana Leitão Martins*

AQUISIÇÃO DE INTERROGATIVAS WH- NO PORTUGUÊS EUROPEU:

UMA REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

INTRODUÇÃO

A aquisição de sentenças interrogativas constitui-se como um tópico relevante a ser estudado em pesquisas linguísticas, especialmente aquelas relacionadas ao desenvolvimento linguístico infantil. Essa relevância justifica-se pelo fato de que as sentenças interrogativas, no que diz respeito às aquelas formadas por um elemento *wh-* ou *qu-*¹, como “*what*” ou “*que*”, mobilizam operações sintáticas complexas, como, por exemplo, o movimento de constituintes na sentença. Tal propriedade torna esse tipo de estrutura sintática um campo fértil para investigações sobre como as crianças desenvolvem seu conhecimento linguístico nos primeiros anos de vida.

No português europeu (doravante PE), língua sob investigação neste estudo, as sentenças interrogativas também instauram um campo frutífero para a pesquisa da aquisição sintática. Na fala infantil, são observados padrões de formação que variam na formação de sentenças interrogativas. O padrão mais frequente abrange sentenças interrogativas com movimento visível de constituintes – fenômeno também chamado de “deslocamento”. Esse padrão abrange estruturas em que o elemento interrogativo é colocado na margem esquerda da sentença, ou na periferia esquerda da sentença, posição essa chamada de *ex situ*. Na sentença “Como o menino se chama?”, é possível verificar que o elemento interrogativo “como” está na posição *ex situ*, ou seja, na margem esquerda da sentença, uma vez que foi movido de sua posição de concatenação inicial, na margem direita da sentença. No entanto, também é possível verificar formações em que o constituinte interrogativo permanece em sua posição de concatenação inicial, também denominada *in situ*. Na sentença “Vamos fazer o quê?”, o constituinte interrogativo “o quê” está na posição *in situ*,

1 Neste trabalho, será utilizado o termo em inglês *wh-* em relação às sentenças interrogativas investigadas, por ser um termo amplamente empregado em estudos linguísticos sobre o tema, independentemente da língua pesquisada.

ou seja, na posição em que é concatenado como argumento interno do verbo.

Além disso, é possível verificar, no PE, a produção com frequência de sentenças interrogativas preposicionadas através do fenômeno sintático denominado *pied-piping*, no qual algum material linguístico é arrastado junto com o pronome interrogativo para a periferia esquerda da sentença, saindo de sua posição de origem. Na sentença “De que brinquedo a criança gosta?”, verifica-se que a preposição “de” encontra-se junto do sintagma interrogativo “que brinquedo”, estando em posição *ex situ*, ou seja, a preposição é arrastada junto ao sintagma *wh-* para a periferia esquerda da sentença, o que configura a ocorrência de *pied-piping*. Assim, analisar como e quando as crianças começam a produzir sentenças interrogativas com *wh-* permite entender não apenas como ocorre o desenvolvimento sintático da criança, mas também como se dão as regras que permeiam sua gramática em desenvolvimento.

O presente capítulo tem como objetivo apresentar uma revisão sistemática da literatura sobre a aquisição de interrogativas *wh-* no PE. Dessa forma, busca-se traçar os estudos disponíveis da área e reunir evidências decorrentes de pesquisas baseadas em dados de produção e/ou compreensão infantil de interrogativas *wh-* de modo a iluminar caminhos para futuras pesquisas desse fenômeno linguístico em aquisição no PE.

O presente trabalho é organizado em quatro seções. Na seção de pressupostos teóricos, respaldados no modelo teórico da Gramática Gerativa, são definidos os conceitos que direcionam esta pesquisa. Na seção de metodologia, descreve-se o modelo de pesquisa adotado, detalhando-se o critério de busca e análise dos estudos. Na seção de resultado e análise, expõem-se os resultados encontrados na pesquisa. Por último, na seção de considerações finais, as conclusões pertinentes para este trabalho são apresentadas.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Esta seção contempla os pressupostos teóricos que servem de base para a análise de interrogativas *wh*- no PE. O objetivo da seção é esclarecer os conceitos mobilizados durante este estudo, bem como os mecanismos necessários para a compreensão das produções linguísticas infantis. A apresentação desses pressupostos é fundamental para compreender o fenômeno investigado e para justificar as escolhas de análise adotadas.

Esta pesquisa está situada no modelo teórico da Gramática Gerativa, inaugurado por Noam Chomsky, segundo o qual a linguagem é concebida como uma faculdade cognitiva autônoma inerente ao ser humano (Chomsky, 1959). Nessa abordagem, a aquisição de linguagem é explicada através das interações entre os princípios inatos da Gramática Universal (doravante GU) e os dados linguísticos, também chamados de *input* linguístico, aos quais a criança é exposta (Chomsky, 1981).

Nessa perspectiva, no processo de aquisição de linguagem, a criança fixa os parâmetros – ou princípios da GU que prevêm alguma possibilidade de variação binária – a partir dos dados linguísticos primários, construindo, assim, uma gramática interna da sua língua particular (Chomsky, 1986a). Sob essa abordagem, a aquisição de linguagem é entendida como um processo de desenvolvimento linguístico no qual a criança consegue, com base em uma dotação genética especificamente linguística, elaborar hipóteses e ajustá-las de acordo com os novos dados que lhe vão sendo apresentados. Ainda, a aquisição das sentenças interrogativas configura um campo privilegiado para o estudo da aquisição sintática, uma vez que mobiliza operações específicas na gramática da criança.

Para Mateus *et al.* (2003, p. 460), as sentenças interrogativas constituem a expressão de um “ato ilocutório diretivo”, ou um ato

no qual há, especificamente, um pedido verbal de informação que o locutor não possui no momento. As autoras acrescentam, ainda, que algumas sentenças interrogativas podem constituir pedidos indiretos de uma ação e, por isso, não necessitam de uma resposta verbal, como, por exemplo, em "Podes fechar a janela?" (Mateus *et al.*, 2003, p. 460), e também podem operar como instrumentos para outros fins comunicativos, como testar conhecimentos, provocar, ou desafiar o interlocutor. De modo geral, para Mateus *et al.* (2003), as sentenças interrogativas dividem-se em dois tipos: as interrogativas totais, que são perguntas que buscam uma confirmação ou negativa sobre a proposição em sua totalidade, e parciais, que são perguntas que buscam preencher uma informação específica dentro da proposição. As interrogativas *wh*-, objeto de interesse desta pesquisa, enquadram-se neste segundo tipo.

No modelo teórico da Gramática Gerativa, as interrogativas *wh*- estão diretamente relacionadas ao movimento do constituinte interrogativo para a periferia esquerda da sentença, mais especificamente para a posição de Especificador do Sintagma Complementizador (doravante CP). Nesse sentido, esse movimento é motivado pela necessidade de checagem de traço [+*wh*], um traço de interrogação, no CP (Rizzi, 1996).

De acordo com Chomsky (1986b), a sentença é estruturada em diferentes níveis hierárquicos, organizados por projeções lexicais e funcionais. A projeção CP ocupa a posição mais alta da estrutura sintática e está relacionada à marcação do constituinte interrogativo, por exemplo. Dessa forma, o movimento *wh*- consiste no deslocamento de um constituinte em direção à periferia esquerda da sentença. Esse deslocamento deixa um vestígio na posição de origem.

As línguas naturais distinguem-se quanto ao mecanismo adotado para a formação de interrogativas. Como indica Amaral (2009, *apud* Baião, 2012), há uma variação paramétrica neste caso: em algumas línguas, o constituinte interrogativo mantém-se

em sua posição canônica, de origem, conhecido como *wh- in situ*. Em outras línguas, por sua vez, ocorre o movimento para a posição inicial da sentença, conhecido como *wh- ex situ*.

Segundo Baião (2012), é predominante o uso das interrogativas *wh- ex situ* no PE, no qual o constituinte interrogativo é deslocado para a periferia esquerda da sentença. Sob essa ótica, analisar o momento de emergência na aquisição das interrogativas *wh- in situ* e *wh- ex situ* no PE é relevante, pois permite investigar, por exemplo, se as configurações sentenciais das interrogativas primeiramente adquiridas na língua analisada são as mais produtivas na produção adulta na língua em questão.

Outra análise fundamental para as sentenças interrogativas diz respeito ao caráter argumental ou não argumental dos sintagmas interrogativos. De acordo com Mateus *et al.* (2003), os sintagmas interrogativos argumentais são aqueles que possuem as funções sintáticas de sujeito e objeto e os sintagmas interrogativos não argumentais são aqueles que se voltam para informações circunstanciais acessórias na sentença, como as de tempo, lugar e causa. No caso deste trabalho, serão utilizadas as expressões "(sentenças) interrogativas *wh-* argumentais" e "(sentenças) interrogativas *wh-* não argumentais" para fazer referência às sentenças nas quais os elementos *wh-* tenham a função argumental ou não argumental.

METODOLOGIA

Neste trabalho, adotou-se como metodologia uma revisão sistemática da literatura, método que possibilita reunir e organizar pesquisas que se dedicam a um determinado fenômeno. As buscas para esta pesquisa foram realizadas entre agosto e setembro de 2025.

Para esta pesquisa, foram consultadas três plataformas amplamente reconhecidas para busca de trabalhos científicos, a saber: Google Acadêmico, Associação Portuguesa de Linguística e Repositório da Universidade Nova de Lisboa. No caso deste trabalho, foram utilizados os seguintes descritores para a busca inicial de pesquisas sobre o tema-alvo: “aquisição de interrogativas *wh-* no português”, “*wh- in situ*”, “*wh- ex situ*” e “interrogativas preposicionadas”.

As perguntas norteadoras que direcionaram esta pesquisa foram: (i) Há informações se interrogativas *wh- in situ* ou *wh- ex situ* são produzidas primeiramente durante a aquisição de PE? (ii) Há informações se interrogativas *wh- in situ* ou *ex situ* são mais produtivas na fala das crianças adquirindo PE? (iii) Há informações sobre como as crianças adquirindo PE lidam com a produção de interrogativas *wh-* que exigem o uso de preposições? (iv) Há informações sobre que estratégias são utilizadas por crianças adquirindo PE em caso de dificuldade com construções do tipo *pied-piping*?

Foram estabelecidos os seguintes critérios de exclusão de manuscritos: (a) análises voltadas para outras variedades da língua portuguesa que não a europeia, (b) estudos cujo foco não estivesse restrito à aquisição linguística infantil, (c) estudos que não abordassem a sintaxe e (d) textos que não respondessem às questões norteadoras deste trabalho. Não houve, dentre os critérios de inclusão ou exclusão de manuscritos, a adoção de um período de publicação dos estudos a serem utilizados nesta pesquisa.

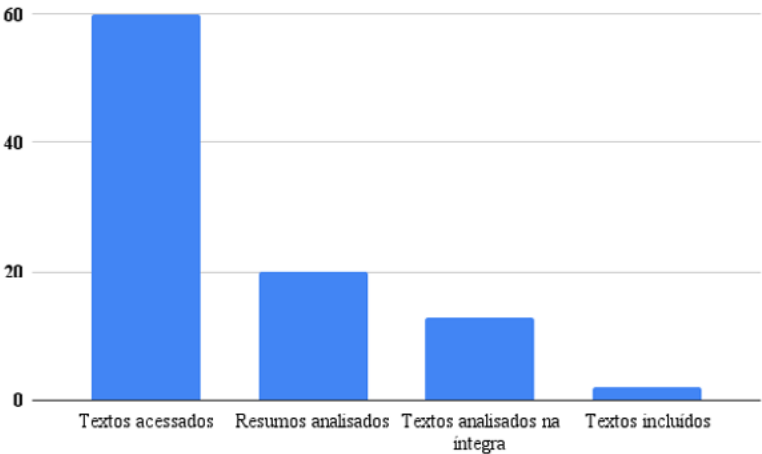
Finalmente, para a seleção dos textos a serem incluídos neste trabalho, as seguintes etapas de análise foram realizadas: (a) análise dos títulos, (b) leitura dos resumos e (c) leitura dos textos na íntegra. Os textos acessados só seguiam de uma etapa a outra desse processo de triagem dos estudos caso fosse aferido que eles não deveriam ser excluídos da pesquisa com base nos critérios de exclusão de manuscritos descritos no parágrafo anterior.

RESULTADO E ANÁLISE

A busca nas plataformas Google Acadêmico, Associação Portuguesa de Linguística e Repositório da Universidade Nova de Lisboa por trabalhos relacionados à aquisição de sentenças interrogativas, realizadas entre agosto e setembro de 2025 através do uso dos descritores apresentados na seção anterior, resultaram, primeiramente, em 60 trabalhos no total.

Por meio da verificação dos títulos dos trabalhos encontrados, identificou-se que 40 trabalhos não diziam respeito, de fato, ao tema-alvo desta pesquisa. Assim, apenas 20 dos 60 trabalhos encontrados inicialmente foram mantidos na etapa seguinte de triagem dos textos. Com a leitura dos resumos dos 20 trabalhos remanescentes, sete trabalhos foram descartados, e chegou-se ao número de 13 trabalhos a serem analisados integralmente. Por meio da análise dos textos, constatou-se que apenas dois estudos forneciam respostas às quatro perguntas norteadoras propostas desta pesquisa, explicitadas na seção anterior: Baião (2012) e Baião e Lobo (2014). Esses dois manuscritos apareceram em duas das três plataformas de busca utilizadas, como indicado no quadro 1. O gráfico 1 abaixo resume os resultados das etapas de análise realizadas em plataformas acadêmicas.

Gráfico 1 – Etapas de análise dos resultados da busca de trabalhos em plataformas acadêmicas



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

As informações gerais dos estudos de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014) – como títulos, tipos de trabalho, locais de publicação e plataformas de busca nas quais os trabalhos foram inicialmente encontrados – estão descritos no quadro 1 a seguir.

Quadro 1 – Informações sobre os estudos incluídos na revisão sistemática

Autor	Título	Tipo	Local de publicação	Plataforma de busca
Baião (2012)	Aquisição de interrogativas preposicionadas em português europeu	Dissertação de mestrado	Faculdade de Ciência Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa	Google Acadêmico e Repositório da Universidade Nova de Lisboa
Baião e Lobo (2014)	Aquisição de interrogativas preposicionadas no português europeu	Artigo	Anais do XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística	Google Acadêmico e Associação Portuguesa de Linguística

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O trabalho de Baião (2012) teve como objetivo principal verificar a compreensão e a produção de sentenças interrogativas *wh*-argumentais, especificamente aquelas de objeto preposicionado, sendo comparadas com a compreensão e a produção de outros tipos de sentenças interrogativas *wh*- argumentais, como as de sujeito e de objeto direto. Os dados investigados pela autora foram produzidos por crianças adquirentes de PE como língua materna, na faixa de idade entre 3 anos e 5 anos e 11 meses. A metodologia empregada foi a realização de um estudo experimental composto por três testes: um de produção e dois de compreensão. Os dados sugerem que: a) as crianças manifestam mais facilidade em produzir interrogativas de objeto direto, como no exemplo “Quem é que o menino beliscou?” (Baião, 2012, p. 30), comparativamente às interrogativas de objeto preposicionado, como no exemplo “De quem é que o menino está a fugir?” (Baião, 2012, p. 30); b) há mais interrogativas *wh*- *ex situ* do que interrogativas *wh*- *in situ* nas interrogativas de objeto direto, mas, nas interrogativas de objeto preposicionado, a estratégia *in situ* é mais frequente do que a estratégia *ex situ*; c) na produção, a presença da preposição é um fator de complexidade, possivelmente pelos custos adicionais associados à estratégia de *pied-piping* da preposição.

Já o trabalho de Baião e Lobo (2014), que também investigou a produção e compreensão de sentenças interrogativas com sintagma preposicional por crianças de 3 a 5 anos de idade falantes de PE, teve como objetivo verificar os efeitos de intervenção, ou seja, os efeitos de um bloqueio sintático que ocorre quando se tenta estabelecer uma relação à distância entre o ponto inicial do constituinte *wh*- e o ponto final para o qual esse constituinte é deslocado. Neste caso, tentou-se verificar se os efeitos de intervenção ocorrem quando há uma discrepância categorial entre o constituinte deslocado (um sintagma preposicional) e o interveniente (um sintagma determinante) e se o deslocamento da preposição (o movimento *pied-piping*) é mais custoso do que a manutenção do sintagma interrogativo preposicionado em seu local de origem. A metodologia empregada

foi a realização de um estudo experimental composto por três testes, sendo dois testes de compreensão e um teste de produção. Os resultados de interesse para esta pesquisa obtidos são que o movimento *pied-piping* da preposição demanda custos sintáticos adicionais para a criança, levando-a a evitar esse tipo de construção através da omissão de preposição ou da produção de interrogativas *wh- in situ*. Dessa forma, Baião e Lobo (2014) indicam que interrogativas preposicionadas com *pied-piping* são adquiridas mais tardiamente no campo sintático de aquisição.

Os resultados das pesquisas de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014) indicam que crianças adquirindo o PE como língua materna a partir dos 3 anos de idade, idade a partir da qual as crianças foram incluídas nas pesquisas, têm uma certa preferência por estruturas com movimento (*wh- ex situ*) quando se trata de interrogativas envolvendo um sintagma *wh-* não preposicionado. Esse resultado é fundamental para as pesquisas no campo da aquisição infantil, pois sugere que, no PE, a operação com movimento sintático sem *pied-piping*, que produz estruturas interrogativas *ex situ*, consideradas mais complexas e custosas para o processamento sintático da criança do que as interrogativas *in situ*, não representa um obstáculo em sua produção linguística. Assim, as interrogativas *wh- ex situ* são definidas como a forma sintática preferida das crianças. Posteriormente, as interrogativas *wh- in situ* surgem de uma maneira mais tardia no repertório infantil, ocorrendo por volta dos 5 anos de idade, sendo adquiridas somente após claro domínio das interrogativas com movimento (*ex situ*). Este dado, disponível em Baião (2012), indica que as interrogativas *wh- in situ* necessitam de certo amadurecimento sintático em relação a outros componentes gramaticais.

Além disso, a pesquisa de Baião (2012) volta-se também para a análise das interrogativas com *pied-piping*, as quais podem representar um desafio para a aquisição infantil. As crianças demonstram uma tendência para evitar tais estruturas devido ao seu custo sintático. De acordo com Baião (2012), esse tipo de construção apresenta

maior custo de processamento, pois exige o movimento do sintagma preposicionado inteiro para a periferia esquerda da oração. Ao invés disso, as crianças optam por estratégias alternativas, como o uso do *wh- in situ*, pela omissão da preposição, ou até mesmo por frases mais simples, o que evidencia que o *pied-piping* só é adquirido em PE mais tardiamente no desenvolvimento sintático da criança.

Outro padrão identificado na aquisição de interrogativas *wh-* pelas crianças falantes de PE como língua materna é relacionado ao caráter argumental do constituinte sobre o qual incide a pergunta. Pôde-se verificar que os resultados dos estudos incluídos nesta revisão da literatura indicam que há uma precedência da produção de interrogativas *wh-* de sujeito (argumento externo) em relação à produção de interrogativas *wh-* de objeto (argumento interno).

Assim, retomam-se as perguntas norteadoras que orientaram esta pesquisa: (i) Há informações sobre qual interrogativa *wh-*, *in situ* ou *wh- ex situ*, é produzida primeiramente durante a aquisição de PE? (ii) Há informações sobre qual interrogativa *wh-*, *in situ* ou *wh- ex situ*, é mais produtiva na fala das crianças adquirindo PE? (iii) Há informações sobre como as crianças adquirindo PE lidam com a produção de interrogativas *wh-* que exigem o uso de preposições? (iv) Há informações sobre que estratégias são utilizadas por crianças adquirindo PE em caso de dificuldade com construções do tipo *pied-piping*?. À luz dessas questões, os textos incluídos nesta revisão da literatura oferecem as contribuições que estão indicadas nos quadros de 2 a 5 abaixo. Cada quadro corresponde a uma pergunta norteadora elaborada nesta pesquisa.

**Quadro 2 – Respostas encontradas para a pergunta norteadora (i)
nos trabalhos de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014)**

Pergunta norteadora	(i) Há informações se interrogativas <i>wh- in situ</i> ou <i>wh- ex situ</i> são produzidas primeiramente durante a aquisição de PE?
Baião (2012)	As interrogativas <i>wh- ex situ</i> emergem de forma precoce, estando disponíveis pelo menos a partir dos 3 anos de idade, idade mínima verificada no estudo.
Baião e Lobo (2014)	As interrogativas <i>wh- ex situ</i> são produzidas primeiramente por crianças a partir de 3 anos de idade, enquanto as interrogativas <i>in situ</i> surgem após domínio das estruturas com movimento.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

**Quadro 3 – Respostas encontradas para a pergunta norteadora (ii)
nos trabalhos de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014)**

Pergunta norteadora	(ii) Há informações sobre qual interrogativa <i>wh-</i> é mais produtiva na fala da criança adquirindo PE?
Baião (2012)	As interrogativas <i>wh- ex situ</i> mostram-se mais produtivas na fala das crianças. As interrogativas <i>wh- in situ</i> ocorrem de forma menos frequente.
Baião e Lobo (2014)	As interrogativas <i>wh- ex situ</i> também aparecem como mais produtivas.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

**Quadro 4 – Respostas encontradas para a pergunta norteadora (iii)
nos trabalhos de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014)**

Pergunta norteadora	(iii) Há informações sobre como as crianças adquirindo PE lidam com a produção de interrogativas <i>wh-</i> que exigem o uso de preposições?
Baião (2012)	As crianças apresentam dificuldade com as estruturas com <i>pied-piping</i> .
Baião e Lobo (2014)	A produção de estruturas com <i>pied-piping</i> revela um maior custo sintático na produção.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

**Quadro 5 – Respostas encontradas para a pergunta norteadora (iv)
nos trabalhos de Baião (2012) e Baião e Lobo (2014)**

Pergunta norteadora	(iv) Há informações sobre que estratégias são utilizadas por crianças adquirindo PE em caso de dificuldade com construções do tipo <i>pied-piping</i> ?
Baião (2012)	As crianças evitam <i>pied-piping</i> utilizando estruturas mais simples, como produção de interrogativas <i>wh- in situ</i> ou com omissão de preposição.
Baião e Lobo (2014)	As estratégias diante das dificuldades das crianças com construções do tipo <i>pied-piping</i> envolvem o uso de interrogativas <i>wh- in situ</i> ou com omissão de preposição.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa de revisão sistemática da literatura voltou-se para interrogativas *wh-* no PE e permitiu reunir os conhecimentos disponíveis sobre a aquisição desse fenômeno na língua em questão. As perguntas que nortearam a busca de textos foram: (i) Há informações se interrogativas *wh- in situ* ou *wh- ex situ* são produzidas primeiramente durante a aquisição de PE? (ii) Há informações se interrogativas *wh- in situ* ou *ex situ* são mais produtivas na fala das crianças adquirindo PE? (iii) Há informações sobre como as crianças adquirindo PE lidam com a produção de interrogativas *wh-* que exigem o uso de preposições? (iv) Há informações sobre que estratégias são utilizadas por crianças adquirindo PE em caso de dificuldade com construções do tipo *pied-piping*? Dois estudos respondiam às quatro perguntas norteadoras propostas e foram incluídos na revisão empreendida: Baião (2012) e Baião e Lobo (2014).

Os dados analisados demonstram que as crianças adquirindo PE, em desenvolvimento linguístico típico, dão preferência para a produção de interrogativas *wh-* com movimento sintático (*wh- ex situ*) quando as perguntas incidem sobre constituintes

não preposicionados, sendo essas interrogativas produtivas pelo menos a partir dos 3 anos de idade, idade mínima considerada nas pesquisas verificadas. Por outro lado, as construções de interrogativas *wh- in situ*, em que o constituinte interrogativo permanece em sua posição canônica, emergem de modo mais tardio, apenas após o domínio das interrogativas com movimento sintático visível. Os resultados obtidos nos estudos revelam também que as crianças adquirindo PE apresentam dificuldade na derivação de sentenças interrogativas com movimento com *pied-piping*, utilizando em seu lugar sentenças interrogativas mais simples, como a produção de interrogativas *wh- in situ* ou com omissão de preposição.

Esta revisão da literatura demonstra possíveis desdobramentos de pesquisas voltadas para a aquisição de interrogativas *wh-* em PE. Primeiramente, é possível que se busque verificar o papel do *input* linguístico na aquisição de sentenças interrogativas com movimento com *pied-piping* pelas crianças, uma vez que, nos estudos consultados, não foi aferida, na produção dos adultos em interação com as crianças, a frequência de interrogativas com *pied-piping*, o que pode também ter um papel na aquisição mais tardia dessas construções especificamente. Ainda, é válido também que se busque investigar a aquisição de interrogativas *wh-* não argumentais (que incidem sobre constituintes como adjuntos) em confronto com interrogativas *wh-* argumentais (que incidem sobre constituintes como sujeito e objetos preposicionados ou não), buscando aferir quais dessas emergem primeiramente, já que, nas pesquisas incluídas nesta revisão, as autoras voltam-se sobretudo para o exame apenas de interrogativas *wh-* argumentais.

REFERÊNCIAS

BAIÃO, Vera Lúcia. **Aquisição de interrogativas preposicionadas em português europeu**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa; Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Setúbal, 2012.

BAIÃO, Vera Lúcia; LOBO, Maria. **Aquisição de interrogativas preposicionadas no português europeu**. Textos Seleccionados. XXIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística, Porto, p. 57-70, 2014.

NOAM, Chomsky. A Review of BF Skinner's Verbal Behavior. **Language**, v. 35, n. 1, p. 26-58, 1959.

CHOMSKY, Noam. Principles and parameters in syntactic theory. *In*: HORNSTEIN, Norbert; LIGHTFOOT, David W. (eds.). **Explanation in linguistics**: the logical problem of language acquisition. London: Longman, 1981. p. 132-175.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language**: its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986a.

CHOMSKY, Noam. **Barriers**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1986b.

MATEUS, Maria Helena Mira; BRITO, Ana Maria; DUARTE, Inês; FARIA, Isabel Hub; FROTA; Sónia; MATOS; Gabriela; OLIVEIRA, Fátima; VIGÁRIO, Marina; VILLALVA, Alina. **Gramática da Língua Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 2003.

RIZZI, Luigi. Residual verb second and the Wh-criterion. *In*: BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. **Parameters and functional heads**. New York: Oxford University Press, 1996. p. 63-90.

13

*Lucas Bernardes da Silva
Adriana Leitão Martins
Amanda Alevato de Sant'Anna
Thais Lima Lopes*

AQUISIÇÃO DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ADICIONAL:

UMA ANÁLISE DOS VALORES ASPECTUAIS
DE RESULTATIVIDADE E EXPERIÊNCIA
EM SENTENÇAS COM O *PASSÉ COMPOSÉ*

INTRODUÇÃO

Segundo Pancheva (2003), o aspecto *perfect* relaciona um evento a dois pontos na linha do tempo, sendo um o momento do evento e o outro o momento de referência, podendo ser classificado em três tipos: *perfect* universal, em que um evento iniciado no passado perdura até o momento de referência (como em “Maria tem estudado francês desde 2000”), *perfect* experiencial, no qual um evento realizado pelo menos uma vez no passado possui ligação com o momento presente (como em “Maria já esteve em Paris”), e *perfect* resultativo, em que o resultado de um evento realizado e concluído no passado pode ser verificado no momento presente (como em “Maria já chegou em Paris”).

Ressalta-se que a classificação do *perfect* não é consensual na literatura. Por exemplo, de acordo com Iatridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003), esse aspecto pode ser dividido em dois tipos: *perfect* universal e *perfect* existencial. Para essas autoras, não há uma diferenciação entre *perfect* experiencial e *perfect* resultativo, sendo ambos entendidos como a realização de um único aspecto – o *perfect* existencial. Neste trabalho, focalizam-se o *perfect* experiencial e o *perfect* resultativo.

Nespoli (2018) verificou que, no francês (doravante FR), o *passé composé* – forma verbal de passado formada pelo auxiliar “être” (‘ser/estar’) ou “avoir” (‘ter’) seguido do verbo principal no particípio – combinado ao advérbio “déjà” (‘já’) veicula a interpretação de *perfect* existencial (como em “Jean a déjà mangé la pomme” / ‘Jean já comeu a maçã’), enquanto, no português brasileiro (doravante PB), tal interpretação aspectual é conferida pelo pretérito perfeito – forma verbal de passado simples – atrelado ao advérbio “já” (como em “João já comeu a maçã”).

Ao analisar a contribuição da definitude do determinante, que pode ser indefinido (um/uma) ou definido (o/a), que introduz o sintagma determinante (DP) complemento verbal às interpretações de *perfect* experiencial e *perfect* resultativo no PB, Bernardes e Numakura (2023) verificaram se interpretações de *perfect* experiencial se manifestariam, exclusivamente, com a presença de um determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal (como em “Ana já leu um livro”), e se interpretações de *perfect* resultativo se manifestariam, exclusivamente, com a presença de um determinante definido introduzindo o DP complemento verbal (como em “Kaio já editou a foto”). Com base em seus resultados experimentais, os autores concluíram que não há uma exclusividade de interpretação aspectual a depender do determinante que introduza o DP complemento verbal, porém, há uma preferência pela interpretação de experiência quando o determinante é indefinido e pela interpretação de resultado quando o determinante é definido.

Em Bernardes (2024), o autor aplicou uma versão em FR do mesmo experimento de Bernardes e Numakura (2023) a falantes do FR. Considerando as mesmas hipóteses, o autor analisou se a definitude do determinante poderia contribuir às interpretações de *perfect* experiencial e de *perfect* resultativo, sendo empregado no DP complemento verbal ora um artigo indefinido (como em “*Jean a déjà lu un livre*” / ‘Jean já leu um livro’) ora um artigo definido (como em “*Chloé a déjà édité la photo*” / ‘Chloe já editou a foto’). Com base em seus resultados, o autor concluiu que, no FR, não há uma exclusividade de interpretação aspectual, que pode ser de experiência ou de resultado, a depender do determinante que introduza o DP complemento verbal, mas falantes nativos do FR possuem uma preferência pelas interpretações de experiência nas sentenças com artigo tanto indefinido quanto definido.

Diante do exposto, questionamos, então, como um falante de PB como língua materna (doravante L1), ao realizar a aquisição de FR como língua adicional (doravante L2), interpretaria, na língua alvo,

o *passé composé* seguido de um DP complemento verbal introduzido ora pelo artigo indefinido, ora pelo artigo definido, em um contexto de veiculação de *perfect*. Segundo Lardiere (2009), o processo de aquisição de uma L2 ocorreria por meio de um remapeamento entre os traços subjacentes das morfologias dispostas em sua L1 em relação às morfologias disponíveis na L2, o que ficou conhecido como hipótese do reparamento de traços (*feature reassembly hypothesis*). Busca-se verificar, neste estudo, se esse processo de remapeamento entre traços subjacentes de *perfect* e morfologias na aquisição de FR por brasileiros pode de algum modo afetar a interpretação de sentenças com o verbo no *passé composé* e artigo indefinido ou definido no complemento verbal como veiculadoras de experiência ou resultado a partir dos parâmetros observados em sua L1.

Assim, este capítulo tem como objetivo geral contribuir para a discussão acerca do aprendizado de fenômenos morfo-sintáticos na aquisição de FR como língua adicional. Como objetivo específico, busca-se investigar o papel da definitude do determinante que introduz o DP complemento verbal para a interpretação de sentenças em FR com *passé composé* enquanto a expressão de eventos resultativos ou experienciais por aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário e avançado. As hipóteses adotadas foram duas: (i) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário transferem o padrão de interpretação de sentenças do PB enquanto veiculadoras de eventos resultativos ou experienciais – dependendo do determinante que introduz o DP complemento verbal – à interpretação de sentenças do FR; e (ii) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de nível avançado não transferem o referido padrão à interpretação de sentenças do FR.

Este capítulo está dividido em quatro seções além desta introdução: fundamentação teórica, metodologia, resultado e análise e considerações finais.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ASPECTO *PERFECT*

Entre os tipos de aspecto gramatical descritos na literatura, o *perfect* pode ser definido como um aspecto que relaciona uma situação a dois pontos no tempo, a saber, o momento do evento e o momento de referência, introduzindo um intervalo de tempo denominado *Perfect Time Span* (PTS) (Pancheva, 2003). Esse aspecto pode estar associado aos três tempos, passado, presente ou futuro (Comrie, 1976), sendo o foco deste estudo a realização desse aspecto associado ao presente.

Pancheva (2003) propõe que o *perfect* seja classificado em três tipos: *perfect* universal, *perfect* experiencial e *perfect* resultativo. Quando associado ao tempo presente, o *perfect* universal possibilita o estabelecimento da relação entre um evento que se iniciou no passado e o presente, uma vez que o evento perdura até este momento. Já o *perfect* experiencial, também associado ao tempo presente, garante a relação entre um determinado evento do passado e o presente, uma vez que tal evento foi realizado pelo menos uma vez no passado e produz uma experiência no presente. Por fim, o *perfect* resultativo associado ao tempo presente permite a relação entre um determinado evento do passado e o presente, uma vez que o resultado do evento passado permanece verdadeiro no momento de referência presente. Os exemplos dispostos em (1), (2) e (3) a seguir ilustram, respectivamente, esses tipos de *perfect*¹.

- (1) *Since 2000, Alexandra has lived in LA.*
'Desde 2000, Alexandra tem morado em LA.'

1 Os exemplos de (1) a (3) foram retirados de Pancheva (2003, p. 277).

- (2) *Alexandra has been in LA (before).*
'Alexandra (já) esteve em LA (antes).'²
- (3) *Alexandra has (just) arrived in LA.*
'Alexandra chegou/ acabou de chegar em LA.'

Verifica-se que, em (1), a situação representada pelo verbo "morar" se iniciou no passado e perdura até o momento presente. Já na sentença em (2), constata-se que a situação de "estar em LA" pelo menos uma vez no passado proporcionou ao sujeito uma experiência, que conecta o evento finalizado no passado com o momento de referência no presente. Já na sentença em (3), percebe-se o resultado no presente decorrente do evento de "chegar em LA" ocorrido no passado, ou seja, o sujeito está no local a que chegou no momento presente.

Em contrapartida a Pancheva (2003), McCawley (1981) e latridou, Anagnostopoulou e Izvorski (2003) assumem que o *perfect* possa ser classificado em dois tipos: *perfect* universal e *perfect* existencial. O *perfect* universal associado ao presente tem a indicação de um evento que prevalece durante algum intervalo, estendendo-se do passado até o presente. Já o *perfect* existencial associado ao presente refere-se à existência de um evento passado que repercute no presente. Esses dois tipos de *perfect* são ilustrados, respectivamente, por meio dos exemplos em (4) e (5).³

- (4) *I've known Max since 1960.*
'Eu conheço Max desde 1960.'
- (5) *I have read 'Principia Mathematica' five times.*
'Eu li 'Principia matemática' cinco vezes.'

2 Em seu estudo, Pancheva (2003) analisa que a expressão do *perfect* experiencial pode ser realizada atrelada a alguns advérbios, por exemplo o *before* (antes). No entanto, ao mapear as realizações morfofossintáticas de *perfect* nas línguas românicas, Nespoli (2018) identifica que, no português brasileiro, a expressão do *perfect* existencial é realizada pelo pretérito perfeito atrelado ao advérbio "já".

3 Os exemplos em (4) e (5) foram retirados de McCawley (1981, p. 81).

Ao analisarmos a sentença em (4), entende-se que o sujeito da oração conhece Max desde 1960 e essa situação perdura até o momento presente. A partir da sentença em (5), compreende-se que haja uma relação de "*Principia Mathematica*" ter sido lido cinco vezes no passado e o resultado dessa leitura, que ocasionou uma experiência presente ao falante.

Ao mapear as realizações morfossintáticas de *perfect* universal e *perfect* existencial no PB, português europeu, FR, italiano e espanhol, Nespoli (2018) constatou que o passado simples (ou pretérito perfeito) no português (brasileiro e europeu) e o passado composto (ou *passé composé*) no FR atrelado a alguns advérbios/expressões adverbiais na sentença, como "já" (em português) e "*déjà*" (em FR), pode possibilitar a veiculação desse aspecto, propiciando as leituras de experiência e resultado.

Tendo em vista que este capítulo volta-se para os aspectos *perfect* experiencial e *perfect* resultativo, podendo ambos ser estreitamente relacionados ao *perfect* existencial, apresentam-se os exemplos abaixo dispostos em Nespoli (2018) que ilustram as realizações morfossintáticas de *perfect* existencial no PB (exemplo em (6)) e no FR (exemplo em (7))⁴.

(6) José já esteve no sul do país.

(7) *Jean est déjà allé aux États-Unis.*
'João já foi aos Estados Unidos.'

A partir de Nespoli (2018), Sant'Anna, Martins e Gomes (2019) analisaram se a disposição do advérbio "já" em relação ao sintagma verbal (VP) poderia influenciar nas interpretações de *perfect* experiencial e *perfect* resultativo nessa língua. Duas hipóteses foram propostas ao estudo: (i) sentenças estruturadas com "já + VP", como em (8), teriam, exclusivamente, leituras de *perfect* experiencial,

e (ii) sentenças estruturadas pela ordenação “VP + já”, como em (9), teriam, exclusivamente, leituras de *perfect* resultativo.

(8) João já fez a comida.

(9) João escreveu um artigo já.⁵

Por meio da análise dos resultados, os pesquisadores refutaram suas hipóteses, uma vez que não há uma exclusividade em relação ao ordenamento do advérbio disposto na estrutura e a interpretação de *perfect* conferida a ela. Contudo, os autores argumentaram que, a depender do determinante, ou indefinido ou definido, que introduza o DP complemento verbal, pode haver uma preferência pelas interpretações de *perfect* experiencial ou resultativo.

A partir das discussões feitas por Sant’Anna, Martins e Gomes (2019), trabalhos como Bernardes e Numakura (2023) e Bernardes (2024) buscaram verificar a contribuição da definitude do determinante que introduz o DP complemento verbal para as interpretações de *perfect* no PB e no FR. Os resultados desses estudos serão descritos na próxima subseção.

A DEFINITUDE DO ARTIGO E OS VALORES DE *PERFECT* EM PORTUGUÊS E FRANCÊS

Ao analisarem a contribuição da definitude dos determinantes indefinido e definido às interpretações de *perfect* experiencial e resultativo, Bernardes e Numakura (2023) propuseram duas hipóteses ao seu estudo: (i) sentenças formadas pelo advérbio “já” mais um verbo no pretérito perfeito e um determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal são, exclusivamente, interpretadas como *perfect* experiencial; e (ii) sentenças formadas pelo advérbio

“já” mais um verbo no pretérito perfeito e um determinante definido introduzindo o DP complemento verbal são, exclusivamente, interpretadas como *perfect* resultativo.

Metodologicamente, desenvolveu-se um experimento linguístico divulgado pelo *Google Forms* a participantes falantes nativos do PB, nascidos e residentes do Estado do Rio de Janeiro, com idade entre 18 a 59 anos e com graduação completa ou incompleta. O estudo foi composto por 30 sentenças, das quais 20 eram distratoras e 10 eram alvo, distribuídas em cinco sentenças com o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal (exemplo em (10)) e cinco sentenças com o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal (exemplo em (11)).

(10) Camila já imprimiu um documento.

(11) Sandra já preparou a macarronada.

No experimento, para cada sentença-alvo, o participante se deparava com 3 opções de respostas, como exemplificado em (12), sendo a opção de resposta (a) indicação de interpretação de resultados, a opção de resposta (b), de interpretação de experiência e a opção de resposta (c), de uma possível desatenção do informante, já que está é uma opção de resposta distratora.

(12) Camila já imprimiu um documento.

(a) O documento está impresso neste momento.

(b) Camila teve a experiência de imprimir documento uma vez.

(c) Camila imprimirá um documento hoje.

Os resultados revelaram que, em sentenças com o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal, 74,6% das respostas indicaram uma interpretação de experiência da sentença. Já em sentenças com o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal, 67,7% das respostas indicaram uma interpretação de resultado da sentença. Desse modo, os autores concluíram

que suas hipóteses foram refutadas, uma vez que, independentemente do determinante que introduzia o DP complemento verbal, as interpretações aspectuais tanto de experiência quanto de resultatividade emergiram pelos participantes. Contudo, acentua-se que pareça existir uma preferência de interpretação aspectual a depender do determinante empregado.

A partir do trabalho de Bernardes e Numakura (2023), Bernardes (2024) buscou verificar a contribuição da definitude dos determinantes para a interpretação de *perfect* na língua francesa. Em seu trabalho, o autor propôs duas hipóteses: (i) sentenças formadas pelo advérbio “*déjà*” (‘já’) mais o verbo no *passé composé* e um DP complemento verbal introduzido por um determinante indefinido são, exclusivamente, interpretadas como *perfect* experiencial (exemplo em (13)); (ii) sentenças formadas pelo advérbio “*déjà*” (‘já’) mais o verbo no *passé composé* e um DP complemento verbal introduzido por um determinante definido são, exclusivamente, interpretadas como *perfect* resultativo (exemplo em (14)).

(13) *Marie a déjà lu un livre.* (‘Maria já leu um livro.’)

(14) *Pierre a déjà pelé la pomme de terre.* (‘Pierre já descascou a batata.’)

O autor replicou o estudo desenvolvido por Bernardes e Numakura (2023), fazendo uma versão das sentenças do estudo do PB para o FR. O estudo foi igualmente divulgado pelo *Google Forms* a participantes falantes nativos do FR, nascidos e residentes na França, com idade entre 18 a 59 anos e com graduação completa ou incompleta. A composição do experimento foi análoga à do experimento em português, sendo a tarefa requisitada a mesma, como no exemplo em (15).

- (15) Chloé a déjà imprimé un document. ('Chloé imprimiu um documento.')
- (a) *Le document est imprimé en ce moment.* ('O documento está impresso neste momento.')
- (b) *Chloé a fait l'expérience d'imprimer un document une fois.* ('Chloé teve a experiência de imprimir um documento uma vez.')
- (c) *Chloé imprimera le document aujourd'hui.* ('Chloé imprimirá o documento hoje.')

Os resultados de Bernardes (2024) revelaram que, em sentenças com o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal, 85% das respostas indicaram interpretação de experiência da sentença. Por sua vez, em sentenças com o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal, 61% das respostas indicaram interpretação de experiência da sentença. A partir desses resultados, o autor concluiu que suas hipóteses foram refutadas, tendo em vista que, independentemente do determinante que introduzia o DP complemento verbal, as interpretações tanto de experiência quanto de resultado emergiram. Ainda, o autor destacou que, diferentemente do PB, falantes do FR demonstraram ter uma preferência, independentemente do determinante, pela interpretação de experiência.

AQUISIÇÃO TARDIA DE L2

A partir dos pressupostos gerativistas, entende-se que a Gramática Universal (GU) é um mecanismo biológico disposto a todos os falantes de línguas naturais e, a partir dela, falantes adquirem sua língua materna (L1) (Chomsky, 1981). Compreende-se que o processo de aquisição da L1 se realiza durante a infância, em uma janela temporal denominada "período crítico". Contudo, mesmo após esse período, falantes buscam aprender outras línguas de maneira adicional em diversos estágios da vida, engajando-se, assim, em um processo de aquisição linguística tardio. Em inúmeros estudos acerca da aquisição de uma língua após o período crítico, chamada de L2

ou de língua adicional, atesta-se a atuação da GU também nesse processo de aquisição, uma vez que o conhecimento linguístico dos aprendizes parece estar em conformidade com aquilo que é possível em línguas naturais, não poder ser construído a partir das instruções fornecidas aos aprendizes e, muitas vezes, pode não ser um reflexo imediato do conhecimento de sua L1 (cf. Schwartz; Sprouse, 1996; Vainikka; Young Scholten, 1994; White, 1989, entre outros).

Apesar da possível atuação da GU no processo de aquisição da L2, para alguns estudiosos, ele pode não ser realizado de forma plena, tendo em vista que esses falantes, no decorrer de seu período crítico, já fixaram os parâmetros de sua L1 em sua gramática mental. De acordo com Hawkins e Chan (1997), falantes que buscam adquirir uma L2 após o período crítico apresentam dificuldades em se tornarem proficientes na língua alvo, apresentando falhas no decorrer desse processo de aquisição e dificuldades em realizar mecanismos morfofossintáticos da L2 por conta da inabilidade em resetarem um ou mais parâmetros de suas L1 em função da L2. Em razão de tais inaptidões, os autores sustentam o que ficou conhecido como abordagem do déficit representacional (*representational deficit approach*) no processo de aquisição da L2.

Em contraposição à proposta de Hawkins e Chan (1997), Lardiere (2008) discute a possibilidade do não resetamento de parâmetros entre a L1 e a L2. De acordo com a autora, todo falante possui uma competência morfológica que o auxilia na compreensão das morfologias de sua língua materna. Logo, graças a essa competência, ao invés de uma redefinição desses parâmetros, ocorreria um processo de remapeamento dos traços subjacentes das morfologias da L1 para a L2 desse aprendiz, sendo esse processo denominado pela autora como *feature reassembly*.

METODOLOGIA

Com base no exposto na fundamentação teórica, este trabalho tem como objetivo específicos investigar o papel da definição do determinante que introduz o DP complemento verbal para a interpretação de sentenças em FR com *passé composé* enquanto a expressão de eventos resultativos ou experienciais por aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário e avançado. Para este estudo, foram dispostas duas hipóteses: (i) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário transferem o padrão de interpretação de sentenças do PB enquanto veiculadoras de eventos resultativos ou experienciais – dependendo do determinante que introduz o DP complemento verbal – à interpretação de sentenças do FR; e (ii) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de nível avançado não transferem o referido padrão à interpretação de sentenças do FR.

A partir de Bernardes (2024), desenvolvemos um experimento disposto no *Google Forms* e divulgado por redes sociais e e-mail aos participantes⁶. Primeiramente, o participante deveria preencher um questionário de perfil social, constando as seguintes informações: local de nascimento e de residência, idade, profissão, gênero e nível de escolaridade. Em seguida, preenchia-se um questionário de mapeamento de perfil linguístico, constando as seguintes informações: língua falada até os 12 anos; se houve algum contato com o FR na infância; como se realizou a aprendizagem do FR; por quanto tempo realizou/realiza aulas dessa língua; a duração das aulas e, por fim, o julgamento do participante a respeito de seu grau de proficiência em FR(básico, intermediário ou avançado).⁷

6 O link a seguir disponibiliza o acesso ao formulário distribuído pelo *Google Forms*: <https://forms.gle/yFP1qqRjuurGqqvq7>.

7 O intuito dessa última pergunta era averiguar se a autodeclaração de proficiência do participante corresponderia ao resultado obtido no teste de suficiência desenvolvido para o agrupamento dos participantes nos níveis básico/intermediário ou avançado.

Nesse mesmo formulário, propusemos um teste de suficiência linguística, visando agrupar os participantes em dois grupos: básico/intermediário ou avançado. Desenvolvemos 25 questões divididas em 5 para cada nível de proficiência: A1, A2, B1, B2 e C1⁸. O exemplo em (16) ilustra uma questão utilizada para a aferição do nível A1 e A2.

- (16) *Quelle heure il est?* ('Que horas são?')
(a) *Il est deux heures de l'après-midi.* ('São duas horas da tarde.')

(b) *Est deux heures de l'après-midi.* ('É duas horas da tarde.')

(c) *Il est deux après-midi.* ('São duas tarde.')

Após a realização do teste de suficiência linguística, os participantes deveriam responder 30 sentenças, distribuídas em 20 distratoras e dez alvo, divididas em cinco com o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal (exemplo em (17)) e cinco com o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal (exemplo em (18)).

- (17) *Olivia a déjà lu un livre.* ('Olivia já leu um livro.')

(a) *Olivia a fait l'expérience de lire un livre une fois.* ('Olivia teve a experiência de ler um livro uma vez.')

(b) *Olivia lira le livre aujourd'hui.* ('Olivia lerá o livro hoje.')

(c) *Le livre est lu en ce moment.* ('O livro está lido neste momento.')

- (18) *Benjamin a déjà rangé l'armoire.* ('Benjamin já arrumou o armário.')

(a) *L'armoire est rangée en ce moment.* ('O armário está arrumado neste momento.')

(b) *Benjamin a fait l'expérience de ranger une armoire une fois.* ('Benjamin teve a experiência de arrumar um armário uma vez.')

(c) *Benjamin rangera l'armoire aujourd'hui.* ('Benjamin arrumará o armário hoje.')

As 30 sentenças foram retiradas do estudo desenvolvido por Bernardes (2024). Destaca-se que as sentenças foram pseudorandomizadas para que o participante não identificasse um padrão sequencial. Para cada sentença do estudo, havia três opções de respostas dentre as quais o participante deveria escolher a que melhor correspondesse à sua interpretação da sentença apresentada. Em relação às sentenças alvo, se o participante escolhesse a paráfrase formulada com "*avoir fait l'expérience*" ('ter tido a experiência'), isso nos indicava que ele teve uma interpretação de experiência em relação à sentença disposta, logo uma interpretação de *perfect* experiencial. No entanto, se ele optasse pela opção de resposta formulada com a expressão adverbial "*en ce moment*" ('neste momento'), isso nos indicaria que ele teve uma interpretação de resultado em relação à sentença disposta, assim interpretando-a com veiculadora de *perfect* resultativo. Por fim, a opção de resposta com a morfologia de "*futur simple*" ('futuro simples'), como em "*lera*" ('lerá'), constituía uma opção de resposta distratora para mapear o nível de engajamento do participante com a tarefa.

RESULTADO E ANÁLISE

Após a circulação do formulário descrito na seção de metodologia, obtivemos 37 participantes. No entanto, após o recorte de exclusão de participantes que apresentavam características bilíngues desde a infância, foram incluídas na amostra deste estudo as respostas de 35 participantes, sendo 25 participantes enquadrados no grupo básico/intermediário e dez participantes enquadrados no grupo avançado.

Destaca-se que os participantes que obtiveram uma nota no teste de suficiência entre 0 e 21 foram enquadrados no grupo de nível básico/intermediário, sendo a menor nota do grupo 16

e a maior 21, tendo como média a nota 19. Já os participantes que obtiveram uma nota no teste de suficiência entre 22 e 25 foram enquadrados no grupo de nível avançado, sendo a menor nota desse grupo 22 e a maior 25, com uma média de 23. Ressalta-se, ainda, que, antes de realizar o teste de suficiência, os participantes indicaram, por meio de uma autoavaliação, seus possíveis níveis de proficiência. Em relação ao grupo de nível básico/intermediário, 23% dos participantes autoavaliaram-se com nível de proficiência básica, 71% autoavaliaram-se como intermediários e 6% autoavaliaram-se como avançados. Quanto ao grupo de nível avançado, 83% dos participantes autoavaliaram-se como intermediários e 17% autoavaliaram-se como avançados.

Os quadros 1 e 2 abaixo sintetizam, respectivamente, os resultados dos participantes dos grupos de aprendizes de nível básico/intermediário e de nível avançado em relação às sentenças alvo do teste linguístico.

Quadro 1 – Resultados dos aprendizes de nível básico/intermediário

	Valor de experiência	Valor de resultado	Distratora
DP com determinante indefinido	64% (55)	18% (15)	18% (15)
DP com determinante definido	70% (60)	12% (10)	18% (15)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Quadro 2 - Resultados dos aprendizes de nível avançado

	Valor de experiência	Valor de resultado	Distratora
DP com determinante indefinido	88% (53)	12% (7)	0% (0)
DP com determinante definido	63% (38)	34% (20)	3% (2)

Fonte: Elaborado pelos autores (2026).

Ao analisarmos os resultados no quadro 1, verificamos que, no grupo de nível básico/ intermediário, a interpretação de experiência apresentou-se como majoritária com o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal, com 64% de incidência dessa interpretação, sendo a sentença "*Léa a déjà chanté une chanson*" ('Léa já cantou uma canção') a com maior índice de interpretação de experiência (76%). Nas sentenças com o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal, a interpretação de experiência foi majoritária entre os participantes do grupo de nível básico/ intermediário, com 70% de incidência dessa interpretação, sendo a sentença "*Benjamin a déjà rangé l'armoire*" ('Benjamin já arrumou o armário') a maior com índice de interpretação de experiência (83%).

Em relação ao grupo de aprendizes de nível avançado, cujos resultados estão dispostos no quadro 2, destaca-se que as interpretações de experiência também foram majoritárias. Em relação às sentenças que apresentavam o determinante indefinido introduzindo o DP complemento verbal, a interpretação de experiência foi verificada em 88% das respostas, sendo a sentença "*Olivia a déjà lu un livre*" ('Olivia já leu um livro') a que apresentou o maior índice de interpretação de experiência (100%). Já em relação às sentenças que apresentavam o determinante definido introduzindo o DP complemento verbal, a interpretação de experiência foi verificada em 63% das respostas, sendo a sentença "*Benjamin a déjà rangé l'armoire.*" ('Benjamin já arrumou o armário') a que apresentou o maior índice de interpretação de experiência (67%).

A partir dos resultados expostos, destacamos que a hipótese (i), a saber, "aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de nível básico/ intermediário transferem o padrão de interpretação de sentenças do PB enquanto veiculadoras de eventos resultativos ou experienciais – dependendo do determinante que introduz o DP complemento verbal – à interpretação de sentenças do FR", foi refutada, tendo em vista que esse grupo de participantes apresentou o mesmo comportamento linguístico dos falantes nativos de FR, como apresentado

em Bernardes (2024), e não o comportamento dos falantes nativos de PB, como descrito por Bernardes e Numakura (2023). Por sua vez, a hipótese (ii), a saber, “aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de nível avançado não transferem o referido padrão à interpretação de sentenças do FR”, não foi refutada, uma vez que os dados apontam que, realmente, esse grupo de participantes comportou-se linguisticamente tal como os falantes nativos de FR, de acordo com os resultados de Bernardes (2024), e não como os falantes nativos de PB, conforme os resultados de Bernardes e Numakura (2023).

A partir do comportamento análogo entre os dois grupos de aprendizes analisados neste estudo e o comportamento observado dentre os falantes nativos de FR descrito por Bernardes (2024), levantam-se duas possibilidades de discussão. Primeiramente, discute-se a possibilidade de os aprendizes de nível básico/intermediário deste estudo serem mais proficientes do que inicialmente esperado, de modo que o enquadramento no grupo de aprendizes de nível avançado seria mais apropriado, uma vez que a média de acertos desses participantes no teste de suficiência desenvolvido foi de 19 acertos (em um total de 25). Logo, a refutação da primeira hipótese deve-se ao fato de não termos acessado aprendizes de fato de nível básico/intermediário, podendo estes transferirem o padrão de interpretação de sentenças do PB conforme esperado na hipótese (i).

Em segundo lugar, discute-se a possibilidade do grupo básico/intermediário ter concentrado a maior parte de suas respostas, independentemente do determinante que introduzia o DP complemento verbal, na opção de resposta que indicava a leitura de experiência pelo fato de ainda não ter consolidado os valores aspectuais associados ao *passé composé* em FR. Conforme discutido na seção de pressupostos teóricos, segundo Lardiere (2008), os aprendizes de uma L2 devem parear os traços subjacentes às morfologias de sua L1 nas morfologias da L2. No caso das sentenças de *perfect* experiencial e resultativo, tem-se, no português, a realização verbal pelo pretérito perfeito (forma verbal de passado simples) e, no FR,

a realização verbal pelo *passé composé* (forma verbal de passado perifrástica). Assim, se essa interpretação está correta, dada a dificuldade com os valores subjacentes ao *passé composé* – que pode veicular, nessa língua, além de *perfect* experiencial e resultativo, apenas perfectividade – pelos aprendizes de nível básico/intermediário, esses participantes selecionaram a opção de resposta que apresentava um maior paralelismo sintático entre a sentença alvo (seja com artigo definido ou indefinido) e a sentença constante na opção de resposta, a saber, a opção de resposta com a sentença que remetia à interpretação de experiência. A título de exemplo, retoma-se a sentença alvo apresentada em (20) na seção de metodologia, "Benjamin a déjà rangé l'armoire" ('Benjamin já arrumou o armário'), em que a opção de resposta que remetia à leitura de resultado era "L'armoire est rangée en ce moment" ('O armário está arrumado neste momento'), enquanto a opção de resposta que remetia à leitura de experiência era "Benjamin a fait l'expérience de ranger une armoire une fois" ('Benjamin teve a experiência de arrumar um armário uma vez').

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, o objetivo específico foi investigar o papel da definitude do determinante que introduz o DP complemento verbal para a interpretação de sentenças em FR com *passé composé* enquanto a expressão de eventos resultativos ou experienciais por aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário e avançado. Metodologicamente, reaplicamos o teste de interpretação de sentenças em FR desenvolvido por Bernardes (2024) a aprendizes dessa língua. As hipóteses de partida foram: (i) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de níveis básico/intermediário transferem o padrão de interpretação de sentenças do PB enquanto veiculadoras de eventos resultativos ou experienciais – dependendo do determinante que introduz o DP complemento verbal – à interpretação

de sentenças do FR; e (ii) aprendizes de FR/L2 falantes de PB/L1 de nível avançado não transferem o referido padrão à interpretação de sentenças do FR. Com base nos dados coletados, identificamos que tanto o grupo de aprendizes de nível básico/intermediário quanto o de nível avançado apresentaram comportamento semelhante ao dos falantes nativos de língua francesa, conforme verificado em Bernardes (2024).

Portanto, apenas a hipótese (i) foi refutada, uma vez que os participantes de nível básico/intermediário não transferiram o padrão de interpretação das sentenças de sua L1. Discutiu-se que, talvez, esses participantes seriam mais adequadamente enquadrados como de nível avançado ou, alternativamente, que esses aprendizes, sendo efetivamente de nível básico/intermediário, selecionaram sobretudo a opção de resposta que remetia à interpretação de experiência como uma consequência do fato de ainda não terem consolidado o pareamento de traços de *perfect* à morfologia de *passé composé* no curso de sua aquisição do FR/L2.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Lucas; NUMAKURA, Amanda. Resultado e experiência: leituras aspectuais a partir da definitude do determinante do complemento verbal no português brasileiro. *In*: 12a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro, UFRJ, 2023.

BERNARDES, Lucas. Definitude do complemento verbal e interpretações aspectuais no francês. *In*: 45a Jornada Giulio Massarani de iniciação científica tecnológica, artística e cultura da UFRJ. **Anais...**, Rio de Janeiro, 2024.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris Publications, 1981.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads: A Cross-Linguistic Perspective**. Cambridge: MIT Press, 1999.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

HAWKINS, Roger; CHAN, Cecilia Yuet-hung. The partial availability of Universal Grammar in second language acquisition: the 'failed functional features hypothesis'. **Second Language Research**, v. 13, p. 187-226, 1997.

IATRIDOU, Sabine; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; IZVORSKI, Roumyana. Observations about the form and meaning of the perfect. *In*: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim. (Org.). **Perfect Exploration**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 153-205.

LARDIERE, Donna. Feature-Assembly in Second Language Acquisition. *In*: LICERAS, Juana; ZOBL, Helmut; GOODLUCK, Helen (eds.). **The Role of Formal Features in Second Language Acquisition**. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2008. p. 106-140.

PANCHEVA, Roumyana. The aspectual makeup of Perfect participles and the interpretations of the Perfect. *In*: ALEXIADOU, Artemis; RATHERT, Monika; VON STECHOW, Arnim. (Org.). **Perfect Explorations**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003. p. 277-308.

NESPOLI, Juliana. **Representação mental do perfect e suas realizações nas línguas românicas**: um estudo comparativo. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

CONSELHO DA EUROPA. **Quadro europeu comum de referência para as línguas**: aprendizagem, ensino, avaliação. Porto: Edições ASA, 2001. Disponível em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/quadro_europeu_comum_referencial_0.pdf. Acesso em: 18/ 01/ 2026.

SANT'ANNA, Amanda Alevato de; MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva. Resultado e experiência: leituras aspectuais a partir do ordenamento verbo-advérbio "já" no português brasileiro. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, Campinas, SP, v. 25, n. 50, p. 59-80, jul./dez., 2019.

SCHWARTZ, Bonnie; SPROUSE, Rex. A. L2 cognitive states and the full transfer/full access model. **Second Language Research**, v. 12, p. 40-72, 1996.

VAINIKKA, Anne; YOUNG-SCHOLTEN, Martha. Direct access to X'-theory: Evidence from Korean and Turkish adults learning German. *In*: HOEKSTRA, Teun; SCHWARTZ, Bonnie. (Eds.). **Language acquisition studies in generative grammar**. Amsterdam: John Benjamins, 1994. p. 265-316.

WHITE, Lidia. **Universal Grammar and second language acquisition**. Amsterdam, The Netherlands: John Benjamins Publishing, 1989.

14

*Amanda Alevato de Sant'Anna
Adriana Leitão Martins*

PRODUÇÃO E COMPREENSÃO DOS ASPECTOS PROGRESSIVO, PROSPECTIVO E COMPLETIVO POR UMA CRIANÇA COM TRANSTORNO DO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM:

DADOS DE AQUISIÇÃO DESVIANTE

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem (TDL) afeta o neurodesenvolvimento, prejudicando a produção e a compreensão linguísticas de seus portadores (Cáceres-Assenço *et al.*, 2020). Destacam-se mais especificamente os déficits sintáticos e morfossintáticos desse transtorno, como inconsistências no uso da morfologia flexional e dificuldades com construções sintaticamente complexas (Hermont; Morato, 2014; Scheidnes; Tuller, 2018).

Ressalta-se a importância de estudos de gramáticas desviantes, ou seja, aquelas que se diferem das de indivíduos adultos, saudáveis e nativos de uma língua natural, tais como a de crianças com transtornos de linguagem. Os dados linguísticos de pessoas com transtornos ou patologias de linguagem podem fornecer pistas para o funcionamento da gramática mental de indivíduos adultos saudáveis (Grodzinsky, 1990). Assim, neste estudo, interessa-nos a aquisição de aspecto por uma criança com TDL.

Segundo Comrie (1976), aspecto diz respeito a diferentes formas de visualização da constituição temporal interna de uma situação. Dentre as distintas propostas de classificação de aspecto na literatura, adotamos a de Cinque (1999), que propõe a existência de 23 sintagmas aspectuais na camada flexional, dos quais três são objeto de investigação neste trabalho: aspecto progressivo, aspecto prospectivo e aspecto completivo. O autor, a partir de uma análise translinguística, desenvolveu uma Hierarquia Linear Universal, na qual os sintagmas funcionais estariam fixamente ordenados entre si em todas as línguas naturais. Dessa forma, considerando-se os três sintagmas de interesse para este estudo, a ordem hierárquica que se verifica entre eles é: AspProgressivoP > AspProspectivoP >

AspCompleto(II)P¹ (Cinque, 2006, adaptado). Nessa proposta, lê-se que o sintagma de aspecto progressivo domina o de aspecto prospectivo, que, por sua vez, domina o de aspecto completo. De acordo com hipóteses de aquisição de categorias funcionais no âmbito do gerativismo segundo as quais a maturação linguística ocorre dos sintagmas mais baixos para os mais altos na representação sintática da sentença, como a Hipótese das Árvores Crescentes (Friedmann; Belletti; Rizzi, 2021), o sintagma de completo seria adquirido anteriormente ao sintagmas de prospectivo e progressivo, por exemplo.

A partir disso, o objetivo geral desta pesquisa é contribuir para a caracterização do processo de aquisição linguística atípica da categoria funcional de aspecto. Especificamente, busca-se investigar a aquisição do conhecimento funcional dos aspectos progressivo, prospectivo e completo propostos por Cinque (1999, 2006) por uma criança com TDL adquirindo o português brasileiro (PB). Buscamos testar a seguinte hipótese: a criança investigada apresenta inconsistência na produção e na compreensão dos aspectos completo, prospectivo e progressivo. Tal hipótese justifica-se pelo fato de já terem sido descritas dificuldades com o uso da morfologia flexional pela população com TDL (Miranda, 2024; Sant'Anna, 2025). É importante destacar que a hipótese deste trabalho não gira em torno da verificação da hierarquia estrutural dos sintagmas dos aspectos investigados, por meio de dados de aquisição, em consonância com a Hipótese das Árvores Crescentes (Friedmann; Belletti; Rizzi, 2021), por este ser um estudo de caráter transversal. Assim, para atingir o objetivo, desenvolvemos um estudo transversal de caso com uma criança falante do PB diagnosticada com TDL, a quem foram aplicados dois experimentos linguísticos, sendo um

1 Cinque (2006) propõe dois sintagmas para aspecto completo: AspCompleto(I)P e AspCompleto(II)P. Na próxima seção, detalhamos a diferença entre eles, à luz de Cinque (2006), bem como o recorte de pesquisa empregado neste trabalho, que considera apenas o estudo de AspCompleto(II)P.

de produção e um de compreensão, especialmente desenvolvidos para esta pesquisa².

Este capítulo está organizado da seguinte maneira. Além desta introdução, apresenta-se, na seção seguinte, a fundamentação teórica deste estudo; em seguida, descreve-se a metodologia da pesquisa; na sequência, expõem-se os resultados obtidos e as análises empreendidas; por fim, apresentam-se as considerações finais deste texto.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

De maneira geral, a Cartografia Sintática (Rizzi, 1997; 2001; 2004; Cinque, 1999; 2006; 2010; Belletti, 2004) é um programa que se enquadra na Teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981; 1982; 1986) e no qual se assume uma única representação sintática para todas as línguas naturais. Assim, cada traço sintático necessariamente projeta um núcleo funcional, de modo que se constitui uma hierarquia universal oriunda da Gramática Universal. O objetivo do programa cartográfico é desenhar mapas precisos e refinados da estrutura funcional da sentença.

Mais especificamente, destacamos os trabalhos de Cinque (1999; 2006). O autor analisou advérbios e expressões adverbiais que estão representados na posição de especificador de sintagmas funcionais do espaço expandido do IP, o *Middlefield*, camada da estrutura sintática da sentença na qual estão alocados cerca de vinte e três sintagmas cujos núcleos abrigam, cada um, um traço

2 Este trabalho é um recorte dos resultados preliminares da tese de doutorado em desenvolvimento, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, da primeira autora deste capítulo, Amanda Alevato de Sant'Anna, orientada pela segunda autora deste capítulo, Adriana Leitão Martins. A previsão de defesa da tese é fevereiro de 2028.

diferente de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz, todos rigidamente hierarquizados nas diferentes línguas naturais. Dentre os sintagmas aspectuais que compõem o *Middlefield*, três serão objeto de estudo deste trabalho em desenvolvimento: AspProgressivoP, AspProspectivoP e AspCompletivo(II)P. A seguir, as definições dos traços que nucleiam esses sintagmas aspectuais são apresentadas segundo Cinque (1999; 2006).

O aspecto progressivo diz respeito a uma situação que acontece em um determinado ponto no tempo dentro de um intervalo de tempo maior, como em "Ana está cantando no bar agora". Por sua vez, o aspecto prospectivo refere-se a uma situação que marca um ponto antes do início de um evento, como em "O cachorro quase comeu o bolo". Por fim, o aspecto completivo diz respeito a uma situação télica completada, ou seja, em que se alcançou o ponto final, como em "O cachorro comeu (todo) o bolo".

Vale destacar que Cinque (2006) postula dois sintagmas distintos para aspecto completivo: AspCompletivo (I) e AspCompletivo (II). De acordo com o autor, no primeiro, a interpretação de completude recai sobre o evento, em que cada membro de um conjunto foi afetado, mesmo que não em sua totalidade. No segundo, essa interpretação recai sobre o processo, em que cada membro do conjunto foi totalmente afetado. Em inglês, por exemplo, o uso da partícula "*up*" em uma sentença como "*I ate up the sandwiches*"³, implica, ao mesmo tempo, que todos os sanduíches foram mordidos (foco no evento) e que cada um foi comido totalmente (foco no processo). Neste trabalho, tratamos apenas do estudo de aspecto completivo (II), aquele cuja interpretação de situação completada recai sobre o processo.

De acordo com a Hipótese das Árvores Crescentes (Friedmann; Belletti; Rizzi, 2021), a aquisição das categorias funcionais do *Forefield*⁴ e do *Middlefield* é seriada. Nesse sentido, a ordem de aquisição dos sintagmas projetados na representação sintática se dá de baixo para cima. À luz disso, espera-se que a aquisição dos aspectos investigados siga a hierarquia dos sintagmas a eles relacionados na hierarquia estrutural cinqueniana, em que se observa primeiramente a aquisição dos aspectos alocados em sintagmas mais baixos e posteriormente a daqueles alocados em sintagmas mais acima dessa hierarquia. Contudo, destaca-se que, nesta pesquisa, a verificação dessa aquisição seriada dos sintagmas aspectuais é inviabilizada pelo caráter transversal do estudo. Ainda assim, esta pesquisa pode contribuir com estudos de aquisição de categorias funcionais e verificar se sintagmas aspectuais mais altos na hierarquia podem estar mais comprometidos na gramática mental de crianças com TDL.

A fim de contribuir para a descrição do processo de aquisição de aspecto na população neurotípica, Rodrigues (2023) estudou a aquisição morfofossintática dos aspectos cinquenianos completivo, prospectivo, progressivo, aproximativo, retrospectivo, imperfectivo, continuativo, terminativo, acelerativo e repetitivo. Considerando exclusivamente dados de produção, a autora analisou dados de fala espontânea e semi espontânea de três crianças adquirindo o PB. Uma vez que a ordem de produção dos diferentes aspectos foi divergente dentre as crianças investigadas, não foi possível tecer considerações categóricas acerca da emergência de distintos traços aspectuais na gramática infantil neurotípica.

Considerando que o estudo de gramáticas desviantes, a saber, de indivíduos que não sejam falantes nativos de uma língua,

4

O *Forefield* é também conhecido como CP expandido, ou seja, a camada da estrutura sintática da sentença na qual estão alocados sintagmas cujos núcleos abrigam, cada um, diferentes traços de foco, força, tópico, etc. (Rizzi, 1997; 1999).

adultos e/ou saudáveis, podem fornecer pistas para o funcionamento da gramática mental de indivíduos adultos saudáveis (Grodzinsky, 1990), neste estudo, serão analisados dados de produção e de compreensão de uma criança que se encontra em fase de aquisição desviante do PB, com TDL.

O TDL é caracterizado como um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta o processo de aquisição da linguagem na ausência de déficits primários concomitantes, como deficiência auditiva, deficiência intelectual, comprometimentos no funcionamento neurológico ou déficits comportamentais associados ao Transtorno do Espectro Autista (Leonard, 2017). No que se refere ao conhecimento da flexão verbal nesse transtorno, destacamos o trabalho de Miranda (2024), que empreendeu uma revisão sistemática da literatura focalizando os déficits sintáticos associados à camada flexional da linguagem em indivíduos com TDL, com ênfase nas categorias de tempo, aspecto, modo, modalidade e voz. A autora conclui que é possível haver comprometimento em traços realizados na flexão verbal, mas destaca que a maioria dos trabalhos investigados na revisão relata comprometimento em tempo e concordância.

Em particular, ressaltamos os trabalhos de Yarbay-Duman e Topbaş (2016) e Taha, Stojanovik e Pagnamenta (2021), em que houve considerações acerca do conhecimento aspectual nessa população. Os autores empreenderam estudos de grupo transversal com sujeitos com TDL falantes de, respectivamente, turco e árabe. Em seus resultados, destaca-se o comprometimento dos aspectos perfectivo e imperfectivo nesses indivíduos.

Ao empreender uma revisão sistemática da literatura sobre a expressão de aspecto no TDL, Sant'Anna (2025) verificou uma carência de estudos que versam sobre essa temática, sobretudo no que se refere a dados de compreensão. Contudo, a autora aponta que, mesmo nos poucos estudos sobre aspecto no TDL verificados, essa categoria funcional pode estar comprometida na gramática

mental de crianças com tal transtorno. Ainda assim, os estudos analisados não consideram a proposta de Cinque (1999; 2006) para a investigação da categoria aspectual, o que aponta para a necessidade de ampliação de pesquisas que considerem a proposta de múltiplos traços aspectuais.

Dessa forma, buscamos contribuir para as discussões acerca do processo de aquisição linguística das categorias aspectuais e analisar a gramática de indivíduos com TDL. Considerando que não há descrições na literatura acerca do conhecimento aspectual dessa população à luz da abordagem da Cartografia Sintática (Miranda, 2024; Sant'Anna, 2025), este trabalho também permite uma maior descrição do conhecimento linguístico desses sujeitos com base na proposta cartográfica.

METODOLOGIA

A fim de analisar a aquisição do conhecimento funcional dos aspectos progressivo, prospectivo e completivo, realizamos um estudo de caso de caráter transversal. Os dados linguísticos, obtidos experimentalmente, são de produção e compreensão de uma criança de sete anos com TDL adquirindo PB.

Para a coleta de dados de produção, aplicamos a “tarefa de produção eliciada” (Grolla; Silva, 2014), na qual foram apresentados 12 estímulos-alvo, em formato de ilustração, sendo quatro imagens para suscitar a produção de cada tipo de aspecto investigado. A criança foi apresentada a uma imagem por vez e sua tarefa era descrevê-la. A seguir, as figuras (1), (2) e (3) configuram exemplos dos estímulos-alvo de, respectivamente, aspecto progressivo, aspecto prospectivo e aspecto completivo.

Figura 1 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto progressivo do teste de produção



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Figura 2 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto prospectivo do teste de produção



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Figura 3 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto completivo do teste de produção



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Para a coleta de dados de compreensão, aplicamos a “tarefa de escolha de figuras” (Grolla; Silva, 2014), na qual foram apresentados quatro estímulos voltados para a investigação de cada tipo de aspecto investigado, totalizando 12 estímulos experimentais no teste. A tarefa consistia em a criança sinalizar, dentre três imagens apresentadas em um papel, aquela que correspondia à sentença dita pela pesquisadora, veiculadora de um dos três aspectos investigados. Destaca-se que, dentre as três imagens apresentadas, uma era distratora, a fim de atestar o engajamento da criança com a tarefa. As figuras (4), (5) e (6) configuram exemplos dos estímulos-alvo de, respectivamente, aspecto progressivo, aspecto prospectivo e aspecto completivo.

Figura 4 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto progressivo do teste de compreensão

“A vovó está pintando um quadro agora.”



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Figura 5 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto prospectivo do teste de compreensão

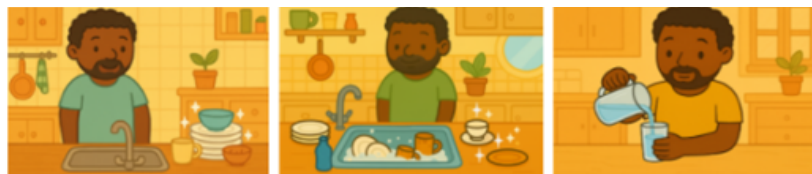
“A abelha quase entrou no copo.”



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Figura 6 – Exemplo de estímulo-alvo de aspecto completivo do teste de compreensão

“O papai lavou toda a louça.”



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Apenas a primeira imagem de cada exemplo configura a ilustração que corresponde à sentença, que era apresentada oralmente

à criança. Além disso, a última imagem de cada exemplo configura a imagem distratora. Cabe destacar, porém, que a distribuição das opções de resposta em termos de resposta correta, alternativa incorreta e opção distratora foram pseudorandomizadas dentre os estímulos do teste.

Em relação aos procedimentos, destacamos que este projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio de Janeiro (CAAE: 94817026.0.0000.5286). A criança com TDL, cujos dados linguísticos foram analisados neste estudo, está em tratamento fonoaudiológico na Clínica Verbalize (Endereço: Rua Dias da Cruz, 155 - Méier, Rio de Janeiro - RJ, 20720-010), onde se deu a aplicação das tarefas de produção e compreensão.

RESULTADO E ANÁLISE

No que se refere aos resultados do teste de produção, houve produção de aspecto progressivo em 75% dos estímulos-alvo dessa condição (3/4), como ilustrado em (1). Em 25% dos estímulos-alvo dessa condição (1/4), contudo, não houve veiculação desse aspecto, como apresentado em (2).

(1) "A coruja tá desenhando um robô."

(2) "A mamãe subiu na escada."

Paralelamente, também houve produção de aspecto prospectivo em 75% dos estímulos-alvo dessa condição (3/4), como ilustrado em (3). Porém, em 25% dos estímulos-alvo dessa condição (1/4), não houve veiculação desse aspecto, como apresentado em (4).

(3) "O garoto quase pegou o peixe."

(4) "O menino derrubou o suco."

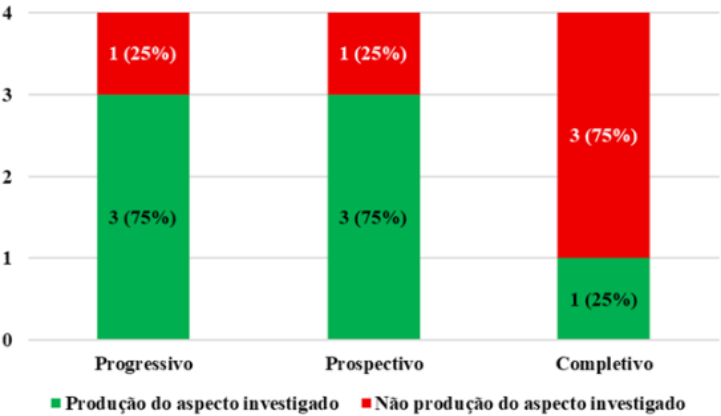
Por sua vez, houve produção de aspecto completivo em apenas 25% dos estímulos-alvo dessa condição (1/4), como ilustrado em (5). Em 75% dos estímulos-alvo dessa condição (3/4), porém, não houve veiculação desse aspecto, como apresentado em (6).

(5) "O macaco comeu toda a banana."

(6) "A mamãe lavou as roupas."

Em relação aos dados de produção, é importante destacar que só consideramos como veiculadores de aspecto completivo os dados em que pudéssemos garantir que o evento atingiu seu ponto final por completo. Em sentenças como (6), defendemos que o verbo conjugado no pretérito perfeito, por si só, não garante a veiculação de completivo, mas de perfectivo. Em outras palavras, não é possível depreender que houve a especificação positiva do traço [+completivo] da situação. Por outro lado, defendemos que a sentença em (5) expressa aspecto completivo, já que a constelação verbal como um todo, a saber, o verbo conjugado no pretérito perfeito mais o quantificador "toda" encabeçando o argumento interno do predicator, garantem que a situação foi realizada por completo. O gráfico em (1) a seguir ilustra os resultados do teste de compreensão.

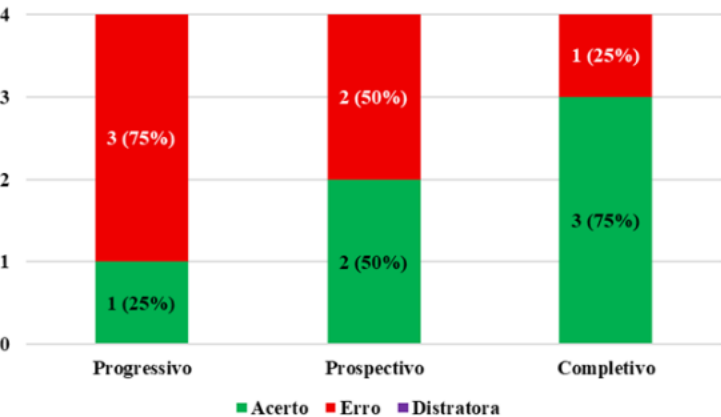
Gráfico 1 – Resumo dos resultados do teste de produção



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

No que se refere aos resultados do teste de compreensão, houve 25% de acertos (1/4) na condição de progressivo, 50% (2/4) na de prospectivo e 75% (3/4) na de completivo. Destacamos ainda que nenhuma opção distratora foi sinalizada pela criança. O gráfico em (2) a seguir ilustra os resultados do teste de compreensão.

Gráfico 2 – Resumo dos resultados do teste de compreensão



Fonte: Elaborado pelas autoras (2026).

Analisando exclusivamente os resultados do teste de produção, com exceção das produções de aspecto completivo, é possível apontar que houve realização linguística dos aspectos investigados de maneira compatível com a produção neurotípica adulta. Ainda, mesmo que não se tenha observado uma produção tão consistente de completivo no teste, pelo menos em um dos estímulos eliciadores desse aspecto, a produção linguística da criança investigada foi conforme a produção neurotípica adulta.

Dessa forma, parece plausível, considerando unicamente os dados de produção, sustentar que a criança já adquiriu ao menos os aspectos progressivo e prospectivo. É ainda possível dizer que a criança possa já ter adquirido o aspecto completivo, caso as não realizações do aspecto em questão na maioria dos estímulos tenham se dado apenas a interpretações alternativas das imagens, revelando um problema metodológico e não um processo de aquisição desse aspecto ainda em andamento.

Por outro lado, analisando exclusivamente os resultados do teste de compreensão, a criança apresentou maior facilidade com completivo e maior dificuldade com progressivo. Dessa forma, se retomarmos a hierarquia sintática cinqueniana no que tange aos sintagmas aspectuais investigados neste estudo, a saber, $AspProgressivoP > AspProspectivoP > AspCompletivo(II)P$ (Cinque, 2006, adaptado), parece razoável defender que, em contraste com os sintagmas funcionais mais próximos ao *Forefield*, aqueles mais próximos da camada lexical parecem ser mais facilmente acessados.

Dessa forma, além de esses resultados mostrarem a pertinência da Hipótese das Árvores Crescentes (Friedmann; Belletti; Rizzi, 2021), já que a criança parece adquirir os sintagmas mais baixos na hierarquia estrutural primeiramente, também parecem estar em consonância com o que se postula na Hipótese da Poda da Árvore (Friedmann; Grodzinsky, 1997). De acordo com essa Hipótese, indivíduos com patologias de linguagem possuem comprometimento

nos sintagmas que estão mais acima na estrutura sintática, enquanto aqueles que estão mais abaixo nessa estrutura arbórea permanecem mais preservados.

Ainda que seja possível analisar os resultados de ambos os testes de maneira isolada, como fizemos acima, é preciso ainda apresentar um confronto dos dados obtidos nos dois testes. Como se pode verificar, a criança mostrou facilidade na produção de aspecto progressivo e dificuldade em sua compreensão, ao passo que mostrou dificuldade na produção de aspecto completivo e facilidade em sua compreensão. Por esse motivo, a hipótese prevista neste estudo, de que a criança investigada apresenta inconsistência na produção e na compreensão dos aspectos completivo, prospectivo e progressivo, não foi refutada, já que o panorama entre produção e compreensão dos aspectos investigados mostrou-se, de fato, incongruente.

Analisando os resultados dos testes de produção e compreensão em confronto, defendemos a existência de duas possibilidades de interpretação. A primeira possibilidade é que já haja, na gramática da criança investigada, a aquisição consolidada dos aspectos progressivo, prospectivo e completivo. Nesse caso, a dificuldade da criança com um aspecto em específico, como o completivo no teste de produção e o progressivo no teste de compreensão, poderia ser justificada por fatores não linguísticos. Mais especificamente, destacamos que o teste de compreensão, por exemplo, pode ter imposto dificuldades extralinguísticas à criança, que pode ter alguma comorbidade associada, como Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), já que ainda está em avaliação clínica. Isso porque a tarefa demandava outros recursos cognitivos para sua resolução, para além do recurso especificamente linguístico, tais como comparar imagens, confrontá-las com a sentença dita pela pesquisadora e selecionar a resposta correta.

A segunda possibilidade é a aquisição ainda não consolidada dos aspectos progressivo, prospectivo e completivo pela criança

investigada, o que justificaria a incongruência dos resultados obtidos nos testes de produção e compreensão. Dessa forma, ainda que, na produção, a criança seja capaz de realizar determinadas construções aspectuais, seu conhecimento acerca dos aspectos estudados ainda pode estar se consolidando, levando aos erros verificados na compreensão desses aspectos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste estudo foi investigar a aquisição do conhecimento funcional dos aspectos progressivo, prospectivo e completivo propostos por Cinque (1999; 2006) por uma criança com TDL adquirindo o PB. Metodologicamente, desenvolvemos um estudo de caso transversal por meio da aplicação de dois testes linguísticos, sendo uma tarefa de produção eliciada e uma tarefa de escolha de figuras, a uma criança de 7 anos falante do PB diagnosticada com TDL. Os resultados obtidos indicaram, por um lado, mais ocorrências de produção do que de não produção dos aspectos progressivo e prospectivo e mais casos de não produção do que produção do aspecto completivo e, por outro lado, mais erros que acertos na compreensão do aspecto progressivo, erros e acertos, no nível da chance, na compreensão do aspecto prospectivo e mais acertos que erros na compreensão do aspecto completivo.

Considerando que os resultados dos dois experimentos foram incongruentes, propomos duas possibilidades de interpretação: (i) é possível que a criança já tenha adquirido os aspectos investigados e questões cognitivas não linguísticas tenham interferido em seu desempenho nos testes; e (ii) é possível que a criança ainda não tenha consolidado a aquisição de todos os aspectos sob análise neste trabalho, justificando a não total congruência dos resultados dos testes de produção e compreensão. Como passos futuros, então,

pretendemos aplicar longitudinalmente os experimentos desenvolvidos nesta e em outras crianças com TDL falantes do PB a fim de tecer maiores considerações acerca do processo de aquisição de linguagem dos aspectos investigados e discutir os dados obtidos à luz da Hipótese das Árvores Crescentes (Friedmann; Belletti; Rizzi, 2021).

REFERÊNCIAS

- BELLETTI, Adriana. Aspects of the low IP area. *In*: CINQUE, Guglielmo. **The structure of CP and IP**. The cartography of syntactic structures, v. 2, 2004. p. 16-51.
- CÁCERES-ASSENÇO, Ana Manhani.; GIUSTI, Elisabete.; GÂNDARA, Juliana Perina PUGLISI, Marina Leite.; TAKIUCHI, Noemi. Por que devemos falar sobre transtorno do desenvolvimento da linguagem. *Audiology. Communication Research*, v. 25, p. 2342, 2020.
- CHOMSKY, Noam. Principles and parameters in syntactic theory. *In*: HORNSTEIN, Norbert; LIGHTFOOT, David W. (eds.). **Explanation in linguistics**: the logical problem of language acquisition. London: Longman, 1981. p. 132-175.
- CHOMSKY, Noam. **Some concepts and consequences of the theory of government and binding**. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 1982.
- CHOMSKY, Noam. **Barriers**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1986.
- CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and Functional Heads**: A Cross-linguistic Perspective. New York: Oxford University Press, 1999.
- CINQUE, Guglielmo. **Restructuring and Functional Heads**: The Cartography of Syntactic Structures. Nova Iorque: Oxford University Press, 2006.
- CINQUE, Guglielmo. **The syntax of adjectives**: a comparative study. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 2010.
- COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.
- FRIEDMANN, Naama; BELLETTI, Adriana; RIZZI, Luigi. Growing trees: The acquisition of the left periphery. **Glossa: a journal of general linguistics**, v. 6, n. 1, 2021.

FRIEDMANN, Naama; GRODZINSKY, Yosef. Tense and agreement in agrammatic production: Pruning the syntactic tree. **Brain and language**, v. 56, n. 3, p. 397-425, 1997.

GRODZINSKY, Yosef. **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge (MA): MIT Press, 1990.

GROLLA, Elaine.; SILVA, Maria Cristina Figueiredo. **Para conhecer**: Aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.

HERMONT, Arabie Bezri; MORATO, Rodrigo Altair. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. **Linguística**, v. 10, n. 1, p. 808-835, 2014.

LEONARD, Laurence B. **Children with specific language impairment**. Cambridge, Massachusetts: The MIT press, 2017.

MIRANDA, Adriane de França Simões. Comprometimento da camada flexional no Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem: uma revisão bibliográfica. *In*: 13ª SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2024.

RIZZI, L. The fine structure of the left periphery. *In*: HAEGEMAN, Liliane. (Org.). **Elements of grammar**: handbook of generative syntax. Dordrecht: Kluwer, 1997, p. 281-337.

RIZZI, Luigi. On the position "Int (errogative)" in the left periphery of the clause. *In*: CINQUE, Guglielmo; SALVI, Giampaolo. (Eds.) **Current studies in Italian syntax**: Essays offered to Lorenzo Renzi, Oxford: Elsevier North-Holland, v. 59, 2001, p. 287-296.

RIZZI, Luigi. Locality and left periphery. **Structures and beyond**: The cartography of syntactic structures, v. 3, p. 223-251, 2004.

RODRIGUES, Nayana Pires da Silva. **Aquisição da categoria funcional aspecto no português do Brasil à luz da teoria cartográfica**. 2023. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SANT'ANNA, Amanda Alevato de. A expressão de aspecto no Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem: uma revisão sistemática da literatura. *In*: **I Encontro Fluminense de Psicolinguística e Neurolinguística**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2025.

SCHEIDNES, Maureen.; TULLER, Laurice. Using clausal embedding to identify language impairment in sequential bilinguals. **Bilingualism: Language and Cognition**, v. 22, n. 5, p. 949-967, 2018.

TAHA, Juhayna; STOJANOVIC, Vesna; PAGNAMENTA, Emma. Expressive verb morphology deficits in Arabic-speaking children with developmental language disorder. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 64, n. 2, p. 561-578, 2021.

YARBAY DUMAN, Tuba; TOPBAŞ, Seyhun. Epistemic uncertainty: Turkish children with specific language impairment and their comprehension of tense and aspect. **International journal of language & communication disorders**, v. 51, n. 6, p. 732-744, 2016.

15

*Amanda Bittencourt Cardozo
Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes Costa*

O FENÔMENO DA ICONICIDADE LINGUÍSTICA NA AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM:

O QUE PODEMOS INFERIR PARA CRIANÇAS
COM PARALISIA CEREBRAL REVISANDO A LITERATURA?

INTRODUÇÃO

A aquisição de linguagem é um processo natural pelo qual as crianças desenvolvem a capacidade de compreender e produzir sua língua materna. Por volta dos cinco anos, a maioria das crianças já domina um conjunto de signos linguísticos complexos – o que evidencia a presença de mecanismos inatos que tornam possível essa aquisição (Grolla, 2006).

Para Saussure (1916/2006), o signo linguístico é a unidade fundamental da língua, formada por duas partes: o significante e o significado. O significante corresponde à imagem da palavra, que pode se apresentar de forma sonora, gestual ou gráfica. Já o significado corresponde ao conceito, à ideia mental associada àquela forma. Por meio da definição de que o signo “une não uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica” (Saussure, 1916/2006, p. 80), Saussure postula que a relação entre significante e significado é arbitrária, ou seja, não há vínculo motivado entre forma e significado¹.

Em uma perspectiva mais pragmatista, autores como Charles Sanders Peirce ao longo de suas obras (1931-1958) trazem contrapontos à definição de Saussure. Para ele, o signo linguístico é composto de três elementos: além do significante e do significado, um componente baseado na semelhança ou proximidade da palavra ao contexto – o qual o autor chama de ícone. Neste caso, um elemento linguístico, portanto, se relaciona com seu referente por semelhança estrutural, sensorial, funcional ou imagética, e não apenas arbitrariamente como afirmava Saussure. Seriam então as palavras adquiridas por semelhança?

1

Para uma discussão sobre arbitrariedade absoluta e relativa, veja Saussure, CLG, 2a. Parte, 6, §3.

Roman Jakobson (1960; 1971) amplia esta discussão, ao evidenciar que a *iconicidade* – semelhança entre a palavra e seu significado – tem várias formas de apresentação. Do ponto de vista fonológico, as onomatopéias são a representação mais característica do fenômeno, em que a forma sonora se assemelha ao som do objeto ou ao evento: como *tic-tac* (para o som do relógio), *miau* (para a emissão sonora do gato), *toc-toc* (para o som de batidas na porta).

Neste sentido, a noção de *iconicidade* surge justamente como contraponto ao signo linguístico: trata-se de uma relação em que aspectos da forma se assemelham a aspectos do significado, de modo direto ou mais abstrato – ou seja, não é arbitrário. É importante notar, porém, que mesmo quando há motivação da forma, esta, não é ativada da mesma maneira para falantes de línguas distintas, mesmo quando advém de um mesmo elemento disparador, características acústicas ou visuais de uma entidade/evento. O latido de um cachorro reproduzido em português vai ser *au-au*, enquanto em inglês vai ser *woof-woof*. O mesmo ocorre com o sinal de “árvore” em diferentes línguas de sinais, que podem ter como motivação a copa da árvore (sinal em Libras) ou seu tronco (sinal em língua de sinais chinesa – LSC).

Estudos apontam para a importância da iconicidade como um facilitador da aprendizagem de palavras, sobretudo aquelas mais concretas e perceptuais (Imai; Kita, 2014; Tolar *et al.*, 2008). No contexto da aquisição infantil, essa discussão sugere que crianças exploram pistas icônicas como facilitadores iniciais do mapeamento entre forma e significado, sobretudo em domínios como onomatopéias, gestos, construções imagéticas e padrões prosódicos (Perniss *et al.*, 2018; Thompson *et al.*, 2012; Perniss; Vigliocco, 2014; Imai; Kita, 2014). Assim, embora o sistema adulto seja predominantemente arbitrário, a presença de iconicidade funcionaria como uma espécie

de *bootstrapping*² no processo de construção do léxico e da gramática. Nessa perspectiva, a iconicidade não contradiz Saussure³, mas complementa sua visão, indicando que a arbitrariedade é um princípio estrutural da língua adulta, enquanto a iconicidade pode desempenhar também⁴ um papel funcional e gradual na entrada da criança no sistema linguístico.

Perniss e Vigliocco (2014), em seu artigo, propõem que a iconicidade é um elemento fundamental em três dimensões centrais: evolução linguística, desenvolvimento infantil e processamento da linguagem. Para eles, a iconicidade é vital para a emergência da linguagem humana, especialmente na infância, em que as crianças se beneficiam de gestos e prosódia para facilitar a associação entre forma e significado. Da mesma forma, acreditam que a iconicidade ajuda a ancorar o processamento linguístico, propondo um modo multimodal de entender como compreendemos e usamos a linguagem, ou seja, quando usamos elementos iconicamente motivados (como gestos que imitam ações, ou palavras que soam como o que representam, como “tic-tac”), ativamos simultaneamente áreas cerebrais ligadas à percepção e à ação, além das áreas tradicionais da linguagem. Isso significa que o cérebro não está só “traduzindo símbolos arbitrários”, mas também fazendo conexões com experiências sensoriais e motoras (como ver, ouvir e tocar – por exemplo, ao ouvir uma palavra como “ziguezaguar”, que tem um som que evoca a movimentação que descreve, o cérebro pode ativar regiões relacionadas ao movimento, facilitando a compreensão).

2 A hipótese de *bootstrapping* está ancorada na ideia de que informações provenientes de um domínio linguístico ajudariam a criança a desvendar outros domínios linguísticos. A hipótese de *bootstrapping*, também chamada de inicialização ou gatilho, em português, já foi discutida para a fonologia, prosódia, semântica e sintaxe (ver Costa, 2015 para uma revisão).

3 O autor reconhece que a arbitrariedade do signo não é absoluta. Em sua obra *Curso de linguística geral*, menciona as onomatopéias como casos de motivação parcial (Saussure, 1916/2006, p. 83) e distingue entre arbitrário absoluto e arbitrário relativo, admitindo graus de motivação no sistema linguístico (Saussure, 1916/2006, p. 152).

4 Indicamos aqui que o papel da iconicidade pode ser enfatizado na aquisição, mas é importante destacar que a iconicidade é um recurso bastante produtivo na estrutura lexical das línguas de sinais.

Sendo a iconicidade um importante elemento para o desenvolvimento linguístico e considerando que crianças com desenvolvimento atípico⁵ frequentemente apresentam transtornos que necessitam de mediação no processo de aquisição da língua, explorar o que revela a literatura sobre a relação entre iconicidade na produção e desenvolvimento da linguagem nas crianças neuroatípicas tem um papel relevante na construção de conhecimento sobre o tema. Neste capítulo, abordaremos hipóteses de relação desse fenômeno de aquisição em crianças com Paralisia Cerebral (PC).

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS: A ICONICIDADE NO DESENVOLVIMENTO ATÍPICO

Sendo a iconicidade um importante gatilho ao desenvolvimento linguístico e considerando que crianças com desenvolvimento atípico apresentam transtornos que necessitam de facilitadores do processo de aprendizado da língua, explorar o que revela a literatura sobre a forma como se apresenta o fenômeno na aquisição dessas crianças tem sido objeto de estudo de pesquisadores, recentemente.

A maioria dos estudos sobre iconicidade nesta população inclui crianças com transtorno do espectro autista (TEA). Hartley e Allen (2015) mostraram a partir de uma tarefa de busca que, ao utilizarem apoio visual com imagens mais icônicas (reais, fotografias ou ilustrações altamente representáveis), essas crianças conseguem produzir palavras ou executar tarefas simples de forma semelhante às crianças com desenvolvimento típico – especialmente quando

5 Aquisição de linguagem em populações nas quais os mecanismos normais de crescimento linguístico, de natureza biológica e universal, encontram-se alterados ou limitados, resultando em trajetórias de desenvolvimento que divergem daquelas observadas em crianças tipicamente desenvolvidas (Lust, 2006).

seu vocabulário receptivo é mais desenvolvido. Já no estudo de Özçalışkan *et al.* (2017), os autores compararam crianças com TEA e Síndrome de Down (SD). Elas encontraram que, embora crianças com TEA e SD produzam a mesma quantidade de gestos icônicos nas fases iniciais de desenvolvimento que as crianças com desenvolvimento típico, as crianças atípicas têm um tempo de transição entre gesto e fala maior. Enquanto crianças com desenvolvimento típico levam até 6 meses em média para produzir oralmente, crianças com desenvolvimento atípico podem levar até 10 meses. Além disso, as autoras também observaram que a capacidade de compreensão desses gestos permanece relativamente preservada. Assim, se o menor tempo de transição gesto/palavra for um marcador de desenvolvimento típico, talvez seja benéfico utilizar a iconicidade nas estratégias terapêuticas. Hipotetizamos, portanto, que talvez fortalecer o contato com elementos icônicos pode atuar como gatilho para o desenvolvimento linguístico em crianças com desenvolvimento atípico.

A revisão sistemática de Demir-Lira e Göksun (2024) é a que mais se aproxima da população que queremos estudar – ao analisar crianças prematuras e com lesões cerebrais. As autoras investigam como o gesto icônico permanece integrado à fala nesta população. Elas revisaram artigos e concluíram que, em contextos de vulnerabilidade neurológica, os gestos continuam a operar em conjunto com a linguagem falada. Dessa forma, se para as crianças prematuras e com lesão encefálica os gestos icônicos permanecem por mais tempo, podemos inferir que as palavras icônicas também poderiam apresentar essa característica na produção linguística das crianças com paralisia cerebral? Tentamos responder essa questão realizando uma revisão geral da literatura sobre a relação entre iconicidade e aquisição da linguagem.

METODOLOGIA

Realizamos uma pesquisa bibliográfica, em outubro de 2025, nas bases de dados PubMed e SciELO, utilizando os seguintes descritores: *iconicity*, *linguistic iconicity* e *iconicity AND acquisition* – em português brasileiro e em inglês.

Foram incluídos 612 estudos no recorte temporal de 2000 até 2025. Como critérios de exclusão, 174 artigos foram removidos por estarem duplicados (já que foram utilizadas duas bases de dados). Os 438 artigos restantes foram avaliados, através da leitura dos títulos, e excluídos por não estarem alinhados com o tema principal (travavam de iconicidade não linguística, ou não se relacionavam com o desenvolvimento da linguagem). Nesta fase, 312 estudos foram descartados, restando 126 para leitura dos resumos. Desses resumos, 78 artigos foram excluídos por dificuldades no acesso, estarem incompletos, fuga ou tangenciamento do tema principal. Foram incluídos então, após todas as triagens, 37 artigos. O artigo número 1, de 1988, foi incluído por se tratar do primeiro estudo no tema – servindo como referência base para a maioria dos textos acessados por completo. Abaixo, segue um quadro resumido com os autores, ano de publicação e título dos estudos selecionados.

Quadro 1 – Resumo da revisão bibliográfica sobre iconicidade e aquisição de linguagem

Autores	Ano	Título
Acredolo & Goodwyn	1988	<i>Symbolic gesturing in normal infants</i>
Massaro	2001	<i>Auditory Visual Speech Processing</i>
Özçalışkan & Goldin-Meadow	2005	<i>Gesture is at the cutting edge of early language development</i>
Maurer, Pathman & Mondloch	2006	<i>The shape of boubas: sound-shape correspondences in toddlers and adults</i>
Imai <i>et al.</i>	2008	<i>Sound symbolism facilitates early verb learning</i>

Tolar <i>et al.</i>	2008	<i>The development of the ability to recognize the meaning of iconic signs</i>
Rowe & Goldin-Meadow	2009	<i>Early gesture selectively predicts later language learning</i>
Smith & Kam	2012	<i>Knowing 'who she is' based on 'where she is': the effect of co-speech gesture on pronoun comprehension</i>
Kantartzis, Imai & Kita	2011	<i>Sound symbolism facilitates word learning</i>
Thompson <i>et al.</i>	2012	<i>The road to language learning is iconic: evidence from British Sign Language</i>
Dingemanse	2012	<i>Advances in the cross-linguistic study of ideophones</i>
Laing	2014	<i>A phonological analysis of onomatopoeia in early word production</i>
Perniss & Vigliocco	2014	<i>The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language</i>
Fay, Ellison & Garrod	2014	<i>Iconicity: from sign to system in human communication and language</i>
Imai & Kita	2014	<i>The sound symbolism bootstrapping hypothesis for language acquisition and language evolution</i>
Perry, Perlman & Lupyan	2015	<i>Iconicity in English and Spanish and its relation to lexical category and age of acquisition</i>
Magid & Pyers	2017	<i>"I use it when I see it": the role of development and experience in Deaf and hearing children's understanding of iconic gesture</i>
Perlman, Dale & Lupyan	2015	<i>Iconicity can ground the creation of vocal symbols</i>
Ortega, Sümer & Özyürek	2017	<i>Type of iconicity matters in the vocabulary development of signing children</i>
Caselli & Pyers	2017	<i>The road to language learning is not entirely iconic: Iconicity, neighborhood density, and frequency facilitate acquisition of sign language</i>
Özçalışkan <i>et al.</i>	2017	<i>Early gesture provides a helping hand to spoken vocabulary development for children with autism, Down syndrome and typical development</i>
Goldin-Meadow & Brentari	2017	<i>Gesture, sign, and language: the coming of age of sign language and gesture studies</i>

Perlman <i>et al.</i>	2018	<i>Iconicity in Signed and Spoken Vocabulary: A Comparison Between American Sign Language, British Sign Language, English, and Spanish</i>
Esteve-Gibert & Guellaï	2018	<i>Prosody in the auditory and visual domains: a developmental perspective</i>
Perniss <i>et al.</i>	2018	<i>Mapping language to the world: the role of iconicity in the sign language input</i>
Lu & Goldin-Meadow	2018	<i>Creating images with the stroke of a hand: depiction of size and shape in sign language</i>
Ortega & Özyürek	2020	<i>Types of iconicity and combinatorial strategies distinguish semantic categories in silent gesture across cultures</i>
Dingemanse, Perlman & Perniss	2020	<i>Construals of iconicity: experimental approaches to form–meaning resemblances in language</i>
Novogrodsky & Meir	2020	<i>Age, frequency, and iconicity in early sign language acquisition: Evidence from the Israeli Sign Language MacArthur–Bates Communicative Developmental Inventory</i>
Sidhu <i>et al.</i>	2021	<i>An investigation of iconic language development in four datasets</i>
Murgiano, Motamedi & Vigliocco	2021	<i>Iconicity in word learning and beyond: a critical review</i>
Nielsen & Dingemanse	2020	<i>Iconicity in word learning and beyond: a critical review</i>
Perry <i>et al.</i>	2021	<i>What is the buzz about iconicity? How iconicity in caregiver speech supports children’s word learning</i>
Gappmayr <i>et al.</i>	2022	<i>Do parents modify child-directed signing to emphasize iconicity?</i>
Sidhu, Khachatourian & Vigliocco	2023	<i>Effects of iconicity in recognition memory</i>
Winter <i>et al.</i>	2023	<i>Iconicity ratings for 14,000 words</i>
Sidhu, Allen & Keeble	2023	<i>Eye movements are guided by the center of gravity of visual features</i>
Benítez-Burraco	s.d.	<i>Sensitivity to ideophones by child non-native speakers increases with age</i>

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Os textos completos foram analisados, buscando revisar o que descreve a literatura sobre o fenômeno da iconicidade em crianças, e relacionar o que se sabe sobre o contexto de desenvolvimento atípico – sobretudo para aquelas com diagnóstico de Paralisia Cerebral.

A PC é um termo que caracteriza um grupo de desordens permanentes e não progressivas do desenvolvimento motor que ocorrem durante o desenvolvimento do feto, o nascimento ou até os 2 anos de idade. Rosenbaum e colaboradores (2007) afirmam ainda que essa disfunção motora usualmente é acompanhada de comorbidades (como distúrbios sensoriais, perceptivos, cognitivos, linguísticos e/ou comportamentais), variando de acordo com o grau de acometimento cerebral e as áreas afetadas. Do ponto de vista linguístico, são esperados comprometimentos sensório-motores e perceptuais na produção oral (como a disartria), dificuldades de acesso lexical (que geram manifestações linguísticas como a anomia) e limitações no planejamento motor da fala (apraxia) (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2013). Essas alterações linguísticas certamente podem gerar maior dependência de pistas contextuais para compreensão.

Dos 38 artigos, 4 incluíam a investigação do fenômeno em crianças com desenvolvimento atípico. Alguns outros, ainda assim, versavam sobre a aquisição em crianças com alterações sensoriais (surdos e cegos). Dessa forma, optamos por trazer nos resultados uma visão geral sobre o tema e, na discussão, levantar hipóteses baseadas no que já se conhece sobre a iconicidade dentro da população que queremos focalizar – as crianças com PC. A seguir, apresentamos os resultados encontrados na revisão, citando os achados mais significativos, e, em sequência, discutiremos mais profundamente as questões que hipotetizamos apresentar alguma associação com o desenvolvimento da linguagem nesta população.

RESULTADO E ANÁLISE

A investigação sobre a relação entre iconicidade e aquisição da linguagem infantil tem raízes nos anos 1990, quando emergiram os primeiros estudos que indicavam que a criança não depende apenas de representações arbitrárias, mas também de pistas visuais presentes no gesto e na fala. Nesse período, o trabalho pioneiro de Acredolo e Goodwyn (1988) demonstrou que os gestos icônicos são um fenômeno comum no desenvolvimento infantil e desempenham um papel importante na transição para as primeiras palavras, sugerindo que a iconicidade pode servir como um gatilho para o desenvolvimento lexical inicial. As autoras realizaram um estudo longitudinal com crianças entre 11 e 24 meses, e observaram o desenvolvimento linguístico ao longo deste período. Elas concluíram que os gestos e palavras integram um mesmo sistema simbólico, ou seja, são formas diferentes de representar mentalmente uma entidade ou evento. Para elas, estimular a produção de gestos pode ajudar no desenvolvimento, pois funcionam como uma espécie de ponte entre comunicação não oral e oral. Anos depois, esse enfoque foi aprofundado por Massaro (2001), que mostrou que crianças integram de forma eficiente pistas visuais e auditivas na compreensão de rótulos, indicando que já nos primeiros anos a criança é sensível à convergência entre diferentes inputs (como gestos e sons e seus significados).

A partir de meados dos anos 2000, os estudos entraram em uma fase de aprofundamento. Foram observadas pesquisas no campo das línguas de sinais, como a de Imai *et al.* (2008) e Tolar *et al.* (2008), que examinaram como a iconicidade facilita a aquisição precoce de verbos, mostrando que correspondências motivadas entre forma e significado aumentam o pareamento lexical. Também nesse período, Rowe e Goldin-Meadow (2009) e Smith e Kam (2012) reforçaram que a criança interpreta sinais icônicos como apoio explícito ao significado linguístico, destacando a importância do gesto-fala

como um sistema integrado; Kantartzis, Imai e Kita (2011) evidenciaram o poder do simbolismo sonoro no aprendizado de palavras em crianças falantes de inglês, mesmo quando os estímulos vinham de produções orais da língua japonesa (um forte indicativo de mecanismos inatos de aquisição). Özçalışkan e Goldin-Meadow (2005) demonstraram, em linguas orais, que a aprendizagem de verbos é fortemente apoiada por gestos icônicos, enquanto Maurer, Pathman e Mondloch (2006) revelaram que crianças pequenas são sensíveis a correspondências som-forma emblemáticas, como o clássico efeito *bouba/kiki*.⁶

A partir de 2010, Dingemanse (2012) propõe um salto conceitual: a iconicidade passa a ser tratada como princípio central da aquisição. No mesmo ano, Thompson *et al.* (2012) investigaram o impacto da iconicidade no acesso lexical, mostrando que tanto crianças quanto adultos se beneficiam desse tipo de motivação na recuperação de itens lexicais. Entre 2014 e 2015, ocorreu uma expansão desse conceito, e Laing (2014) relacionou o balbúcio e o surgimento de palavras às qualidades icônicas da fala infantil. Dois trabalhos influentes, Perniss e Vigliocco (2014) e Fay, Ellison e Garrod (2014), posicionaram a iconicidade como uma ponte essencial entre a experiência sensorio-motora e o surgimento da linguagem. Nesse mesmo contexto, Imai e Kita (2014) formularam a teoria do *sound-symbolism bootstrapping*⁷, que se tornaria uma das hipóteses centrais sobre iconicidade e aquisição. Em 2015, três contribuições importantes fortaleceram o vínculo entre iconicidade e aquisição: Perry, Perlman e Lupyan (2015) mostraram que palavras mais icônicas tendem a aparecer mais cedo no léxico infantil; Magid e Pyers (2017) discutiram

6 Fenômeno linguístico no qual pessoas associam sistematicamente certos sons a certas formas visuais, mesmo sem instrução prévia (como em “bouba” para formas arredondadas e “kiki” para pontiagudas). É uma das evidências mais fortes de que a linguagem não é totalmente arbitrária: há tendências naturais de ligação entre som e forma daquilo a que o som remete.

7 Proposto por Imai e Kita (2014) para explicar como padrões sonoros que carregam iconicidade podem atuar como pistas facilitadoras na aprendizagem de palavras por crianças. Deriva da ideia de *bootstrapping*, já abordada anteriormente.

a acentuação gestual na fala dirigida à criança; e Perlman, Dale e Lupyan (2015) investigaram a influência da iconicidade na organização estrutural do vocabulário infantil.

A partir de 2017, há uma explosão de estudos em línguas de sinais, marcando uma fase decisiva na consolidação da iconicidade como fenômeno linguístico e parte do processo de aquisição (Goldin-Meadow; Brentari, 2017). As autoras marcam que a maturidade na discussão entre gestos e línguas de sinais foi alcançada, sendo possível discutir iconicidade das línguas de sinais sem uma perspectiva “inferiorizante”, perspectiva capacitista, o que é fundamental visto que a iconicidade nesta modalidade, gesto-visual, é maior do que na modalidade oral-auditiva.

Nesse ano, surgem importantes estudos em ASL⁸ e outras línguas de sinais: Ortega, Sümer & Özyürek (2017) demonstraram que diferentes tipos de iconicidade afetam de forma diferenciada o desenvolvimento lexical; Caselli e Pyers (2017) investigaram iconicidade como facilitador no léxico infantil; Goldin-Meadow; Brentari (2017) discutiram a estrutura fonológica da iconicidade em sinais adquiridos por crianças; Magid e Pyers (2017) reforçaram a relevância do gesto icônico no desenvolvimento; Benítez-Burraco (s.d.) demonstraram sensibilidade infantil a sons iconicamente motivados, em crianças ouvintes; Perlman *et al.* (2018) estabeleceram normas de iconicidade para léxicos sinalizados e falados; Esteve-Gibert e Guellaï (2018) exploraram o papel conjunto de prosódia e gesto; Perniss *et al.* (2018) mostraram que o input sinalizado dirigido à criança é altamente icônico; e Lu e Goldin-Meadow (2018) investigaram gestos icônicos no ensino de conceitos relacionais.

Nos anos seguintes, o foco passou a integrar bilinguismo, evolução da linguagem e análises estatísticas mais robustas. Nielsen e Dingemanse (2020) relacionaram iconicidade e transparência

semântica; Ortega e Özyürek (2020) sintetizaram como iconicidade atravessa todas as modalidades linguísticas e, em paralelo, estudos experimentais e de *corpus* como Dingemanse, Perlman e Perniss (2020), Novogrodsky e Meir (2020) e Murgiano, Motamedi e Vigliocco (2021) consolidaram o entendimento de que sistemas icônicos emergem naturalmente em contextos comunicativos e são explorados pelas crianças na aquisição da língua.

A partir de 2021, observa-se uma ampliação dos estudos de forma mais específica. Começa a ser abordada a relação da iconicidade com cada domínio linguístico. No trabalho de Sidhu *et al.* (2021), foram examinadas a presença de iconicidade no vocabulário de crianças de 4 a 11 anos; Murgiano, Motamedi e Vigliocco (2021) propuseram uma abordagem ainda mais aprofundada, relacionando cada domínio linguístico com o fenômeno; e Perry *et al.* (2021) reforçaram o papel da iconicidade na fala dirigida à criança. Em línguas de sinais, estudos longitudinais continuam com Gappmayr *et al.* (2022), que mostraram como cuidadores exageram a iconicidade no input sinalizado. Nielsen e Dingemanse (2020) ofereceram uma revisão crítica abrangente sobre o que se sabe até então. Por fim, os últimos dois anos marcam a consolidação da robustez das pesquisas nesse ramo, com estudos como Sidhu, Khachatoorian e Vigliocco (2023), que investigaram o impacto da iconicidade na memória, e Winter *et al.* (2023), que publicaram o maior banco de dados já produzido sobre iconicidade lexical (>14 mil palavras), demonstrando que a iconicidade é mais difundida, sistemática e relevante do que se supunha.

Em síntese, a trajetória desde os anos 2000 até 2023 revela um movimento de expansão: começa com a iconicidade gestual, avança para a língua oral, alcança as línguas de sinais, integra-se a diferentes formas de adquirir linguagem de maneira cada vez mais específica e finalmente chega à modelagem computacional, consolidando a iconicidade como pilar do desenvolvimento linguístico infantil e não como exceção periférica do sistema. A partir de então, podemos discutir quais seriam as possibilidades de estudo

do fenômeno na criança com desenvolvimento atípico, sobretudo aquelas com Paralisia Cerebral.

DISCUSSÃO

Embora a literatura sobre iconicidade na aquisição da linguagem tenha avançado de forma robusta nas últimas décadas, abrangendo múltiplos domínios da linguagem (gestual e sonoro), há uma lacuna significativa no estudo do fenômeno em crianças com Paralisia Cerebral. Dos 38 artigos analisados, nenhum investigou diretamente a iconicidade no contexto da PC, o que reforça tanto a originalidade quanto a relevância dessa revisão e do levantamento de hipóteses. Os dados sobre desenvolvimento típico e atípico permitem inferir caminhos plausíveis para compreender como crianças com PC podem se beneficiar de pistas iconicamente motivadas durante a aquisição da linguagem.

Os achados da literatura geral demonstram que a iconicidade funciona como um facilitador robusto do mapeamento forma-significado, sobretudo nas fases iniciais do desenvolvimento (Acredolo; Goodwyn, 1988; Imai *et al.*, 2008; Perry; Perlman; Lupyan, 2015). As crianças em desenvolvimento típico são sensíveis a gestos, prosódia, estrutura fonológica e padrões sensorio-motores que incorporam elementos para estruturar seu vocabulário inicial. Estudos como os de Maurer, Pathman e Mondloch (2006) e Kantartzis, Imai e Kita (2011) demonstram que essa sensibilidade é precoce, revelando que o cérebro infantil dispõe de mecanismos cognitivos eficientes para detectar correspondências motivadas.

Ao transportar essa compreensão para o campo do desenvolvimento atípico, observa-se que, mesmo em quadros neurológicos ou sensoriais com impacto sobre a aquisição da linguagem, a iconicidade tende a se preservar como recurso comunicativo. Isso é explicitado por estudos com TEA, nos quais se afirma que a compreensão

de gestos icônicos permanece relativamente intacta nessa população (Özçalışkan *et al.*, 2017), e essas crianças apresentam melhor desempenho linguístico quando expostas a materiais altamente icônicos, como fotografias ou figuras com correspondência visual mais evidente (Hartley; Allen, 2015). De modo semelhante, a revisão de Demir-Lira e Göksun (2024) indica que, em crianças com vulnerabilidade neurológica (prematuridade, lesão cerebral), o sistema de associação da fala com o gesto continua integrado – o que poderia funcionar como uma “ponte”, compensando as limitações linguísticas.

Com base nessa revisão, podemos pensar em algumas hipóteses. Talvez, a iconicidade persista ou até se intensifique quando o sistema linguístico encontra barreiras, funcionando como via complementar de acesso ao significado. Assim, ainda que a criança tenha dificuldades motoras, perceptuais ou linguísticas, elementos iconicamente motivados poderiam reduzir a carga de processamento, favorecendo associações mais diretas entre a forma linguística e a expressão da linguagem. Nesse sentido, embora não existam estudos específicos sobre PC, é possível refletir, fundamentado na literatura revisada, sobre como a iconicidade poderia atuar no desenvolvimento linguístico dessas crianças.

Diante desse quadro, talvez a iconicidade possa operar como um mecanismo de compensação, reduzindo a arbitrariedade da língua e oferecendo pistas multimodais mais acessíveis. Por exemplo, palavras com traços simbólicos (como onomatopeias) podem fornecer ao cérebro da criança com PC uma espécie de atalho, ativando áreas perceptuais e motoras associadas à ação ou ao objeto – processo amplamente discutido por Perniss e Vigliocco (2014). Além disso, considerando que crianças com PC frequentemente se beneficiam de gestos adaptados, comunicação multimodal e sistemas alternativos de comunicação, a presença de elementos icônicos nesses meios (gestos naturais, produções orais onomatopéicas e figuras) pode favorecer a compreensão e a produção, tal como observado em outros diagnósticos.

Outro ponto central revelado pela revisão é que a iconicidade também opera como facilitador da aprendizagem de verbos e ações, uma categoria que pode estar afetada em crianças com PC devido à dificuldade em experimentar plenamente o movimento corporal – assim como observamos nas crianças cegas. Nesse caso, a forma icônica pode ajudar a construir representações mais estáveis sobre ações e eventos, compensando limitações motoras reais. Estudos como os de Imai *et al.* (2008), Özçalışkan e Goldin-Meadow (2005) e Benítez-Burraco (s.d.) mostram que crianças aproveitam essas pistas para formar categorias verbais mais rapidamente, o que sugere que crianças com PC podem apresentar um ganho particular ao utilizar formas icônicas para representar eventos complexos.

Por fim, considerando o impacto frequente da PC nas vias de acesso lexical, a literatura sobre iconicidade no desenvolvimento típico indica que palavras mais iconicamente motivadas são adquiridas mais cedo, retidas por mais tempo e recuperadas com maior facilidade (Perlman *et al.*, 2018; Sidhu; Allen; Keeble, 2023). Assim, é plausível supor que a iconicidade possa ser utilizada como estratégia terapêutica e pedagógica, especialmente em quadros nos quais a criança apresenta anomias, pausas prolongadas, simplificações ou dificuldades na evocação lexical – fenômenos comuns na PC.

Embora não existam estudos diretos, os resultados da revisão permitem propor que crianças com PC podem se beneficiar de pistas icônicas tanto para compreender quanto para produzir, e que esse fenômeno pode atuar como um mediador essencial para mitigar limitações linguísticas decorrentes de comprometimentos neurológicos. Dessa forma, a iconicidade se apresenta não apenas como recurso teórico, mas como via promissora para pesquisa e intervenção clínica, sugerindo que investigações futuras devem explorar de forma sistemática o papel de palavras iconicamente motivadas no desenvolvimento da linguagem em crianças com PC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apresentada ao longo deste texto sugere que a iconicidade não se limita às fases iniciais da aquisição lexical, mas pode permanecer como um recurso linguístico relevante na construção da expressão da linguagem de crianças com desenvolvimento atípico e transtornos de linguagem, como aquelas com paralisia cerebral. A hipótese levantada aqui de que palavras iconicamente motivadas continuem a integrar a expressão oral nessas crianças se baseia na revisão da literatura e na observação de fenômenos na prática clínica fonoaudiológica (como a anomia) e parece promissora para explicar como o comprometimento nas habilidades de acesso lexical favorece o uso de estratégias compensatórias – que podem ser incorporadas ao vocabulário. Ao pensar em explorar essa possibilidade, contribuimos para ampliar a compreensão sobre os processos de aquisição da linguagem em contextos distintos, oferecendo subsídios tanto teóricos quanto metodológicos para pesquisas futuras e para práticas clínicas em fonoaudiologia. O presente capítulo se apresenta como um primeiro trabalho na discussão da iconicidade na população com PC e sugere a premência de estudos experimentais para confirmar ou não as hipóteses aqui levantadas.

REFERÊNCIAS

ACREDOLO, Linda P.; GOODWYN, Susan W. Symbolic gesturing in normal infants. **Child Development**, v. 59, n. 2, p. 450-466, 1988.

BENÍTEZ-BURRACO, Antonio. Sensitivity to ideophones by child non-native speakers increases with age. **Preprint**, [s.d.]. Disponível em: <https://scispace.com/pdf/child-sensitivity-to-ideophones-by-non-native-speakers-fattxbp0ie.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2026.

CASELLI, Naomi K.; PYERS, Jennie E. The road to language learning is not entirely iconic: Iconicity, neighborhood density, and frequency facilitate acquisition of sign language. **Psychological Science**, v. 28, n. 7, p. 979-987, 2017.

COSTA, Marília Uchôa Cavalcanti Lott de Moraes. Argument Structure in Language Acquisition: an ERP Study. 2015. 174f. Tese (Doutorado em Linguística) – **Faculdade de Letras**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

DEMIR-LIRA, Özlem Ece; GÖKSUN, Tilbe. Through thick and thin: gesture and speech remain as an integrated system in atypical development. **Topics in Cognitive Science**, v. 17, n. 3, p. 508-526, jul. 2025. DOI: 10.1111/tops.12739. Publicado online em 10 jun. 2024.

DINGEMANSE, Mark. Advances in the cross-linguistic study of ideophones. **Language and Linguistics Compass**, v. 6, p. 654-672, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1002/lnc3.361>

DINGEMANSE, Mark; PERLMAN, Marcus; PERNISS, Pamela. Construals of iconicity: experimental approaches to form–meaning resemblances in language. **Language and Cognition**, Cambridge, v. 12, n. 1, p. 1-14, 2020.

ESTEVE-GIBERT, Núria; GUELLAÏ, Bahia. Prosody in the auditory and visual domains: a developmental perspective. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 338, 2018.

FAY, Nicolas; ELLISON, T. Mark; GARROD, Simon. Iconicity: from sign to system in human communication and language. **Pragmatics & Cognition**, Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, v. 22, n. 2, p. 244-263, 2014.

GAPPMAYR, Patrick; LIEBERMAN, Amy M.; PYERS, Jennie E.; CASELLI, Naomi K. Do parents modify child-directed signing to emphasize iconicity?. **Frontiers in Psychology**, v. 13, 920729, 2022. DOI: 10.3389/fpsyg.2022.920729

GOLDIN-MEADOW, Susan; BRENTARI, Diane. Gesture, sign, and language: the coming of age of sign language and gesture studies. **Behavioral and Brain Sciences**, v. 40, e46, 2017.

GROLLA, Elaine. **A aquisição da linguagem**. Material didático para o Curso de Letras-LIBRAS. Florianópolis: UFSC, 2006.

HARTLEY, Calum; ALLEN, Melissa Louise. Iconicity influences how effectively minimally verbal children with autism and ability-matched typically developing children use pictures as symbols in a search task. **National Autistic Society**, v. 19, n. 5, p. 570-579, 2015.

IMAI, Mutsumi; KITA, Sotaro. The sound symbolism bootstrapping hypothesis for language acquisition and language evolution. **Philosophical Transactions of the Royal Society B**, v. 369, n. 1651:20130298, 2014. DOI: 10.1098/rstb.2013.0298.

IMAI, Mutsumi; KITA, Sotaro; NAGUMO, Miho; OKADA, Hiroyuki. Sound symbolism facilitates early verb learning. **Cognition**, [S.l.], v. 109, n. 1, p. 54-65, 2008.

JAKOBSON, Roman. Closing statement: linguistics and poetics. *In*: SEBEOK, Thomas Albert (org.). **Style in language**. Cambridge, MA: MIT Press, 1960. p. 350-377.

JAKOBSON, Roman. Quest for the essence of language. **Diacritics**, v. 2, n. 2, p. 21-37, 1971.

KANTARTZIS, Katerina; IMAI, Mutsumi; KITA, Sotaro. Sound symbolism facilitates word learning. **Cognitive Science**, v. 35, p. 575-586, 2011.

LAING, Catherine. A phonological analysis of onomatopoeia in early word production. **First Language**, v. 34, n. 5, p. 387-405, 2014.

LU, Jenny C.; GOLDIN-MEADOW, Susan. Creating images with the stroke of a hand: depiction of size and shape in sign language. **Frontiers in Psychology**, v. 9, p. 1276, 2018.

LUST, Barbara. **Child language**: acquisition and growth. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

MAGID, Rachel W.; PYERS, Jennie E. "I use it when I see it": the role of development and experience in Deaf and hearing children's understanding of iconic gesture. **Cognition**, v. 162, p. 73-86, 2017.

MASSARO, Dominic W. Auditory visual speech processing. *In*: EUROSPEECH, 2001, Scandinavia. Proceedings. [S.l.]: **International Speech Communication Association**, 2001.

MAURER, Daphne; PATHMAN, Thanujeni; MONDLOCH, Catherine Jane. The shape of boubas: sound-shape correspondences in toddlers and adults. **Developmental Science**, v. 9, n. 3, p. 316-322, 2006. DOI: 10.1111/j.1467-7687.2006.00495.x.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (Brasil). **Diretrizes de atenção à pessoa com paralisia cerebral**. Brasília, 2013. Disponível em: www.saude.gov.br.

MURGIANO, Margherita; MOTAMEDI, Yasamin; VIGLIOCCO, Gabriella. Iconicity in word learning and beyond: a critical review. **Cognitive Science**, e12992, 2021. DOI: 10.1177/0023830920914339

NIELSEN, Alan K. S.; DINGEMANSE, Mark. Iconicity in word learning and beyond: a critical review. **Language and Speech**, v. 63, n. 4, p. 1-28, 2020.

NOVOGRODSKY, Rama; MEIR, Natalia. Age, frequency, and iconicity in early sign language acquisition: Evidence from the Israeli Sign Language MacArthur-Bates Communicative Developmental Inventory. **Applied Psycholinguistics**, Cambridge, v. 41, n. 5, p. 1-29, 2020.

ORTEGA, Gerardo; SÜMER, Berna; ÖZYÜREK, Aslı. Type of iconicity matters in the vocabulary development of signing children. **Developmental Psychology**, v. 53, n. 1, p. 89-99, 2017.

ORTEGA, Gerardo; ÖZYÜREK, Aslı. Types of iconicity and combinatorial strategies distinguish semantic categories in silent gesture across cultures. **Language and Cognition**, v. 12, n. 1, p. 84-113, 2020.

ÖZÇALIŞKAN, Şeyda; ADAMSON, Lauren B.; DIMITROVA, Nevena; BAUMANN, Stephanie. Early gesture provides a helping hand to spoken vocabulary development for children with autism, Down syndrome and typical development. **Journal of Cognition and Development**, v. 18, n. 3, p. 325-337, 2017.

ÖZÇALIŞKAN, Şeyda; Susan, GOLDIN-MEADOW. Gesture is at the cutting edge of early language development. **Cognition**, v. 96, n. 3, p. B101-113, jul. 2005.

PERRY, Lynn K.; PERLMAN, Marcus; LUPYAN, Gary. Iconicity in English and Spanish and its relation to lexical category and age of acquisition. **PLoS ONE**, v. 10, n. 9, e0137147, 2015.

PERRY, Lynn K.; CUSTODE, Sarah A.; FASANO, Rita M.; GONZALEZ, Bianca M.; SAVY, Joshua D. What is the buzz about iconicity? How iconicity in caregiver speech supports children's word learning. **Cognitive Science**, v. 45, n. 4, e12976, 2021.

PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Tradução de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1995. (Baseado em Collected Papers of Charles Sanders Peirce, 1931-1958).

PERLMAN, Marcus; DALE, Rick; LUPYAN, Gary. Iconicity can ground the creation of vocal symbols. **Royal Society Open Science**, v. 2, n. 8, e150152, 2015.

PERLMAN, Marcus; LITTLE, Hannah; THOMPSON, Bill; THOMPSON, Robin L. Iconicity in signed and spoken vocabulary: a comparison between American Sign Language, British Sign Language, English, and Spanish. **Frontiers in Psychology**, v. 9: 1433, 2018. DOI: 10.3389/fpsyg.2018.01433

PERNISS, Pamela; VIGLIOCCO, Gabriella. The bridge of iconicity: from a world of experience to the experience of language. **Philosophical Transactions of the Royal Society B: Biological Sciences**, v. 369, n. 1651, 20130300, 2014.

PERNISS, Pamela; LU, Jenny C.; MORGAN, Gary; VIGLIOCCO, Gabriella. Mapping language to the world: the role of iconicity in the sign language input. **Developmental Science**, v. 21, n. 2, e12551, 2018.

ROSENBAUM, Peter; PANETH, Nigel; LEVITON, Alan; GOLDSTEIN, Murray; BAX, Martin; DAMIANO, Diane; DAN, Bernard; JACOBSSON, Bo. A report: the definition and classification of cerebral palsy. **Developmental Medicine & Child Neurology**, v. 49, supl. s109, p. 8-14, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1469-8749.2007.tb12610.x>

ROWE, Meredith L.; GOLDIN-MEADOW, Susan. Early gesture selectively predicts later language learning. **Developmental Science**, v. 12, n. 1, p. 182-187, 2009.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SMITH, Whitney Goodrich; KAM, Carla L. Hudson. Knowing 'who she is' based on 'where she is': the effect of co-speech gesture on pronoun comprehension. **Language and Cognition**, v. 4, n. 2, p. 75-98, 2012.

SIDHU, David M.; KHACHATOORIAN, Nareg; VIGLIOCCO, Gabriella. Effects of iconicity in recognition memory. **Cognitive Science**, v. 47, n. 11, e13382, 2023.

SIDHU, David M.; WILLIAMSON, Jennifer; SLAVOVA, Velina; PEXMAN, Penny M. An investigation of iconic language development in four datasets. **Journal of Child Language**, Cambridge, p. 1-15, 2021.

SIDHU, Shumetha K.; ALLEN, Harriet A.; KEEBLE, David R.T. Eye movements are guided by the center of gravity of visual features. **Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance**, v. 210: 108264, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.visres.2023.108264>.

THOMPSON, Robin L.; VINSON, David P.; WOLL, Bencie; VIGLIOCCO, Gabriella. The road to language learning is iconic: evidence from British Sign Language. **Psychological Science**, v. 23, n. 12, p. 1443-1448, 2012.

TOLAR, Tammy D.; LEDERBERG, Amy R.; GOKHALE, Sonali; TOMASELLO, Michael. The development of the ability to recognize the meaning of iconic signs. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, v. 13, n. 2, p. 225-240, 2008.

WINTER, Bodo; PERNISS, Pamela; DINGEMANSE, Mark; IMAI, Mutsumi. Iconicity ratings for 14,000 words. **Behavior Research Methods**, v. 55, n. 2, p. 882-895, 2023.

parte **4**

**ESTUDOS EM GRAMÁTICAS
DESVIANTES:**
NEUROATIPICIDADE E PATOLOGIA

16

Jean Carlos da Silva Gomes

ADEQUAÇÃO NEUROLÓGICA PARA A TEORIZAÇÃO LINGÜÍSTICA:

DIFERENTES ESCOPOS DE PESQUISA
EM BIOLOGIA DA LINGUAGEM

INTRODUÇÃO

Caráter de inovação e potencial para novas descobertas são critérios que norteiam a viabilidade do fazer científico atual. Nessa direção, as especificidades teóricas, metodológicas e conceituais contribuíram para uma progressiva ramificação das ciências em blocos cada vez mais especializados, sendo a interação entre esses múltiplos campos denominada interdisciplinaridade.

Esse movimento permitiu um refinamento significativo em distintas áreas de investigação. Apesar disso, pode-se inferir que o fazer científico em qualquer ramo mantém sempre uma motivação mais ampla, mais geral e menos delimitada, aquela que não deve ser esquecida nem relegada a um plano secundário. Essa motivação, em grande parte das vezes, pressupõe a articulação entre distintas áreas científicas, de modo que a interdisciplinaridade não deva ser compreendida como um complemento, mas como o próprio fundamento da atividade científica.

Neste capítulo, propõe-se retomar algumas dessas motivações mais fundamentais no âmbito da Linguística e discutir, de forma específica, como a caracterização neurológica da linguagem deve integrar a teorização linguística, constituindo um critério indispensável para modelos que pretendem descrever a Faculdade da Linguagem. Para tanto, revisam-se estudos sobre as categorias linguísticas de tempo e aspecto e examina-se sua compatibilidade com o critério de adequação neurológica formulado por Grodzinsky (1990).

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se esta breve introdução; na segunda, discorre-se sobre a relação entre a Linguística e o estudo da espécie humana em sentido amplo; na terceira, aborda-se o conceito de adequação neurológica; na quarta, exemplifica-se sua aplicação em estudos que envolvem a investigação sobre tempo e aspecto; na quinta, discorre-se

sobre outras aplicações práticas dos estudos linguísticos para além da adequação neurológica; e, por fim, apresentam-se as considerações finais do capítulo.

A LINGUÍSTICA E O SER HUMANO

A Linguística, área destinada ao estudo científico da linguagem (Cunha; Costa; Martelotta, 2013; Fiorin, 2019), está consolidada como um ramo de ciência desde o início do século XX e, com o passar dos anos, um avanço inestimável foi alcançado em pouco mais de um século. As múltiplas abordagens teóricas adotadas ao longo dessa trajetória partiram de motivações distintas para investigar a linguagem; contudo, persistem questionamentos fundamentais que atravessam o fazer científico da Linguística, independentemente do quadro teórico adotado. Assim, podem-se levantar os seguintes questionamentos: (i) por que estudar a linguagem configura-se como uma prática científica? (ii) por que estudar linguagem é importante? e (iii) por que a linguística integra o domínio das ciências humanas?

Mioto, Silva e Lopes (2013) argumentam que a Linguística é uma ciência em sentido pleno, comparando-a com a Física. Tal como esta, a Linguística possui um objeto de estudo, delimita seu referido objeto, observa atenta e acuradamente os fenômenos investigados, formula padrões abstratos e princípios que sejam capazes de explicar os fenômenos observados, é capaz de fazer predição de novos fenômenos e possui modelos teóricos e metalinguagem suficientemente acurada para garantir que os princípios formulados sejam interpretados de maneira inequívoca.

Essa referida ciência tem como objeto de estudo a linguagem, que pode ser definida como “uma habilidade (...) que apenas os seres humanos possuem de se comunicar por meio de línguas” (Cunha; Costa; Martelotta, 2013, p. 16). Como se pode ver, o termo

linguagem está intrinsecamente relacionado à espécie humana. Na mesma direção, Fiorin (2019, p. 13) afirma:

A linguagem é a capacidade específica da espécie humana de se comunicar por meio de signos. Entre as ferramentas culturais do ser humano, a linguagem ocupa um lugar à parte, porque o homem não está programado para aprender física ou matemática, mas está programado para falar, para aprender línguas, quaisquer que elas sejam. Todos os seres humanos, independentemente de sua escolaridade ou de sua condição social, a menos que tenham graves problemas psíquicos ou neurológicos, falam. Uma criança, por volta dos três anos de idade, já domina esse dispositivo extremamente complexo que é uma língua (Fiorin, 2019, p. 13).

Definida como uma habilidade exclusiva da espécie humana, a linguagem integra o conjunto de características consideradas distintivas dessa espécie. Andrade, Silva e Passos (2007) apontam cinco aspectos definidores dos seres humanos: (i) andar bípede e habilidades motoras finas; (ii) sociabilidade, organização social complexa e cooperação; (iii) cultura cumulativa, educação e ensino; (iv) autoconsciência, raciocínio abstrato, consciência moral e ética; e (v) linguagem complexa. Observa-se, portanto, que a linguagem figura entre os elementos estruturantes da condição humana. Retomando-se a motivação inicial da Linguística, pode-se afirmar que essa área busca compreender aspectos essenciais do que nos constitui como espécie.

Cunha, Costa e Martelotta (2013, p. 16) destacam que “a capacidade da linguagem, eminentemente humana, parece implicar um conjunto de características”, o que envolve fatores motores, cognitivos, neurobiológicos, socioculturais e comunicativos. Algumas abordagens teóricas enfocam aspectos da linguagem que são desenvolvidos ao longo da vida por meio da interação com outros seres humanos, enquanto outras, como a teoria gerativa, buscam identificar os componentes inatos dessa capacidade cognitiva.

Na perspectiva gerativista, parte-se do pressuposto de que a linguagem tem base na própria biologia humana (Chomsky, 1959). Defende-se, nessa direção, que falantes de diferentes línguas dispõem de um mecanismo inato que possibilita o desenvolvimento espontâneo da linguagem, sendo necessário apenas que o indivíduo tenha contato com dados linguísticos durante o período crítico de aquisição (Lenneberg, 1967; Chomsky, 1988). A pesquisa linguística de orientação gerativista concentra-se, sobretudo, em compreender esse mecanismo inato e investigar como ele permite a construção do conhecimento sobre a estrutura da língua materna, buscando, assim, identificar quais propriedades da linguagem advêm da própria constituição biológica da espécie.

Nessa direção, a pesquisa gerativa estabeleceu diálogos importantes com a psicologia, a neurologia e outros ramos das ciências naturais envolvidos na caracterização biológica do ser humano. Na próxima seção deste capítulo, discute-se uma aplicação dessa relação com a biologia com foco na noção de adequação neurológica e em como esta pode ser considerada no desenvolvimento de estudos linguísticos sob o escopo dessa teoria.

ADEQUAÇÃO NEUROLÓGICA NA TEORIZAÇÃO DA LINGUAGEM

Os estudos gerativistas iniciais, embora ressaltassem a relevância de investigar a relação entre linguagem e sua sustentação física no cérebro, privilegiavam a análise linguística com base em julgamentos de gramaticalidade realizados pelos próprios pesquisadores. Partia-se do pressuposto de que os investigadores, uma vez que são falantes nativos da língua estudada, podem fornecer *insights* advindos de sua própria intuição para avaliação da estrutura linguística.

Apesar de este tipo de contribuição metodológica não ter sido rejeitada longitudinalmente no desenvolver da teoria, a discussão sobre a importância de abordagens experimentais ganhou espaço no escopo do gerativismo, sobretudo a partir das proposições de psicolinguistas. A partir daí, buscou-se verificar em que medida as teorizações propostas pelos linguistas sustentavam-se enquanto uma realidade psicológica na gramática mental dos falantes.

Nesse contexto, Grodzinsky (1990, p. 109), em sua obra *"Theoretical perspectives on language deficits"*, dedicada à relevância de estudos neurolinguísticos de orientação gerativista com ênfase nos déficits linguísticos característicos da afasia, destacou que:

A primeira visão da relação entre descobertas experimentais e teoria linguística baseia-se na afirmação de que, embora o objeto padrão de explicação para teorias linguísticas sejam as intuições gramaticais de falantes nativos, estas não constituem a única fonte disponível de evidências sobre a faculdade da linguagem (Grodzinsky, 1990, p. 109, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o autor ressalta que, para além das intuições de falantes nativos e dos métodos experimentais clássicos, outros procedimentos investigativos podem ser empregados no estudo da linguagem. Mais especificamente, Grodzinsky (1990) discute como a investigação sobre déficits linguísticos observados em patologias que afetam a linguagem, como a afasia, podem oferecer evidências empíricas que sustentem as teorias de funcionamento linguístico.

Para o autor, as propostas de descrição das gramáticas mentais de indivíduos adultos saudáveis devem atender ao critério de adequação neurológica. Em outros termos, devem ser compatíveis, para além da descrição da estrutura linguística, com o modo como crianças desenvolvem a linguagem, com a maneira como as sentenças são processadas ao serem ouvidas e pronunciadas, bem como com os prejuízos linguísticos decorrentes de lesões neurológicas.

Assim, pode-se interpretar que a teorização da linguagem precisa sustentar-se em diferentes tipos de evidência: dados de realizações linguísticas, de aquisição, de processamento e de perda da linguagem. Uma análise de determinado fenômeno linguístico, portanto, é altamente enriquecida quando se articulam esses quatro eixos de investigação. Para ilustrar tal abordagem, neste capítulo de livro, revisam-se estudos sobre a dissociação na gramática mental das categorias linguísticas de tempo e aspecto.

ADEQUAÇÃO NEUROLÓGICA: DISSOCIAÇÃO DE TEMPO E ASPECTO

A categoria linguística de tempo diz respeito à localização de uma situação em relação ao momento da enunciação (Comrie, 1976) e, portanto, localiza o evento ao longo de uma linha temporal (Costa, 2002). Aspecto, por sua vez, refere-se às diferentes formas de visualização da constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976), ou seja, diz respeito à maneira como o evento é estruturado internamente, permitindo que se considerem frações temporais dentro de seus próprios limites (Costa, 2002).¹

Tempo e aspecto compartilham diversas propriedades e exibem ampla interação (Hornstein, 1990), uma vez que ambos envolvem noções de temporalidade (Smith, 1991; Costa, 2002) e, em diversas línguas, podem ser gramaticalizados simultaneamente por meio de um mesmo item gramatical (Comrie, 1976), como ocorre com a flexão

1 Nesse sentido, a comparação entre sentenças como "Maria come" e "Maria comia" evidencia uma diferença de cunho temporal, visto que a primeira sentença veicula tempo presente, enquanto a segunda, tempo passado. Por outro lado, ao comparar "Maria comia" e "Maria comeu", observa-se uma distinção de natureza aspectual, e não temporal, uma vez que ambas expressam tempo passado, mas diferem-se quanto à estrutura interna da situação. A forma "comia" veicula aspecto imperfectivo, apresentando a situação como dotada de fases internas, enquanto "comeu" expressa aspecto perfectivo, apresentando a situação como um bloco fechado.

verbal do português (Martins, 2006). Diante dessa intensa relação, alguns pesquisadores passaram a indagar se os conhecimentos linguísticos relativos a tempo e a aspecto estariam dissociados na gramática mental dos falantes.

A fim de discutir a representação dessas categorias linguísticas na Faculdade da Linguagem, toma-se como base a Teoria X-Barra (Chomsky, 1965), modelo em que se propõe a análise da estrutura das sentenças por meio da construção de representações hierárquicas dos sintagmas, conhecidas como “árvores sintáticas”. Nessa direção, inicialmente, conforme Emonds (1978 *apud* Pollock, 1989), propôs-se que as categorias funcionais relacionadas a tempo, aspecto, modo e concordância estariam reunidas em um único sintagma, chamado IP (sintagma flexional). Mais tarde, Pollock (1989) argumentou em favor da cisão desse sintagma em dois: o TP (sintagma temporal) e o AgrP (sintagma de concordância).

Com o surgimento do Programa Minimalista, vertente da teoria gerativa que busca explicar a linguagem de forma mais econômica, Chomsky (1991) defendeu que apenas os traços linguisticamente interpretáveis pelos sistemas de desempenho deveriam ser considerados legítimos na Faculdade da Linguagem e, portanto, representados na estrutura arbórea. Em razão disso, a ideia de um sintagma específico de concordância foi abandonada. A partir dessa mudança teórica, passou-se a investigar quais categorias funcionais efetivamente projetariam sintagmas na camada flexional, dentre os quais, foi proposta a existência de um AspP, referente às informações de natureza aspectual (Bok-Bennema, 2001; Novaes; Braga, 2005; Novaes, 2007; Lessa, 2015; Araújo, 2015), revelando uma abordagem de dissociação entre tempo e aspecto.

Nessa direção, levanta-se a questão de saber se a dissociação entre tempo e aspecto atende à adequação neurológica proposta por Grodzinsky (1990). Em outros termos, questiona-se se essa teorização mostra-se compatível com os dados de realização

linguística, de processamento, bem como com aqueles relativos à aquisição e à perda da linguagem.

No que se refere à **descrição linguística**, alguns autores tomaram como evidências favoráveis à dissociação entre tempo e aspecto, por um lado, a possibilidade de que essas categorias sejam realizadas por marcas morfológicas distintas em algumas línguas (Ramírez, 1997) e, por outro, a configuração de perífrases progressivas, nas quais o auxiliar veicula a marcação temporal, enquanto o verbo principal expressa a marcação aspectual (Lessa, 2015). Soma-se a isso o argumento de que a dissociação desses conhecimentos, e, consequentemente, a postulação de dois sintagmas distintos na estrutura sintática, encontra respaldo na posição ocupada pelos verbos em relação aos advérbios na estrutura da sentença, em linha com o que foi proposto por Pollock (1989) ao analisar a separação entre tempo e concordância.

Bok-Bennema (2001) desenvolve um raciocínio articulado para demonstrar que, na estrutura funcional das línguas românicas, existe um núcleo aspectual independente, um AspP, situado abaixo de TP. O ponto de partida da autora é a proposta clássica de Pollock (1989), segundo a qual o antigo núcleo único de flexão deveria ser dividido em dois: um núcleo superior (F1) e um núcleo inferior (F2). Pollock (1989) interpretou esses núcleos como TP e AgrP, respectivamente. Entretanto, com o advento do Programa Minimalista (Chomsky, 1991), a noção de concordância como um núcleo funcional independente perde sustentação teórica. Diante disso, permanece a necessidade de explicar empiricamente o que seria F2, uma vez que sua existência é indispensável para dar conta dos dados.

É nesse contexto que Bok-Bennema (2001) propõe reinterpretar F2 não como concordância, mas como um núcleo aspectual. Para sustentar essa ideia, ela se apoia em diagnósticos derivados da ordem dos advérbios, com base na Hierarquia Universal de Cinque (1999). Como essa hierarquia estabelece uma ordenação fixa

entre advérbios, a posição relativa do verbo em relação a esses advérbios permite identificar até onde o verbo desloca-se na estrutura funcional. No francês, verbos finitos aparecem sempre acima de todos os advérbios do chamado *Middlefield*, o que indica que eles se movem até F1, identificado com T. Já os infinitivos e os particípios passados não podem atravessar "*pas*" (partícula de negação em francês) ou advérbios modais, mas mostram mobilidade antes ou depois de advérbios médios e de modo. Assim, esses verbos movem-se para um núcleo mais baixo do que T, mas ainda acima de parte do domínio adverbial, o que corresponde ao F2 de Pollock (1989).

O espanhol fornece evidências adicionais e cruciais. Nesse idioma, o verbo finito pode ocorrer tanto antes quanto depois de advérbios médios como "*siempre*" ('sempre'), "*ya*" ('já') e "*frecuentemente*" ('frequentemente'), embora não possa ultrapassar advérbios modais como "*probablemente*" ('provavelmente'). Essa "variabilidade controlada" da posição do verbo implica que o núcleo funcional alvo do movimento verbal pode ser projetado em posições diferentes dentro da hierarquia adverbial, tal como no francês. A autora interpreta esse paralelismo como evidência de que francês e espanhol compartilham um núcleo funcional variável abaixo de T, correspondente ao F2.

O passo decisivo da argumentação aparece quando a autora analisa o comportamento dos particípios nos tempos compostos. Esses particípios movem-se obrigatoriamente para a posição correspondente a F2 e jamais alcançam T. Além disso, como a literatura semântica atribui ao particípio a introdução de um operador aspectual perfectivo, responsável por converter o evento lexical em um estado resultante, fica claro que sua interpretação é intrinsecamente aspectual. Assim, se o particípio se move justamente para F2, é natural concluir que esse núcleo abriga traços aspectuais do tipo [+perf], que exigem verificação morfológica. Verbos finitos e infinitivos, por sua vez, carregariam traços [-perf] e também precisariam passar por F2 para verificar esses traços, embora não permaneçam nessa posição.

Ao reunir essas evidências comparativas, Bok-Bennema (2001) conclui que F2 corresponde a uma cabeça aspectual, capaz de verificar tanto traços perfectivos quanto não-perfectivos. Assim, para a autora, o núcleo F2 deve ser reinterpretado como AspP, mais especificamente um AspPerfP, cuja presença é necessária para dar conta da estrutura das sentenças do francês e do espanhol.

Seguindo o panorama voltado para o escopo das gramáticas de falantes adultos saudáveis, busca-se recuperar os dados de **processamento linguístico** de tempo e aspecto.² Rodrigues (2011) investigou o processamento *on-line* dessas categorias linguísticas em falantes nativos do português brasileiro. Por meio de um teste de leitura automonitorada, a autora analisou o processamento da checagem de traços temporo-aspectuais expressos pelos advérbio e verbo presentes na sentença, comparando três tipos de sentenças, a saber: (i) sentenças com compatibilidade de traços temporais e aspectuais entre advérbio e verbo, por exemplo “Antigamente João tocava instrumentos”; (ii) compatibilidade apenas de traços temporais entre advérbio e verbo, por exemplo “Antigamente José assinou um contrato”; e (iii) compatibilidade apenas de traços aspectuais entre advérbio e verbo, por exemplo “Antigamente Rita recorta reportagens”.

No primeiro grupo de sentenças, tanto o advérbio (“antigamente”) quanto o verbo (“tocava”) expressam simultaneamente tempo passado e aspecto imperfectivo. Na segunda, verifica-se uma diferenciação de traços aspectuais, visto que o advérbio (“antigamente”) expressa tempo passado e aspecto imperfectivo, mas o verbo

2 De acordo com Leitão (2015), o processamento linguístico caracteriza-se por uma série de procedimentos que tem lugar na mente/cérebro dos sujeitos que permite com que se transforme material linguístico capturado por seus sentidos e percepção, normalmente disponível via visão ou audição, em unidades de sentido. Para que o processamento linguístico ocorra, além do uso dos aparelhos sensoriais, a mente/cérebro realiza a decodificação do material linguístico de forma muito rápida e inconsciente, tendo em vista que se trata de processos cognitivos automáticos. Nessa direção, investigar o processamento linguístico é buscar compreender o que caracteriza tais processos cognitivos automáticos, como eles atuam e como se configuram na mente/cérebro dos sujeitos.

("assinou"), tempo passado e aspecto perfectivo. Por fim, o terceiro grupo de sentenças caracteriza-se pela diferenciação entre os traços temporais do advérbio e do verbo, visto que o advérbio ("antigamente") expressa tempo passado e aspecto imperfeito, mas o verbo ("recorta"), expressa tempo presente e aspecto imperfeito.

Em seus resultados, Rodrigues (2011) verificou que havia uma diferença no processamento das categorias linguísticas de tempo e aspecto. As sentenças que apresentavam compatibilidade de traços foram processadas mais rápido, porém, quando havia alguma incompatibilidade, os resultados diferiam-se quanto a tempo e aspecto. As sentenças que compartilhavam apenas traços aspectuais, como "Antigamente Rita recorta reportagens", foram processadas com menor custo do que aquelas que compartilhavam apenas traços temporais, como "Antigamente José assinou um contrato". A autora argumentou que a diferença de processamento de tempo e aspecto é uma evidência a favor da dissociação entre essas categorias linguísticas na gramática mental. No entanto, não apresentou discussões acerca de uma possível hierarquia entre os sintagmas que abarcam os conhecimentos linguísticos a eles associados.

No que diz respeito à investigação da dissociação entre tempo e aspecto a partir de dados de **aquisição de linguagem**, pode-se recuperar a proposta de Andersen e Shirai (1996) denominada Hipótese da Primazia do Aspecto. De acordo com esses autores, as crianças, inicialmente, associam as morfologias verbais a valores aspectuais semânticos e, somente depois, a criança estende seus usos a todos os tipos de verbo. Tal fato é entendido como uma evidência de que a categoria linguística de aspecto é adquirida antes da categoria de tempo.

Essa hipótese encontra-se sistematizada em quatro partes: (i) as crianças usam primeiro a marcação de perfectivo com verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*, estendendo seu uso a verbos de atividade e de estado; (ii) nas línguas que codificam a distinção

entre aspecto gramatical perfectivo e imperfectivo, o passado imperfectivo aparece depois do passado perfectivo, e a marcação do passado imperfectivo começa com verbos de estado e verbos de atividade, estendendo-se aos verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*; (iii) em línguas com aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo, a marcação progressiva começa com verbos de atividade e depois se estende a verbos do tipo *accomplishment* e *achievement*; (iv) a marcação do aspecto gramatical imperfectivo contínuo progressivo não é incorretamente estendida aos verbos de estado.

Os estudos de Lessa (2015), Araújo (2015) e Hermont e Morato (2014), sobre crianças adquirindo o português brasileiro como língua materna, evidenciam que a aquisição de informações de temporalidade ocorre na seguinte ordem: aspecto semântico > aspecto gramatical > tempo.

Para além da ordem de aquisição, os dados de Lessa (2015) e Araújo (2015) demonstram que, inicialmente, as crianças, ao produzir perífrases progressivas, tendem a usar apenas o verbo principal no gerúndio, forma responsável pela marcação de aspecto e, somente depois, acrescentam o verbo auxiliar, forma que veicula a informação de tempo. No exemplo (1), a seguir, apresenta-se um excerto de interação entre uma criança e seu pai, extraído de Araújo (2015, p. 87), que ilustra tal ocorrência.

- (1) **Criança:** dumino.
Pai: O quê?
Criança: Dumino.

Com base nesses achados, Lessa (2015), Araújo (2015) e Hermont e Morato (2014) defendem que tempo e aspecto encontram-se dissociados na gramática mental. Além disso, como aspecto é adquirido antes de tempo, argumentam que a hierarquia funcional entre essas categorias é TP > AspP, uma vez que as categorias

adquiridas mais precocemente ocupam posições mais baixas na estrutura sintática. Tanto a proposta de dissociação quanto a hierarquia postulada convergem com a teorização sustentada pelos dados de descrição linguística, conforme relatado por Bok-Bennema (2001).

No que diz respeito ao **comprometimento linguístico**, Grodzinsky (1990, p. 112, tradução nossa) destaca que "(...) uma perda seletiva de capacidades linguísticas, os padrões de perda e preservação devem sempre formar classes naturais na teoria" e "(...) a teoria deve ser capaz de estabelecer generalizações sobre os padrões de perda e preservação após dano cerebral". Assim, concebe-se que as teorizações propostas para a linguagem devem encontrar respaldo nos dados obtidos por meio de patologias da linguagem.

Nessa mesma direção, diversos autores afirmam que o estudo de distúrbios linguísticos constitui uma das formas mais consistentes de investigar a Faculdade da Linguagem em seu estado normal. Whitaker (1971) assinala que a perda de "X" causada por uma lesão pode ser vista como prova de que "X" faz parte da competência de um falante nativo normal. De modo convergente, Nespoli e Novaes (2016) afirmam que, se uma determinada propriedade linguística "X" está presente na expressão linguística do paciente portador de uma patologia linguística enquanto uma propriedade linguística "Y" está ausente, pode-se argumentar que as propriedades linguísticas "X" e "Y" encontram-se dissociadas na Faculdade da Linguagem.

Aplicando tais proposições ao estudo de tempo e aspecto em patologias que afetam a linguagem, recupera-se o trabalho de Novaes (2007), que buscou comparar os resultados de Novaes e Braga (2005) e de Maia (2006) a fim de discutir a dissociação entre tempo e aspecto à luz de dados de pacientes afásicos falantes do português brasileiro. Em Novaes e Braga (2005), os autores verificaram que uma paciente com afasia de Broca apresentava um déficit com imperfectivo, sem que o conhecimento de perfectivo estivesse prejudicado, de forma que a paciente produzia formas

no pretérito perfeito, mas não no pretérito imperfeito, como ilustrado no exemplo (2), a seguir:

(2) **Entrevistador:** Como foi o seu final de semana?

Paciente: É... sábado... é... não quis minha casa sábado. Aí depois... à noite... choveu. Tomei banho, depois eu fui ver a cozinha. A laje... molhado, molhado!

Em Maia (2006), por sua vez, verificou-se, por meio de metodologia experimental, que um paciente com afasia de Broca apresentava dificuldades na compreensão de sentenças contendo o aspecto perfectivo, mas não o imperfectivo. Considerando que os pacientes podem apresentar déficits seletivos com apenas um aspecto, ainda que ambos estejam associados ao tempo passado, esses dados sugerem que o conhecimento temporal permanece preservado enquanto o aspectual encontra-se prejudicado. Tal comprometimento seletivo reforça a existência de uma dissociação entre tempo e aspecto na gramática mental (Novaes, 2007).

Para além da afasia de Broca, encontram-se na literatura evidências de dissociação também em dados advindos de estudos que versam sobre outras patologias. Fyndanis *et al.* (2013) investigaram o conhecimento de tempo e aspecto em pacientes com doença de Alzheimer e observaram um déficit maior com tempo do que com aspecto. Gomes, Martins e Rodrigues (2021), ao investigar tempo e aspecto em dados de uma paciente com Afasia Progressiva Primária Logopênica, verificaram que a paciente apresentava dificuldades com tempo presente, sem possuir um déficit com a oposição aspectual entre perfectivo e imperfectivo, sugerindo uma deterioração de tempo, mas não de aspecto. Assim, os dados de comprometimento linguístico com essas patologias reforçam também a proposta de dissociação entre essas duas categorias na gramática mental.

Para refletir sobre a hierarquia funcional nos dados de perda linguística, toma-se como referência a Hipótese da Poda da Árvore (Friedmann; Grodzinsky, 1997). Estudos sobre déficits linguísticos

de natureza sintática em patologias que afetam a linguagem indicam que os acometimentos na gramática mental seguem um padrão relacionado à hierarquia funcional das categorias atingidas. Nessa perspectiva, defende-se que os nódulos funcionais mais afetados seriam aqueles situados em posições mais altas da árvore sintática, que teriam sido podados na gramática do paciente.

A aplicação dessa abordagem aos dados de Novaes e Braga (2005) e de Maia (2006), bem como à análise proposta por Novaes (2007), relativos a pacientes com afasia de Broca, sugere que aspecto encontra-se prejudicado, mas não tempo, apontando para a hierarquia AspP > TP. Por outro lado, a aplicação desse modelo aos dados de Fyndanis *et al.* (2013) e de Gomes, Martins e Rodrigues (2021), referentes, respectivamente, à doença de Alzheimer e à Afasia Progressiva Primária Logopênica, indica que tempo encontra-se comprometido, mas não aspecto, sugerindo a hierarquia inversa, TP > AspP.³

Como se pode ver, os estudos revisados sobre descrição linguística, processamento, aquisição e perda de tempo e aspecto atendem à adequação neurológica, conforme proposto por Grodzinsky (1990) no que diz respeito à dissociação das categorias investigadas. Pode-se concluir, portanto, que a análise multifacetada de um fenômeno linguístico permite o enriquecimento de sua descrição e da formulação de teorias sobre o funcionamento da linguagem.

3 Vale ressaltar que a divergência na hierarquia proposta para os sintagmas de tempo e aspecto pode dever-se a vários fatores. Um deles diz respeito à ideia de que se trata de uma abordagem baseada em um único sintagma para aspecto (AspP), diferindo-se das recentes considerações sobre a representação sintática dessa categoria, desmembrada em outros sintagmas, como proposto por Cinque (1999).

PARA ALÉM DA ADEQUAÇÃO NEUROLÓGICA

Diferentes motivações científicas atravessam o estudo da linguagem e, como discutido nas seções anteriores, a adequação neurológica constitui um critério relevante para a construção de modelos teóricos empiricamente sólidos. Entretanto, o estudo do funcionamento linguístico possui potencial explicativo e social que pode ser transportado a outros níveis de aplicação prática. Nessa direção, é fundamental reconhecer que investigações que buscam atender à adequação neurológica podem dialogar com escopos mais amplos, contribuindo também para áreas aplicadas, como ensino, acompanhamento educacional e práticas terapêuticas.

Um primeiro campo em que esse diálogo mostra-se profícuo é o **ensino de língua materna**. A compreensão refinada das categorias linguísticas e de sua expressão gramatical, como as definições de tempo e aspecto, pode subsidiar práticas pedagógicas mais consistentes, orientadas por modelos que descrevem a competência linguística real dos falantes. Considerações semelhantes podem ser feitas para o **ensino de língua adicional**. Os dados de linguística comparada e aquisição de segunda língua podem fornecer subsídios para o desenvolvimento de estratégias didáticas e a formulação de materiais instrucionais.

Outro escopo privilegiado de aplicação é o do **acompanhamento educacional especializado**, área que lida diretamente com alunos que apresentam dificuldades específicas de aprendizagem. A descrição detalhada de como categorias linguísticas são adquiridas, processadas e eventualmente prejudicadas em determinadas patologias permite que profissionais identifiquem mais precisamente se dificuldades observadas no desempenho escolar têm origem em questões linguísticas específicas ou em outras áreas cognitivas.

Dessa forma, a Linguística não apenas descreve fenômenos, mas contribui para diagnósticos mais finos e, conseqüentemente, para práticas pedagógicas mais equitativas.

No campo das **práticas terapêuticas e fonoaudiológicas**, o impacto das pesquisas teóricas é ainda mais evidente. O estudo dos fenômenos linguísticos pode contribuir para o planejamento de intervenções, que podem focar especificamente na reabilitação de categorias funcionalmente superiores ou específicas, fornecendo ferramentas conceituais essenciais para a prática clínica baseada em evidências.

Por fim, é preciso reconhecer que os estudos linguísticos podem contribuir para **práticas de transformação social**, uma vez que a linguagem está no centro de relações de poder, inclusão e exclusão. A compreensão aprofundada dos mecanismos linguísticos permite combater formas de preconceito linguístico e promover políticas públicas mais sensíveis. Tal atividade contribui diretamente para a valorização das práticas linguísticas de comunidades marginalizadas e para a formação de professores comprometidos com uma educação linguística inclusiva.

Desse modo, embora a adequação neurológica constitua um eixo fundamental para a construção de modelos teóricos da linguagem, o pesquisador, sempre que possível, pode ultrapassar o domínio dos estudos linguísticos e transpor os resultados de suas pesquisas para o desenvolvimento de práticas pedagógicas, terapêuticas e sociais que dialogam diretamente com as necessidades humanas contemporâneas. Ao integrar teoria e prática, a Linguística reafirma sua relevância enquanto ciência que contribui para compreensão, promoção e desenvolvimento integral dos sujeitos em suas múltiplas dimensões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas neste capítulo permitem reafirmar que a teorização da linguagem é enriquecida quando se busca atender ao critério de adequação neurológica, proposto por Grodzinsky (1990), tornando-a mais consistente, empiricamente ancorada e efetivamente representativa do funcionamento real da Faculdade da Linguagem. A ideia de que hipóteses teóricas devem ser compatíveis com as realizações linguísticas, com o modo como os adultos processam estruturas linguísticas em tempo real, como as crianças adquirem a linguagem e como determinados componentes podem ser prejudicados seletivamente em quadros de comprometimento neurológico permite um refinamento das proposições feitas no âmbito da teoria linguística.

O fomento do desenvolvimento de pesquisas que visem atender à adequação neurológica não implica reduzir a linguagem a processos fisiológicos, mas sim reconhecer que a arquitetura computacional proposta pela teoria deve refletir, tanto quanto possível, a realidade do sistema que a implementa: o cérebro humano. A solidez teórica, portanto, reside não apenas no refinamento de propostas formais, mas na capacidade de explicar por que adquirimos a linguagem da forma como adquirimos, por que processamos certas estruturas linguísticas em determinadas velocidades e padrões e por que certas propriedades podem ser prejudicadas em condições de dano neurológico.

A interação entre os estudos linguísticos e o critério de adequação neurológica apresenta-se, portanto, como um caminho promissor para compreender a estrutura da linguagem e sua representação mental, bem como para o entendimento de como ela se inscreve na constituição biológica, cognitiva e social do ser humano.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Roger W.; SHIRAI, Yasuhiro. Primacy of Aspect in First and Second Language Acquisition: The pidgin/creole connection. *In*: RITCHIE, William Clay; BHATIA, Tej K. (Org.). **Handbook of second language acquisition**. San Diego, CA: Academic Press, 1996. p. 527-570.

ANDRADE, Luiz Antonio Botelho; SILVA, Edson Pereira da Silva; PASSOS, Eduardo Passos. O que é ser humano? **Ciências & Cognição**, v. 12, p. 178-191, 2007. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1806-58212007000300017&script=sci_arttext. Acesso em: 28 nov. 2025.

ARAÚJO, Thais da Silveira Neves. **Aquisição de aspecto no português do Brasil**. 2015. 141 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

BOK-BENNEMA, Reineke. Evidence for an aspectual functional head in French and Spanish. *In*: OOSTENDORP, Marc van; ANAGNOSTOPOULOU, Elena. **Progress in grammar, articles on the 20th anniversary of the comparison of grammatical models group in Tilburg**. Amsterdam: Roquade, 2001.

CHOMSKY, Noam. A review of B. F. Skinner's Verbal Behavior. **Language**, v. 35, n. 1, p. 26-58, 1959. Disponível em: <https://www.ugr.es/~fmanjon/A%20Review%20of%20B%20%20F%20%20Skinner%27s%20Verbal%20Behavior%20by%20Noam%20Chomsky.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2025.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of theory of syntax**. Cambridge: MIT Press, 1965.

CHOMSKY, Noam. **Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.

CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1991.

CINQUE, Guglielmo. **Adverbs and functional heads: a cross-linguistic perspective**. New York: Oxford University Press, 1999.

COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

COSTA, Sônia Bastos Borba. **O aspecto em português**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

CUNHA, Angélica Furtado da; COSTA, Marcos Antonio; MARTELOTTA, Mário Eduardo. Linguística. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo (Org.). **Manual de Linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013. p. 15-30.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. *In*: FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística?** O que é isso. São Paulo: Contexto, 2019. p. 13-44.

FRIEDMANN, Na'ama; GRODZINSKY, Yosef. Tense and agreement in agrammatic production: pruning the syntactic tree. **Brain and Language**, v. 56, p. 397-425, 1997. DOI: <https://doi.org/10.1006/brln.1997.1795>. Acesso em: 28 nov. 2025.

FYNDANIS, Valantis; MANOUILIDOU, Christina; KOUFOU, Eugenia; KARAMPEKIOS, Spyros; TSAPAKIS, Eva Maria. M. Agrammatic patterns in Alzheimer's disease: Evidence from tense, agreement, and aspect. **Aphasiology**, v. 27, n. 2, p. 178-200, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687038.2012.705814>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GOMES, Jean Carlos da Silva; MARTINS, Adriana Leitão; RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. The linguistic impairment of the perfect aspect in Alzheimer's Disease and Logopenic Primary Progressive Aphasia. **Cadernos de Linguística**, v. 2, n. 4, p. 1-22, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25189/2675-4916.2021.v2.n4.id528>. Acesso em: 28 nov. 2025.

GRODZINSKY, Yosef. **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

HERMONT, Arabie Bezri; MORATO, Rodrigo Altair. Aquisição de tempo e aspecto em condições normais e no déficit específico de linguagem. **Revista Linguística**, v. 10, n. 1, p. 213-233, 2014. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/4588>. Acesso em: 28 nov. 2025.

HORNSTEIN, Norbert. **As time goes by**: tense and universal grammar. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

LEITÃO, Márcio Martins. Processamento anafórico. *In*: MAIA, Marcus Antônio Rezende (Org.). **Psicolinguística, Psicolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 45-58.

LENNEBERG, Eric Heinz. The biological foundations of language. **Hospital Practice**, v. 2, n. 12, p. 59-67, 1967. DOI: <https://doi.org/10.1080/21548331.1967.11707799>. Acesso em: 28 nov. 2025.

LESSA, Adriana Tavares Maurício. **Dissociação entre tempo e aspecto à luz da aquisição de linguagem**. 2015. 168 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2015.

MAIA, Natália Lopes Ramos. **Uma visão metodológica dos estudos de caso em contraponto aos estudos de grupo em neurolinguística**. 2006. 72 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MARTINS, Adriana Leitão. **Conhecimento linguístico de aspecto no português do Brasil**. 2006. 228 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MIOTO, Carlos; SILVA, Maria Cristina Figueiredo; LOPES, Ruth. **Novo manual de sintaxe**. São Paulo: Contexto, 2013.

NESPOLI, Juliana Barros; NOVAES, Celso Vieira. Um estudo longitudinal de tempo e aspecto na demência do tipo Alzheimer. **Letras de Hoje**, v. 51, n. 3, p. 358-366, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.15448/1984-7726.2016.3.25477>. Acesso em: 28 nov. 2025.

NOVAES, Celso Vieira. Evidências neuropsicológicas da existência de um nóculo de aspecto. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 15, n. 1, p. 71-88, 2007. DOI: <http://dx.doi.org/10.17851/2237-2083.15.1.71-88>. Acesso em: 28 nov. 2025.

NOVAES, Celso Vieira; BRAGA, Marcela. Agrammatic aphasia and aspect. **Brain and Language**, v. 95, p. 121-122, 2005. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bandl.2005.07.065>. Acesso em: 28 nov. 2025.

POLLOCK, Jean-Yves. Verb movement, universal grammar and the structure of IP. **Linguistic Inquiry**, v. 20, p. 365-424, 1989. Disponível em: <https://babel.ucsc.edu/~hank/pollock.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2025.

RAMÍREZ, Henri. **A Fala Tukano dos YE'PÂ-MASA**. Manaus: CEDEM, 1997.

RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. **Processamento de tempo e aspecto em indivíduos afásicos de Broca**. 2011. 115 f. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

WHITAKER, Harry Allen. **On the representation of language in the Human Brain: problems in the Neurology of language and The Linguistic Analysis of Aphasia**. Edmonton: Linguistic Research, 1971.

17

Fernanda de Carvalho Rodrigues

Jean Carlos da Silva Gomes

Adriana Leitão Martins

VIOLAÇÃO DE RESTRIÇÕES MORFOSSINTÁTICAS PARA ESTATIVIDADE E PONTUALIDADE NA AFASIA DE BROCA E NA DOENÇA DE ALZHEIMER

INTRODUÇÃO

A afasia de Broca e a doença de Alzheimer configuram-se como patologias decorrentes de alterações no tecido cerebral que afetam a linguagem dos pacientes, tendo como principal diferença o fato de que a afasia de Broca é um distúrbio adquirido por um evento neurológico, geralmente uma lesão, enquanto a doença de Alzheimer caracteriza-se como uma demência progressiva. Entre os conhecimentos linguísticos suscetíveis a prejuízo nessas condições, destaca-se a categoria linguística do aspecto, que envolve informações de natureza sintática e semântica e diz respeito às distintas maneiras de visualizar a constituição temporal interna de uma situação (Comrie, 1976; Bhatt; Pancheva, 2005).

Os estudos neurolinguísticos que se destinam à investigação do comprometimento linguístico aspectual em patologias da linguagem restringem-se principalmente às informações referentes ao aspecto gramatical, aquele expresso pelos itens gramaticais que compõem a sentença, com foco principalmente na oposição entre perfectividade e imperfectividade (Miranda *et al.*, 2022; Alves *et al.*, 2024). No entanto, poucas evidências são encontradas no que diz respeito ao aspecto semântico, aquele expresso pelos itens lexicais.

Neste estudo, consideram-se duas oposições aspectuais semânticas: estatividade *versus* dinamicidade, que dizem respeito, respectivamente, à necessidade ou não de um gasto de energia para que uma situação ocorra, e pontualidade *versus* duratividade, que dizem respeito, respectivamente, à ausência ou presença de duração interna de uma situação (Comrie, 1976). Busca-se compreender se o conhecimento linguístico referente a esses valores aspectuais pode encontrar-se prejudicado na gramática de pacientes diagnosticados com afasia de Broca e doença de Alzheimer. Para tanto, enfocam-se as restrições morfofossintáticas impostas por esses traços aspectuais na composição de sentenças em português brasileiro e possíveis

violações a tais restrições na gramática dos indivíduos portadores dessas patologias.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa¹ é contribuir para o entendimento dos déficits sintático-semânticos em patologias da linguagem. Mais especificamente, pretende-se investigar se pacientes diagnosticados com afasia de Broca ou doença de Alzheimer falantes nativos do português brasileiro apresentam comprometimento no conhecimento linguístico sobre certas restrições morfofossintáticas impostas por verbos de estado, aqueles que carregam o traço de estatividade, e de *achievement*, que carregam o traço de pontualidade, na estrutura de sentenças em português brasileiro.

Levando em consideração que o déficit na afasia de Broca é comumente descrito como aquele que afeta as categorias sintáticas enquanto o déficit na doença de Alzheimer é descrito como aquele que afeta também a semântica, e que os traços de estatividade e pontualidade são de natureza aspectual semântica, as hipóteses adotadas neste estudo são: (i) o conhecimento sobre restrições morfofossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement* encontra-se preservado em pacientes com afasia de Broca falantes nativos do português brasileiro; e (ii) o conhecimento sobre restrições morfofossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement* encontra-se comprometido em pacientes com doença de Alzheimer falantes nativos do português brasileiro.

Para tanto, realiza-se uma investigação transversal de cunho experimental, fundamentada na metodologia de estudo de caso, com dados obtidos por meio de testes linguísticos e de produção semiespontânea de três pacientes diagnosticados com afasia de Broca

1 Este trabalho configura-se como um recorte dos resultados obtidos e registrados na tese "A deterioração de aspecto gramatical e semântico na afasia de Broca e na doença de Alzheimer", defendida por Jean Carlos da Silva Gomes, segundo autor deste capítulo, no âmbito do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro em março de 2024.

e dois com doença de Alzheimer. Tais resultados são comparados aos obtidos junto ao grupo controle, composto por indivíduos saudáveis.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

A categoria linguística de aspecto, situada na interface entre sintaxe e semântica (Bhatt; Pancheva, 2005), é concebida como as distintas formas de visualização da composição temporal interna da situação, podendo dividir-se em aspecto gramatical e aspecto semântico (Comrie, 1976). O aspecto gramatical refere-se às informações fornecidas veiculadas pelos itens gramaticais que compõem a sentença, como a morfologia verbal e advérbios ou expressões adverbiais, enquanto o aspecto semântico diz respeito às propriedades aspectuais codificadas pelos itens lexicais da oração, tais como a raiz verbal, seus argumentos e/ou adjuntos.

Comrie (1976) estabeleceu três oposições aspectuais de natureza semântica: estatividade *versus* dinamicidade, pontualidade *versus* duratividade e telicidade *versus* atelicidade. Situações estativas são aquelas que não exigem gasto de energia para ocorrerem, como em “Maria ama chocolate”, ao passo que situações dinâmicas pressupõem tal dispêndio, como em “Maria come chocolate”. Uma situação pontual caracteriza-se pela ausência de duração interna, como em “Maria achou o livro”, enquanto situações durativas apresentam tal duração, como em “Maria procurou o livro”. Por fim, uma situação télica apresenta um ponto final inerente marcado linguisticamente, como em “Maria escreveu uma carta”, ao contrário das situações atélicas, que não apresentam tal delimitação, como em “Maria escreveu cartas”.

Apesar das três oposições supracitadas serem amplamente enquadradas na literatura sob o escopo do aspecto semântico,

autores como Rothstein (2004) argumentam que a telicidade difere-se das demais informações aspectuais semânticas, uma vez que é apreendida na sintaxe interna do sintagma verbal (VP). Sendo assim, para investigar o conhecimento sobre aspecto semântico na afasia de Broca e na doença de Alzheimer, neste estudo, restringe-se o escopo aos traços referentes às duas primeiras oposições aspectuais semânticas.

Considerando que um mesmo verbo veicula múltiplas informações aspectuais, elaborou-se na literatura uma classificação dos verbos fundamentada em propriedades aspectuais semânticas. A articulação entre esses traços aspectuais e certas restrições morfosintáticas impostas pelos verbos na composição das sentenças culminou no que a literatura denomina como “tipos de verbo” (Vendler, 1967; Smith, 1991). O Quadro 1, adaptado de Smith (1991, p. 20), sintetiza tal classificação.

Quadro 1 – Classificação verbal com base em critérios aspectuais semânticos de acordo com Smith (1991)

	Estático	Pontual	Télico
Estados	[+]	[-]	[-]
Atividades	[-]	[-]	[-]
<i>Accomplishments</i>	[-]	[-]	[+]
<i>Achievements</i>	[-]	[+]	[+]

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Nessa perspectiva, verbos de estado, como “amar”, caracterizam-se pelos traços [-dinâmico] e [+durativo], não sendo o traço de telicidade pertinente a essa classe verbal (Smith, 1991). Já verbos de atividade, como “correr”, apresenta os traços [+dinâmico], [+durativo] e [-télico], distinguindo-se dos estados sobretudo pela presença da dinamicidade. Os verbos de *accomplishment*, como “comer

a maçã”, exibem os traços [+dinâmico], [+durativo] e [+télico], diferenciando-se das atividades em função da telicidade. Por fim, os verbos de *achievement*, como “achar a chave”, são definidos pelos traços [+dinâmico], [-durativo] e [+télico], distinguindo-se dos *accomplishments* pelo caráter de pontualidade do evento. Como se pode ver, os estados são os verbos que apresentam o traço de estatividade e os *achievements*, o traço de pontualidade. Sendo assim, o foco deste estudo recai sobre esses dois tipos.

A investigação sobre o aspecto semântico, de maneira geral, envolve fenômenos que atravessam a morfologia, a sintaxe e a semântica. Desde Vendler (1967), a classificação aspectual de verbos tem sido sustentada por um conjunto de restrições morfofossintáticas que determinam, por exemplo, sua compatibilidade com certas morfologias verbais ou com determinados adjuntos na sentença. Dado que o presente trabalho caracteriza-se como um estudo experimental sobre uma possível perda do conhecimento linguístico de aspecto semântico em indivíduos com afasia de Broca e com doença de Alzheimer, revisam-se aqui restrições morfofossintáticas relevantes para os traços de estatividade e pontualidade no português brasileiro. Gomes (2026) apresenta um levantamento dessas restrições para o português brasileiro. Nesta seção, recuperam-se seis delas, três pertinentes aos verbos estativos e três aos verbos de *achievement*.

Quanto aos estados, Cunha (1998), Basso e Ilari (2004), Gonçalves (2004) e Bertucci e Lunguinho (2013) afirmam que verbos genuinamente estativos são incompatíveis com a morfologia progressiva, conforme ilustrado nos exemplos em (1) e (2), extraídos de Bertucci e Lunguinho (2013, p. 145); Cançado (1995) e Chierchia (2003) ressaltam que verbos estativos não são compatíveis com a expressão “em x tempo”, como evidenciado em (3) e (4); e Dowty (1979), Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010), Bertucci e Lunguinho (2013) e Nascimento e Rech (2015) ressaltam que verbos genuinamente estativos não podem estar associados a verbos aspectuais, como, por exemplo, “começar a”, “continuar a”, “parar de”,

“deixar de”, “acabar de” e “terminar de”, como ilustrado nos exemplos em (5) e (6), extraídos de Nascimento e Rech (2015, p. 209).

- (1) *Maria está tendo olhos verdes.
- (2) *Maria está sendo alta.
- (3) *João teme o cachorro em uma hora.
- (4) *Léo amou Eva em muitos anos.
- (5) *José começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de ter olhos verdes / ter dois filhos / ser pai de Felipe.
- (6) *Siena começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de localizar-se na Itália.

No que diz respeito à pontualidade, Godoi (1992) e Chierchia (2003) observam que *achievements* não podem combinar-se com “por x tempo”, como em (7); Rothstein (2004), Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010) e Nascimento e Rech (2015) apontam que verbos de *achievement* são incompatíveis com verbos aspectuais, como em (8), extraída de Nascimento e Rech (2015, p. 209) e (9), extraída de Bertucci, Lunguinho e Paraguassu (2010, p. 129); e Piñón (1997) argumenta que *achievements* também não admitem advérbios que sugereem realização parcial da eventualidade, tais como “parcialmente”, como em (10) e (11), traduzidos e extraídos de Piñón (1997, p. 5).

- (7) *Léo engoliu a bala por uma hora.
- (8) *Fábio começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de morrer / chegar / entrar no escritório.
- (9) *O convidado parou de chegar.
- (11) *Anita parcialmente reconheceu Peter.
- (11) *O paciente morreu parcialmente.

Diversas pesquisas evidenciam que a categoria linguística de aspecto pode ser prejudicada na gramática de pacientes portadores de patologias neurocognitivas que afetam a linguagem, como a afasia de Broca (Rodrigues, 2011) e a doença de Alzheimer (Fyndanis *et al.*, 2013).

A afasia de Broca é uma patologia não-progressiva decorrente de uma lesão cerebral ocorrida principalmente no lobo frontal, que causa um déficit que afeta sobretudo o conhecimento linguístico de natureza sintática, apresentando consequências tanto na produção quanto na compreensão (Caramazza; Zurif, 1976). Miranda *et al.* (2022), ao realizarem uma revisão sistemática da literatura, verificaram que a maior parte dos estudos sobre o comprometimento temporo-aspectual nessa patologia concentra-se nas distinções temporais (passado, presente e futuro) ou no aspecto gramatical (particularmente na oposição perfectivo/imperfectivo²), não havendo trabalhos dedicados ao aspecto semântico.

A doença de Alzheimer, por sua vez, caracteriza-se como uma doença neurodegenerativa progressiva e irreversível que compromete diversas funções cognitivas, produzindo também alterações linguísticas. Nessa patologia, o déficit linguístico pode atingir não somente o nível sintático, mas também o fonético, o semântico e o discursivo (Mansur *et al.*, 2005). Uma revisão sistemática da literatura sobre comprometimento temporo-aspectual na doença de Alzheimer, realizada por Alves *et al.* (2024), apontou que, assim como na afasia de Broca, as pesquisas sobre aspecto nessa patologia têm privilegiado o aspecto gramatical, sem discutir os traços semânticos

2 O aspecto perfectivo permite a visualização de uma situação como um todo, concebendo-a como uma unidade fechada, sem explicitar as etapas internas que a constituem, como se observa em "Maria cantou". Em contraste, o imperfectivo focaliza as fases internas da situação, possibilitando a visualização de pelo menos uma delas, como ocorre em "Maria cantava".

de estatividade e pontualidade.³ Dessa forma, evidencia-se a necessidade de um estudo que examine esses traços no sistema gramatical de indivíduos com afasia de Broca e com doença de Alzheimer.

METODOLOGIA

Para desenvolvimento desta pesquisa⁴, foram selecionados três pacientes diagnosticados com afasia de Broca e dois com doença de Alzheimer⁵. Levou-se em consideração o diagnóstico prévio dos pacientes dado por profissionais médicos. No caso da afasia de Broca, mais especificamente, selecionaram-se pacientes que apresentavam lesão que atingia o hemisfério esquerdo, na área de Broca e/ou adjacências. Os pacientes foram submetidos à avaliação cognitiva e funcional por meio de testes de funcionalidade e neuropsicológicos.

- 3 Ressalta-se que há um estudo realizado por Díaz *et al.* (2016), pertencente à área de investigação da psicologia, que versa sobre informações aspectuais semânticas. Esses autores investigaram a percepção dos eventos estáticos e dinâmicos em indivíduos portadores da doença de Alzheimer. Para tanto, aplicaram um teste de descrição de imagens que continham eventos dinâmicos e estáticos com auxílio da técnica de rastreamento ocular. Os autores perceberam que os pacientes apresentavam dificuldades ao narrar eventos dinâmicos. Por tratar-se de um estudo da área da psicologia e não da linguística, os pesquisadores não informaram quais problemas linguísticos esses sujeitos apresentavam e tampouco forneceram exemplos de suas produções. Porém, a conclusão de que os pacientes apresentavam dificuldades com eventos dinâmicos decorreu da avaliação da expressão linguística desses sujeitos. Tal pesquisa também ressalta a pertinência da presente investigação.
- 4 Esta pesquisa foi avaliada e aprovada pelos Comitês de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a numeração de 68807323.0.0000.5286 e do Instituto de Neurologia Deolindo Couto da Universidade Federal do Rio de Janeiro sob a numeração 15566119.0.0000.5286.
- 5 Inicialmente, foram recrutados três pacientes com doença de Alzheimer, no entanto, um deles apresentou déficit cognitivo geral avançado, o que o impedia de participar da pesquisa, tendo sido excluído da amostra.

A fim de investigar o desempenho linguístico dos pacientes, foi composto um grupo controle formado por 100 adultos saudáveis com idade entre 30 e 59 anos falantes nativos monolíngues do português brasileiro, nascidos e residentes no estado do Rio de Janeiro, com nível de escolaridade mínimo de ensino médio completo. Além disso, foi feita uma validação prévia dos experimentos a um grupo formado por jovens saudáveis a fim de verificar se os testes atendiam aos objetivos propostos na pesquisa (Gomes; Martins; Rodrigues, 2023). Metodologicamente, foram desenvolvidos dois testes de julgamento de gramaticalidade e foi analisada a produção semiespontânea dos pacientes.

Os dois testes de julgamento de gramaticalidade estavam compostos, cada um, de 36 sentenças, sendo 18 alvos (distribuídas em três condições experimentais) e 18 distratoras (distribuídas em duas condições)⁶. A tarefa consistia em julgar as sentenças como naturais ou estranhas, ou seja, possíveis no português brasileiro ou não.

O Teste de Julgamento de Gramaticalidade I destinava-se à investigação do traço aspectual [$\pm$ estativo]. As condições alvo do Teste de Julgamento de Gramaticalidade I encontram-se ilustradas no quadro 2, a seguir.

Quadro 2 – Condições experimentais no Teste de Julgamento de Gramaticalidade I

CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS - TESTE I		
Composição	Exemplo	Expectativa
CONDIÇÃO I: ESTATIVO + (NÃO-)PROGRESSIVIDADE (Cunha, 1998; Basso; Ilari, 2004; Gonçalves, 2004; Bertucci; Lunguinho, 2013)		

6 Embora a proporção de 1/3 de sentenças-alvo e 2/3 de sentenças distratoras seja frequentemente utilizada em experimentos linguísticos (Havik *et al.*, 2009), decidiu-se, neste estudo, ajustar essa relação para 1/2 de sentenças-alvo e 1/2 de sentenças distratoras. Essa escolha levou em conta tanto a complexidade da metodologia quanto o perfil de vulnerabilidade do público investigado, buscando evitar que as tarefas fossem percebidas como excessivamente longas pelos participantes.

Estativo + Morf. Não-Progressiva	Pedro <u>é</u> gordo.	Natural
Estativo + Morf. Progressiva	Maria <u>está sendo</u> alta.	Estranha
CONDIÇÃO 2: (NÃO)ESTATIVO + EXPRESSÃO ADVERBIAL TEMPORAL (Cançado, 1995; Chierchia, 2003)		
Estativo + “Por x tempo”	Carolina <u>foi</u> bonita por décadas.	Natural
Estativo + “Em x tempo”	Leonardo <u>foi</u> bonito em muitos anos.	Estranha
CONDIÇÃO 3: VERBO ASPECTUAL + (NÃO-)ESTATIVO (Dowty, 1979; Bertucci; Linguinho; Paraguassu, 2010; Bertucci; Linguinho, 2013; Nascimento; Rech, 2015)		
Verbo aspectual + Não-Estativo	Aline <u>acabou de escrever</u> o poema.	Natural
Verbo aspectual + Estativo	Joana <u>acabou de ser</u> alta.	Estranha

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

O Teste de Julgamento de Gramaticalidade II, por sua vez, voltava-se à investigação do traço aspectual [$\pm$ pontual]. As condições alvo do Teste de Julgamento de Gramaticalidade II encontram-se ilustradas no quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Condições experimentais no Teste de Julgamento de Gramaticalidade II

CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS – TESTE II		
Composição	Exemplo	Expectativa
CONDIÇÃO I: PONTUAL + EXPRESSÃO ADVERBIAL TEMPORAL (Godoi, 1992; Chierchia, 2003)		
Pontual + “Em x tempo”	Sabrina <u>ganhou</u> a corrida <u>em dez minutos</u> .	Natural
Pontual + “Por x tempo”	Fabiana <u>chegou</u> em casa <u>por dez minutos</u> .	Estranha
CONDIÇÃO 2: VERBO ASPECTUAL + (NÃO-)PONTUAL (Rothstein, 2004; Bertucci; Linguinho; Paraguassu, 2010; Nascimento; Rech, 2015)		
Verbo aspectual + Não-Pontual	Beatriz <u>parou de comprar</u> doces.	Natural
Verbo aspectual + Pontual	Isabella <u>parou de chegar</u> no hospital.	Estranha

CONDIÇÃO 3: (NÃO-)PONTUAL + PARCIALMENTE (Piñón, 1997)		
Não-Pontual + Parcialmente	O gari varreu <u>parcialmente</u> a rua.	Natural
Pontual + Parcialmente	Marcela <u>chegou parcialmente</u> na festa.	Estranha

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

As condições experimentais de ambos os testes foram baseadas nas restrições para os verbos de estado e de *achievement* elencadas na literatura. Nos dois testes, em cada condição-alvo, foram incluídas três sentenças destinadas a testar a combinação apontada na literatura como agramatical, bem como três sentenças gramaticais com configuração estrutural semelhante sem violação da restrição morfoossintática em questão. Dessa forma, buscou-se verificar se o possível déficit linguístico do paciente poderia relacionar-se especificamente à combinação em análise ou a outros fatores envolvidos na construção.

Em ambos os testes, as sentenças distratoras, que eram diferentes em cada um dos experimentos, dividiam-se em duas condições. A primeira incluía cinco sentenças gramaticais compostas por um sujeito + um verbo no pretérito perfeito + um objeto direto, como em “João fechou a porta”, além de cinco sentenças agramaticais com a mesma estrutura, mas cujo objeto direto apresentava incompatibilidade semântica em relação à seleção do verbo, como em “*João fechou o nojo”. A segunda condição distratora era formada por quatro sentenças gramaticais constituídas por um sujeito + um verbo no pretérito perfeito + um objeto direto + um adjunto introduzido por preposição, como em “Maria pulou corda sem medo”, e quatro sentenças agramaticais com essa mesma configuração, porém contendo um adjunto preposicionado semanticamente incongruente com o restante da sentença, como em “*Maria pulou o muro até pressa”.

As sentenças do experimento foram pseudorandomizadas. No que tange ao grupo controle, 50 participantes realizaram o Teste de Julgamento de Gramaticalidade I e 50, o Teste de Julgamento de Gramaticalidade II, porém, todos os pacientes realizaram os dois testes.

Com o propósito de aprofundar a análise da expressão linguística temporo-aspectual dos pacientes, registrou-se a produção semiespontânea desses participantes. Para tanto, todas as sessões de aplicação dos testes foram gravadas em áudio, de modo que a interação entre pesquisador e paciente constituísse o *corpus* de fala semiespontânea. As gravações foram realizadas por meio de um aplicativo de captura de voz em um aparelho iPhone SE. A análise desse material consistiu na sistematização dos enunciados produzidos pelos pacientes, a partir da classificação dos verbos utilizados e das morfologias neles empregadas. Objetivou-se verificar a ocorrência de verbos de estado e de *achievement* na fala dos pacientes.

RESULTADO E ANÁLISE

Cada teste de julgamento de gramaticalidade foi aplicado a 50 adultos saudáveis. Assim, para o grupo controle, o número de respostas por condição totaliza 150 para as sentenças formuladas como gramaticais e 150 para aquelas construídas como agramaticais. No caso dos pacientes, cujos desempenhos são analisados individualmente, o número de respostas por condição é de 3 para as sentenças gramaticais e 3 para as agramaticais.

Os resultados obtidos por meio do Teste de Julgamento de Gramaticalidade I, voltado para avaliação do traço de estatividade, encontram-se sistematizados no quadro 4, a seguir. As siglas AF fazem referência aos pacientes com afasia de Broca e as siglas DA, aos pacientes com doença de Alzheimer.

Quadro 4 – Resultados no Teste de Julgamento de Gramaticalidade I

TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE - ESTATIVIDADE						
CONDIÇÃO 1						
Estativo + Morf. Não-Progressiva	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	148	3	3	3	3	3
Estranha	2	0	0	0	0	0
Estativo + Morf. Progressiva	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	8	1	3	3	2	3
Estranha	142	2	0	0	1	0
CONDIÇÃO 2						
Estativo + “Por x tempo”	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	145	2	2	3	3	2
Estranha	5	1	1	0	0	1
Estativo + “Em x tempo”	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	71	1	1	3	3	0
Estranha	79	2	2	0	0	3
CONDIÇÃO 3						
Verbo aspectual + Não-estativo	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	149	3	3	3	3	1
Estranha	1	0	0	0	0	2
Verbo aspectual + Estativo	Controle	AF1	AF 2	AF 3	DA 1	DA 2
Natural	8	0	1	3	2	2
Estranha	142	3	2	0	1	1

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A aplicação do teste ao grupo controle evidenciou que apenas algumas das restrições morfo-sintáticas para estaticidade elencadas com base na revisão da literatura parecem válidas no português brasileiro. Por um lado, a incompatibilidade de verbos genuinamente estaticos com a morfologia progressiva e com certos verbos aspectuais sustenta-se por meio dos dados obtidos aqui; por outro, verifica-se que os estados podem combinar-se com a expressão adverbial “em x tempo”, visto que, em 71 ocorrências, os falantes saudáveis consideraram as sentenças que continham essa combinação como naturais⁷.

No que diz respeito aos dados dos pacientes, verifica-se que, na condição 1, nas sentenças formuladas como gramaticais, independentemente da patologia, o desempenho dos pacientes assemelha-se ao dos controles, visto que os estímulos foram julgados como naturais. Por outro lado, nas sentenças formuladas como agramaticais, observa-se um panorama distinto, visto que todos os pacientes forneceram respostas não-esperadas, tendo julgado alguns estímulos como naturais.

Na condição 2, em todos os tipos de sentenças, foram fornecidas respostas não-esperadas. Nas sentenças formuladas como gramaticais, apenas os pacientes AF3 e DA1 julgaram as sentenças gramaticais como naturais, enquanto, nas sentenças formuladas como agramaticais, apenas o paciente DA2 julga a totalidade dos estímulos como estranha. Ainda assim, esse comportamento não pode ser entendido necessariamente como um “acerto” no teste, já que os pacientes AF3 e DA1 julgam todas as sentenças agramaticais também como naturais, indicando uma superaceitação dos estímulos do teste; e o paciente DA2 julga um dos estímulos gramaticais

7 Bergamini Pérez (2023) afirma que tal combinação é gramatical no português, porém, faz emergir a leitura de incoatividade. Nessa direção, é possível que os falantes que tenham julgado a combinação verbo estatico + “em x tempo” como gramatical tenham realizado tal interpretação da sentença.

como estranho, indicando que não há uma consistência no julgamento das sentenças. Apesar de tais considerações, vale destacar que houve aceitação de estativos tanto com “por x tempo” quanto com “em x tempo” pelos controles. Logo, essa condição especificamente não é muito reveladora para a discussão sobre um possível déficit linguístico com estatividade na afasia de Broca e na doença de Alzheimer.

Na condição 3, nas sentenças formuladas como gramaticais, verificam-se respostas esperadas em quase todos os pacientes, exceto no paciente DA2. Nas sentenças formuladas como agramaticais, por sua vez, verifica-se uma aceitação da estrutura avaliada em quase todos os pacientes, exceto no paciente AF1.

No que tange à avaliação do traço de pontualidade, levam-se em consideração os resultados obtidos por meio do Teste de Julgamento de Gramaticalidade II, conforme sistematizado no quadro 5, a seguir⁸.

Quadro 5 – Resultados no Teste de Julgamento de Gramaticalidade II

TESTE DE JULGAMENTO DE GRAMATICALIDADE - PONTUALIDADE						
CONDIÇÃO 1						
Pontual + “Em x tempo”	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	146	3	3	3	2	2
Estranha	4	0	0	0	1	1

8 Na condição 2, observou-se uma elevada taxa de aceitação, pelo grupo controle, do estímulo agramatical “Carlos terminou de ganhar o troféu”. É possível que essa sentença tenha sido julgada como gramatical em grande parte das respostas devido à proximidade semântica entre os verbos “terminar” e “acabar”. A perífrase “acabar” no pretérito perfeito + “de” + verbo no infinitivo é descrita como uma morfologia associada ao valor de passado recente ou à expressão de um resultado presente de uma ação passada (Gomes, 2020). Além disso, na condição 3, constatou-se maior aceitação da sentença “Matheus ganhou parcialmente a medalha”. Considerando que esses estímulos não contribuem para a investigação do déficit linguístico na afasia de Broca e na doença de Alzheimer, ambos foram excluídos da análise.

Pontual + “Por x tempo”	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	39	1	3	3	2	2
Estranha	111	2	0	0	1	1
CONDIÇÃO 2						
Verbo aspectual + Não-Pontual	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	149	3	3	3	1	2
Estranha	1	0	0	0	2	1
Verbo aspectual + Pontual	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	11	0	1	2	1	1
Estranha	116	2	1	0	1	1
CONDIÇÃO 3						
Não-Pontual + Parcialmente	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	144	2	2	3	3	3
Estranha	6	1	1	0	0	0
Pontual + Parcialmente	Controle	AF1	AF2	AF3	DA1	DA2
Natural	6	0	1	2	2	2
Estranha	130	2	1	0	0	0

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

A aplicação do teste ao grupo controle evidenciou que as restrições morfossintáticas para pontualidade elencadas com base na revisão da literatura parecem válidas no português brasileiro. Sendo assim, a incompatibilidade de verbos pontuais com a expressão adverbial “por x tempo”, com certos verbos aspectuais e com o advérbio “parcialmente” sustenta-se nos dados deste estudo uma vez que os resultados obtidos com o grupo controle nas diferentes condições, tanto nas sentenças gramaticais quanto agramaticais, foram bastante consistentes.

O resultado dos pacientes, por sua vez, apresenta maior heterogeneidade. Nas condições 1 e 2, nas sentenças formuladas como gramaticais, verifica-se que os pacientes com afasia de Broca performaram como esperado, enquanto os pacientes com doença de Alzheimer forneceram respostas não-esperadas. Nas sentenças formuladas como agramaticais dessas condições, em todos os pacientes, houve fornecimento de respostas não-esperadas, com exceção do paciente AF1 na condição 2. Na condição 3, nas sentenças formuladas como gramaticais, os pacientes AF3, DA1 e DA2 forneceram apenas respostas esperadas, enquanto os pacientes AF 1 e AF2 forneceram respostas não-esperadas. Nas sentenças formuladas como agramaticais, com exceção do paciente AF1, todos os demais forneceram respostas não-esperadas.

Na análise da produção semiespontânea, buscou-se identificar se havia produção de verbos de estado e de *achievement*, bem como verificar as morfologias a eles associadas. A sistematização dos resultados encontrados está disponível no quadro 6, a seguir:

Quadro 6 – Resultados da análise da produção semiespontânea dos pacientes

ANÁLISE DA PRODUÇÃO SEMIESPONTÂNEA					
	Afásico 1	Afásico 2	Afásico 3	Alzheimer 1	Alzheimer 2
Estados	Presente do Indicativo	Presente do Indicativo	----- -----	Presente do Indicativo / Pretérito Perfeito / Pretérito Imperfeito / Perífrases Progressivas	Presente do Indicativo / Pretérito Perfeito / Pretérito Imperfeito / Futuro Simples / Pretérito Imperfeito do Subjuntivo
Achievements	Pretérito Perfeito / Imperativo Afirmativo	Pretérito Perfeito	Pretérito Perfeito	Presente do Indicativo / Pretérito Perfeito / Pretérito Imperfeito / Imperativo Afirmativo / Infinitivo	Presente do Indicativo / Futuro Perifrástico / Pretérito Mais-Que-Perfeito Composto / Perífrase com modal

Fonte: elaborado pelos autores (2026).

Como se pode verificar, os pacientes produziram tanto estados quanto *achievements*. Como esperado para o perfil das patologias investigadas, os pacientes com afasia de Broca apresentam um inventário morfológico mais restrito, posto que se trata de uma patologia cuja produção linguística é considerada não-fluente, enquanto pacientes com doença de Alzheimer, uma patologia cuja produção linguística é descrita como inicialmente fluente, utilizam diversas morfologias verbais. Vale destacar que, apesar de o paciente AF3 não produzir verbos de estado, em contextos em que seu uso era propício, o paciente produzia sintagmas verbais que permitiam a compreensão da mensagem a ser transmitida, como em “Olhos... Linda... Olhos lindos”.

Considerando que tanto pacientes com afasia de Broca quanto pacientes com doença de Alzheimer apresentaram divergências no julgamento das sentenças em comparação com o grupo controle, seja no teste que avaliava estatividade, seja no teste com foco em pontualidade, considerou-se a seguinte conclusão para as hipóteses deste estudo: a hipótese (i), que previa que o conhecimento sobre restrições morfossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement* estaria preservado em pacientes com afasia de Broca falantes nativos do português brasileiro, foi refutada; enquanto a hipótese (ii), que previa que o conhecimento sobre restrições morfossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement* estaria comprometido em pacientes com doença de Alzheimer falantes nativos do português brasileiro, não foi refutada.

Esses resultados indicam que os pacientes com afasia de Broca e doença de Alzheimer parecem não apresentar sensibilidade para as restrições morfossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement* na estruturação de sentenças em português brasileiro. No entanto, tal panorama não deve ser compreendido como evidência de um comprometimento linguístico com os valores aspectuais semânticos de estatividade e pontualidade, visto que os pacientes foram capazes de produzir tais verbos linguisticamente em sua produção semiespontânea.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivou-se com este trabalho contribuir para o entendimento do déficit sintático-semântico em duas patologias que afetam a linguagem: a afasia de Broca e a doença de Alzheimer. Especificamente, investigou-se o conhecimento referente a restrições morfossintáticas impostas por verbos de estado e de *achievement*, que carregam, respectivamente, os traços de estatividade e pontualidade, em sentenças no português brasileiro.

Para tanto, foram desenvolvidos dois testes de julgamento de gramaticalidade e analisada a produção semiespontânea dos pacientes. Os resultados experimentais foram comparados aos obtidos por meio de sua aplicação ao grupo controle formado por adultos saudáveis. Os achados indicam que os pacientes, tanto aqueles com afasia de Broca quanto aqueles com doença de Alzheimer, não demonstram sensibilidade às restrições morfossintáticas examinadas. Contudo, observou-se a produção de verbos estativos e pontuais na fala desses sujeitos, o que sugere que o conhecimento dos traços de estatividade e de pontualidade permanece preservado na gramática mental desses indivíduos.

Como desdobramentos futuros, pretende-se ampliar o número de pacientes, aumentar o quantitativo de estímulos por condição nos testes de julgamento de gramaticalidade e desenvolver metodologias *on-line* que possibilitem a verificação do conhecimento linguístico durante o processamento das sentenças.

REFERÊNCIAS

ALVES, Camila Ferreira; MARTINS, Natália do Prado; MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva. O comprometimento linguístico de tempo e aspecto na Doença de Alzheimer: uma revisão sistemática da literatura. **Revista (Con)Textos Linguísticos**, v. 18, n. 39, p. 489-506, 2024. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=9801568>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100003>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BERGAMINI PÉREZ, João Francisco. **Uma proposta de análise sintático-semântica dos adjuntos temporais de medida**. 2023. 218 f. Tese (Doutorado em Linguística)

BERTUCCI, Roberlei Alves; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. When the Progressive and Aspectual Classes Meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, Karina Veronica; IBAÑOS, Ana Maria Tramunt (Org.). **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 124-156.

BERTUCCI, Roberlei Alves; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva; PARAGUASSU, Nize Rocha dos Santos. Bare plurals and achievements verbs: a case study of aspectual verbs. **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 9, n. 1, p. 117-137, 2010. DOI: <https://doi.org/10.5334/jpl.113>. Acesso em: 21 nov. 2025.

BHATT, Rajesh; PANCHEVA, Roumyana. Aspect: an overview. In: BHATT, Rajesh; PANCHEVA, Roumyana. **The Syntax and Semantics of Aspect**. LSA 130, 2005. p. 1-30. Disponível em: <https://web.mit.edu/rbhatt/www/lsa130/l1.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2023.

CANÇADO, Márcia. A teoria da proeminência de grimshaw e os psico-verbos do português brasileiro. **D.E.L.T.A.**, v. 11, n. 2, p. 279-299, 1995. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/45191>. Acesso em: 4 abr. 2023.

CARAMAZZA, Alfonso; ZURIF, Edgar B. Dissociation of Algorithmic and Heuristic Processes in Language Comprehension: Evidence from Aphasia. **Brain and Language**, v. 3, p. 572-582, 1976. DOI: [https://doi.org/10.1016/0093-934X\(76\)90048-1](https://doi.org/10.1016/0093-934X(76)90048-1).

CHIERCHIA, Gennaro. **Semântica**. Tradução de Luiz Arthur Pagani, Lúgia Negri e Rodolfo Ilari. Campinas, SP: UNICAMP, 2003.

COMRIE, Bernard. **Aspect**: an introduction to the study of verbal aspect and related problems. New York: Cambridge University Press, 1976.

CUNHA, Luis Felipe Alvão Serra Leite da. **As Construções com Progressivo no Português**: uma Abordagem Semântica. 1998. 171 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva). Faculdade de Letras, Universidade do Porto, Porto, 1998.

DÍAZ, Lara; FERNANDA, María; ROJAS, Beltrán; CONSTANZA, Judy; MONTOYA, Rodríguez; RAQUEL, Silvia; CASTRO, Arias; MARÍA, Diana; JARAMILLO, Araque; MILENA, Sandra. Análisis de la percepción de eventos estáticos y dinámicos en personas con enfermedad de Alzheimer. **Universitas Psychologica**, v. 15, n. 5, p. 1-20, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=64750042019>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DOWTY, David Roach. **Word meaning and montague semantics**: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

FYNDANIS, Valantis; MANOUILIDOU, Christina; KOUFOU, Eugenia; KARAMPEKIOS, Spyros; TSAPAKIS, Eva Maria. M. Agrammatic patterns in Alzheimer's disease: Evidence from tense, agreement, and aspect. **Aphasiology**, v. 27, n. 2, p. 178-200, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1080/02687038.2012.705814>.

GODOI, Elena. **Aspectos do aspecto**. 1992. 294 f. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

GOMES, Jean Carlos da Silva. Restrições morfofossintáticas em função de traços aspectuais semânticos no português brasileiro. **Revista Confluência**, n. 71, p. 23-52, 2026. DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n71.1495>.

GOMES, Jean Carlos da Silva Gomes. **O comprometimento do aspecto perfect na Doença de Alzheimer**. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

GOMES, Jean Carlos da Silva; MARTINS, Adriana Leitão; RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. Restrições morfofossintáticas na expressão linguística do aspecto semântico por jovens saudáveis: validação de metodologia para pesquisa em patologias da linguagem. In: 37º Encontro Nacional da Anpoll. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2023b.

GONÇALVES, Cláudio Corrêa e Castro. Estar-ndo as a Generic. **Revista Letras**, n. 63, p. 139-153, 2004. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/rel.v63i0.18552>.

HAVIK, Else; ROBERTS, Leah; VAN HOUT, Roeland; SCHREUDER, Robert; HAVERKORT, Marco. Processing Subject-Object Ambiguities in the L2: A Self-Paced Reading Study with German L2 Learners of Dutch. **Language Learning**, v. 59, n. 1, p. 73-112, 2009. DOI: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9922.2009.00501.x>.

MANSUR, Letícia Lessa; CARTHERY, Maria Teresa; CAMELLI, Paulo; NITRINI, Ricardo. Linguagem e cognição na Doença de Alzheimer. **Psicol. Reflex. Crit.**, v. 18, p. 300- 307, 2005. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000300002>.

MIRANDA, Adriane de França Simões; MARTINS, Adriana Leitão; GOMES, Jean Carlos da Silva; RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. Comprometimento linguístico de tempo e aspecto na doença de Alzheimer: uma revisão bibliográfica. *In*: 11a SEMANA DE INTEGRAÇÃO ACADÊMICA DA UFRJ. **Anais...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

NASCIMENTO, Franciele da Silva; RECH, Núbia Ferreira. A natureza do complemento dos verbos aspectuais. **Domínios da Linguagem**, v. 9, n. 3, p. 202-221, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL19-v9n3a2015-11>.

PIÑÓN, Christopher. Achievements in an Event Semantics. **Semantics and Linguistic Theory**, v. 7, p. 276-293, 1997. Disponível em: <http://pinon.sdf-eu.org/work/1775-3745-1-PB.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2023.

RODRIGUES, Fernanda de Carvalho. **Processamento de tempo e aspecto em indivíduos afásicos de Broca**. 2011. (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROTHSTEIN, Susan Deborah. **Structuring events: a study in the semantics of lexical aspect**. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

18

*Ana Beatriz de Melo Barbosa Palomanes
Adriana Leitão Martins*

CONHECIMENTO ASPECTUAL SEMÂNTICO NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

INTRODUÇÃO

Comrie (1976) define aspecto como as diferentes formas de visualizar a composição temporal interna de uma situação, podendo ser gramatical ou semântico. O aspecto gramatical está relacionado à noção aspectual expressa, por exemplo, por meio da morfologia verbal, enquanto o aspecto semântico diz respeito a traços temporais internos transmitidos por itens lexicais da sentença — como a raiz verbal, os argumentos e/ou adjuntos — independentemente de marcação morfológica.

No português brasileiro (PB), descrevem-se algumas restrições morfossintáticas impostas pelos traços aspectuais semânticos de estatividade e de pontualidade. Dentre as restrições descritas na literatura e investigadas experimentalmente por Gomes (2024), destacam-se, para estatividade, sua incompatibilidade com (i) a morfologia progressiva e (ii) determinados verbos aspectuais. Para pontualidade, destacam-se sua incompatibilidade com (i) determinados verbos aspectuais e (ii) o advérbio “parcialmente”.

No que concerne à neuroatipicidade investigada neste capítulo, destaca-se que, de acordo com a *American Psychiatric Association* (2013), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um transtorno do neurodesenvolvimento caracterizado por dificuldades nas habilidades sociais, no uso comunicativo da linguagem verbal e não verbal, além de interesses restritos e padrões de comportamento repetitivos e estereotipados. No que diz respeito ao comprometimento linguístico, os sujeitos autistas podem ter um problema sintático (Barton-Hulsey; Sterling, 2020). A revisão literária empreendida por Oliveira (2024) identificou alterações na expressão de valores aspectuais no TEA; no entanto, identificou-se uma lacuna quanto a estudos voltados especificamente à expressão aspectual semântica por esses sujeitos.

Palomanes (2024) aponta que sujeitos com TEA falantes do PB podem apresentar uma expressão linguística distinta da de sujeitos neurotípicos no que diz respeito à associação entre aspecto gramatical e semântico, nomeadamente, a estabelecida entre (im) perfectividade e (a)telicidade. Diante disso, este estudo investiga possíveis déficits linguísticos em sujeitos neuroatípicos diagnosticados com TEA ao analisar as restrições morfofossintáticas impostas pelos traços aspectuais semânticos de estatividade e pontualidade do verbo às sentenças do PB.

O objetivo geral deste estudo é contribuir para a caracterização da linguagem de sujeitos com TEA. O objetivo específico é investigar, em sujeitos com TEA falantes nativos do PB, a aceitabilidade de sentenças com verbos estativos/dinâmicos e pontuais/durativos combinados às propriedades morfofossintáticas apresentadas em Gomes (2024) na análise da aceitabilidade de sentenças com esses tipos de verbo dentre sujeitos neurotípicos.

Tem-se como hipótese que a expressão linguística de sujeitos com TEA falantes do PB apresenta diferenças quanto ao padrão observado em sujeitos neurotípicos falantes dessa língua quanto à aceitação de sentenças com verbos estativos e pontuais nas construções sintáticas investigadas.

A metodologia deste estudo consiste no desenvolvimento e aplicação de dois testes linguísticos *off-line* de julgamento de gramaticalidade, adaptados de Gomes (2024), com escala Likert. Esses testes foram aplicados a dois grupos: (i) grupo experimental, composto por 7 falantes do PB diagnosticados com TEA, com idades entre 20 e 39 anos e escolaridade variando entre ensino médio completo e ensino superior completo; e (ii) grupo controle, formado por 16 falantes do PB neurotípicos, com perfil de idade e de nível de escolaridade semelhante ao do grupo experimental.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: na primeira seção, apresenta-se esta breve introdução; na segunda seção,

dissertamos sobre as oposições aspectuais semânticas de estatividade/dinamicidade e pontualidade/duratividade e as restrições morfofossintáticas impostas pelos verbos estativos e pontuais, além de discutirmos sobre o TEA e os possíveis déficits linguísticos em sujeitos neuroatípicos inseridos no espectro autista; na terceira, dissertamos sobre a metodologia adotada neste estudo; na quarta, apresentamos e analisamos os resultados obtidos; e, por fim, na última, realizamos as considerações finais da pesquisa.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Comrie (1976) define o aspecto semântico como aquele expresso pelos itens lexicais que compõem a sentença, como a raiz verbal, os argumentos e/ou os adjuntos, e propõe a existência de três oposições aspectuais semânticas: estatividade/dinamicidade, pontualidade/duratividade e telicidade/atelicidade. No presente estudo, apenas as duas primeiras oposições são objeto de investigação.

A oposição estatividade/dinamicidade pode ser observada, respectivamente, nas sentenças "João gosta de maçã" e "João come maçã". Na primeira, trata-se de uma situação estática, inalterada no tempo, sem mudança, gasto de energia ou fases internas — há indiferença entre os momentos de sua duração. Na segunda, observa-se uma situação dinâmica, com mudanças ao longo do tempo e estrutura interna faseada.

Pontualidade/duratividade manifesta-se, respectivamente, nas sentenças "João achou a chave" e "João procurou a chave". Na primeira, trata-se de um evento pontual, que ocorre de forma instantânea, sem fases internas. Já na segunda, observa-se uma situação durativa, caracterizada pela possibilidade de persistência ao longo de um intervalo temporal.

A proposta de classificação de tipos de verbo de Smith (1991), alinhada aos valores aspectuais semânticos descritos por Comrie (1976), apresenta cinco tipos de verbos: além dos quatro propostos por Vendler (1967) – estados, atividades, *accomplishments* e *achievements* –, foi incluído mais um tipo de verbo, os semelfactivos. O quadro 1, a seguir, apresenta como a combinação binária desses traços define a classificação dos tipos de verbo segundo a proposta de Smith (1991).

Quadro 1 – Classificação dos tipos de verbo com base em Smith (1991, p. 20)

	Estático	Durativo	Télico
Estados	+	+	//////
Atividades	-	+	-
<i>Accomplishment</i>	-	+	+
Semelfactivo	-	-	-
<i>Achievement</i>	-	-	+

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Propostas de classificação de tipos de verbo, como a de Smith (1991) anteriormente comentada, baseiam-se em um conjunto de restrições morfofossintáticas que envolvem tanto a possibilidade de utilização desses verbos com determinadas morfologias verbais quanto sua associação a adjuntos específicos na sentença. A seguir, apresentam-se algumas das restrições morfofossintáticas impostas aos traços aspectuais semânticos em investigação neste capítulo

A (im)possibilidade de combinação de verbos estativos com a morfologia progressiva constitui um tema de grande discussão nos estudos sobre a Língua Portuguesa, em grande parte devido à natureza do predicado envolvido, como se observa nos exemplos de (1) a (4), extraídos de Bertucci e Lunguinho (2013, p. 145):

- (1) *Maria está tendo olhos verdes.
- (2) *Maria está sendo alta.
- (3) Maria está tendo febre.
- (4) Maria está sendo chata.

Como observa-se, as sentenças em (1) e (2) são agramaticais, enquanto as em (3) e (4) soam naturais aos falantes da língua. A explicação para tal contraste varia entre os autores que investigam esse fenômeno no português.

Para Basso e Ilari (2004), os verbos são classificados como tipicamente estativos, não-tipicamente estativos ou não-estativos, com base nos traços [$\pm$ mudança] e [$\pm$ controle]. Verbos tipicamente estativos ([-mudança, -controle]) não se combinam com a morfologia progressiva no português, o que leva ao questionamento da gramaticalidade de frases como "Rio Claro está se localizando no interior de São Paulo" (Basso; Ilari, 2004, p. 18).

Autores como Dowty (1979), Lamiroy (1987), Bertucci e Lunguinho (2013), Nascimento e Rech (2015) e Gomes (2024) apontam que verbos tipicamente estativos não se associam a verbos aspectuais como "começar a", "continuar a", "parar de", "deixar de", "acabar de" e "terminar de", conforme ilustrado no exemplo em (5).

- (5) *José começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de ter olhos verdes / ter dois filhos / ser pai de Felipe. (Nascimento; Rech, 2015, p. 209).

Segundo Nascimento e Rech (2015), a incompatibilidade entre verbos estativos e certos verbos aspectuais decorre de traços semânticos específicos nesses verbos aspectuais: o traço [+fase], presente em *parar*, e o traço [+télico], presente em *acabar* e *terminar*. Essas propriedades semânticas de verbos aspectuais dificultam sua combinação com predicados estativos. No entanto, verbos

aspectuais com o traço [-fase], como *começar*, podem ocorrer com estativos, desde que o contexto indique mudança de estado, como em “Ela começou a morar sozinha”.

Autores como Rothstein (2004), Nascimento e Rech (2015) e Gomes (2024) destacam que os verbos de *achievement* são incompatíveis com certos verbos aspectuais. O exemplo em (6), extraído de Nascimento e Rech (2015, p. 209), ilustra essa incompatibilidade.

(6) *Fábio começou a / continuou a / parou de / deixou de / acabou de / terminou de morrer / chegar / entrar no escritório.

Piñón (1997) afirma que *achievements* são incompatíveis com advérbios que indicam realização parcial, como “parcialmente”, o que torna sentenças como “O paciente morreu parcialmente” agramaticais. Como os *achievements* denotam eventualidades instantâneas e sem partes internas, não admitem realização parcial.

Gomes (2024), em estudo experimental sobre a possibilidade de perda linguística relacionada ao aspecto semântico em pacientes com afasia de Broca e Alzheimer, destaca a sensibilidade de falantes neurotípicos do PB às quatro restrições morfofossintáticas discutidas anteriormente. No quadro 2 abaixo, encontram-se esses resultados sistematizados.

Quadro 2 – Resultados dos testes de julgamento de gramaticalidade de Gomes (2024)

Condição	Exemplo	Natural	Condição	Exemplo	Estranho
Verbo Estativo + Não-progressividade	<i>Marina tem cabelos castanhos.</i>	98,7%	Verbo Estativo + Progressividade	<i>Maria está sendo alta.</i>	94,7%
Verbo Aspectual + Dinâmico	<i>Alan parou de ler o livro.</i>	99,3%	Verbo Aspectual + Estativo	<i>Joana acabou de ser alta.</i>	94,7%
Verbo Aspectual + Durativo	<i>Lúcio terminou de relatar o caso.</i>	99,3%	Verbo Aspectual + Pontual	<i>Isabella parou de chegar no hospital.</i>	91,3%

Verbo Durativo + "Parcialmente"	<i>Alexandre correu parcialmente a maratona.</i>	96%	Verbo Pontual + "Parcialmente"	<i>Natália encontrou parcialmente o livro.</i>	95,6%
------------------------------------	--	-----	-----------------------------------	--	-------

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

No que tange ao transtorno sob análise neste capítulo, destaca-se que o TEA é um transtorno do neurodesenvolvimento descrito no DSM-5 (*American Psychiatric Association*, 2013) caracterizado por dificuldades persistentes na comunicação e na interação social, além de padrões comportamentais restritos e repetitivos. Entre suas manifestações, destacam-se o uso atípico da linguagem, a dificuldade em interpretar sinais sociais e a rigidez a rotinas. Também são frequentes respostas sensoriais incomuns e interesses restritos.

No que se refere à linguagem, de acordo com Barton-Hulsey e Sterling (2020), sujeitos autistas podem apresentar comprometimentos sintáticos que incidem, por exemplo, sobre categorias funcionais, como a de aspecto. Dados extraídos da revisão literária de Oliveira (2024) indicam que sujeitos neuroatípicos com TEA demonstram dificuldades significativas na expressão de traços aspectuais, como, por exemplo, dificuldade na produção do perfectivo, progressivo e experiencial no mandarim. Contudo, segundo a autora, não foram encontrados estudos que se voltassem ao exame do conhecimento linguístico acerca de aspecto semântico em sujeitos com o transtorno em questão.

Palomanes (2024), em um estudo sobre a associação estabelecida entre os valores de (im)perfectividade e (a)telicidade por sujeitos com TEA falantes do PB, destaca que, nessa população, pode haver uma expressão linguística distinta da de sujeitos neurotípicos. Mais especificamente, enquanto sujeitos neurotípicos tendem a associar verbos no perfectivo a eventos télicos, como em “Maria comeu uma maçã”, e verbos no imperfectivo a eventos atélicos,

como em “Maria comia maçã”¹, sujeitos com TEA parecem associar majoritariamente verbos no perfectivo e no imperfectivo a eventos télicos. Contudo, os resultados obtidos em Palomanes (2024) com sujeitos com TEA indicaram apenas escolhas linguísticas orientadas pelas experiências de mundo dos falantes, e não produção de sentenças agramaticais pela população neuroatípica investigada.

METODOLOGIA

A fim de verificar uma possível atipicidade na expressão linguística de sujeitos neuroatípicos com TEA falantes do PB, foram desenvolvidos e aplicados, via *Google Forms*, dois testes linguísticos de julgamento de gramaticalidade. Dessa forma, para cada teste, formou-se um grupo experimental com 7 sujeitos neuroatípicos com TEA falantes do PB diagnosticados por profissionais da saúde – médicos e psicólogos –, com idades entre 20 e 39 anos e escolaridade variando entre ensino médio completo e ensino superior completo.

A literatura destaca que, na investigação de comprometimentos linguísticos em diferentes patologias, é essencial comparar o desempenho do grupo alvo ao de um grupo controle composto por indivíduos saudáveis. Para tal, este estudo inclui um grupo de 16 participantes neurotípicos com perfil semelhante quanto à faixa etária e ao grau de escolaridade ao dos sujeitos com TEA, assegurando uma base comparativa adequada para a análise dos dados.

Entre os respondentes das tarefas, no grupo experimental, foram excluídos os participantes que não informaram ter diagnóstico de TEA e também os que relataram transtornos primordialmente associados à linguagem, como a dislexia. No grupo controle,

1 Aferido experimentalmente em Gomes (2024) quando o estímulo apresentado aos participantes consistia em uma imagem singular.

por sua vez, foram excluídos todos os indivíduos que informaram ter diagnóstico ou suspeita de alguma neuroatipicidade.

Dentre os participantes do grupo experimental formado para o primeiro teste, dois informaram ter diagnóstico ou suspeita de Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e um terceiro relatou ter diagnóstico ou suspeita de altas habilidades/superdotação. Entre os respondentes do segundo teste, dois informaram TDAH, dois relataram altas habilidades/superdotação, e um participante informou ter diagnóstico ou suspeita de TDAH e Transtorno do Processamento Sensorial. É importante ressaltar que, frequentemente, indivíduos com TEA apresentam outros transtornos do neurodesenvolvimento concomitantes, como a deficiência intelectual (*American Psychiatric Association*, 2013), justificando nossa escolha metodológica de manter esses participantes na pesquisa.

Como mencionado na introdução deste capítulo, foram desenvolvidos e aplicados dois testes linguísticos *off-line* de julgamento de gramaticalidade com escala Likert, adaptado de Gomes (2024). O Teste de Julgamento de Gramaticalidade I busca investigar um possível comprometimento com a estruturação de sentenças cujo verbo tinha o valor aspectual de estatividade, enquanto o Teste de Julgamento de Gramaticalidade II foca essa investigação na estruturação de sentenças cujo verbo tinha o valor aspectual de pontualidade.

Cada teste foi composto por 48 sentenças, sendo 16 delas sentenças-alvo e 32 sentenças-distratoras. A tarefa apresentada ao participante continha a seguinte instrução: "Nesta tarefa, você dará sua opinião sobre frases do português brasileiro com base em como elas soam para você. Use a escala a seguir para indicar seu julgamento: 1 – muito estranho, 2 – estranho, 3 – não sei opinar, 4 – natural, ou 5 – muito natural".

Para o Teste de Julgamento de Gramaticalidade I, elaborado para investigar sentenças com o traço aspectual de estatividade, foram elaboradas duas condições alvo, conforme sistematizado no quadro 3 a seguir.

Quadro 3 – Condições experimentais no Teste de Julgamento de Gramaticalidade I

Condições Experimentais	Itens Experimentais	Expectativa de Resposta
Estativo + (Não-)Progressividade		
Morfologia progressiva	1. Roberta <u>está sendo</u> alta. 2. A água do mar <u>está possuindo</u> sal. 3. Igor <u>está tendo</u> pele branca. 4. O carro <u>está pertencendo</u> ao João.	muito estranho / estranho
Morfologia não-progressiva	1. Pedro <u>é</u> ruivo. 2. Refrigerantes <u>possuem</u> açúcar. 3. Mariana <u>tem</u> cabelos castanhos. 4. O livro <u>pertence</u> à biblioteca.	muito natural / natural
Verbo Aspectual + Estativo/Dinâmico		
Verbo estativo	1. Joana <u>acabou de ser</u> brasileira. 2. A carteira <u>terminou de pertencer</u> ao Henrique. 3. Alan <u>parou de ter</u> olhos verdes. 4. O mar <u>começou a possuir</u> peixes.	muito estranho / estranho
Verbo dinâmico	1. Aline <u>acabou de escrever</u> o poema. 2. Gilberto <u>terminou de lavar</u> a louça. 3. O menino <u>parou de ler</u> o livro. 4. A criança <u>começou a brincar</u> na rua.	muito natural / natural

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Esperava-se que participantes neurotípicos considerassem como naturais ou muito naturais as sentenças classificadas como

gramaticais na literatura, e como estranhas ou muito estranhas as agramaticais. Caso o desempenho de sujeitos com TEA se desvie desse padrão, é possível que haja alguma alteração no seu conhecimento linguístico acerca das restrições sintáticas impostas às sentenças com o traço aspectual semântico de estatividade. No Teste de Julgamento de Gramaticalidade II, elaborado para investigar sentenças com o traço aspectual de pontualidade, têm-se duas condições alvo, conforme apresentado no quadro 4.

Quadro 4 – Condições experimentais no Teste de Julgamento de Gramaticalidade II

Condições Experimentais	Itens Experimentais	Expectativa de Resposta
Verbo Aspectual + Pontual/Durativo		
Verbo pontual	1. A médica <u>parou de chegar</u> no hospital. 2. Cláudia <u>começou a encontrar</u> a chave. 3. O rapaz <u>terminou de achar</u> a carteira. 4. Roberto <u>continuou a</u> entrar no trabalho.	muito estranho / estranho
Verbo durativo	1. Lúcio <u>terminou de relatar</u> o caso. 2. Valentina <u>parou de comprar</u> doces. 3. Thiago <u>começou a jogar</u> futebol. 4. A senhora <u>continuou a cozinhar</u> em casa.	muito natural / natural
Pontual/Durativo + Parcialmente		
Verbo pontual	1. O DJ <u>chegou parcialmente</u> na festa. 2. Natália <u>encontrou parcialmente</u> o livro. 3. A menina <u>tocou parcialmente</u> a campainha. 4. Juan <u>perdeu parcialmente</u> o celular.	muito estranho / estranho
Verbo durativo	1. Alexandre <u>correu parcialmente</u> a maratona. 2. O gari <u>varreu parcialmente</u> a rua. 3. A garota <u>viu parcialmente</u> o filme. 4. Marcela <u>escreveu parcialmente</u> a carta.	muito natural / natural

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Esperava-se que participantes neurotípicos considerassem como naturais ou muito naturais as sentenças classificadas como gramaticais na literatura, e como estranhas ou muito estranhas as agramaticais. Caso o desempenho de sujeitos com TEA se desvie desse padrão, é possível que haja alguma alteração no seu conhecimento linguístico acerca das restrições sintáticas impostas às sentenças com o traço aspectual semântico de pontualidade.

As sentenças distratoras das duas tarefas dividiam-se em duas condições, como ilustrado no quadro 5.

Quadro 5 – Distratoras no Teste de Julgamento de Gramaticalidade I

Condições Distratoras	Exemplos de Itens Distratores
Perífrase Verbal	
Perífrase compatível	Paulo estava pintando a parede.
Perífrase incompatível	O senhor estivesse preparando o jantar.
Preposição introdutora do adjunto verbal	
Preposição adequada	A garota empilhou os livros por tamanho.
Preposição inadequada	A senhora costurou a meia até a máquina.

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Destaca-se que nenhuma sentença distratora foi repetida, permitindo que o participante pudesse realizar os dois testes linguísticos apresentados nesta seção.

RESULTADO E ANÁLISE

Nos testes de julgamento de gramaticalidade aplicados, os participantes avaliavam cada frase em uma escala de 1 (muito

estranho) a 5 (muito natural). A seguir, no quadro 6, apresentam-se os resultados dos participantes no Teste de Julgamento de Gramaticalidade I.

Quadro 6 – Resultados do Teste de Julgamento de Gramaticalidade I

Condição	Exemplo	Grupo	1	2	3	4	5
Verbo Estativo + Não-progressividade (gramatical)	Pedro é ruivo.	Controle	0%	1,6%	0%	4,7%	93,7%
		Experimental	0%	3,6%	0%	25%	71,4%
Verbo Estativo + Progressividade (agramatical)	Roberta está sendo alta.	Controle	50%	28,1%	6,3%	12,5%	3,1%
		Experimental	46,4%	42,9%	0%	10,7%	0%
Verbo Aspectual + Dinâmico (gramatical)	O menino parou de ler o livro.	Controle	0%	0%	0%	3,1%	96,9%
		Experimental	0%	0%	0%	28,6%	71,4%
Verbo Aspectual + Estativo (agramatical)	Joana acabou de ser brasileira.	Controle	57,8%	18,7%	14,1%	6,3%	3,1%
		Experimental	50%	32,1%	3,6%	14,3%	0%

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Como apresentado no quadro 6, os participantes do grupo experimental tiveram comportamento bastante análogo ao do grupo controle. Os participantes com TEA atribuíram quase exclusivamente avaliações de “natural” ou “muito natural” às condições “verbo estativo + morfologia não progressiva” e “verbo aspectual + durativo”, descritas na literatura como gramaticais, e predominantemente avaliações de “estranho” ou “muito estranho” às condições “verbo estativo + morfologia progressiva” e “verbo aspectual + estativo”, classificadas como agramaticais na literatura. Destaca-se que, diferentemente do grupo controle, os sujeitos com TEA conferiram mais respostas com grau 4 (“natural”) nas condições com sentenças gramaticais e mais respostas com grau 2 (“estranho”) nas condições com sentenças agramaticais do que os sujeitos neurotípicos.

Em outras palavras, verificou-se que, embora os comportamentos dos dois grupos sejam semelhantes, os participantes com TEA distribuíram suas respostas mais uniformemente entre os graus 4 (“natural”) e 5 (“muito natural”) nas condições com sentenças gramaticais e entre os graus 1 (“muito estranho”) e 2 (“estranho”) nas condições com sentenças agramaticais, enquanto os participantes neurotípicos tendem a concentrar mais suas respostas no grau 5 no primeiro caso e no grau 1 no segundo caso.

No quadro 7 a seguir, apresentam-se os resultados dos participantes no Teste de Julgamento de Gramaticalidade II.

Quadro 7 – Resultados do Teste de Julgamento de Gramaticalidade II

Condição	Exemplo	Grupo	1	2	3	4	5
Verbo Aspectual + Durativo (gramatical)	<i>Valentina parou de comprar doces.</i>	Controle	0%	1,6%	0%	14,1%	84,3%
		Experimental	0%	0%	0%	28,6%	71,4%
Verbo Aspectual + Pontual (agramatical)	<i>A médica parou de chegar no hospital.</i>	Controle	34,4%	34,4%	18,7%	9,4%	3,1%
		Experimental	21,4%	39,3%	21,4%	17,9%	0%
Verbo Durativo + “Parcialmente” (gramatical)	<i>Alexandre correu parcialmente a maratona.</i>	Controle	1,6%	10,9%	4,7%	39,1%	43,7%
		Experimental	0%	14,3%	14,3%	32,1%	39,3%
Verbo Pontual + “Parcialmente” (agramatical)	<i>O DJ chegou parcialmente na festa.</i>	Controle	48,4%	31,3%	7,8%	7,8%	4,7%
		Experimental	39,3%	42,9%	10,7%	7,1%	0%

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

Em continuidade à análise dos dados apresentados, e no que concerne às restrições morfofossintáticas impostas às sentenças com traços aspectuais semânticos de pontualidade e duratividade, os resultados do segundo teste seguiram o mesmo padrão daqueles do primeiro: a aceitabilidade/inaceitabilidade pelo grupo

experimental foi semelhante a do grupo controle em todas as condições. As condições descritas como gramaticais na literatura ("verbo aspectual + durativo" e "verbo durativo + parcialmente") foram majoritariamente avaliadas como "natural" ou "muito natural". Do mesmo modo, as construções consideradas agramaticais ("verbo aspectual + pontual" e "verbo pontual + parcialmente") foram classificadas como "estranho" ou "muito estranho". No que tange à diferença entre os grupos experimental e controle, destaca-se que, nas condições com sentenças agramaticais, os sujeitos com TEA seguiram direção oposta ao do grupo controle no que concerne à marcação de respostas de grau 1 ("muito estranho") e 2 ("estranho"): enquanto os participantes com TEA atribuíram nessas condições mais respostas de grau 2 e um pouco menos de grau 1, os participantes neurotípicos conferiam nessas condições mais respostas de grau 1 e um pouco menos de grau 2.

Ao investigarmos restrições morfofossintáticas impostas por determinados tipos de verbo a sentenças de uma língua, não verificamos simplesmente o conhecimento de aspecto semântico, mas o conhecimento sintático mobilizado na composição estrutural de sentenças contendo certos traços aspectuais semânticos. Dessa forma, ao observarmos os resultados dos participantes neuroatípicos diagnosticados com TEA neste estudo, não é possível afirmar que haja um comprometimento linguístico na população investigada, uma vez que os participantes demonstraram sensibilidade às agramaticalidades decorrentes das restrições sob análise, indo de encontro a estudos como de Barton-Hulsey e Sterling (2020).

As diferenças observadas entre os resultados do presente estudo e os de Palomanes (2024), em que o comportamento dos participantes neuroatípicos com TEA diferem dos sujeitos neurotípicos falantes do PB em um teste que verificava a relação estabelecida entre aspecto gramatical e semântico, justifica-se pela diferença entre o que era aferido nos testes desta e daquela pesquisa. Diferentemente de Palomanes (2024), que investigou preferências

de realização linguística de sentenças com o traço aspectual semântico de telicidade, a depender da morfologia verbal, ou seja, escolhas que decorriam da experiência de mundo do falante e não interferiam na gramaticalidade das sentenças, o presente estudo examinou a compatibilidade sintática entre os traços aspectuais semânticos de estatividade/dinamicidade e pontualidade/duratividade e certas construções morfofossintáticas, o que implicava em possíveis agramaticalidades nas sentenças. Reitera-se que, neste caso, a população neuroatípica investigada apresentou desempenho linguístico análogo à neurotípica.

No que concerne aos resultados ligeiramente divergentes entre os grupos controle e experimental nos testes com escala Likert utilizados neste estudo, especificamente no que tange à distribuição mais equilibrada, entre os participantes com TEA, de respostas entre os graus 4 e 5 nas condições com sentenças gramaticais e entre os graus 1 e 2 nas condições com sentenças agramaticais, discute-se que tal comportamento não deve ser interpretado como resultante de algum tipo de comprometimento sintático na população investigada. Tal comportamento pode ser explicado de três diferentes maneiras: (i) como resultante de uma maior variabilidade no desempenho linguístico entre os sujeitos desse grupo, (ii) como consequência de alguma hesitação na avaliação das sentenças, o que os levava a evitar ser menos categóricos na indicação de respostas que se concentrassem nos extremos na escala Likert, ou (iii) como reflexo da existência de comorbidades associadas ao TEA, como TDAH, dentre os sujeitos do grupo experimental.

Discute-se, ainda, que a os resultados apresentados nesta pesquisa, que sustentam a integridade do conhecimento sintático mobilizado em sentenças com os traços aspectuais semânticos de estatividade e pontualidade pela população com TEA, preenchem uma lacuna verificada na literatura acerca da expressão aspectual semântica nesse transtorno. Apesar da existência de estudos que busquem caracterizar o conhecimento temporo-aspectual nessa população,

a revisão de literatura apresentada por Oliveira (2024) ressaltou uma lacuna no que se refere à investigação do conhecimento aspectual semântico em sujeitos com TEA, de modo que esta pesquisa ampliou a descrição de fenômenos aspectuais nessa população.

No que diz respeito à teoria linguística, os dados obtidos nesta pesquisa endossam o que já foi verificado em Dowty (1979), Lamiroy (1987), Piñón (1997), Basso e Ilari (2004), Rothstein (2004), Bertucci e Lunguinho (2013), Nascimento e Rech (2015) e Gomes (2024) acerca das incompatibilidades entre certos traços aspectuais semânticos e determinadas construções morfofossintáticas no PB. Uma vez que defendemos que a população em investigação apresenta o conhecimento aspectual semântico preservado, argumentamos que os resultados obtidos sustentam o que já foi descrito acerca da estrutura de sentenças do PB com alguns tipos de verbo, como a má formação de sentenças (i) com verbos estativos e a morfologia progressiva ou com esses verbos figurando em perífrases com verbos aspectuais como “terminar de” e “acabar de” e (ii) com verbos pontuais integrando perífrases com verbos aspectuais como “terminar de” e “acabar de” ou com o advérbio “parcialmente” associado a verbos pontuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo caracterizar a linguagem de sujeitos neuroatípicos com TEA e investigar a aceitabilidade, por esses sujeitos falantes do PB, de sentenças com verbos estativos/dinâmicos e pontuais/durativos combinados a diferentes propriedades morfofossintáticas. Para tal, aplicaram-se dois testes de julgamento de gramaticalidade. Uma vez que os participantes da população em investigação demonstraram sensibilidade às agramaticalidades das sentenças nos testes desta pesquisa, apresentando resultados

semelhantes aos dos participantes neurotípicos, a hipótese foi refutada. Concluímos que o presente estudo não nos permite afirmar que haja um comprometimento de natureza semântico-sintática aspectual em indivíduos neuroatípicos com TEA. Pelo contrário, sustentamos que o conhecimento linguístico desses sujeitos no que concerne aos fenômenos aqui investigados não diverge desse conhecimento entre sujeitos neurotípicos.

REFERÊNCIAS

- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**. 5ª ed. Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.
- BARTON-HULSEY, Andrea; STERLING, Audra. Grammatical judgment and production in male participants with idiopathic autism spectrum disorder. **Clinical Linguistics & Phonetics**, v. 34, n. 12, p. 1088-1111, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1080/02699206.2020.1719208>.
- BASSO, Renato Miguel; ILARI, Rodolfo. Estativos e suas características. **Revista Brasileira de Lingüística Aplicada**, v. 4, n. 1, p. 15-26, 2004. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1984-63982004000100003>.
- BERTUCCI, Roberlei Alves; LUNGUINHO, Marcus Vinicius da Silva. When the Progressive and Aspectual Classes Meet: the case of Brazilian Portuguese. In: MOLSING, Karina Veronica; IBAÑOS, Ana Maria Tramunt (Org.). **Time and TAME in Language**. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013. p. 124-156.
- CHOMSKY, Noam. **The minimalist program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, Noam. **Language and Problems of Knowledge: The Managua Lectures**. Cambridge, MA: MIT Press, 1988.
- CHOMSKY, Noam. **Syntactic structures**. The Hague: Mouton, 1957.
- COMRIE, Bernard. **Aspect: an introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1976.

DOWTY, David Roach. **Word meaning and montague semantics**: the semantics of verbs and times in generative semantics and in montague's PTQ. Dordrecht: D. Reidel Publishing Co, 1979.

GOMES, Jean Carlos da Silva. **A deterioração de aspecto gramatical e semântico na afasia de Broca e na doença de Alzheimer**. 2024. 320 f. Tese (Doutorado em Linguística) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Departamento de Linguística e Filologia, Rio de Janeiro.

LAMIROY, Béatrice. The complementation of aspectual verbs in french. **Language**. v. 63, n. 2, p. 278-298, 1987. DOI: <http://dx.doi.org/10.2307/415657>

NASCIMENTO, Franciele da Silva; RECH, Núbia Ferreira. A natureza do complemento dos verbos aspectuais. **Domínios da Linguagem**, v. 9, n. 3, p. 202-221, 2015. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL19-v9n3a2015-11>.

OLIVEIRA, Larissa de Lima. **A expressão linguística de tempo e aspecto no transtorno do espectro autista**. 2024. 48 f. Monografia (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Francês) — Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PALOMANES, Ana Beatriz de Melo Barbosa. **A realização aspectual no Transtorno do Espectro Autista: associação entre (im)perfectividade e (a)telicidade**. 68f. Monografia (Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

PIÑÓN, Christopher. Achievements in an Event Semantics. **Semantics and Linguistic Theory**, v. 7, p. 276-293, 1997. Disponível em: <http://pinon.sdf-eu.org/work/1775-3745-1-PB.pdf>. Acesso em: 5 de jan. de 2025.

ROTHSTEIN, Susan Deborah. **Structuring events**: a study in the semantics of lexical aspect. Oxford: Blackwell Publishing, 2004.

SMITH, Carlota. **The parameter of aspect**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1991.

VENDLER, Zeno. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell, 1967.

19

*Yasmin da Silva Pereira Almeida
Marina Rosa Ana Augusto*

HABILIDADES NARRATIVAS COM ENFOQUE EM TEORIA DA MENTE NO TEA (TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA)

INTRODUÇÃO

A presente discussão¹ busca elucidar possíveis comprometimentos em indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nas habilidades linguísticas, particularmente narrativas, e no uso/compreensão de termos de estado mental. Segundo o DSM-5, o TEA caracteriza-se por dificuldades sociais e de comunicação, além de padrões comportamentais repetitivos e interesses restritos. Apesar desses critérios, trata-se de um quadro amplamente heterogêneo, no qual há desde indivíduos sem prejuízo cognitivo até aqueles com diferentes perfis de comprometimento linguístico. Tager-Flusberg (2006) destaca, inclusive, a existência de múltiplos fenótipos de linguagem no TEA, envolvendo prejuízos predominantemente gramaticais, pragmáticos ou ambos.

Considerando essa diversidade, o estudo focaliza crianças de 5 a 9 anos, em contexto escolar, a fim de observar suas habilidades narrativas por meio do instrumento MAIN (Gagarina *et al.*, 2012), utilizando a estratégia de conto-reconto com apoio de imagens e áudio. O MAIN permite analisar aspectos de macroestrutura (como situação inicial, problema, resolução e desfecho), além da produção de termos de estado mental. Essa análise é fundamental, uma vez que a competência narrativa envolve duração adequada, flexibilidade frasal, mecanismos coesivos, recursos estilísticos e a capacidade de inferir e verbalizar estados mentais dos personagens.

O estudo também considera o papel das Funções Executivas (FEs), compreendidas como processos cognitivos de controle do pensamento e do comportamento. As FEs incluem habilidades básicas, como controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva, e habilidades de alto nível, como planejamento, resolução

1

O presente estudo constitui-se como um recorte da dissertação de mestrado (em andamento) da primeira autora, orientada pela segunda autora (Almeida, em andamento).

de problemas e raciocínio fluido (Diamond, 2013). Tais funções são diretamente acionadas na elaboração de narrativas, justificando sua avaliação no grupo TEA. A pesquisa conta com dois grupos: um grupo controle e um grupo experimental (TEA). O objetivo é avaliar o desempenho narrativo, o uso de termos de estado mental e o funcionamento executivo, investigando possíveis relações entre TEA, dificuldades na elaboração do discurso narrativo e perfis de FEs.

Este capítulo está organizado da seguinte maneira: a seguir, apresentam-se os pressupostos teóricos que embasam a pesquisa. A seção seguinte de metodologia descreve os instrumentos utilizados e os procedimentos de coleta, seguidos da apresentação dos resultados obtidos nas tarefas aplicadas. Por fim, tecem-se algumas considerações finais.

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Do ponto de vista teórico, o estudo dialoga com os pressupostos da Teoria Gerativista (Chomsky, 1986; 1995), ao investigar a interface entre sintaxe, semântica e cognição; e com os fundamentos da Teoria da Mente (Premack; Woodruff, 1978; de Villiers, 2005; 2007), ao examinar o uso e a compreensão de termos de estado interno na narrativa infantil. Do ponto de vista aplicado, oferece subsídios relevantes para o campo da psicolinguística e para práticas pedagógicas e terapêuticas voltadas à população com TEA, uma vez que compreender o funcionamento da linguagem e da cognição em conjunto pode orientar estratégias de intervenção mais eficazes, baseadas em evidências empíricas.

As habilidades narrativas englobam avaliações tanto no nível da macroestrutura, quanto da microestrutura organizacional de uma narrativa. A macroestrutura organiza o sentido global da narrativa,

ou seja, corresponde à organização temática e aos elementos gerais que garantem a coerência da história. Já a microestrutura detalha os aspectos linguísticos que tornam essa narrativa coesa e compreensível, isto é, envolve os recursos linguísticos que sustentam o desenvolvimento do texto – vocabulário, morfologia, sintaxe e semântica – responsáveis por assegurar coesão e clareza.

Baixauli *et al.* (2016) apresentam um estudo de meta-análise, englobando 24 pesquisas voltadas para o desempenho narrativo de crianças e adolescentes com TEA, de alto funcionamento, cujas análises mostraram desempenhos significativamente inferiores da população com TEA na comparação com seus pares em variáveis avaliadas como capacidade intelectual, idade e tipo de narrativa. Os autores indicam a importância de mais estudos com granularidades mais específicas e apontam as implicações dos resultados para intervenções terapêuticas com essa população.

Para a avaliação das habilidades narrativas, utilizou-se, neste estudo, o MAIN (*Multilingual Assessment Instrument for Narratives*), elaborado por Gagarina *et al.* (2012), que permite a avaliação tanto da macroestrutura quanto da microestrutura de narrativas. No entanto, neste capítulo, apenas a avaliação da macroestrutura será reportada. Esse instrumento também incorpora, em seu protocolo de avaliação, a observação de uso de termos internos, ou seja, como os personagens são caracterizados ou como seus sentimentos, emoções e desejos devem ser levados em conta por desencadilharem ações que vão estruturando os episódios da narrativa. Nesse sentido, o instrumento permite uma avaliação da Teoria da Mente (ToM), habilidade cognitiva que permite ao indivíduo atribuir estados mentais a si mesmo e aos outros, compreendendo que os outros possuem crenças, desejos, intenções e emoções diferentes das suas (Premack; Woodruff, 1978). Desde Baron-Cohen, Leslie e Frith (1985), o desenvolvimento da ToM tem sido caracterizado como problemático no TEA, sendo um marcador clínico do transtorno.

É preciso ainda mencionar que correlações entre habilidades linguísticas, narrativas e as funções executivas têm sido reportadas (Marini *et al.*, 2020). Funções executivas (FEs) dizem respeito aos processos cognitivos que regulam o pensamento e o comportamento, sendo essenciais para a autorregulação, a tomada de decisões e o planejamento na resolução de problemas. São compostas por três mecanismos básicos: controle inibitório, memória de trabalho e flexibilidade cognitiva (Diamond, 2013). Pesquisas recentes destacam sua relação com o processamento da linguagem, já que as FEs envolvem atenção seletiva, inibição de distrações, recuperação de informações da memória e controle de decisões – aspectos fundamentais para o desenvolvimento de habilidades linguísticas. Por isso, o vínculo entre controle executivo e linguagem tem sido amplamente investigado. Neste estudo, dois testes de controle inibitório são aplicados: *Go/No-Go* e *Flanker*.

A partir da aplicação combinada desses instrumentos, espera-se verificar em que medida os desempenhos em testes de controle inibitório podem estar associados a dificuldades na construção narrativa e nas estruturas sintáticas complexas. Busca-se, assim, contribuir para o conhecimento sobre as relações entre linguagem, cognição e neurodesenvolvimento, ampliando a compreensão dos mecanismos que sustentam a aquisição e o uso da linguagem em crianças com TEA.

METODOLOGIA

MAIN

O MAIN (*Multilingual Assessment Instrument for Narratives*) (Gagarina *et al.*, 2012; 2019), desenvolvido no âmbito da ação

COST IS0804, foi elaborado com a proposta de examinar como crianças estruturam narrativas quando expostas a uma ou mais línguas desde cedo. Esse protocolo permite observar o desempenho narrativo de participantes monolíngues e bilíngues entre 3 e 10 anos de idade, por meio de tarefas que incentivam diferentes formas de produção de histórias. O material reúne quatro narrativas independentes — cabritinhos, passarinhos, gato e cachorro. Cada enredo é apresentado em seis ilustrações sequenciais que representam acontecimentos planejados. A criança, ao narrar a partir dessas imagens, oferece dados que possibilitam a análise de macroestrutura, microestrutura e do emprego de expressões que indicam estados internos. Neste estudo, foram utilizadas as histórias dos cabritinhos e do cachorro e cada criança produziu uma narrativa de cada história, no modo de eliciação conto, desenvolvendo sua narrativa a partir das imagens, ou no modo reconto, quando ouve primeiramente um modelo fornecido pelo aplicador. As ordens de eliciação e das histórias foram revezadas para cada criança.

GO/NO-GO

O Go/No-Go é um paradigma experimental amplamente utilizado para avaliação do controle inibitório, sendo um dos instrumentos clássicos na investigação de processos cognitivos relacionados à inibição de respostas automáticas. Em linhas gerais, essa tarefa busca examinar a capacidade dos participantes de responderem de forma seletiva a determinados estímulos, inibindo, por outro lado, respostas a estímulos irrelevantes ou não-alvo. Dessa forma, é possível verificar como os indivíduos processam informações conflitantes, modulam impulsos motores e regulam o comportamento diante de demandas específicas de atenção e autocontrole (Friedman; Miyake, 2004). Uma versão infantil foi desenvolvida para o português e utilizada neste estudo (Rodrigues *et al.*, 2024).

FLANKER

Assim como o Go/No-Go, o Flanker também constitui um instrumento clássico de avaliação do controle inibitório, sendo amplamente empregado em estudos sobre funções executivas (FEs), especialmente no que diz respeito à resistência à interferência (Eriksen; Eriksen, 1974; Fan *et al.*, 2002). Este experimento permite investigar a capacidade do participante de selecionar informações relevantes enquanto ignora estímulos distratores, fornecendo medidas de atenção seletiva, flexibilidade cognitiva e inibição de resposta. Uma versão infantil também foi desenvolvida para o português (Rodrigues *et al.*, 2024).

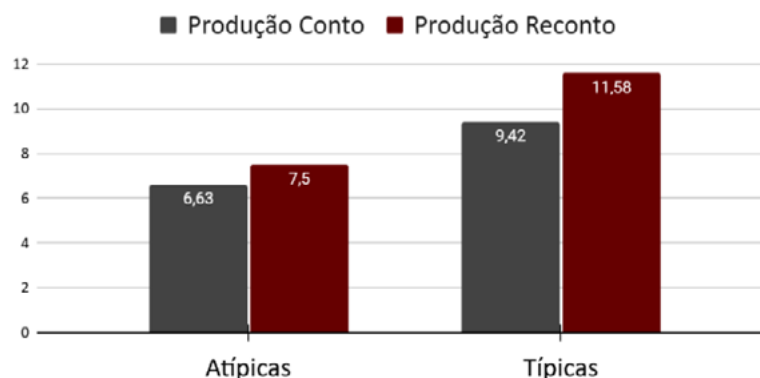
RESULTADO E ANÁLISE

Este tópico apresenta e discute os resultados obtidos a partir das análises realizadas com os dados coletados ao longo da pesquisa. O principal objetivo é descrever de forma detalhada os achados referentes ao desempenho linguístico e cognitivo dos participantes, destacando as diferenças e semelhanças observadas entre os grupos avaliados. Portanto, são apresentados e analisados os resultados das tarefas aplicadas, permitindo compreender como as crianças com TEA e as crianças com desenvolvimento linguístico típico responderam às diferentes demandas propostas. A pesquisa contou com dois grupos de participantes: um composto por crianças com diagnóstico de TEA (8 crianças com idade média: 6;7, 4 meninas) e outro formado por crianças com desenvolvimento típico da linguagem (12 crianças com idade média: 8;4, 4 meninas). A comparação entre esses grupos possibilitou observar padrões distintos de desempenho, considerando tanto aspectos linguísticos quanto de controle inibitório.

RESULTADOS DA MACROESTRUTURA

A seguir, são apresentados os resultados obtidos a partir da aplicação do instrumento para a macroestrutura. Iniciamos com os resultados de produção, destacando-se, no gráfico 1, as médias de desempenho em cada grupo e em cada modo de eliciação.

Gráfico 1 – Médias na produção entre grupos e modo de eliciação



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O gráfico 1 apresenta a média na produção narrativa em função do grupo (crianças com desenvolvimento atípico e crianças com desenvolvimento típico) e do modo de eliciação (produção de conto e produção de reconto). O protocolo sugerido para essa análise observa a organização da narrativa (inicialização com referência a tempo e lugar e a apresentação de cada um dos três episódios que constituem cada história) totalizando 17 pontos. Observa-se que, de modo geral, as crianças com desenvolvimento típico apresentaram médias mais altas em ambas as condições – 9,42 na produção de conto e 11,58 na produção de reconto – quando comparadas às crianças com desenvolvimento atípico, que obtiveram médias de 6,63 e 7,5, respectivamente.

Efetivamente, os resultados foram submetidos a testes estatísticos não-paramétricos para se confirmar se as diferenças obtidas são significativas.² Um teste de Mann-Whitney confirmou que o desempenho do grupo atípico é estatisticamente inferior ao desempenho do grupo típico tanto no conto ($U=20$, valor crítico de $U=22$, $z=2.12167$, $p<.04$), quanto no reconto ($U=14$, valor crítico de $U=22$, $z=2.58458$, $p<.01$).

De acordo com Gagarina *et al.* (2012), a produção narrativa envolve diferentes níveis de complexidade linguística e cognitiva, exigindo que a criança organize eventos de forma coerente e mantenha relações lógicas e causais entre as ações. Nesse sentido, as crianças com desenvolvimento típico, por apresentarem um repertório linguístico e pragmático mais consolidado, tendem a demonstrar maior facilidade na articulação das ideias e no uso de marcadores temporais e referenciais adequados, o que contribui para a construção de narrativas mais ricas e coesas. Por outro lado, as crianças com desenvolvimento atípico, como frequentemente descrito na literatura, podem apresentar dificuldades no planejamento discursivo da narrativa, o que resulta em produções mais curtas e fragmentadas.

No presente estudo, esse padrão também foi observado: as crianças de ambos os grupos tiveram desempenho superior no reconto, embora essa diferença tenha sido mais expressiva nas crianças com desenvolvimento típico. Na verdade, os resultados estatísticos, aplicando-se o teste de *Wilcoxon* a cada grupo, indicam que o desempenho só se mostra superior no reconto para as crianças típicas ($z=-2.0499$, $p<0.5$), mas não para as atípicas. Isso pode indicar que o reconto é particularmente útil para apoiar a produção narrativa de crianças com desenvolvimento típico, pois oferece pistas linguísticas e estruturais que facilitam a organização das informações. Isso sugere que o recurso de apresentar modelos de narrativas

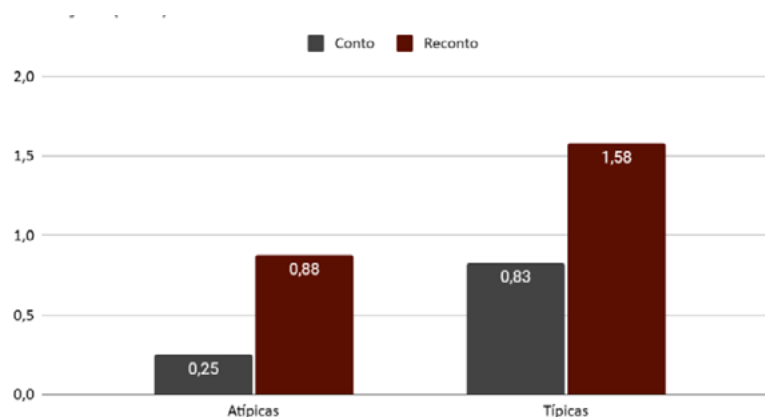
2

Utilizaram-se testes de Mann-Whitney para a comparação intergruppal e testes de *Wilcoxon* para comparação intragrupais, a partir de <https://www.socscistatistics.com/>.

pode orientar estratégias de intervenção que venham a se mostrar eficazes também para as crianças com desenvolvimento atípico.

A seguir, apresentam-se os resultados sobre a construção dos episódios nas narrativas das crianças. O MAIN sugere avaliar se os episódios previstos para cada história (3 em cada história) são narrados, explicitando-se meta, tentativa e resultado, ou seja, o que motiva um personagem a agir (meta), que tipo de ação executa (tentativa), e em que medida tem sucesso (resultado). O gráfico 2 apresenta as médias obtidas em cada grupo, em cada modo de eliciação.

Gráfico 2 – Médias de uso de MT

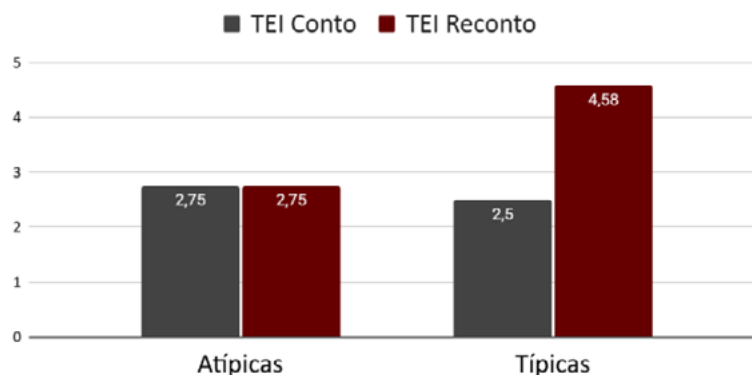


Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O gráfico 2 nos mostra que o uso de episódios completos é bastante baixo; não se alcança a média de um episódio completo para as crianças atípicas, nem no conto (0,25), nem no reconto (0,88). Para as crianças típicas, essa é também a situação no conto (0,83), mas, no reconto, a média sobe para 1,58. Essas médias baixas impedem que a análise estatística seja robusta, mas, a princípio, não há diferenças estatísticas entre os grupos ou modos de eliciação.

Outra medida contabilizada para a avaliação da produção de narrativas pelo MAIN é o uso de termos de estado interno, apresentada no gráfico 3.

Gráfico 3 – Médias de uso de TEI



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

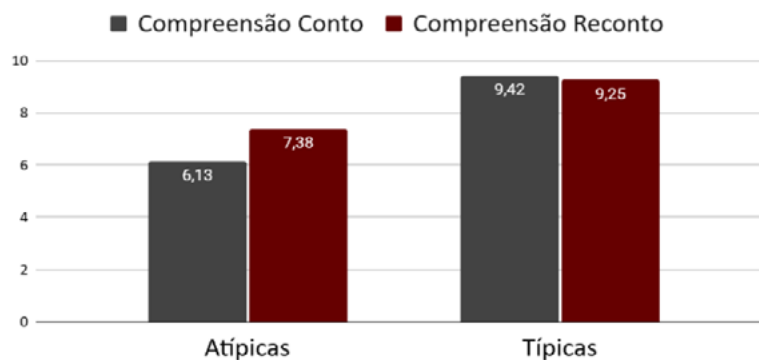
O gráfico 3 ilustra as médias de uso de Termos de Estado Interno (TEI) em função do grupo (crianças com desenvolvimento atípico e típico) e do modo de eliciação (conto e reconto). Não há um número máximo de termos a serem alcançados. Observa-se que o grupo de crianças com desenvolvimento atípico apresentou médias idênticas nas duas condições – 2,75 tanto no conto quanto no reconto –, enquanto o grupo de crianças com desenvolvimento típico mostrou uma diferença mais expressiva, com média de 2,5 na produção de conto e 4,58 na de reconto. No modelo fornecido pelo aplicador para o reconto, há cerca de 10-12 termos de estado interno. No entanto, em termos estatísticos, segundo o resultado de *Mann-Whitney*, não há diferenças significativas entre os grupos em nenhum modo de eliciação.

Por outro lado, a análise estatística centrada na comparação entre o modo de eliciação conto ou reconto em cada grupo, via teste

de *Wilcoxon*, mostra uma diferença estatística significativa para o grupo de crianças com desenvolvimento típico ($z=-2.8031$, $p<0.5$), mas não para as crianças com TEA. Esses resultados indicam que o modo de eliciação exerce influência significativa sobre o uso de TEI, ao menos entre as crianças com desenvolvimento típico, e sugerem que o reconto, por fornecer um modelo narrativo prévio, auxilia no entendimento e no emprego de termos que expressam estados mentais.

Os termos de estado interno têm papel fundamental na constituição da macroestrutura narrativa, pois evidenciam a capacidade da criança de representar os estados internos das personagens, o que envolve não apenas aspectos linguísticos, mas também cognitivos e pragmáticos (Gagarina *et al.*, 2012; 2019). Segundo de Villiers (2005; 2007), o domínio de estruturas linguísticas associadas a estados mentais está intimamente relacionado ao desenvolvimento da ToM. Assim, o emprego de TEI reflete o desenvolvimento de processos linguístico-cognitivos envolvidos na representação de eventos e estados mentais.

No caso das crianças com desenvolvimento típico, o aumento significativo no uso de TEI durante o reconto pode estar associado à maior disponibilidade de recursos linguísticos e cognitivos, o que lhes permite não apenas reproduzir os eventos da história, mas também interpretá-los à luz das intenções e emoções das personagens. Essa dificuldade é reiteradamente associada ao TEA, salientando um possível papel que a exposição a narrativas desse tipo poderia exercer para auxiliar no desenvolvimento dessa habilidade. Apresentam-se, no gráfico 4 em seguida, os resultados da compreensão das histórias.

Gráfico 4 – Médias na compreensão

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O gráfico 4 apresenta os resultados referentes à média na compreensão narrativa em função do grupo (crianças com desenvolvimento atípico e crianças com desenvolvimento típico) e do modo de eliciação (compreensão de conto e compreensão de reconto), considerando um total de 10 pontos. De forma geral, observa-se que as crianças com desenvolvimento típico apresentaram um desempenho superior nas duas condições quando comparadas às crianças com desenvolvimento atípico. Na condição de compreensão de conto, a média do grupo típico foi de 9,42, enquanto o grupo atípico obteve 6,13. Já na compreensão de reconto, as médias foram de 9,25 para o grupo típico e 7,38 para o grupo atípico. Esses resultados indicam que as crianças com desenvolvimento típico conseguiram compreender com maior precisão os elementos narrativos e as relações causais presentes nas histórias, independentemente do modo de eliciação.

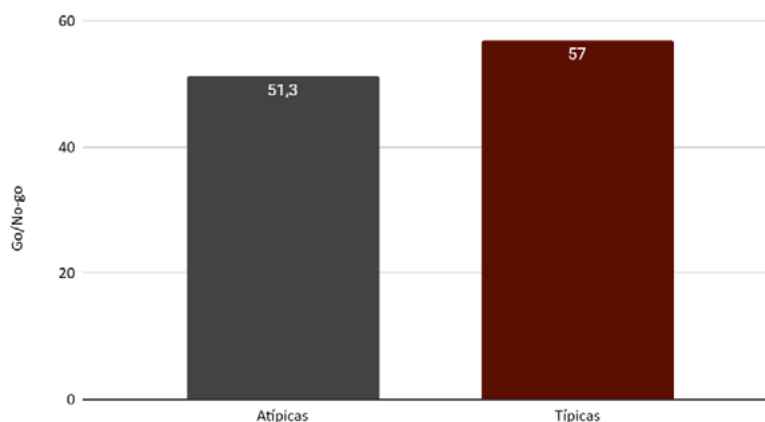
Efetivamente, os resultados do teste de *Mann-Whitney* indicam que o desempenho das crianças atípicas é significativamente inferior do que o desempenho das crianças típicas na compreensão, tanto no conto ($U=7,5$, critical value of $U=22$, $z=3.08607$, $p<.01$), como no reconto ($U=21$, critical value of $U=22$, $z=2.04452$, $p<.05$).

Ao analisar o efeito do modo de eliciação dentro de cada grupo, nota-se que, para as crianças atípicas, a compreensão foi ligeiramente melhor na tarefa de reconto em comparação com a de conto. Em contrapartida, as crianças com desenvolvimento típico apresentaram médias muito próximas nas duas condições, sugerindo que, para esse grupo, a compreensão narrativa não depende exclusivamente do tipo de tarefa. Esse resultado pode estar relacionado a um domínio mais consolidado das habilidades linguísticas e cognitivas necessárias à compreensão de narrativas, como a capacidade de estabelecer inferências, de reconhecer relações causais entre os eventos e de identificar os estados mentais dos personagens.

No entanto, os testes estatísticos de *Wilcoxon* não indicam diferenças significativas entre as etapas de conto e reconto para os grupos, ou seja, o grupo de crianças atípicas não melhora significativamente seu desempenho no reconto, ao passo que o grupo de crianças típicas vai tão bem no conto quanto no reconto. Por fim, os resultados sugerem que o modo de eliciação não exerce influência sobre o desempenho das crianças, embora o reconto, ao oferecer um suporte contextual e estrutural, pudesse vir a atuar como uma forma de mediação que contribuiria para o melhor desempenho na compreensão, conforme já apontado por Gagarina *et al.* (2012; 2019).

GO/NO-GO

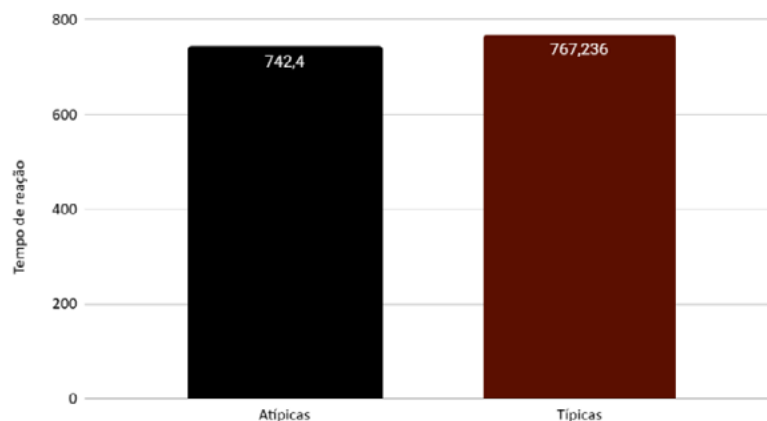
Os dados do teste Go/No-Go permitem verificar o número de acertos totais, o número de acertos da condição de maior custo (no-go) e o tempo de reação total. O gráfico 5 apresenta a média de acertos totais.

Gráfico 5 – Média de acertos no Go/No-Go entre grupos

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

No gráfico 5, observa-se que, na tarefa Go/No-Go, o grupo típico alcançou uma média de 57 acertos, enquanto o grupo atípico obteve uma média de 51,3 acertos, uma diferença que, embora não pareça expressiva, possui implicações significativas no campo do desenvolvimento cognitivo e comportamental. O teste de *Mann-Whitney* indicou que essa é uma diferença estatisticamente significativa ($U=21$, valor crítico de $U=22$, $z=2.04452$, $p<.05$).

Essa diferença indica que as crianças com desenvolvimento típico demonstraram maior habilidade para controlar respostas impulsivas, manter o foco atencional e adaptar seu comportamento de acordo com as regras da tarefa. Já o grupo atípico apresentou maior dificuldade em inibir respostas automáticas, o que pode estar associado a limitações nos processos de autorregulação e no funcionamento da atenção seletiva. Embora haja diferenças significativas no número de acertos, não houve diferença estatisticamente significativa no tempo de reação ($U=160$, $z=0.86965$, $p=.384$) para responder ao teste, conforme demonstrado no gráfico 6.

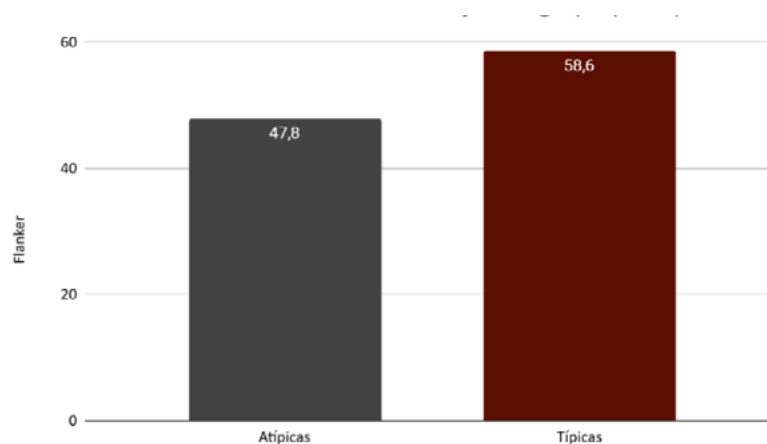
Gráfico 6 – Médias de tempo de reação no Go/No-Go entre grupos

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

É importante ressaltar que o controle inibitório é uma das funções executivas mais críticas para o desenvolvimento infantil, pois permite que a criança planeje, pense antes de agir e regule suas emoções. Dessa forma, o desempenho inferior do grupo atípico no teste Go/No-Go reforça a necessidade de intervenções específicas voltadas ao fortalecimento dessas habilidades, utilizando estratégias que estimulem a autorregulação e a capacidade de foco em atividades direcionadas.

FLANKER

A análise do desempenho no teste Flanker pode oferecer indícios importantes sobre a eficiência dos mecanismos de autorregulação cognitiva, especialmente quando comparados grupos com perfis de desenvolvimento distintos, como demonstrado no gráfico 7.

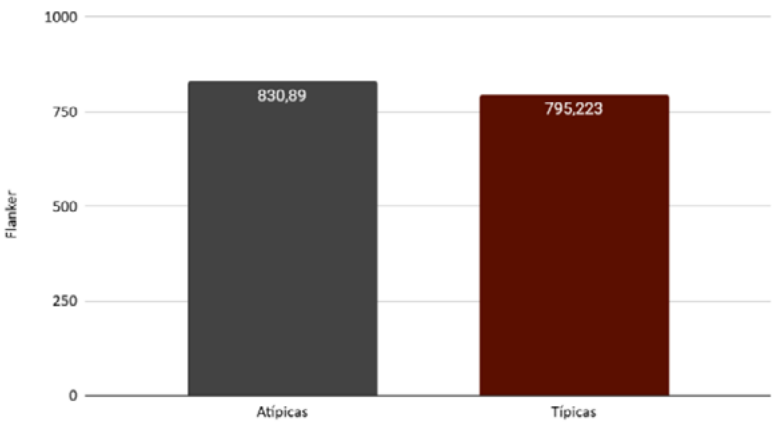
Gráfico 7 – Médias de acertos no Flanker entre grupos

Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

O grupo atípico obteve uma média de 47,8 acertos, enquanto o grupo típico apresentou uma média superior, com 58,6 acertos. Essa diferença se mostra estatisticamente significativa ($U=21.5$, critical value of $U=22$, $z=2.00594$, $p<.05$), indicando uma disparidade importante no desempenho entre os dois grupos, sugerindo que os participantes do grupo típico possuem maior capacidade de inibir interferências e manter o foco atencional na tarefa. Por outro lado, o desempenho inferior do grupo atípico pode estar associado a dificuldades no controle inibitório, o que compromete sua eficiência em tarefas que demandam regulação da atenção e da resposta motora.

Não houve, no entanto, diferenças estatísticas significativas no tempo de reação entre os grupos, embora o grupo com desenvolvimento típico tenha sido mais rápido do que o grupo das crianças com TEA, como demonstra o gráfico 8.

Gráfico 8 – Média de tempo de reação no Flanker entre grupos



Fonte: elaborado pelas autoras (2026).

As crianças com desenvolvimento atípico muitas vezes apresentam um quadro clínico complexo, caracterizado pela presença de comorbidades, ou seja, a ocorrência simultânea de dois ou mais transtornos. Entre as condições mais frequentemente associadas ao desenvolvimento atípico, destaca-se o Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), uma condição que afeta diretamente o funcionamento das funções executivas, especialmente o controle inibitório.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises preliminares indicam diferenças significativas entre os grupos típico e TEA no desempenho narrativo avaliado pelo MAIN. As crianças com desenvolvimento típico apresentaram médias mais altas tanto no conto quanto no reconto, produzindo narrativas mais completas e coerentes. Já o grupo TEA apresentou

produções mais curtas e fragmentadas, possivelmente em função de dificuldades de planejamento discursivo e integração de informações causais e temporais. Em relação aos termos de estado interno (TEI) e à compreensão narrativa, observou-se que o grupo típico utilizou maior variedade e frequência de expressões relacionadas a emoções, intenções e pensamentos, além de demonstrar melhor acesso à macroestrutura. As crianças com TEA, por sua vez, apresentaram menor uso de TEI e desempenho inferior em compreensão, sugerindo limitações na capacidade de inferir e organizar informações narrativas. Nos testes cognitivos (Go/No-Go e Flanker), o grupo controle também apresentou desempenho superior, com maior número de acertos. As diferenças estatisticamente significativas indicam melhor controle inibitório e menor interferência de estímulos distraidores, embora não tenha havido diferenças nos tempos de reação.

Tomados em conjunto, os resultados sugerem uma possível relação entre desempenho linguístico e funcionamento executivo (a ser confirmada pelas análises de correlação)³. Os dados apontam que habilidades inibitórias mais eficientes podem estar associadas a narrativas mais organizadas, reforçando a interdependência entre linguagem, cognição e funções executivas.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Yasmin. **Habilidades Narrativas e Termos de Estado Interno no TEA (Transtorno do Espectro Autista)**. Dissertação de Mestrado em Linguística. UERJ. Em andamento.

BAIXAULI, Immaculada; COLOMER, Carla; ROSELLÓ, Belén; MIRANDA, Ana. Narratives of children with high-functioning autism spectrum disorder: A meta-analysis. **Research in Developmental Disabilities**, v. 59, p. 234-254, 2016.

3 É importante mencionar que, como o grupo TEA ainda não está completo, a média de idade das crianças é inferior ao do grupo controle. A aplicação dos testes de correlação com os grupos completos e com idades mais pareadas poderá trazer maior robustez aos resultados.

BARON-COHEN, Simon; LESLIE, Alan; FRITH, Uta. Does the autistic child have a "theory of mind"? **Cognition**, v. 21, n. 1, p. 37-46, 1985.

CHOMSKY, Noam. **Knowledge of language**: Its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.

CHOMSKY, Noam. **The Minimalist Program**. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

de VILLIERS, Jill. Can language acquisition give children a point of view? *In*: ASTINGTON, Janet; BAIRD, Jennifer (Eds.). **Why language matters for theory of mind**. Oxford, UK: Oxford University Press, 2005. p. 186-219.

de VILLIERS, Jill. The interface of language and theory of mind. **Lingua**, v. 117, n. 11, p. 1858-1878, 2007.

DIAMOND, Adele. Executive functions. **Annual Review of Psychology**, v. 64, n. 1, p. 135-168, 2013.

ERIKSEN, Barbara; ERIKSEN, Charles. Effects of noise letters upon the identification of a target letter in a nonsearch task. **Perception & Psychophysics**, v. 16, n. 1, p. 143-149, 1974.

FAN, Jin; MCCANDLISS, Bruce; SOMMER, Torsten; RAZ, Amir; POSNER, Michael. Testing the efficiency and independence of attentional networks. **Journal of Cognitive Neuroscience**, v. 14, n. 3, p. 340-347, 2002.

FRIEDMAN, Naomi; MIYAKE, Akira. The relations among inhibition and interference control functions: A latent-variable analysis. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 133, n. 1, p. 101-135, 2004.

GAGARINA, Natalia; KLOP, Dorothee; KUNNARI, Sirpa; TANTELE, Kakia; VÄLIMAA, Tuija, BALCIUNIENĖ, Ingrida; BOHNACKER, Ute; WALTERS, Joel. MAIN: Multilingual Assessment for Narratives. **ZAS Papers in Linguistics**, v. 56, p. 1-140, 2012.

GAGARINA, Natalia; KLOP, Dorothee; KUNNARI, Sirpa; TANTELE, Kakia; VÄLIMAA, Tuija, BALCIUNIENĖ, Ingrida; BOHNACKER, Ute; WALTERS, Joel. MAIN: Multilingual Assessment for Narratives (Revised version). **ZAS Papers in Linguistics**, v. 63, p. 1-36, 2019.

MARINI, Andrea; PICCOLO, Beatrice; TAVERNA, Laura; BERGIN, Maja; OZBIČ, Melita. The complex relation between executive functions and language in preschoolers with developmental language disorders. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 17, n. 5, p. 1772, 2020.

PREMACK, David; WOODRUFF, Guy. Does the Chimpanzee have a Theory of Mind? **Behavioral and Brain Sciences**, v. 1, n. 4, p. 515-526, 1978.

RODRIGUES, Erica; AUGUSTO, Marina; BREIA, Juliana; HENRIQUE, Lara; CORREA, Letícia. Demandas de tarefas linguísticas e funções executivas na compreensão de sentenças de alto custo por crianças em idade escolar. **Letrônica**, v. 16, p. e44447, 2024.

TAGER-FLUSBERG, Helen. Defining language phenotype in autism. **Clinical Neuroscience Research**. v. 6, n. 3, p. 219-224, 2006.

SOBRE OS AUTORES E AS AUTORAS

Adriana Leitão Martins

Professora Associada de Linguística do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde atua no Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGLIN-UFRJ). É graduada em Letras: Português-Inglês e tem mestrado e doutorado em Linguística pela UFRJ. Coordena o grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem) na UFRJ, onde desenvolve pesquisas na área de sintaxe, atuando principalmente com a investigação de categorias funcionais. Atualmente, é vice-coordenadora do PPGLIN-UFRJ.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3516755675572396>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0510-2586>

E-mail: adrianaleitao@letras.ufrj.br

Amanda Alevato de Sant'Anna

Foi professora substituta de Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) (2023-2025). É doutoranda e mestre em Linguística pela UFRJ e possui licenciatura em Letras: Português-Latim pela UFRJ. Integra o grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem), onde investiga o conhecimento linguístico de categorias funcionais. Sua área de atuação é a Gramática na Teoria Gerativa, com foco em aquisição de L1 por indivíduos típicos e indivíduos com transtornos de linguagem; em sintaxe cartográfica; e na descrição de línguas naturais.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0123285841592567>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7379-6842>

E-mail: a.santanna@letras.ufrj.br

Amanda Bittencourt Cardozo

Fonoaudióloga na rede SARA de hospitais de reabilitação, atuando em pediatria - especialmente no diagnóstico de paralisia cerebral. É coordenadora do grupo de apoio à pesquisa científica na unidade do Rio de Janeiro. Possui graduação em fonoaudiologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde também cursa doutorado em linguística e é mestre na mesma área. Possui título de especialista em disfagia e linguagem pelo Conselho Federal de Fonoaudiologia.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7720004803255496>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-4047-0241>

E-mail: amandacardozo@letras.ufrj.br

Ana Beatriz de Melo Barbosa Palomanes

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGLIN-UFRJ), com bolsa CAPES. É licenciada em Letras (Português/Inglês) pela mesma instituição. Atua no âmbito da Linguística, com interesse em tempo e aspecto, bem como em gramáticas atípicas.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4022327279108788>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-6981-8305>

E-mail: beatrizpalomanes@letras.ufrj.br

Ana Regina Vaz Calindro

Possui bacharelado em Linguística e bacharelado / licenciatura em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), mestrado e doutorado em Filologia e Língua Portuguesa pela USP com período sanduíche na Universidade de Cambridge. Realizou um estágio de pós-doutorado em linguística na Unicamp. É professora adjunta do Departamento de Linguística e Filologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro do Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFRJ. Desenvolve pesquisas no âmbito da teoria e análise linguística.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7479355830769784>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2171-5307>

E-mail: anacalindro@letras.ufrj.br

Aquiles Tescari Neto

Livre-docente na área de "Teorias Linguísticas e ensino de língua portuguesa," Universidade Estadual de Campinas. Doutorou-se em "Scienze del Linguaggio" pela Università Ca'Foscari do CNPq com bolsa de doutorado pleno no exterior do CNPq. Coordena o LaCasa - Laboratório de Cartografia Sintática: Pesquisa e Ensino, na Unicamp.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7907336320073626>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8157-3921>

E-mail: tescari@unicamp.br

Beatriz Pereira do Nascimento Silva

Graduanda em Letras – Português e Literaturas de Língua Portuguesa (bacharelado) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq e atua no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, onde desenvolve estudos voltados à interface entre linguística, cognição e linguagem. Tem interesse pela cartografia sintática e aquisição de linguagem.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8302778438043937>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9581-9498>

E-mail: beatrizpereira@letras.ufrj.br

Clayre Anne da Silva Lucas

Graduanda em Letras Literaturas e Língua Portuguesa pela UFRJ, previamente tendo estudado no campo de Biblioteconomia pela UNIRIO. Atua no grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, especificamente na área de aquisição de linguagem e cartografia sintática e é bolsista de Iniciação Científica pela FAPERJ, realizando estudos na área de aquisição de linguagem e cartografia sintática.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8519341516223583>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3443-8951>

E-mail: clayrelucas@letras.ufrj.br

Damaris Matias Silveira

Professora do Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenadora do Grupo de Pesquisa LabGer - Laboratório de Estudos Gerativistas em Germanística - e do SelfForm - Seminários em Linguística Formal - na mesma universidade. Investiga a sintaxe do alemão sob a ótica do Programa Cartográfico.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6492585177270917>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5264-9202>

E-mail: damaris.silveira@ufsc.br

Fernanda Costa da Silva Machado

Professora substituta das disciplinas de Didática em Português/Literaturas e Inglês e Prática de Ensino na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e professora de Inglês na Educação Básica. É licenciada em Letras Português/Inglês e mestre em Linguística pela UFRJ. Atualmente é doutoranda em Linguística pela UFRJ. Atua como pesquisadora no grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem), onde desenvolve trabalhos sobre a categoria linguística de aspecto e coorienta alunos de graduação.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6728002217871207>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3951-0652>

E-mail: fernandamachado@letras.ufrj.br

Fernanda de Carvalho Rodrigues

Professora Adjunta do Curso de Fonoaudiologia da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Coordenadora do Curso de Fonoaudiologia 2021-2024. Pesquisadora nas áreas de Linguagem e Envelhecimento. Fonoaudióloga, Mestre e Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8105997940217455>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6620-4132>

E-mail: fernandacr@medicina.ufrj.br

Gabriela Abreu

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), na linha de pesquisa Gramática na Teoria Gerativa, e bolsista do CNPq. Mestre em Linguística e licenciada em Letras Português-Inglês pela mesma universidade. Atua como pesquisadora no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem (BioLing), desenvolvendo pesquisas sobre realizações morfosintáticas de aspectos, como *perfect* e inceptivo, desde 2018.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0574250900136426>

ORCID: <https://www.orcid.org/0000000289805619>

E-mail: gabrielaabreu@letras.ufrj.br

Helena Vitória Rente Bayer

Graduanda em Letras Português e Italiano pela UFRJ. Atua no grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no qual investiga a representação e a realização linguística de aspecto na Língua Italiana e na aprendizagem de L2.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3765722567589880>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-1531-2686>

E-mail: helenabayer@letras.ufrj.br

Jean Carlos da Silva Gomes

Professor de Neurolinguística na Universidade Estadual de Campinas. Professor de Fonética e Fonologia na Universidade Aberta do Brasil. Doutor e Mestre em Linguística, Licenciado e Bacharel em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seus principais temas de investigação versam sobre patologias da linguagem, fenômenos morfosintáticos de tempo e aspecto, aquisição de linguagem e ensino de línguas adicionais.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0026476011255568>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4022-0580>

E-mail: gomes.jean@outlook.com

Juliana Fernandes Corrêa Nunes

Aluna de doutorado em Linguística na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3236079890893393>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8110-6979>

E-mail: juliananunes@letras.ufrj.br

Lucas Bernardes da Silva

Possui licenciatura em Letras (Português/Francês) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e atualmente é mestrando em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ. É participante do grupo de pesquisa Biologia da Linguagem (BioLing). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras - Francês. Possui interesse de pesquisa em temas sobre aspectualidade verbal e sua interface sintático-semântica, estudos relacionados à (in)definitude e aquisição de L2 por falantes tardios.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4950843227262035>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-8160-6646>

E-mail: lucasbernardes@letras.ufrj.br

Marília Uchoa Cavalcanti Lott de Moraes Costa

Doutora em Linguística UFRJ/ Doutorado Sanduíche LSCP Paris, França. Professora do Departamento de Letras-Libras/UFRJ e Membro Permanente do PPG de Linguística UFRJ. Interesses de pesquisa: Aquisição de L1, Fonologia das línguas de sinais, Morfologia das Línguas de Sinais, Multilinguismo, Política Linguística da Família, Processamento de Leitura, Psicolinguística Aplicada à Alfabetização.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7510072310697141>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9197-4633>

E-mail: marilia@letras.ufrj.br

Marina Rosa Ana Augusto

Professora Associada de Linguística do Departamento de Estudos da Linguagem da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde atua no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLLP). É graduada em Letras: Português-Inglês, com mestrado e doutorado em Linguística pela UNICAMP. É membro do LAPAL (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem - PUC-Rio), desenvolvendo pesquisas na área de morfossintaxe, com foco na aquisição da linguagem típica e atípica.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9100955862343258>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9022-394X>

E-mail: mraugusto@gmail.com

Matheus Gomes Alves

É doutor e mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da Faculdade de Letras - UFRJ, na linha de pesquisa Gramática na Teoria Gerativa. Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística e em Gramática da Língua Inglesa. Atua no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com interesse em sintaxe cartográfica, advérbios e no ensino de português como língua materna.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3447197742220389>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8109-5299>

E-mail: matheus.ling@letras.ufrj.br

Nicolle Christina Paixão Olímpio

Graduanda em Licenciatura em Letras: Português-Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). É membro do grupo de pesquisa BioLing (Biologia da Linguagem) na UFRJ, no qual desenvolve pesquisa na área de aquisição da linguagem, com foco específico na aquisição de interrogativas *wh-* no português europeu.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5402850781200378>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0008-3983-7410>

E-mail: nicollech@letras.ufrj.br

Pablo Jardel Oliveira do Rosário

Aluno de doutorado em Linguística na Universidade Estadual de São Paulo. Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PPGEL) da Universidade Estadual Paulista (UNESP).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9948523501340221>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-6026-933X>

E-mail: pablo.jardel@unesp.br

Thais Lima Lopes

Doutoranda em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Gramática na Teoria Gerativa, e bolsista FAPERJ Nota 10. É mestre em Linguística também pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e licenciada em Letras - Português, Inglês e Literaturas pela Faculdade de Filosofia Santa Doroteia. Atua no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, no qual investiga a representação e a realização linguística de aspecto.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1027721671654753>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-7250-197X>

E-mail: thaislopes@letras.ufrj.br

Vitória Duarte da Silva

Graduanda em Letras - Português e Inglês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atua no grupo de pesquisa Biologia da Linguagem (BioLing), com interesse em Gramática Gerativa e Cartografia Sintática.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4075436143167959>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8076-5745>

E-mail: vitoriadusilva@letras.ufrj.br

Wellington Souza de Paula

Professor de Inglês na Educação Básica da rede municipal de Campinas-SP. Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, doutorando na mesma instituição, sob a orientação do Professor Aquiles Tescari Neto. Seus interesses de pesquisa são: Cartografia Sintática; Advérbios, Preposições e Orações Adverbiais; Coordenação e Subordinação; Ensino de Gramática.

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0656312824372380>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3566-0386>

E-mail: wellingtonwmisp@hotmail.com

Yasmin da Silva Pereira Almeida

Mestranda em Linguística no Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa (PPGLILP) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). É graduada em Letras: Português/Literaturas pela mesma Universidade. Seu interesse de pesquisa concentra-se na investigação do Transtorno do Espectro Autista (TEA), tendo atuado no ensino básico com indivíduos com o transtorno.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6429593696295766>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-9108-6282>

E-mail: yasminbirth5@gmail.com

ÍNDICE REMISSIVO

A

accomplishment 64, 65, 69, 73, 74, 77, 78, 339, 340, 354
 achievements 355, 356, 368, 370, 377, 379
 adequação descritiva 18, 25
 adequação explicativa 15, 18, 32
 adequação neurológica 27, 329, 330, 332, 333, 335, 343, 344, 345, 346
 advérbios 10, 33, 69, 71, 72, 74, 76, 78, 83, 85, 86, 106, 122, 123, 124, 125, 126, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 139, 140, 142, 156, 167, 187, 206, 225, 229, 269, 270, 288, 336, 337, 353, 356, 379, 419
 afasia de Broca 13, 28, 35, 341, 342, 343, 350, 351, 352, 354, 355, 357, 358, 362, 365, 367, 368, 369, 379, 392
 afasia de Broca agramática 28
 alemão 10, 33, 143, 144, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 156, 159, 160, 161, 162, 416
 aquisição 11, 12, 16, 17, 18, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 40, 41, 42, 43, 80, 192, 227, 230, 231, 236, 237, 243, 244, 245, 249, 250, 251, 253, 254, 255, 258, 259, 260, 261, 262, 266, 267, 274, 275, 283, 285, 286, 287, 290, 291, 292, 299, 300, 301, 302, 305, 306, 307, 308, 309, 310, 311, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 322, 323, 332, 334, 336, 339, 340, 343, 344, 348, 397, 414, 415, 416, 417, 418, 419
 aquisição de linguagem 11, 12, 17, 18, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 227, 230, 236, 245, 251, 302, 306, 311, 339, 348, 415, 416, 417
 aquisição desviante 12, 34, 285, 291
 aquisição linguística 254, 274, 287, 292
 aspecto 10, 23, 33, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 71, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 113, 115, 116, 117, 206, 265, 268, 270, 286, 287, 289, 290, 291, 292, 293, 294, 295, 296, 297, 299, 300, 301, 303, 329, 334, 335, 336, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 344, 347, 348, 349, 351, 353, 354, 355, 357,

370, 371, 372, 374, 375, 376, 379, 380, 388, 392, 415, 416, 417, 419

aspecto completivo 286, 287, 289, 292, 294, 295, 297, 299, 300, 301

aspecto gramatical 62, 63, 86, 87, 268, 340, 351, 352, 353, 357, 374, 375, 388, 392

aspecto progressivo 83, 89, 90, 91, 93, 95, 97, 98, 112, 286, 287, 289, 292, 293, 294, 295, 296, 300, 301

aspecto prospectivo 286, 287, 289, 292, 293, 294, 295, 296, 301

aspecto semântico 62, 63, 340, 351, 353, 354, 355, 357, 371, 374, 376, 379, 380, 388

aspectos perfectivo e imperfectivo 62, 78, 291

aspectualidade 418

atelicidade 64, 74, 353, 376

atenção seletiva 397, 399, 407

atividades 355, 377, 408

B

biologia da linguagem 12, 34, 328

C

campo medial 144, 145, 155, 157, 160

campo medial da sentença 144, 155, 160

cartografia 37, 120, 142, 144, 161, 162, 181, 184, 200, 204, 415, 416

cartografia sintática 24, 37, 82, 83, 84, 91, 98, 102, 106, 107, 108, 109, 112, 113, 117, 120, 161, 162, 166, 169, 182, 184, 187, 190, 204, 206, 207, 208, 211, 229, 230, 232, 245, 288, 292, 415, 416, 420

categoria funcional 20, 32, 82, 112, 229, 287, 291, 303

categoria linguística de aspecto 339, 353, 357, 416

categorias funcionais 9, 14, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 32, 35, 82, 84, 86, 107, 113, 117, 172, 229, 243, 287, 290, 335, 380, 414

categorias qualificacionais 103, 104, 105, 106, 110, 117

categorias sintáticas 352

categoria vazia 27, 49
cliticização 48, 49, 55, 58
clíticos 43, 44, 45, 47, 48, 49, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59
clíticos proclíticos 47
clivadas canônicas 233, 234, 243, 245
clivadas invertidas 233, 243, 244
clivagem 169, 230, 231, 232, 233, 237, 238, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245
colocação pronominal 9, 33, 39, 41, 48, 49, 51, 55
complementizadores 44, 149, 153
conhecimento aspectual 291, 292, 390
conhecimento aspectual semântico 390
conhecimento linguístico 18, 26, 27, 28, 32, 33, 41, 249, 275, 292, 351, 352, 355, 357, 369, 380, 384, 385, 391, 414
conhecimento morfossintático 26
conhecimento sintático 27, 388, 389
construção narrativa 397
controle inibitório 394, 397, 398, 399, 408, 409, 410, 411

D

déficit linguístico 27, 357, 361, 365
déficit sintático 31, 369
déficits sintático-semânticos 352
dinamicidade 351, 353, 354, 376, 389
discurso narrativo 395
doença de Alzheimer 13, 35, 342, 343, 350, 351, 352, 353, 354, 355, 357, 358, 362, 365, 367, 368, 369, 372, 392
duratividade 63, 351, 353, 376, 387, 389

E

ênclise 46, 48, 49, 51, 52, 53, 54, 55, 198
estados 354, 355, 364, 368, 377, 394, 396, 398, 404, 406
estatividade 13, 35, 63, 350, 351, 352, 353, 355, 358, 362, 364, 365, 368, 369, 374, 375, 376, 382, 383, 384, 389
estratégias de clivagem 233, 243
estratégias de focalização 11, 34, 230, 231, 237, 242, 245, 247
estratégias de focalização contrastiva 11, 34, 230, 237, 245, 247

estratégias morfossintáticas 111
estrutura da oração 85, 106, 206
estrutura funcional 84, 107, 169, 288, 336, 337
estrutura sentencial 145, 151
estrutura sintática 29, 84, 85, 149, 169, 190, 229, 237, 249, 252, 288, 290, 300, 336, 341
experiência 12, 17, 34, 264, 266, 267, 268, 269, 270, 272, 273, 274, 277, 278, 279, 280, 281, 282, 283, 284, 316, 389, 418, 419

F

Faculdade da Linguagem 18, 40, 108, 229, 231, 329, 335, 341, 346
flexibilidade cognitiva 394, 397, 399
foco 29, 40, 41, 55, 86, 144, 145, 154, 155, 157, 159, 160, 164, 167, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 236, 238, 239, 240, 241, 242, 245, 247, 254, 268, 289, 290, 317, 332, 351, 355, 368, 407, 408, 409, 414, 418, 419
foco amplo 232
foco contrastivo 235, 236, 239, 240, 241
foco estreito 232
foco exaustivo 233, 235
fonética 48
fonologia 9, 33, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 55, 308
Fonologia Prosódica 43
Forefield 25, 28, 290, 299
francês 9, 12, 33, 34, 41, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 68, 77, 79, 80, 264, 265, 283, 337, 338
funções executivas 397, 399, 408, 410, 411, 413

G

gerativismo 287, 333
Gramática Gerativa 15, 102, 106, 120, 164, 169, 187, 190, 206, 250, 251, 252, 420
gramáticas desviantes 11, 12, 19, 26, 27, 28, 31, 32, 33, 227, 286, 290, 327
gramáticas não desviantes 19, 26
Gramática Universal 18, 40, 82, 85, 251, 274, 288

H

habilidades linguísticas 394, 397, 406

habilidades narrativas 394, 395, 396

hierarquia 10, 23, 31, 33, 43, 45, 59, 85, 101, 105, 108, 109, 112, 115, 117, 123, 125, 126, 128, 130, 133, 135, 136, 138, 139, 140, 144, 150, 174, 175, 180, 181, 182, 200, 287, 288, 290, 299, 336, 337, 339, 340, 341, 342, 343

hierarquia prosódica 43, 45, 59

Hierarquias de Parâmetros 41

hierarquia sintática 85, 108, 299

Hierarquia Universal 187, 190, 191, 199, 200, 206, 224, 336

I

iconicidade 12, 34, 305, 307, 308, 309, 310, 311, 314, 315, 316, 317, 318, 319, 320, 321, 322

iconicidade linguística 12, 34, 305

input 41, 131, 251, 262, 313, 317, 318, 325

input linguístico 251, 262

interface entre a fonologia e a sintaxe 33

interface entre sintaxe e morfologia 43

interface entre sintaxe e semântica 353

interface sintaxe-fonologia 44

interrogativa 17, 220, 259, 260

interrogativas totais 252

italiano 10, 33, 41, 81, 83, 84, 89, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 159, 231, 270

L

língua adicional 12, 34, 264, 266, 267, 275, 344

Língua-I 41

língua V2 144, 145, 146, 149, 151

livros 50, 51, 385

loais de soldagem 11, 34, 201, 208, 223

local de soldagem das orações adverbiais centrais 176

M

macroestrutura 394, 395, 396, 398, 400, 404, 411

macroparâmetros 41

memória de trabalho 394, 397

mesoparâmetros 41

microestrutura 395, 396, 398

microparâmetros 41

Middlefield 22, 24, 25, 28, 85, 86, 190, 191, 206, 211, 288, 289, 290, 337

modalidade 11, 23, 34, 85, 103, 107, 128, 185, 186, 187, 188, 191, 192, 195, 196, 198, 199, 200, 202, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 219, 223, 224, 289, 291, 317

modalidade bulética 223

modalidade deôntica 210, 223

modalidade disposicional 210, 219

modalidade epistêmica 207, 210

modalidade necessidade 11, 34, 185, 186, 187, 191, 192, 195, 196, 198, 200

modalidade obrigação 11, 34, 185, 186, 187, 191, 192, 195, 198, 199

morfologia(s) verbal(is) 61, 63, 86, 353, 339, 355, 368, 377, 374, 389

morfossintaxe 9, 14, 19, 25, 26, 35, 418

movimento 16, 17, 27, 29, 31, 85, 106, 127, 138, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 160, 172, 174, 175, 199, 200, 201, 229, 231, 232, 243, 244, 249, 252, 253, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 308, 318, 321, 329, 337

movimento de constituinte 232

movimento do constituinte interrogativo 252

movimento do verbo 147, 151, 152, 153, 160

N

nanoparâmetros 41

neuroatipicidade 12, 213, 221, 327, 374, 382

neurolinguística 349

O

objeto nulo 49, 57, 58

orações adverbiais centrais 10, 34, 164, 166, 169, 175, 176, 177, 178, 181, 182, 184

P

palavra(s) prosódica(s) 41, 43, 44, 45, 47, 55, 59

paralisia cerebral 12, 34, 305, 310, 322, 324, 414

Parâmetro do Sujeito Nulo 41

- passé composé 12, 34, 70, 264, 265, 267, 270, 273, 276, 281, 282, 283
- patologias da linguagem 28, 31, 35, 341, 351, 352, 371, 417
- patologias neurocognitivas 357
- periferia de vP 145, 160
- periferia esquerda 135, 144, 145, 146, 147, 160, 243, 249, 250, 252, 253, 259
- perífrase gerundiva 83, 92, 93, 95
- pontualidade 13, 35, 350, 351, 352, 353, 355, 356, 358, 365, 366, 368, 369, 374, 375, 376, 382, 384, 385, 387, 389
- português 9, 11, 16, 20, 33, 34, 39, 41, 43, 44, 48, 51, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 64, 66, 69, 79, 80, 124, 126, 127, 128, 130, 135, 136, 140, 149, 157, 162, 167, 181, 183, 184, 185, 186, 203, 205, 206, 207, 212, 222, 224, 228, 230, 231, 233, 234, 242, 243, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 254, 256, 263, 265, 269, 270, 273, 281, 283, 284, 287, 289, 303, 307, 308, 311, 335, 338, 340, 341, 347, 349, 351, 352, 355, 359, 364, 366, 368, 369, 370, 371, 374, 378, 382, 398, 399, 419
- português brasileiro 11, 34, 41, 55, 56, 58, 59, 61, 149, 162, 167, 181, 205, 206, 222, 224, 233, 243, 247, 265, 269, 283, 284, 287, 289, 311, 338, 340, 341, 351, 352, 355, 359, 364, 366, 368, 369, 370, 371, 374, 382
- português do Brasil 11, 34, 57, 61, 79, 80, 140, 185, 186, 203, 246, 303, 347, 349
- português europeu 11, 34, 41, 59, 61, 228, 230, 231, 242, 244, 245, 246, 247, 248, 249, 263, 270, 419
- posição de soldagem 10, 34, 163, 184
- PP pós-lexical 45
- présent simple 9, 33, 60, 62, 63, 66, 67, 68, 69, 71, 76, 77, 78
- Princípios e Parâmetros 25, 40, 41, 84, 106, 206, 288
- Problema da Pobreza de Estímulo 40
- Problema de Platão 15, 17, 40
- processamento da fala 43
- processamento da linguagem 308, 397
- próclise 46, 48, 49, 50, 52, 53, 54, 55
- projeção de foco 232
- projeção de tópico 232
- projeção(ões) funcional(is) 83, 85, 107, 109, 112, 126, 170, 199, 206, 208, 211, 212, 229, 243
- prosódia 43, 233, 308, 317, 319
- prosódica 41, 43, 44, 45, 47, 55, 59
- R**
- representação mental 82, 346
- representação sintática 29, 31, 83, 86, 236, 287, 288, 290, 343
- restrições morfossintáticas 13, 35, 350, 351, 352, 354, 355, 364, 366, 368, 369, 374, 375, 376, 377, 379, 387, 388
- restrições semânticas 19, 20, 29
- resultatividade 12, 34, 104, 264, 273
- S**
- sintagma flexional 335
- Sintagma Flexional Estendido 85
- sintagma fonológico 46
- sintagma verbal 17, 124, 190, 233, 270, 354
- sintaxe do alemão 416
- sistema enclítico 47
- sistema proclítico 47, 48
- soldagem 10, 11, 34, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 172, 176, 180, 182, 184, 201, 205, 208, 223
- T**
- TDL 286, 287, 290, 291, 292, 296, 301, 302
- TEA 13, 21, 35, 309, 310, 319, 374, 375, 376, 380, 381, 382, 384, 385, 386, 387, 388, 389, 390, 391, 393, 394, 395, 396, 397, 399, 404, 409, 410, 411
- telicidade 63, 64, 79, 353, 354, 355, 375, 376, 380, 389, 392
- Teoria da Mente 13, 35, 395, 396
- Teoria de Regência e Ligação 40
- Teoria Gerativa 84, 106, 414, 417, 419
- termos de estado mental 394, 395
- termos internos 396
- tópico 144, 145, 154, 159, 160, 232, 249, 290, 399
- traços aspectuais 74, 76, 82, 87, 91, 96, 98, 290, 292, 337, 338, 339, 351, 354, 371, 374, 375, 377, 380, 387, 388, 389, 390

traços categoriais 206, 207, 208, 212, 224, 225

traços de estatividade 352, 355, 369

traços funcionais 25, 32, 82, 85, 190, 199, 230

traços semânticos 20, 232, 357, 378

Transtorno do Desenvolvimento da Linguagem 31, 34, 285,
286, 303

Transtorno do Espectro Autista 13, 16, 35, 291, 392, 394, 411

V

valores aspectuais 9, 10, 12, 33, 34, 60, 62, 65, 66, 67, 71, 81,
82, 84, 86, 91, 92, 93, 94, 96, 264, 281, 339, 351,
368, 374, 377

verbos de accomplishment 64, 65, 69, 73, 74, 77, 78, 354

verbos de achievement 64, 355, 356, 379

verbos de atividade 64, 65, 69, 72, 74, 77, 78, 90, 97, 339,
340, 354

verbos de estado 64, 340, 352, 354, 361, 362, 367, 368, 369

WWW.PIMENTACULTURAL.com

FENÔMENOS MORFOSSINTÁTICOS EM PERSPECTIVA GERATIVISTA



UFRJ
UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO



BIOLING



pimenta
cultural